UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

LÍVIA LIMA DA SILVA

**A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das
periferias de São Paulo**

São Paulo
2017

LÍVIA LIMA DA SILVA

**A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus
das periferias de São Paulo**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em dia 2 de dezembro de 2016. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Estudos Culturais

Orientadora:

Prof. Dr^a. Graziela Serroni Perosa

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Silva, Livia Lima da

A literatura fora do lugar : a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo / Livia Lima da Silva ; orientadora, Graziela Serroni Perosa. – São Paulo, 2017
180 f. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo em 2016

Versão corrigida

1. Cultura - São Paulo (SP). 2. Periferia - São Paulo (SP). 3. Literatura – Produção - São Paulo (SP). I. Perosa, Graziela Serroni, orient. II. Título

CDD 22.ed - 306.098161

Nome: SILVA, Livia Lima da.

Título: A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Aprovado em: 02 / 12 /2016

Banca Examinadora

Prof. Dra. Érica Peçanha
Julgamento: _____

Instituição: Universidade de São Paulo
Assinatura: _____

Prof. Dra. Lucia Tennina
Julgamento: _____

Instituição: Universidade de Brasília
Assinatura: _____

Prof. Dr. Jefferson Agostini
Mello
Julgamento: _____

Instituição: Universidade de São Paulo
Assinatura: _____

*À minha mãe, Maria Lúcia, negra, migrante, periférica, por ter sido força de trabalho
sem nunca deixar de ser poesia, por ser raiz de todo meu conhecimento...*

Agradecimentos

Primeiramente, eu agradeço a Deus, não apenas em seu sentido abstrato e iluminado que me permitiu chegar até aqui, ter forças para não desistir, ser base para as trilhas de meu caminho, mas também como inspiração para minha fé, para eu acreditar em uma sociedade “*onde todos tenham vida plena*”, reconhecendo Deus assim como Dom Pedro Casaldáliga descreveu: “*No ventre de Maria, Deus se fez homem. Mas na oficina de José, Deus também se fez classe...*”.

Do mesmo modo, agradeço à minha família, a parte de mim mais sagrada, por ser fortaleza e aconchego, construção e evolução constante de minha formação, caráter e conhecimento, por terem me dado suporte de todas as maneiras para que eu pudesse realizar uma conquista, que é muito mais dela que minha.

Aos meus amigos, que, mesmo sem entender muito bem o que eu andava fazendo, que caminhos estava trilhando, compreenderam e apoiaram. Agradeço aos meus amigos e companheiros militantes, com quem partilho utopias, por serem inspiração e colaborarem nas ideias e na luta. Agradeço, especialmente, a todos da Agência Mural de Jornalismo das Periferias, por ser o espaço onde me reconectei com meu território, e que possibilitou que eu pudesse aprender sobre minha história e meu lugar. E sou grata às parceiras de vida do Nós, mulheres da periferia, pela irmandade e possibilidade de crescimento coletivo.

A todos os amigos do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, professores e alunos, em especial àqueles que me ensinaram que o conhecimento e a ciência têm mais força e coerência a partir do afeto. E agradeço imensamente minha orientadora, Grazi, pela compreensão, paciência, amizade e apoio, em tantos momentos de dificuldade.

“Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós”
(Antonio Candido)

“...meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”
(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

SILVA, Livia Lima da. **A literatura fora do lugar**: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo. 2016. 180 folhas. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão corrigida.

A presente dissertação de mestrado apresenta a investigação de processos que estão na origem do envolvimento de sujeitos de grupos culturais de literatura nas periferias da cidade de São Paulo. A pesquisa se concentra nos estudos sobre cultura sob a perspectiva de Pierre Bourdieu, sobretudo no que se refere à aquisição de capital cultural, com ênfase na origem social e trajetória educacional. Entre os anos 90 e início de 2000, surgiu um movimento literário específico, constituído por escritores de regiões periféricas das grandes cidades do Brasil. E a partir dos anos 2000, disseminou-se a realização de saraus em bairros periféricos de São Paulo, sendo eventos nos quais são declamadas poesias, apresentações de cenas dramáticas, grupos musicais, além de críticas sociais e manifestações políticas. O estudo de campo foi realizado em quatro saraus de diferentes regiões da cidade. Foram realizadas análises sociodemográficas dos bairros onde acontecem, considerando índices de escolaridade, renda per capita, espaços culturais etc. Por meio de questionários foi realizado um perfil do público destes eventos. E foram realizadas entrevistas com poetas/escritores, dando importância, sobretudo, às disposições que, em suas trajetórias, influenciaram suas práticas. A recente mobilização de poetas/ escritores nas periferias, historicamente excluídos por condições objetivas e subjetivas do campus literário, cultural e politicamente constituído no Brasil, resulta de um capital cultural específico, estimulado por aumento do nível de escolaridade, dentre outros processos, constituindo uma nova fração de classes que se singulariza pelo engajamento em atividades historicamente não identificadas como pertencentes ao habitus das classes populares e operárias.

Palavras-chave: Literatura. Periferia. Sarau. Capital Cultural. Escolaridade.

ABSTRACT

SILVA, Livia Lima da. **The literature outside their place**: the constitution of poets and writers in the soirees of the suburbs of São Paulo. 2016. 180 pages. Dissertation (Masters in Cultural Studies) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Corrected version.

This dissertation presents the research processes underlying the involvement of subjects of cultural groups of literature on the outskirts of São Paulo. The research focuses on the study of culture from the perspective of Pierre Bourdieu, particularly as regards the acquisition of cultural capital, with an emphasis on social origin and educational trajectory. Between the 90s and early 2000s, there was a specific literary movement, made up of writers from outlying areas of the big cities of Brazil. And from the 2000s, spread to performing soirees in the suburbs of São Paulo, and in events which are declaimed poetry, presentations of dramatic scenes, musical groups, and social criticism and political demonstrations. The field study was conducted in four soirees of different areas of the city. Socio-demographic analysis of the neighborhoods where happen were made considering education levels, per capita income, cultural venues etc. Through questionnaires we conducted a public profile of these events. And interviews were conducted with poets / writers, giving importance mainly to provisions in their paths influenced their practices. The recent mobilization of poets / writers in the suburbs, historically excluded by objective and subjective conditions of the literary campus, culturally and politically constituted in Brazil, results from a specific cultural capital, stimulated by increasing levels of education, among other processes, forming a new fraction class that distinguishes by engaging in activities historically not identified as belonging to the habitus of popular and working classes.

Keywords: Literature. Periphery. Sarau. Cultural Capital. Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS ESCRITORES DOS SARAUS	54
FIGURA 2 - AS SUBPREFEITURAS NO ESPAÇO DAS DESIGUALDADES	56
FIGURA 3 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SUPLEMENTARES DE EDUCAÇÃO E CULTURA	57
FIGURA 4 - FOTOS SARAU DO BINHO NO ESPAÇO CLARIÔ DE TEATRO (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)	63
FIGURA 5 - FIGURA 5 - FOTOS DO SARAU ELO DA CORRENTE (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)	64
FIGURA 6 - FOTOS SARAU SOBRENOME LIBERDADE (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA).....	66
FIGURA 7 - FOTOS SARAU DO MAP (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)	68
Figura 8- PALAVRAS CHAVE DE MOTIVOS DE FREQUÊNCIA NOS SARAUS	77

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - SARAUS QUE ACONTECIAM REGULARMENTE EM SÃO PAULO EM 2015	51
TABELA 2 -INDICADORES CULTURAIS DAS SUBPREFEITURAS DOS SARAUS PESQUISADOS	58
Tabela 1 - MÉDIA DA POPULAÇÃO COM ENSINO MÉDIO E SUPERIOR NAS SUBPREFEITURAS E DO PÚBLICO DOS SARAUS	75
TABELA 2 - ORIGEM SOCIAL DOS POETAS DOS SARAUS	80
TABELA 3 - ESCOLARIDADE DOS POETAS DOS SARAUS	82
TABELA 4 - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS ESCRITORES DOS SARAUS	89

SUMÁRIO

1.	Apresentação.....	13
2.	INTRODUÇÃO:.....	15
3.	CAPÍTULO 1 – O não-lugar na literatura brasileira	23
3.1	- O contexto da literatura marginal/periférica de São Paulo	23
3.2	– O surgimento e a projeção da literatura marginal/periférica.....	31
4.	CAPÍTULO 2 – Saraus: a literatura no “lugar fora das ideias”	42
4.1	- Cultura e segregação territorial: Análise dos bairros dos saraus	50
4.2	“<i>Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia</i>”: A realização e as características dos saraus	61
4.2.1.	Sarau do Binho - Campo Limpo	61
4.2.3.	Sarau Sobrenome Liberdade – Grajaú	65
4.2.4.	Sarau do M.A.P (Movimento Aliança pela Praça) – São Miguel Paulista.....	66
5.	CAPÍTULO 3 – Os poetas dos saraus: mestres na periferia da literatura ..	69
6.	CONCLUSÃO	101
7.	REFERÊNCIAS.....	109
8.	APÊNDICES	114
9.	ANEXOS	177

1. Apresentação

A dissertação de mestrado, intitulada “*A literatura fora do lugar: A constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo*”, analisa a prática da produção literária e a realização de saraus em bairros periféricos da cidade de São Paulo, eventos que se tornaram espaços de produção e divulgação de diversas expressões artísticas, especialmente, de literatura.

O objetivo da pesquisa foi investigar os processos decorrentes do envolvimento de sujeitos dentro de grupos culturais de literatura nas periferias paulistanas que motivaram estes sujeitos a se reconhecerem e a buscarem ser reconhecidos como poetas e/ou escritores.

Considerou-se que a atuação dos indivíduos envolvidos em tais atividades artísticas e literárias está relacionada a um movimento cultural específico, ao qual estes poetas/escritores se filiam conscientemente, e que, por isso, merece notoriedade, levando em conta os aspectos sociais e estéticos que lhe caracterizam, e a importância da pesquisa acadêmica para seu registro histórico e sua valorização.

Por isso, o primeiro capítulo da dissertação se concentra em apresentar e analisar o contexto e a história do movimento de literatura desenvolvido nas periferias de São Paulo a partir dos anos 2000, sendo utilizados diferentes nomes, por seus próprios membros, para caracterizá-lo, desde movimento de literatura marginal, literatura periférica, literatura divergente, dentre outros. A própria apropriação dos termos também é problematizada no capítulo.

O segundo capítulo se propõe a apresentar e descrever a realização de alguns saraus realizados na cidade, selecionados como objeto da pesquisa, eventos nos quais esse movimento literário se consolidou, com destaque para os selecionados como objeto da pesquisa, problematizando também as características dos espaços e territórios nos quais este fenômeno se desenvolve, considerando os processos sociais e históricos de formação dos bairros periféricos da cidade de São Paulo.

O terceiro e último capítulo analisa a trajetória de alguns poetas/escritores integrantes dos saraus selecionados como objeto da pesquisa, com objetivo de analisar seus percursos de formação e profissionalização e a relação que estabelecem com a literatura, as perspectivas que possuem em relação ao exercício

dessa atividade, aos possíveis rendimentos decorrentes dela, além da percepção que possuem em relação ao movimento literário ao qual estão associados. Por fim, constam as considerações finais da dissertação.

2. INTRODUÇÃO:

*“Partimos da observação comum, quase uma sensação, de que no Brasil as ideias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu. (...). Ora, a gravitação cotidiana das ideias e das perspectivas práticas é a matéria imediata e natural da literatura...”*¹.

Em seu artigo *“As ideias fora do Lugar”* (2014), já considerado um clássico, o crítico literário Roberto Schwarz comenta sobre como as ideologias e correntes literárias de origem europeia se estabeleceram de forma desajustada no Brasil, o que o levou a caracterizá-las com o título do texto.

Dentre outros apontamentos, Schwarz demonstra como os ideais liberais, inspirados na Revolução Francesa e também nas ideias inglesas e norte-americanas, baseados na liberdade do Homem, contraditoriamente se disseminaram em um país ainda escravocrata.

O artigo do crítico se faz importante por fazer parte dentre tantos outros do pensamento que busca compreender as estruturas sociais brasileiras, e, em especial, relaciona-las com a influência nas manifestações culturais.

Inspirada no título desse artigo, e em sua proposta, esta dissertação tem o objetivo de, humildemente, contribuir para, diante de um novo contexto e fenômeno cultural, continuar uma reflexão sobre a arte brasileira, em especial, a literatura, e as condições sociais de seus produtores.

Tal como Schwarz afirma no artigo, a produção do artista “é historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existência” (2014: 64). Baseada nessa análise, e em bibliografia orientada por essa mesma premissa, essa dissertação abordará o contexto da recente produção da literatura de escritores dos bairros de periferia de São Paulo.

Considera-se a periferia um “não-lugar” da literatura, pois trata-se de um território historicamente formado pelas classes populares e trabalhadoras, enquanto a literatura, na composição do campo literário e como hábito de classe, não foi associada a esta população. Dessa forma, o título dessa pesquisa, é, antes de tudo, uma provocação, que questiona qual o espaço que a literatura pode ocupar em nossa sociedade, e a quem é autorizada a sua produção.

¹ SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Pg. 63.

Nesta introdução, gostaria de apresentar os processos que me levaram a realizar esta pesquisa, compreendendo o percurso no qual meu interesse e envolvimento com o tema se desenvolveram, e, inclusive, refletir sobre este objeto de estudo está relacionado ao meu próprio percurso.

Em relação à linha de pesquisa e ao raciocínio sociológico que sustentou o trabalho, resalto a importância da iniciação científica que desenvolvi, entre 2009 e 2010, por meio do Programa Ensinar com Pesquisa, durante a realização de licenciatura em Letras na Faculdade de Educação da USP, que teve início a partir de um trabalho final da disciplina 'Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Sociológico', ministrada pela professora Dra. Kimi Tomizaki.

Baseada na teoria sociológica de Pierre Bourdieu, a disciplina havia demonstrado os processos que tornam a educação um instrumento de reprodução e de distinção entre as classes sociais, além da sua importância na constituição do *habitus* de cada indivíduo. Este foi o meu primeiro contato mais aprofundado com a linha teórica do sociólogo.

A iniciação científica deu continuidade a um trabalho desenvolvido durante a disciplina, no qual realizei uma análise da atividade de escritoras associadas a uma determinada organização, a Rede de Escritoras Brasileiras (Rebra)², considerando as características sociais destas mulheres, com foco, sobretudo, na formação escolar.

Verificou-se que, em sua maioria, as escritoras dessa associação eram membros das classes médias e alta, entre 40 e 60 anos em sua maioria, com nível superior de ensino completo. Além disso, grande parte das associadas à Rebra considerava a prática da escrita em segundo plano, ou seja, exerciam outras atividades profissionais, relacionadas às suas respectivas formações, e não dependiam da literatura como principal fonte de renda. A pesquisa foi realizada a partir das informações disponíveis no site da organização, sem realização de questionário ou entrevistas.

Este fenômeno me interessou pessoalmente como uma reflexão sobre o espaço que os escritores ocupam na sociedade, relacionada, de maneira mais ampla, com a

² Mais informações sobre a organização podem ser consultadas no site oficial da Rede de Escritoras Brasileiras: www.rebra.org.

forma com que determinadas pessoas se assumem publicamente como artistas e intelectuais, e quais são os atributos socialmente reconhecidos para tal identificação.

Além disso, considere também as questões relacionadas à desigualdade dentre os grupos de escritores, considerando o certo amadorismo literário ao qual as mulheres associadas à Rebra aparentavam estar identificadas e o quanto isso se relacionava com a questão de gênero.

Partindo dessa constatação, identifiquei características semelhantes no espaço que as escritoras da Rebra e os escritores da periferia - movimento literário que descobri postumamente à realização de meu projeto, durante minha prática profissional como jornalista - ocupavam no campo literário, aparentemente em uma posição amadora e excluída do sistema legitimado socialmente pelas instâncias de consagração.

Desde o fim de 2011 integro um grupo de jornalismo comunitário e colaborativo que produz conteúdo para o “Blog Mural”³, parceria entre a Agência Mural de Jornalismo das Periferias e o jornal Folha de S. Paulo, cuja proposta é que seus repórteres escrevam histórias sobre a região onde vivem. E, em 2014, lancei com outras jornalistas o coletivo “Nós, mulheres da periferia”⁴, que produz conteúdo jornalístico sobre a periferia com foco em questões de gênero.

Desde que nasci eu moro no extremo da zona leste de São Paulo, nos bairros de Itaquera e Artur Alvim, na região periférica da cidade, e a partir de meu engajamento nestes projetos assumi uma militância profissional e pessoal em defesa deste espaço social e, em especial, de suas manifestações artísticas, que foram os temas de grande parte da minha produção jornalística nesses veículos.

Conforme essa pesquisa tentará apresentar, as periferias são espaços heterogêneos e complexos, com diferentes características entre os bairros, e perfis socioeconômicos diversos, sendo assim, posso considerar que o lugar onde moro não é um dos mais vulneráveis. Ainda assim, minha trajetória de vida e de minha família, se assemelha à maioria dos moradores da periferia, e a identificação que tenho com o território e com a causa justificam minha intenção de tratar este tema.

Durante a realização de minhas reportagens, passei a acompanhar de perto este movimento cultural que emergiu nas últimas décadas nas regiões periféricas de São

³ www.folha.com/mural.

⁴ www.nosmulheresdaperiferia.com.br

Paulo, e que será abordado com mais profundidade posteriormente, e, em particular, o movimento literário dos saraus, pois se relacionava à minha formação acadêmica em Letras.

Observei fenômenos semelhantes ao da minha iniciação científica relacionados à profissionalização dos participantes dos saraus realizados na periferia, pois, embora ativos em seus grupos, e até com livros publicados, nem todos são reconhecidos externamente ao próprio meio como escritores, dentro do que se considera o campo literário legitimado socialmente, salvo algumas exceções. Aparentemente poucos podiam efetivamente viver da literatura e paralelamente à reivindicação de reconhecimento como autor, precisam desenvolver estratégias de sobrevivência material fora do campo literário.

Dessa forma, comparei minhas observações, identificando no caso das mulheres da Rebra uma desigualdade de gênero, tendo em vista que havia um interesse em constituir uma associação exclusivamente feminina para ajuda mútua, enquanto no dos saraus há uma desigualdade de classe (e racial), a qual determina que aos mais pobres (e negros), os moradores de periferia, neste caso, não é atribuído o exercício da literatura, ou suas obras não são consideradas com o mesmo valor literário dentro do campo literário oficial. E, ainda, devido também a isso, em ambos os casos estes escritores precisariam realizar outras atividades profissionais.

Essa minha observação foi de encontro com trabalhos sobre o tema que encontrei durante o desenvolvimento da pesquisa, tal qual o projeto do Grupo de Pesquisa em Literatura Contemporânea da UnB, coordenado pela professora Dra. Regina Dalcastagne, que traça o perfil dos escritores com livros publicados em grandes editoras no Brasil nos anos 90 e 2000, sendo 73% homens e 94% brancos (2012).

O interesse em compreender este fenômeno me motivou a realizar um projeto de pesquisa acadêmica sobre o tema. Para isso, escolhi o Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais porque ele me permitiu assumir uma perspectiva crítica e política, na qual minhas relações pessoais de envolvimento com o objeto de pesquisa e minha militância são consideradas, além de me possibilitar conciliar a análise sociológica de maneira interdisciplinar à minha formação em literatura.

Durante a realização da pesquisa, tanto no contato pessoal com os escritores que participam dos saraus, na observação de suas histórias, e também nas

orientações e encontros com outros pesquisadores na universidade, fui novamente notando uma relação entre o acesso ao ensino superior das classes populares no Brasil, que teve um aumento significativo a partir dos anos 2000, e o desenvolvimento das atividades culturais nos bairros das periferias de São Paulo.

Diante destes dois fenômenos, elaborei como hipótese para meu trabalho, que a ação dos sujeitos engajados nos saraus de literatura das periferias de São Paulo decorre de uma aquisição de capital cultural, constituído a partir da valorização de culturas marginais urbanas (Rap e o Hip Hop) e populares tradicionais (culturas nordestinas e de matrizes africanas), e também está relacionada ao uso mais intenso do sistema de ensino, em especial, por meio do acesso à universidade.

Considero que os próprios saraus, e outras manifestações culturais que emergiram nos bairros periféricos a partir dos anos 90, seriam decorrentes da acumulação de capital cultural de certa fração dos moradores, influenciada pelo maior acesso à escolarização, incluindo a superior, por influência da participação em atividades não formais de educação, diante do aumento da presença de organizações não governamentais nestes territórios, e também pelo próprio aumento significativo na renda econômica, e por mudanças, inclusive, das práticas profissionais.

De encontro com minha trajetória pessoal, identifiquei semelhança com as de alguns escritores e poetas dos saraus com os quais fiz contato, que fazem parte de uma primeira geração de suas famílias que tiveram acesso ao ensino superior. Além de ter sido a única de minha família que entrou em uma universidade pública, também consegui uma bolsa de estudos pelo Prouni (Programa Universidade para Todos), projeto do Governo Federal que desde 2005 destina bolsas em cursos superiores de universidades particulares para estudantes de baixa renda, e que beneficiou e possibilitou o acesso de muitos moradores de periferia ao ensino superior.

Assim como eu, pertencendo às classes populares, vivenciei e ainda observo muita desigualdade em relação à inclusão profissional de seus integrantes no mercado de trabalho da área classificada como 'intelectual', e, conseqüentemente, no próprio campo socialmente legítimo, procurei analisar de que forma os escritores e poetas dos saraus se envolviam e se posicionavam no campo literário.

A partir deste contexto, o objetivo geral da pesquisa foi investigar quais são os processos que estão na origem do envolvimento de sujeitos dentro de grupos culturais de literatura nas periferias paulistanas, que motivam e determinam que estes sujeitos se reconheçam e sejam reconhecidos como poetas e/ou escritores, pesquisando a relação entre condições sociais e cultura, e refletindo sobre as relações entre prática literária, formação escolar e profissionalização.

O projeto buscou, ainda, compreender, por meio das trajetórias dos poetas e escritores da periferia, quais são os fatores que os influenciam a realizar esta determinada atividade cultural e quais são as expectativas dos poetas e escritores da periferia em relação às suas práticas literárias.

Em uma primeira fase, priorizou-se a pesquisa e leitura dos referenciais teóricos que fundamentam a proposta do trabalho. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico que apontou as referências básicas e complementares do projeto. Além disso, foram cursadas as disciplinas do programa de pós-graduação com o objetivo de que as discussões e conteúdos também colaborassem para este processo de formação inicial das diretrizes da pesquisa.

Inicialmente, com o intuito de demonstrar a relevância do movimento de saraus na cidade de São Paulo, procurei criar um levantamento de todos estes eventos que acontecem regularmente nos bairros periféricos. Tal empreitada se apresentou, no entanto, bastante complexa, pois, para além dos eventos que eu já participei pessoalmente e do contato com pessoas conhecidas que fazem parte desse circuito cultural, o acesso às informações sobre alguns saraus são bem imprecisos, disponíveis em redes sociais na internet.

Além disso, o surgimento de novos saraus e o desaparecimento destas práticas em diversos lugares é constante, de forma que a cada momento uma nova configuração deste fenômeno é estabelecida. Apesar disso, o quadro será apresentado neste projeto, para fins de exposição. Ao todo, foram identificados 25 saraus que acontecem de forma regular na cidade de São Paulo.

Em seguida, defini quatro saraus para realizar a pesquisa de campo, escolhidos por acontecerem periodicamente em diferentes regiões da cidade, e por serem representativos do movimento literário, e contribuírem para sua história e desenvolvimento. Um critério também foi o de, apesar de serem de regiões diferentes, os bairros onde acontecem constituem características semelhantes no

que se pode defini-los como periféricos. Dessa forma, os saraus selecionados como objeto da pesquisa de campo são: Sarau do Binho – Campo Limpo (Taboão da Serra); Sarau Elo da Corrente – Pirituba; Sarau do MAP (Movimento Aliança pela Praça) – São Miguel Paulista; e Sarau Sobrenome Liberdade – Grajaú.

A primeira etapa da realização do trabalho de campo foi a aplicação de um questionário com as pessoas que participam dos saraus, a fim de traçar um perfil desse público, elencando características relacionadas à trajetória social, formação escolar, e às práticas culturais.

Ao todo, 58 pessoas responderam ao questionário, tendo como base que o número representou, aproximadamente, 20% do público em geral da edição de cada sarau quando o questionário foi aplicado. Como o objetivo do projeto não se concentrou primordialmente no perfil do público, os questionários foram realizados apenas uma vez em cada um dos saraus, portanto, a amostra não resultou em um dado estatístico em si mesmo, para efeito ser significativa.

Este questionário possibilitou verificar os interesses das pessoas que frequentam os eventos literários, considerando que eles atraem um público específico, que não o frequenta por acaso, mas que também o consideram como prática de lazer e hábito cultural, tudo isso relacionado ao perfil levantado, que inclui a trajetória familiar, escolarização e ocupação profissional.

Além disso, informações extraídas de dados públicos foram levantadas com objetivo de apresentar as características sociais e culturais dos bairros onde os saraus acontecem, sobretudo características sociais e de infraestrutura relacionados à escolaridade e acesso à cultura. Estes dados compõem o segundo capítulo da dissertação.

A segunda etapa do trabalho de campo foi a realização de entrevistas com membros participantes dos saraus já selecionados que se apresentam como poetas e/ou escritores e são reconhecidos como tal pelo público destes eventos. Foram realizadas oito entrevistas, sendo dois membros de cada sarau, um homem e uma mulher.

O objetivo foi reconstruir as trajetórias dos protagonistas destes saraus, focalizando especialmente a formação escolar e a atuação profissional; interrogar os processos que os motivaram a participar dos saraus, quais são suas intenções ao se apresentarem nestes encontros; e também as perspectivas que eles almejam

alcançar com este “posto” de poeta e/ou escritor, e de que forma tal atividade “profissional” se insere em sua vida cotidiana, e se relaciona com suas condições objetivas.

Considero que a recente mobilização de grupos que promovem eventos culturais nas periferias, historicamente excluídos por condições materiais e simbólicas em relação ao campo literário, cultural e politicamente constituído no Brasil, se deva à aquisição de um capital cultural específico, que é capaz de legitimar dentro desses grupos a posição de sujeitos como poetas/escritores, sem a necessidade prévia de uma legitimidade por vias do campo literário tradicional, ora contrapondo-se e negando este campo, ora possibilitando interfaces e novas tendências na produção e realização literária.

Este movimento possibilitou aos seus membros a possibilidade de assumirem dentro de seus grupos a posição de poetas e escritores, sem a necessidade prévia de legitimidade por vias da crítica literária especializada, dentre outras formas de consagração, estabelecendo um novo círculo literário, que possui sua organização interna própria, e que seria, portanto, relativamente autônomo e independente, tal qual Bourdieu define (2011).

Tais pessoas, a partir da constituição da história de aquisição deste capital cultural específico, atribuído também pelos processos de escolarização e contato com a universidade, desenvolveram disposições para produzir literatura e realizar atividades culturais nos locais onde moram, constituindo uma nova fração dos grupos populares ou das classes médias, que se singulariza pelo engajamento em atividades culturais historicamente não identificadas como pertencentes ao *habitus* das classes populares e operárias.

Acredito que essa nova configuração social das periferias necessita de reflexão para a compreensão dos fenômenos, e valorização dos processos e resultados das estratégias dos grupos das classes populares, sendo necessário o aprofundamento acadêmico pelo tema, incluindo a produção literária dos poetas, que não devem ser desmerecidas, e devem ser consideradas com suas especificidades dentro do “lugar das ideias” da literatura brasileira.

3. CAPÍTULO 1 – O não-lugar na literatura brasileira

“Periferias, vielas e cortiços,
Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata,
Olha quem morre, então veja você quem mata”⁵

3.1 - O contexto da literatura marginal/periférica de São Paulo

Antes de analisar a constituição da literatura marginal/periférica produzida em São Paulo no século XXI, é preciso contextualizar de que forma ela se insere na história mais ampla da produção cultural e literária no Brasil, que está, por sua vez, atrelada a condições econômicas, políticas e sociais históricas do país.

Para isso, esse primeiro capítulo apresenta um resgate histórico e social da produção literária, com um recorte particular de estudos sobre escritores a partir do início do século XX, período considerado pelos autores com os quais dialogamos como o de consolidação de um sistema literário e de um mercado editorial (CANDIDO, 2013; MICELI, 2001).

A literatura no Brasil, historicamente, sempre foi uma manifestação cultural das elites. Desde a história de formação do país, o modelo literário reconhecido e realizado foi baseado no modo de vida europeu, trazido no processo de colonização do território e desenvolvido entre algumas frações das chamadas classes superiores. A própria alfabetização e o letramento, sobretudo nos primeiros séculos, entre o período colonial e o império, eram restritos a pouquíssimos grupos, sendo considerados outros parâmetros para atribuir certos reconhecimentos sociais nas práticas cotidianas.

Em *História da Instrução Pública no Brasil (1500 -1889)*, escrita em 1889, período em que a população escolarizada no país era de menos de 2%, o autor José Ricardo Pires de Almeida menciona que no Brasil Colônia “havia grande número de negociantes ricos que não sabiam ler” (2000: 37), e durante o Império, era permitido o voto de analfabetos que comprovassem possuir bens e títulos. O que sugere que a literatura era não apenas um hábito de classe, mas, sobretudo, de algumas frações das camadas superiores, notadamente daquelas que possuíam não apenas bens e

⁵ RACIONAIS MCs. *Negro Drama*. Álbum: Nada como um dia após o outro, 2002.

patrimônio (capital econômico), mas principalmente, diplomas e títulos (capital cultural), hábitos e estilo de vida que mimetizavam as camadas superiores dos países europeus.

O próprio livro enquanto um produto, tardiamente passou a ser desenvolvido no país - assim como a imprensa em geral, limitados, inclusive, por leis do governo colonizador, que considerava ser mais prudente que o conhecimento e a informação não fossem propagados. Apenas a partir da vinda da corte portuguesa, em 1808, é que se desenvolveu a Imprensa Nacional, e que passou a ser autorizada a produção em massa de livros e periódicos⁶.

Considerando este contexto, a literatura brasileira nunca foi uma tradição cultural de grande abrangência e disseminação e, ainda hoje, a leitura não figura entre os principais hábitos culturais. Como consequência, o campo de produtores, considerando escritores, editores, empresários do segmento, também compõem um número de membros reduzido.

Enquanto hábito de classe, a apreciação da literatura europeia já poderia ser considerada suficiente nos círculos sociais até os dias de hoje, entretanto, historicamente, no ocidente a produção literária de um país está fortemente relacionada com o sentido de constituição de uma tradição nacional.

Diante disso, conforme Antonio Candido sistematiza em a *“Formação da literatura brasileira”* (2013), desde o período romântico, no século XIX, passou a haver entre os escritores um esforço em construir uma tradição literária especificamente brasileira, ancorada na valorização do mito da figura indígena. Desse projeto, Candido acredita que, enfim, as produções literárias passaram a ter uma unidade e uma tradição que permitiríamos classificar como ‘Literatura Brasileira’.

Ao longo deste processo histórico, no entanto, diversas manifestações culturais não foram consideradas, e, o que predomina no registro histórico, são as manifestações culturais dos integrantes de grupos de elites - econômicas e culturais – que consumiam, produziam e tinham suas obras reconhecidas e valorizadas no

⁶ Para informações sobre a cronologia do desenvolvimento da imprensa no Brasil, o artigo “Uma história marcada por censura e resistência” de Dirceu Fernandes Lopes, professor da ECA/USP, apresenta dados de forma sintetizada e analisa as questões das restrições: http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-spas/uma_historia_marcada_por_censura_e_resistencia/ Acesso em 1/10/2016.

campo literário em formação, de modo que, em toda essa fase de constituição da produção literária brasileira, muitos grupos sociais não foram incluídos.

Uma das apostas centrais das rivalidades literárias (etc.) é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, entre outras coisas, o monopólio de poder de dizer com autoridade quem está autorizado a dizer-se escritor (etc.) ou mesmo a dizer quem é escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor; ou, se preferir, o monopólio do poder de consagração de produtores ou dos produtos (BOURDIEU: 2002, 253).

Para esta pesquisa, a noção de campo desenvolvida por Pierre Bourdieu e em especial, de campo literário nos foi valiosa. Notadamente, ao descrever o caso francês o autor oferece algumas ferramentas úteis para compreender a formação do campo literário no Brasil. Assim, a relação da teoria social de Bourdieu com esta pesquisa decorre do pressuposto de que o campo literário no Brasil foi historicamente constituído pelos membros das classes mais altas do país, considerando, a princípio, que apenas estas classes tinham acesso à escolarização, sendo assim, a produção e consumo de literatura escrita não era uma prática cultural das classes populares.

[...] as disposições associadas a certa origem social não se consumam senão especificando-se em função, de um lado, da estrutura dos possíveis que se anunciam através das diferentes posições e tomadas de posição de seus ocupantes, e, do outro lado, da posição ocupada no campo, que (através da relação com essa posição como sentimento do sucesso ou do fracasso, ele próprio ligado às disposições, portanto, à trajetória) orienta a percepção e a apreciação desses possíveis [...] (BOURDIEU: 2002, 299).

O sociólogo brasileiro Sérgio Miceli, na mesma direção, argumenta em seu clássico livro *'Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)'* (2001) de que maneira os escritores do período eram ligados às classes de famílias dirigentes do país. Particularmente, neste estudo vemos como o crescimento gradativo da burocracia estatal possibilitou que à esta geração de escritores pudesse se constituir como escritores, ou seja, garantir sua sobrevivência material como funcionários públicos e produzir literatura sem depender dela para sua subsistência.

Ao apresentar de que forma estes escritores do início do século XX estavam associados a determinados grupos sociais, e como isso implicava na garantia de alguns privilégios, o autor relaciona as condições sociais para o desenvolvimento dessa produção literária. Mesmo quando estes escritores vinham de ramos menos abastados das famílias de elite, condição resumida na expressão “primos pobres”,

eles detinham o capital cultural necessário para manterem sua posição na sociedade.

Miceli também destaca que, devido a um período de consolidação do mercado editorial brasileiro, muitos destes escritores alcançaram o êxito de sobreviver financeiramente de suas obras literárias e ser escritor passou a ser uma possibilidade maior de sobrevivência econômica, o que fortificou a identidade de tal atividade enquanto categoria profissional.

Embora a expansão da atividade editorial e a ampliação das oportunidades de ingresso no serviço público tenham influído de modo considerável para a transformação das condições do trabalho intelectual vigentes na República Velha, as possibilidades de acesso às profissões intelectuais continuam a depender, em medida significativa, das estratégias de reconversão das famílias que estão em condições de transmitir aos filhos um certo montante de capital social e cultural, variável conforme o grau de proximidade entre essas famílias e a fração culta da classe dominante (MICELI: 2001, 81).

Salvo algumas exceções, tais como Lima Barreto e Mário de Andrade, por exemplo, Miceli identificou que grande parte dos escritores deste período provinha das classes dominantes, famílias que possuíam não apenas patrimônio e renda, maior escolaridade e também acumulavam capital político e social no Brasil. A grande maioria dos escritores da geração analisada por Miceli possuía também formação superior, parte delas conquistadas nas instituições de ensino mais reconhecidas do período, como, por exemplo, a Faculdade de Direito São Francisco, em São Paulo.

Ainda que com raras exceções, o campo literário no Brasil se formou e se reproduziu a partir deste substrato, ou seja, da composição social dos escritores sendo derivada das camadas mais altas da população. Uma situação que pode se manter ao longo do tempo na medida em que as instâncias de consagração, tal qual a academia, a imprensa, a crítica, os escritores com mais status no cenário da literatura contemporânea pertencem às classes mais altas.

Portanto, a prática e a produção literária jamais foram reconhecidas como parte do *habitus* das classes populares, ainda que alguns casos excepcionais tenham entrado para a história da literatura brasileira como grandes autores (Machado de Assis, Lima Barreto, etc). Ao contrário, frequentemente o gosto pela literatura é associada ao gosto das elites, ao seu refinamento, legitimando, assim, a posição de dominação simbólica de seus membros da produção literária.

Esta dominação, em muitos casos, se verifica na construção de estereótipos que associam as camadas populares ao mau gosto, à ignorância e à impossibilidade de produzir arte que possa ser criticamente aceita pelos especialistas, o que desvaloriza previamente suas manifestações culturais.

É importante relacionar o caso da literatura brasileira e da posição dominada dos escritores de origem popular à situação de outras manifestações artísticas que também foram associadas com as camadas desfavorecidas da população e por esta razão enfrentaram preconceito de classe. Um caso exemplar disso pode ser encontrado quando observa-se o que ocorreu com o samba, inicialmente desprezado e atribuído à marginalidade e que depois, por processos de interação entre diferentes grupos sociais, e por objetivos políticos e ideológicos, passou a ser considerado o ritmo musical que constitui por excelência a identidade brasileira (VIANNA: 2004).

Esta relação de interesses não é exclusividade da sociedade brasileira e tal fenômeno também ocorreu em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, Eric Hobsbawn analisou que o mesmo teria ocorrido no período de surgimento do jazz, música com origem nas tradições de matrizes africanas dos negros escravizados, tendo sido o ritmo inicialmente mal aceito e mais tarde, absorvido pela indústria cultural e incorporado pelo público das classes mais altas, tornando-se uma música apreciada pela elite e utilizada como símbolo de distinção entre as classes (HOBSBAWN: 2008).

Ao longo do processo histórico de constituição do campo literário no Brasil, ainda que possamos identificar honrosas exceções, a produção literária sempre esteve associada a uma posição social privilegiada. Ainda hoje, pode ser considerado incomum escritores que vieram das classes populares e que estabeleçam disposições para produzir literatura. Em especial, os moradores das periferias das grandes cidades do Brasil, associados, objetiva e subjetivamente à condição de trabalhadores manuais, vivendo em situação de pobreza e marginalidade, com baixa escolaridade e de 'ignorância' em relação à língua portuguesa.

No Brasil, casos como a da escritora Carolina Maria de Jesus, que se destacou devido a ainda ser novidade, na década de 50 do século XX, uma mulher negra moradora da favela se apresentar como escritora, mas cujos textos foram

recebidos com desconfiança pela crítica, revelam esse preconceito velado que ainda persiste no campo cultural brasileiro (MIRANDA: 2011).

Em recente pesquisa, organizada por Regina Dalcastagnè na Universidade de Brasília, revelou-se que, dentre os autores brasileiros que tiveram livros publicados entre 1990 e 2004, cerca de 73% eram homens, 94% eram brancos, e a maioria viviam em São Paulo e no Rio de Janeiro, polos do mercado editorial do país e eixo privilegiado do circuito cultural.

As classes populares possuem menor capacidade de acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão subrepresentadas no parlamento (e na política como um todo), na mídia, no ambiente acadêmico. O que não é uma coincidência, mas um índice poderoso de sua subalternidade (DALCASTAGNÈ: 2012, 18).

Os negros, tal qual essa pesquisa evidencia, historicamente negados de sua própria condição humana, enquanto escravos, e depois da abolição, marginalizados e excluídos das posições e campos de poder, incluindo o cultural, foram poucos os que ao longo do tempo fizeram parte do que se convencionou classificar como literatura brasileira.

Autores como Machado de Assis e Lima Barreto alcançaram notoriedade, mas não assumindo uma posição enquanto negros, sendo considerados “mulatos”, aderindo a um processo de embranquecimento que no período, e ainda hoje, atenua as origens africanas brasileiras. Não se trata, porém, de uma negação consciente dos autores dessa condição, considerando que no contexto histórico em que se situavam, a questão da identidade negra não a mesma que foi posta postumamente.

Outros autores como Cruz e Souza e Luís Gama, apresentaram em suas obras a problematização da questão racial no país, atuando, entretanto, de forma isolada, não em um movimento literário organizado politicamente, assim como Carolina Maria de Jesus, à qual também podemos atribuir um pioneirismo em relação aos temas que envolvem a periferia.

A partir do início do século XX, algumas publicações fomentaram o desenvolvimento de uma produção jornalística e cultural específica para a temática racial, que reverberou, também, na literatura, constituída a partir da afirmação de uma condição social e histórica singular, partilhada entre movimentos sociais organizados e instituições especializadas.

No início do século XX, surgem periódicos especializados em textos sobre a questão racial, produzido por negros, como é o caso de *O Menelik* (1915-1935), *O Clarim da Alvorada* (1924-1937) e *Voz da Raça* (1924-1937). Grupos organizados, como a Frente Negra Brasileira e a Associação de Negros Brasileiros também surgem após esse período, deflagrando o movimento negro, que passa a atuar não apenas no jornalismo e na literatura, mas também na militância política (PROENÇA FILHO: 2004). O movimento, entretanto, passa a ter uma atuação mais forte já na segunda metade do século.

Data de 1978 a fundação do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCAR), depois Movimento Negro Unificado (MNU). Deste mesmo ano é a criação, em São Paulo, do Centro de Cultura e Arte Negra. No âmbito oficial, cria-se, nos anos de 1980, a Fundação Palmares. São algumas das publicações, entidades e movimentos de posições diferenciadas quanto ao equacionamento do problema, mas todas com o mesmo núcleo de preocupação: a causa do negro brasileiro (PROENÇA FILHO: 2004, 176).

Inserido nesse contexto de organização artística, em 1978 foi publicada a primeira edição dos *Cadernos Negros*, projeto literário organizado pelo grupo *Quilombhoje*, que até hoje lança de forma independente publicações anuais de poesias e contos de escritores negros, com temáticas e linguagens que fazem referências às origens e ancestralidades africanas, além de denunciar as condições em que os brasileiros negros vivenciam.

No campo estético ou enquanto forma de resistência cultural, os *Cadernos* têm tido importância inegável e, proporcionando oportunidade para o exercício de criação literária diferenciada, possibilita que os descendentes de africanos passem de objeto a sujeito da escrita, enriquecendo ainda a discussão a respeito da questão racial⁷.

Para além da nacionalidade, a literatura negra brasileira ampliava suas fronteiras para uma discussão de identidade, que se refere a uma condição do negro em diferentes países, como Stuart Hall aponta em “*Da Diáspora*”.

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não poder ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar (...). Os Estados-nação impõem fronteiras rígidas dentro das quais se espera que as culturas floresçam (...). A questão é se ele ainda constitui uma estrutura útil para a compreensão das trocas culturais entre as diásporas negras (2003: p. 33 e 35).

⁷ Informações do site do coletivo Quilombhoje. ACESSO EM 23/5/2016.
<http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>.

Assim como no movimento literário em língua francesa denominado “*Negritude*”, que surgiu no mesmo momento dos grupos organizados no Brasil, liderado por escritores como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, originários de países colonizados pela França (DOMINGUES: 2005), a literatura negra brasileira se constituiu a partir de um contraponto a uma ideia de universalidade que marca a produção artística em geral, incluindo a literatura.

Mesmo sendo resultado do desenvolvimento de um movimento organizado de valorização das tradições e heranças africanas nas artes, ainda assim a literatura produzida por negros na década de 70 não foi considerada no projeto literário reconhecido pelas instâncias de consagração. Historicamente, outras manifestações do período foram sistematizadas, como o movimento de ‘Literatura Marginal’, que é passível de comparação com o termo Literatura Marginal/Periférica que surgiria anos mais tarde, e desenvolveremos depois.

Mário Medeiros da Silva aponta em ‘*A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*’ (2013) para um fenômeno do discurso da classe artística do período no qual, diante do contexto social e político, marcado pela ditadura militar, sobressaia uma ideia de universalidade pautada pela luta de classes, que desconsiderou a problematização da desigualdade racial.

(...) a produção da literatura negra, autoeditada, produzida, distribuída e consumida de forma precária, não figura no repertório analítico do que se denominou Surto da poesia marginal ou Geração do Mimeógrafo. Não porque inexistisse, como foi demonstrado páginas atrás. Mas porque – e isso pode ser lido como uma pergunta – não foi incluída (SILVA: 2013, 142).

Se a ‘*Negritude*’ em língua francesa, e, em certa medida, a literatura negra no Brasil se constituiu enquanto um movimento que se expandia para além de territórios, baseada na identidade do negro, a partir dos anos 2000, o movimento de literatura marginal/periférica, que surge na cidade de São Paulo, se apoia na particularidade que os espaços periféricos da cidade possuem, com suas características sociais e linguagens artísticas específicas.

Enquanto a literatura negra nega a falsa ideia de universalidade literária partindo de um amplo contexto da diáspora dos povos africanos no mundo todo, a literatura marginal/periférica, notadamente, aquela que surge em São Paulo no fim do século XX, se contrapõe à universalidade a partir de uma visão hiperlocal.

Como movimento em constante construção, também ele passa por mudanças, tendências e é possível, afirmar, que algumas de suas atividades e

características atuais transcendem a ideia de território e se aproximam de identidades específicas, de “minorias étnicas”, tal qual Hall (2003: 337) identifica como fenômeno da “pós-modernidade” (mesmo não reconhecendo plenamente a denominação), e voltam a se aproximar, inclusive, da temática da negritude, por exemplo, ou incorporam elementos da cultura hip hop (de origem norteamericana), ou enfatizam o pertencimento a uma tradição latino-americana, aspecto que será melhor desenvolvido nas páginas subsequentes.

Entretanto, mesmo passando por alterações, e, em si mesmo, constituir uma unidade e uma definição em constante disputa, considera-se que é possível delimitar as manifestações do recente movimento literário das periferias de São Paulo, a fim, inclusive, de que este possa ser historicamente reconhecido, tendo em vista que, assim como a produção dos autores negros, ele não faz parte, integralmente, do campo literário legitimado pelas instâncias de consagração (editoras, crítica, ensino etc.).

3.2 – O surgimento e a projeção da literatura marginal/periférica

O conceito de literatura marginal e/ou periférica vem se desenvolvendo no campo literário sob diferentes concepções, tanto no que se refere à historização e crítica literária, quanto internamente, entre seus escritores. Estas operações de nomeação são a um só tempo forma de classificação, como também de reivindicação de um reconhecimento de um estatuto por escritores e poetas que aderem a esta nomenclatura como posição política e de militância.

Uma das primeiras pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno da produção de literatura de escritores moradores de bairros periféricos da cidade de São Paulo foi a dissertação de mestrado da antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (NASCIMENTO: 2006) que conferiu visibilidade para esta nova produção cultural, problematizando os termos “marginal” e “periférico” e a maneira pela qual tais classificações foram incorporadas por seus produtores e quais eram suas intenções.

Nascimento também comparou este movimento, que teve início no fim dos anos 90, com o movimento de literatura marginal dos anos 70, durante o período militar, destacando suas diferenças, sobretudo em relação à apropriação do termo.

A antropóloga considerou como marco do início do movimento de literatura marginal/periférica a primeira edição de uma série especial da revista *Caros*

*Amigos*⁸, em 2001, que trouxe o título “*Literatura Marginal*”, e foi organizada pelo escritor Ferréz⁹, que convidou os demais autores participantes e escreveu o editorial de apresentação do projeto, que, depois, passou a ser considerado o manifesto do movimento literário que então nascia.

Anteriormente às publicações “*Literatura Marginal*” da revista *Caros Amigos*, de 2001, 2002 e 2004, os 48 autores que delas participaram já produziam literatura e, separadamente, desenvolviam seus projetos, relacionados ou não à escrita. Dentre os membros do grupo, estavam professores, acadêmicos, ativistas sociais, presidiários, integrantes do movimento hip hop etc.

Entretanto, foi a partir da primeira edição da publicação *Caros Amigos/Literatura Marginal* que alguns dos autores passaram a considerar as semelhanças de suas obras e trajetórias, justificando o uso do termo literatura marginal/periférica. Dentre eles, também, conforme Peçanha indica, houve os que preferiam não se apropriar de tal classificação.

Ferréz (Reginaldo Ferreira da Silva - 1975), morador do Capão Redondo, extremo sul da cidade de São Paulo, tinha se destacado no cenário literário após a publicação do livro ‘*Capão Pecado*’, que conquistou o reconhecimento das grandes editoras e despertou o interesse da imprensa, tendo sido publicado entre 2000 e 2002 pela editora Labortexto, em 2005, pela editora Objetiva e em 2013, pela editora Planeta.

Devido a essa projeção e ao seu relacionamento com movimentos políticos de esquerda, público alvo da revista *Caros Amigos*, o autor foi convidado para ser

⁸ Caros Amigos é uma revista mensal da editora paulistana Caros Amigos publicada desde 1997. Sua linha editorial se alinha às orientações ideológicas de esquerda e seus conteúdos são políticos, econômicos e culturais.

⁹ Ferréz é o nome adotado por Reginaldo Ferreira da Silva, criado a partir das referências de seu sobrenome “Ferreira”, o mesmo de Lampião, e o Z, de Zumbi dos Palmares.

O autor nasceu em 1975 em São Paulo no bairro Valo Velho, distrito do Capão Redondo, zona sul de São Paulo. Seu pai era motorista e a mãe foi empregada doméstica e auxiliar de cozinha em escolas. Ferréz estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental em escola privada e depois foi transferido para a escola pública, onde concluiu o Ensino Médio.

Desde a adolescência trabalhou como balconista em lojas e lanchonete, auxiliar em metalúrgica, ajudante de pedreiro, vendedor ambulante e arquivista. Seu primeiro livro, “Fortaleza da desilusão” foi lançado em 1997, a custos da empresa onde trabalhava.

Em 1999 funda a 1 DaSul, empreendimento que busca exaltar por meio de eventos e produtos a cultura Hip Hop. No mesmo ano escreve “Capão Pecado” e em 2000 o livro ganha notoriedade na imprensa e Ferréz passa a ser conhecido e sua obra é editada por uma editora comercial. Atualmente, além de se manter financeiramente com a venda de seus nove livros publicados, também administra a Loja 1 DaSul, localizada no Capão Redondo.

colunista da revista e, posteriormente, a organizar em 2001 a edição especial de literatura marginal do periódico.

No editorial do primeiro número da série, considerado o manifesto do movimento, Ferréz afirma que no Brasil a história dos pobres, negros, índios, foi sendo, propositalmente, desprivilegiada e esquecida, e acredita que a publicação da revista contribuiria para uma mudança dessa situação:

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de 'excluídos sociais' e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura¹⁰.

Em defesa da temática e da linguagem própria das periferias, Ferréz menciona autores antecedentes ao movimento, mas que também seriam marginais, e, por isso, serviriam de inspiração para o novo movimento literário. Dentre eles, faz referência à Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Plínio Marcos (1935-1999) e, João Antônio (1937-1996). Além disso, menciona como outro exemplo de manifestação literária marginal, a literatura de cordel.

Tais escritores não, necessariamente, se enquadraram ao movimento de literatura marginal dos anos 70, o qual, Érica Peçanha diferencia do movimento periférico. Segundo a antropóloga, o uso do termo marginal na literatura possui três acepções:

O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias (...). O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos de obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos (NASCIMENTO: 2006, 11).

O termo marginal da geração dos anos 70 se relacionava a uma oposição ao sistema político por meio de uma produção independente, de vanguarda, que publicava em veículos e meios alternativos, como fanzines, textos mimeografados, e também devido à linguagem não comum, os temas não aceitos pelo decoro literário.

Protagonizada por um grupo de artistas e intelectuais pertencentes à classe média, com amplo acesso à cultura letrada, mas sem dispor de meios econômicos para patrocinar uma "revolução" estética nos moldes modernistas, a literatura marginal dos anos 70 no Brasil faz-se à margem do sistema social e cultural vigente. O movimento não insiste tanto na renovação das formas estéticas, mas propõe uma mudança nas próprias práticas culturais, nos modos de conceber a cultura fora de parâmetros

¹⁰ FERRÉZ, Manifesto de abertura: Literatura Marginal. Caros Amigos Especial. Literatura Marginal: a cultura da periferia. Ato I. São Paulo, agosto de 2001.

sérios e eruditos, como atitude crítica à ordem do sistema (OLIVEIRA: 2011, 31).

A literatura marginal dos escritores da periferia se autoafirma considerando como marginais aqueles que, historicamente, foram excluídos socioeconomicamente, que vivem às margens e que, por estigma e preconceito, são considerados marginais, perigosos para a sociedade.

Os novos escritores e poetas da literatura periférica também se afirmam marginal por estarem fora do circuito literário tradicional e pela temática de suas obras voltarem-se para relatar situações e condições dos moradores da periferia das grandes cidades do Brasil, com sua linguagem característica e seu dialeto próprio.

As edições especiais de literatura marginal da revista *Caros Amigos* merecem destaque por diferentes aspectos. O primeiro é que a reunião dos autores em edições especiais de literatura é uma ação coletiva sustentada por um projeto intelectual comum, cujo desdobramento é também estético, político e “pedagógico”. Em segundo lugar, porque é a partir da primeira edição da revista que se amplia o debate (e os discursos) em torno da expressão “literatura marginal” na produção cultural contemporânea. O terceiro aspecto é que essas revistas são os veículos de entrada de boa parte dos escritores no campo literário; o quarto, é que a revista *Caros Amigos* é uma conexão importante para fazer circular nacionalmente a produção desses escritores. E, por fim, porque o conjunto das edições especiais pode ser visto como uma das instâncias de apropriação e legitimação dessa produção marginal (NASCIMENTO: 2006, 21).

O movimento se organizaria, então, em defesa do reconhecimento da literatura produzida pelos escritores das periferias, para os moradores das periferias, buscando legitimidade como arte “marginal” na medida em que se encontra fora dos grandes círculos tradicionais, o campus literário legítimo, geralmente constituído por escritores das classes mais altas.

Diante desse quadro, é possível considerar que, por mais que na história literária brasileira existissem autores advindos das camadas populares e mais pobres da sociedade, o movimento literário marginal/periférico se destacou por ser o primeiro a assumir coletivamente esta origem como justificativa para suas produções específicas e diferenciadas em um dado período histórico.

Julio Souto Salom (2014) considera que a publicação do livro *Cidade de Deus*, do escritor carioca Paulo Lins, em 1997, anterior à publicação da edição da *Caros Amigos*, seria também parte do movimento de produção literária de escritores com origens periféricas que emerge no período, entretanto, também reconhece que

a partir da organização de Ferréz é que a classificação passa a ser conscientemente afirmada.

Paulo Lins, porém, mesmo tendo sido um dos autores que publicou seus textos na primeira edição de 'Literatura Marginal' da revista *Caros Amigos*, manifestou-se contrário à ideia de ser caracterizado como um autor do movimento.

Isso é coisa do Ferréz [risos]. O Ferréz que tem essa mania de voz da periferia e tal. Mas, assim, eu acho legal [riso]. O ferréz me chamou. Ele é meu amigo, né?

Eu fui no Capão Redondo par lançar o livro dele, ficamos amigos. Eu acho que nunca existiu Literatura Marginal. Existia Poesia Marginal, que era uma coisa totalmente diferente desta que está aí. Agora, ele está falando isso porque a literatura que ele lançou na Caros Amigos com o pessoal falando da favela, da miséria e tal...Ele lançou, eu estou na dele. Eu topo qualquer negócio. Eu sou da Literatura Marginal. Mas eu não acho que exista uma Literatura Marginal só porque é escrita por causa da periferia e por conta do tema. Acho que é onda do Ferréz, ele gosta de lançar essas ondas (SILVA et al.: 2015, 82).

O jornalista e escritor mexicano Alejandro Reyes analisa a produção literária dos escritores da periferia relacionando-a a um fenômeno que se desenvolveu no fim do século XX, a partir dos anos 90, no qual as desigualdades sociais, os conflitos derivados delas, as condições de pobreza e violência das camadas populares do país, tornaram-se tema de diversas linguagens artísticas, com destaque, especialmente, para a linguagem audiovisual, como, por exemplo, a cinematográfica, que contou com grandes produções e grandes sucessos de público.

Uma dessas produções, por exemplo, foi o longa metragem "*Cidade de Deus*", dirigido por Fernando Meirelles e lançado em 2002, e inspirado no livro de Paulo Lins.

A novidade da literatura periférica ou marginal não está necessariamente na temática, que, de fato, vem tendo uma presença cada vez mais forte no imaginário, nos discursos e nas representações da produção cultural brasileira nas últimas décadas. Mas estas representações quase sempre foram externas, o olhar da cultura dominante e da classe média sobre o 'outro' subalterno. A diferença, agora, é que essas representações são feitas pelos próprios protagonistas: uma narrativa dos próprios sujeitos, com a implícita ou, às vezes explícita pressuposição de que só por intermédio dessas vozes é possível transformar esses produtos culturais em fieis veículos para a compreensão dessa alteridade (REYES: 2013, 32).

Para além de uma orientação artística voltada para as questões da pobreza e conflitos sociais no Brasil, mesmo partindo de um olhar "de fora", é importante considerar o contexto sócio-histórico que também permitiu aos moradores das regiões periféricas essa identificação com o espaço social em que viviam, a partir

dos anos 90, década em que o termo periferia alcançou notoriedade sob novas formas.

Sobre este fenômeno, o sociólogo Tiaraju D'Andrea Pablo (2013) defendeu em sua tese de doutorado a hipótese de que neste período havia condições para emergir uma geração que potencializou o termo, outrora negativo, para uma posição de luta e defesa do local em que vivem.

Pablo classifica esse grupo formado por '*sujeitos periféricos*', pessoas que assumem as condições sociais específicas em que vivem, compreendem as origens e problemas que caracterizam este espaço, e passam a intervir assertivamente na tentativa de modificar tais condições, sobretudo por meio da arte.

Para contextualizar a situação socio-histórica dos anos 90, Pablo resgata o início do uso do termo "periferia" em São Paulo, que passa a ser considerado a partir de 1950 com o processo de expansão da cidade. Entre os anos 60 e 80, entretanto, é que o termo ganha notoriedade, atrelado aos altos índices de migração e industrialização, possibilitando que a questão urbana fosse amplamente discutida, principalmente, na academia:

[...] o termo periferia foi primeiramente utilizado pela academia. Com o passar do tempo e com a troca de informações entre intelectuais, movimentos sociais populares e moradores da periferia, estes passaram a montar um quadro explicativo sobre as desigualdades territoriais e urbanas que continha uma série de termos e conceituações, do qual periferia era apenas um deles, sendo mais ou menos utilizado. Desse modo, ressalta-se que o termo teve importância para a produção acadêmica que se dedicou aos estudos urbanos, foi utilizado em maior ou menor escala por moradores da periferia e movimentos sociais populares, e foi apropriado posteriormente por jovens da periferia que potencializaram a utilização desse termo, já com outros sentidos e figurações (PABLO: 2013, 45).

Para o sociólogo, a explicação para esse fenômeno residiria no aprofundamento dos índices de desemprego, de violência e à ausência de referências de movimentos sindicais e partidários, outrora fortemente presentes nos anos 80 nos bairros periféricos, os moradores passam a se auto-organizar, recebendo auxílio de ONGs que se proliferam nesses territórios e passam a produzir alternativas de subsistência, educativas e, também, culturais.

De fato, a preponderância sobre a utilização do termo periferia começou a mudar de mãos quando uma série de artistas e produtores culturais oriundos de bairros populares começou a pautar publicamente como esse fenômeno geográfico/social e subjetivo deveria ser narrado e abordado. Eram escritores, cineastas, artistas plásticos, músicos e cantores e compositores. Todos estes artistas foram rompendo o cerco da invisibilidade e colocando seus produtos culturais na cena artística paulistana e brasileira, propiciando assim uma maior circulação de suas ideias e de seu ponto de vista sobre o mundo. O cerne da preponderância do discurso deste

movimento cultural, foi, sem dúvida, o fato de falarem da periferia sendo moradores da periferia. O falar de “de dentro” foi utilizado como recurso para relativizar outros postos de observação (PABLO: 2013, 46).

A partir desse momento, então, o termo periferia, outrora caracterizado negativamente, passa a ser utilizado como motivo de orgulho, e os ‘sujeitos periféricos’ assumem essa identificação em uma perspectiva de potencialidade, que motiva os indivíduos a atuarem politicamente em defesa de seu lugar e de suas práticas.

Dentre esses coletivos culturais, destacam-se grupos que organizam os saraus, que passam a acontecer regularmente em bairros da periferia de São Paulo a partir dos anos 2000, fenômeno cultural que passa a acontecer simultaneamente ao surgimento do movimento de literatura marginal, sendo alguns dos autores que participaram das edições da *Caros Amigos* os líderes desses eventos literários.

Os saraus são encontros regulares realizados em espaços variados de convívio nos bairros periféricos, nos quais acontecem declamações de poesia, apresentações de músicas, dança, cenas teatrais, dentre outras atividades. A literatura é a manifestação artística privilegiada destes eventos e recebe um tratamento especial durante a realização dos saraus. Trata-se de um momento de encontro entre escritores, lançamento e venda de livros e divulgação dos trabalhos pessoais dos membros desse campo literário específico.

Cabe aqui ressaltar que os saraus reúnem diversas práticas e manifestações artísticas como música, dança, teatro, cinema. Entretanto, nos deteremos em analisar especificamente a atuação daqueles que estão envolvidos diretamente com a produção literária, analisando suas trajetórias e a relação que estes sujeitos estabelecem com o fazer literário. Um dos primeiros saraus de maior relevância nesse cenário é o *Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia)*, que, desde 2011, acontece semanalmente no Jardim Guarujá, em Taboão da Serra, divisa com o extremo sul da capital paulistana. Antes descrever sinteticamente a região. Atualmente no Bar do Batidão, liderado pelo poeta Sérgio Vaz, um dos autores que participou das edições da publicação *Literatura Marginal* da revista *Caros Amigos*.

O funcionamento do Sarau é muito simples: começa pontualmente às 21:00h e também acaba pontualmente às 23:00h (às vezes acaba mais cedo) porque o bar fica na pracinha do Guarujá e tem muitas casas em volta. Procuramos colaborar com a vizinhança (...). Durante o Sarau evitamos instrumentos musicais, ou incentivamos a cantoria de alguém, mas

porque o movimento é estritamente literário (...). Lá também passamos diversos filmes e documentários, exposições de fotografias, artes plásticas. Mas como o nosso projeto é de literatura, lá no Sarau já teve lançamento de mais de quarenta livros e revistas (VAZ: 2008, 127-131).

Em sua tese de doutorado, Érica Peçanha do Nascimento retoma o estudo sobre a literatura marginal e/ou periférica, destacando nesse momento, o impacto que a realização de saraus provocou na produção artística realizada nos bairros de periferia, centralizando sua observação no caso do Sarau da Cooperifa. Segundo a autora, o primeiro encontro foi nomeado sarau, em 6 de outubro de 2001, porque os idealizadores consideraram o termo o mais apropriado para eventos voltados para poesia, ainda que não frequentassem atividade cultural semelhante (NASCIMENTO: 2011, 11).

Em seus encontros literários semanais, a 'Cooperifa' já chegou a reunir 500 pessoas em uma só noite, atraindo um público diverso, oriundo de diferentes regiões da cidade. A partir da projeção e relevância do projeto, a *Cooperifa* se tornou uma organização de promoção cultural, com realização de atividades diversas, não apenas os saraus, mas também mostras culturais, visitas e palestras em escolas públicas, dentre outras ações.

Nascimento considera que os saraus, sobretudo o da Cooperifa, instituíram um novo modelo de produção e divulgação cultural que se disseminou nos bairros de periferia e o termo periférico passou a ser utilizado para classificar e potencializar estas novas práticas:

[...] a articulação em torno de elaborações sobre a periferia e sua cultura singular é capaz de revelar um processo específico de produção cultural. Isso porque não somente os produtos e circuitos de consumo periféricos apresentam-se como soluções criativas ao mercado cultural, mas também porque a associação do trabalho desenvolvido ao espaço social da periferia permitiu que fosse elaborada uma agenda comum a diferentes grupos, movimentos, coletivos, associações e artistas da periferia (NASCIMENTO: 2011, 15).

A autora ainda afirma que estes novos sujeitos que realizam atividades artísticas e culturais na periferia, que estão construindo os próprios discursos e narrativas acerca da realidade em que vivem, são também agentes políticos em potencial, pois reivindicam melhores condições para a produção de suas obras, espaços que permitam a realização de eventos culturais, dentre outras atividades (2001: 17).

O Sarau da Cooperifa, dentre outros percussores, serviu de exemplo e inspiração para que muitos outros saraus passassem a acontecer nos bairros periféricos de São Paulo. Os moradores de outras regiões, que frequentavam os eventos que tiveram início na zona sul da cidade, passaram a organizar saraus em seus próprios bairros, disseminando o mesmo modelo.

A realização dos saraus ganhou força para além da relação com a origem do movimento de literatura associado ao lançamento do especial da revista *Caros Amigos*. O fenômeno se disseminou, atraiu novos sujeitos e passou a ser independente do movimento literário que inaugurou a literatura marginal e periférica.

Os termos e conceitos ao redor da prática literária, inclusive, passaram a ser variados, como a própria Érica Peçanha já indica em sua tese de doutorado. Enquanto Ferréz defendia desde o início o conceito de 'literatura marginal', caracterizando condições de marginalidade social dos moradores das periferias, outros integrantes do movimento, sobretudo nos saraus, passam a utilizar a expressão 'literatura periférica', evitando sentido negativo da palavra marginal e também exaltando o território periférico (NASCIMENTO: 2011, 103).

A antropóloga acredita, entretanto, que os escritores utilizam ambas as nomenclaturas com o mesmo objetivo de promover um tipo específico de produção literária e se posicionar diante do público e do mercado editorial. Além disso, identifica novas expressões utilizadas por escritores e pesquisadores, contemplando abordagens específicas, mas que se debruçam sobre um movimento com características em comum.

Nos últimos anos, outras expressões como literatura divergente, literatura suburbana e litera-rua também ganharam ecos entre os autores, bem como os termos literatura hip hop, literatura de testemunho, literatura engajada e literatura da violência passaram a nomear as interpretações de alguns estudiosos. São diferentes categorias em disputa, por vezes tomadas como sinônimos, ora dotadas de uma variedade de significados, obras e autores a elas associados, mas que revelam um esforço de refletir sobre o fenômeno em curso que aparece com força nos últimos tempos: a produção que emerge das margens econômicas, políticas e sociais (NASCIMENTO: 2011, 103).

Um exemplo destas novas abordagens é a do historiador Antônio Eleilson Leite que, em sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, analisa os textos literários de obras de escritores da periferia, defendendo uma classificação por temática e dividindo esta produção em duas categorias distintas.

Leite acredita que entre os anos 2000 e 2005, houve o predomínio da '*literatura hip hop*', da qual Ferréz é o líder, a qual tem como influência a linguagem e temas da cultura hip hop e do RAP; e, a partir de 2005, devido à associação com a realização dos saraus, destaca-se a '*literatura periférica*', que amplia o repertório da produção literária.

As obras e autores vinculados à Literatura Hip Hop cultivam uma prerrogativa de denúncia por meio da qual transmitem uma crítica social contundente, porém, difusa (o mal está num ente abstrato, por vezes denominado "Sistema") pregando assim menos um engajamento e mais uma reação (...). Já a Literatura Periférica corresponde às obras surgidas no contexto dos saraus e por eles diretamente influenciadas. (...) Aparecem aqui elementos de coletividade, festividades, culto às ancestralidades (negras, principalmente), orgulho de ser da periferia, muitos poemas de amor e sexo, superando o denunciismo e o ceticismo sombrio que caracteriza a Literatura Hip Hop (LEITE: 2014, 15).

Como pretendo demonstrar com essa pesquisa, o sarau se tornou, de forma orgânica, um tipo específico de atividade cultural, um movimento com uma identidade particular, mobilizando pessoas em uma rede de relações de trabalho, produção, criação, amizade, parcerias. Os organizadores e participantes destes eventos atuam com diversas intenções e de diferentes formas.

Os eventos se tornaram, ainda, um meio pelo qual os escritores passam a se integrar e perpetuar a produção literária enquanto um movimento, e não apenas por iniciativas isoladas. Propiciando que os autores possam lançar seus livros, apresentar suas poesias, divulgar suas agendas de trabalho, nos saraus o que podemos classificar que se consolida o que podemos nomear como "campo literário periférico", na medida em que se mantém "relativamente autônomo", com ações e práticas voltadas a si mesmo.

Esta rede de edições "independentes" ou "alternativas" (às grandes editoras) seria impossível e incompreensível sem um circuito autônomo de distribuição e comercialização das obras. E os encontros presenciais nos saraus poéticos das periferias parecem cobrir esta necessidade, chegando a constituir uma espécie de "sistema literário" (no sentido de Antonio Candido) paralelo, funcionando de forma independente nas periferias de São Paulo (SALOM: 2014, 82).

Enquanto projeto literário, a iniciativa de Ferréz a partir da publicação dos especiais de Literatura Marginal na Caros Amigos e a continuidade de seu trabalho, seja publicando seus próprios livros, ou colaborando com a produção de novos autores (por meio, inclusive, do selo editorial que organiza, o Selo Povo), e também

na participação de debates e encontros literários, não mantém uma relação direta com o fenômeno dos saraus.

Os saraus, entretanto, se apropriam dos termos e nomenclaturas sob várias formas e colaboram para que a ideia de uma literatura produzida a partir das periferias se consolide, atrelada mais do que às origens dos autores, a uma posição em relação ao “sistema literário” dominante e ainda, aos próprios territórios onde os saraus acontecem.

Para que possamos compreender de que forma os poetas dos saraus das periferias se mobilizam em relação a sua prática literária, se faz necessário também compreender quais são os contextos nos quais estes eventos se desenvolvem, sobretudo em relação às características sociais e de infraestrutura das regiões onde ocorrem. Este tema será apresentado no capítulo a seguir.

4. CAPÍTULO 2 – Saraus: a literatura no “lugar fora das ideias”

*“Jardim Rosana, Treze, Tremembé
Santa Tereza, Valo Velho e Dom José
Parque Chácara, Lúcia, Vaz
Fundão, muita treta pra Vinícius de Moraes”¹¹*

Este capítulo vem apresentar inicialmente uma discussão sobre o contexto sócio-histórico de formação e caracterização das regiões periféricas do Brasil, particularmente da cidade de São Paulo, além apresentar informações sobre os saraus escolhidos como objeto de pesquisa dessa dissertação, considerando os dados relacionados às características sociais dos locais onde eles acontecem, com destaque para a escolaridade de seus moradores, além da infraestrutura pública, sobretudo relacionada à cultura.

A urbanista Ermínia Maricato descreve no artigo *“As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias”* (2000) que esta expressão que dá nome ao texto, calcada durante seu exame de admissão como professora da Universidade de São Paulo por Francisco de Oliveira, refere-se ao argumento de suas análises sobre a constituição dos espaços urbanos brasileiros. Segundo ela, estes espaços foram e continuam sendo planejados para atender especificamente determinados grupos sociais, conforme seus interesses e necessidades, excluindo tantos outros, a quem restam-lhe, apenas, locais vulneráveis em condições precárias, como é o caso das favelas, tipo de moradia ao qual a autora dedica considerável parte de seus estudos.

Assim, os espaços que não compõem o planejamento urbanístico liderado pelos grupos sociais mais favorecidos são caracterizados como “fora da ordem” por Maricato, compondo uma “cidade ilegal”:

O urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas. Podemos dizer que se trata de ideias fora do lugar porque, pretensamente, a ordem se refere a todos os indivíduos, de acordo com os princípios do modernismo ou da racionalidade burguesa. Mas também podemos dizer que as ideias estão no lugar por isso mesmo: porque elas se aplicam a uma parcela da sociedade reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios. Para a cidade ilegal não há planos, nem ordem. Aliás ela não é conhecida em suas dimensões e características. Trata-se de um lugar fora das ideias (MARICATO: 2000, 122).

¹¹ RACIONAIS MCs. Da ponte para cá. Álbum: Nada como um dia após o outro, 2002.

Bourdieu considerava que a distância geográfica e a ausência ao acesso a determinados direitos configura uma condição social que restringe a determinados grupos sociais a participação da constituição dos “valores”, ou, em outros termos, poderíamos considerar como os diversos capitais (econômico, cultural, político):

(...) a distância social real de um grupo a determinados bens deve integrar a distância geográfica que, por sua vez, depende da distribuição do grupo no espaço e, mais precisamente, de sua distribuição em relação ao “núcleo de valores” econômicos e culturais (...) (BOURDIEU, 2008, p.114).

Ainda que as favelas¹² sejam espaços urbanos com suas especificidades, sobretudo por, geralmente, serem formadas a partir de ocupações irregulares, é possível considerar que as periferias também fazem parte, em certa medida, do que Maricato define como “cidade ilegal”, ainda que façam parte de um planejamento urbano, considerando, inclusive, que, muitas vezes, tal plano tem por objetivo, alinhado aos interesses das classes sociais mais altas, manter distantes os grupos sociais populares, destinando a eles os territórios periféricos, à margem dos projetos de “cidade legal”.

Os espaços da elite se concentram no setor sudoeste do município central, com alguns enclaves nas zonas norte e leste. Mas a mancha de óleo, a grosso modo, ainda persiste como modelo de localização das camadas sociais, na maior região metropolitana do país. Assim, embora com modificações, o modelo centro periferia ainda consegue explicar o espaço da metrópole. O desenvolvimento das periferias de São Paulo é uma história de deslocamentos constantes, onde velhas periferias se mimetizam às áreas urbanizadas e novas periferias vão se construindo (BÓGUS e PASTERNAK, 2015, p. 154).

Historicamente constituídas de forma orgânica, tal qual as favelas, as periferias no Brasil são espaços que se caracterizam, ainda, pela ausência ou deficiência de prestação de serviços básicos à sua população, e os indicadores sociais revelam que, mesmo com políticas públicas voltadas para atender suas necessidades, essas regiões ainda são desiguais em comparação com as que possuem mais infraestrutura e acesso a serviços, como saúde, educação, saneamento básico etc.

¹² O termo favela é adotado nessa pesquisa com base na classificação do IBGE do Censo Demográfico 2010, que as caracteriza como assentamento irregular, devido ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública). Segundo a mesma pesquisa, 6% da população brasileira, cerca de 11 milhões de habitantes, vive nesse tipo de moradia. FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2010 – Aglomerados Subnormais – Informações Territoriais.

O termo periferia¹³ no Brasil, mais que substantivo que delimita espaços geográficos, se configurou como uma espécie de adjetivo, classificando territórios por condições socioeconômicas, caracterizando situações de pobreza e violência, estas consequências da ausência de investimentos e políticas específicas para esses locais, mas que no senso comum, entretanto, provocam o preconceito e a estigmatização das regiões periféricas como as próprias causadoras desses fenômenos.

Tereza Caldeira aponta para as características que compõem o sentido simbólico que o termo periferia incorpora a partir da falta de acesso a serviços fundamentais, sendo o espaço caracterizado como “precário, carente, desprivilegiado” (CALDEIRA, 1984, p. 7).

Em São Paulo, o conceito começou a ser cunhado a partir da expansão da cidade na década de 50, quando regiões dos limites do município que já eram habitadas, mas em situações análogas às áreas rurais, passaram por um processo mais intenso de urbanização (PABLO, 2013, p. 36).

Em um dos primeiros estudos que refletiram sobre as condições das periferias, Nabil Bonduki e Raquel Rolnik relacionam a constituição das periferias a uma condição social da classe trabalhadora. Esta linha passa a orientar a maioria dos estudos sobre essas regiões, sobretudo a partir do fenômeno do êxodo rural e das migrações, com forte índice na década de 60 e 70 do século XX. Eles apontam:

Em geral, a definição de periferia é utilizada indiscriminadamente para designar, numa visão geográfica, os espaços que estão distantes do centro metropolitano e na faixa externa da área urbanizada e, numa visão sociológica, os locais onde a força de trabalho se reproduz em péssimas condições de habitação. Aparentemente, é consenso que as duas definições estão falando da mesma coisa; no entanto, este uso indiscriminado do termo leva a uma série de imprecisões na sua utilização. Preferimos definir periferia como “as parcelas do território que têm baixa renda diferencial”, pois, assim, este conceito ganha maior precisão e vincula, concreta e objetivamente, a ocupação do território urbano à estratificação social (BONDUKI E ROLNIK: 1979, p. 147).

¹³ Segundo o dicionário Houaiss, o termo periferia apresenta os seguintes significados:

1 geom linha que delimita uma superfície; circunferência < p. de um círculo >/ **2 geom** superfície de um sólido/ **3** linha imaginária que delimita qualquer corpo ou qualquer superfície/ **4 fig.** condição do que se acha próximo; contiguidade, vizinhança < não sabia resolver nada, ficava na p. dos problemas >/ **5 região afastada do centro urbano de uma cidade, em geral carente de serviços e infraestrutura, que abriga grande parte da sua população econômica e socialmente desfavorecida/ 6 p.ext.** conjunto dos países pouco desenvolvidos em relação às grandes potências, estas consideradas como centro de um sistema socioeconômico mundial/ **7 morf.bot** extremidade marginal da lâmina folia. Fonte: Houaiss online - Instituto Houaiss 2012.

As periferias das cidades brasileiras se constituíram historicamente a partir de um modelo de cidade baseado na especulação de terras e imobiliária, beneficiando, a princípio, grandes proprietários, até as grandes construtoras nos dias de hoje, orientados por padrões e estilos de vida específica das classes mais altas, que se articulam na tentativa de se afastar do convívio e costumes das classes populares.

Em São Paulo, por exemplo, no início do século XX, a região central da cidade foi loteada e comercializada por grandes proprietários, muitos deles estrangeiros, que venderam suas terras para a construção de casas nobres, formando os bairros, como o Campos Elíseos (nome inspirado na avenida francesa Champs Elysées), enquanto os pobres, negros, ocupavam os cortiços, como os da região do Bixiga (ou Bela Vista).

Este bairro, porém, com a expansão da cidade, atraiu o interesse da especulação imobiliária e, em um processo de gentrificação, seus moradores acabaram se mudando para os bairros até então mais periféricos, para além da Barra Funda, já ocupada por contingente negro, criando novos bairros como Freguesia do Ó, Casa Verde, Vila Maria. Desse fenômeno se explica, até mesmo, a concentração de formação de tradicionais escolas de samba nesta região no período (ROLNIK, 1989; 2003).

Assim, ao longo do tempo, em um processo de higienização (não à toa, um dos bairros ricos do centro da cidade construídos no mesmo período histórico se chama Higienópolis), casas e cortiços foram sendo desapropriados, e os moradores pobres, sobretudo negros, foram expulsos e afastados para regiões quase rurais no período.

No estudo do Observatório das Metrópoles, *São Paulo: Transformações da ordem urbana*, Bógus e Pasternak demonstram que o processo de “periferização” no município se deu a partir de “*dois padrões dominantes de segregação*” (2015, p.132): a partir dos anos 40 e 50, com o surgimento dos primeiros bairros periféricos, como Vila Maria, Vila Prudente, dentre outros, que se formaram ao redor das áreas industriais do período (Barra Funda, Brás, Bom Retiro). Em seguida, outro movimento que, a partir dos anos 60, com forte influência da migração rural para as cidades, intensificou a formação das periferias.

“O primeiro produziu uma forma condensada e heterogênea de crescimento urbano que dominou a expansão de São Paulo desde o final do século XIX até os anos 1940. O segundo padrão produziu o paradigma de

crescimento que dispersou os pobres pelas regiões mais afastadas". (HOLSTON, 2013, P. 209 apud BÓGUS e PASTERNAK, 2015, p. 132).

Esse movimento de apropriação e reapropriação dos espaços da cidade foi acontecendo de forma contínua e, com isso, São Paulo foi se expandindo também a partir de outros contextos históricos.

Muitos bairros da zona leste, por exemplo, se desenvolveram a partir da instalação de fábricas e indústrias na região, que criaram a necessidade de mão de obra próxima ao local, o que atraiu operários que se tornaram moradores com suas famílias do entorno das empresas. É o caso de Ermelino Matarazzo, bairro constituído na década de 40 a partir da fundação da fábrica Celosul das Indústrias Reunidas Matarazzo, pertencente à tradicional família da elite paulistana (DANTAS, 2014, p. 69).

A região da zona leste foi intensamente ocupada por migrantes nordestinos, pessoas que antes mantinham atividades no campo, e passaram a se adaptar à ordem urbana. Em "*Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966*", o historiador Paulo Fontes descreve esse processo de formação dos bairros operários, destacando, inclusive, o perfil dos migrantes. Segundo ele, por exemplo, na década de 60 cerca de 60% dessa população que chegava da região Nordeste para o bairro era analfabeta.

Esta população operária foi se estabelecendo nos territórios que não compunham o planejamento urbano do centro, desse modo, não havia uma ordem para essa cidade ilegal, e as periferias foram se formando de maneira mais espontânea. Isso justifica porque as periferias são espaços complexos e com características diversas e tipos de moradia variados, incluindo também seus moradores, que constituem grupos heterogêneos.

Ao longo do tempo, porém, a moradia passou a ser alvo de políticas públicas e o município passou a estabelecer formas de apropriação dos territórios periféricos, ainda com a mesma perspectiva de manter as classes populares à margem, mas de maneira sistematizada e como política de Estado.

O fenômeno se intensificou durante o período de ampliação da cidade nas décadas de 60 e 70, e aumento da população, sobretudo devido ao intenso fluxo migratório do campo para as cidades, principalmente das regiões norte e nordeste para as regiões sul e sudeste.

Diante desse fenômeno, as políticas de moradia passaram a ter que ser mais assertivas, para dar conta das demandas da população e, nesse período, inclusive, surgem os primeiros movimentos de mutirão e construção de casas e condomínios populares com apoio e financiamento do governo.

Ainda que os programas de moradia tenham beneficiado as famílias das classes populares, que com isso conseguiram se manter e a renda do pagamento dos imóveis poderia ser convertida para outras finalidades além do pagamento de alugueis, por exemplo, Bonduki e Rolnik problematizam a questão ao considerar que o programa reificou o valor da propriedade privada e disseminou entre os trabalhadores a ideologia dos bens individuais (1979).

Além disso, o caráter segregacional dos projetos de moradia coordenados pelo governo revelam a intencionalidade de que as pessoas das classes mais baixas ocupassem o “lugar fora das ideias”. Em São Paulo, bairros como Cidade Tiradentes, constituído nos anos 80 a partir da construção de conjuntos habitacionais no extremo leste da cidade, é um dos exemplos de tal política pública, orientada pelos interesses das classes mais altas.

Este fenômeno não é exclusivo do contexto brasileiro, e a segregação urbana acontece na maioria das grandes cidades do mundo. No artigo ‘*A cidade dos anéis: São Paulo*’, as autoras Suzana Pasternak e Lucia M.M. Bógus apontam para este contexto socio-histórico:

A origem histórica da segregação na cidade ocidental liga-se à Revolução Industrial, quando o grau de urbanização cresceu, trabalho e residência se separaram no espaço físico, e burguesia e operariado passaram a morar em locais distintos no espaço intraurbano (...).

Nas cidades brasileiras, o modelo tradicional – pobreza na periferia – acentuou-se no século XX. Apenas depois dos anos 70 algo semelhante ao modelo americano surge em algumas cidades, com a edificação de condomínios ricos em terrenos afastados (tipo Alphaville). (BOGUS e PASTERNAK 2015, 275).

Louis Wacquant (1995) analisa os aspectos de segregação nos Estados Unidos, nos guetos negros em Nova York, e na França, na *banlieue* de Paris, apontando as semelhanças e especificidades de cada contexto, destacando também os conflitos que emergiram a partir dessa condição de exclusão, como o aprofundamento do racismo norte-americano e a xenofobia no caso francês além da violência urbana.

Enquanto na França as periferias foram organizadas para as classes trabalhadoras, a partir de programas de moradia, semelhantes às práticas brasileiras, e atraindo uma população heterogênea, nos Estados Unidos a segregação dos guetos além de espacial é, sobretudo, racial, e os negros compõem o grande contingente desses locais.

No Brasil, é possível considerar que há uma assimilação dos dois tipos de ocupação em suas periferias, pois, destinada às classes populares, a população negra, majoritariamente, habita os bairros periféricos.

Os casos são muito parecidos com o das periferias brasileiras, inclusive, no que se refere aos conflitos e altos índices de violência e repressão do Estado por meio da polícia. Em *Punir os pobres*, Wacquant também demonstra essa condição social, a partir do contexto norte-americano, como uma espécie de criminalização da pobreza (2001).

Em São Paulo, nos anos 80 e 90, período de consolidação dos bairros periféricos, que se desenvolveram e adquiriram maior infraestrutura, também foram os períodos em que a associação com a criminalidade e a violência se acentuaram, colaborando para um imaginário social negativo sobre estas regiões e também sobre seus moradores.

Ao mesmo tempo, o sociólogo Tiaraju d'Andrea Pablo analisa em “*A formação dos Sujeitos Periféricos*”, que foi nesse período que o termo periferia passa a ser utilizado não apenas pelos estudos sobre a questão urbana, mas passa a ser assumido pelos seus moradores, sobretudo, por membros dos movimentos sociais insurgentes, fortemente influenciados pela cultura hip-hop¹⁴.

É nesse momento que ocorre de maneira embrionária a utilização do termo periferia, como uma crítica aprofundada à sociedade e como subjetividade compartilhada e reconhecimento mútuo de uma condição (PABLO, 2013, p. 45).

As representações sobre as periferias como espaços da desordem e da violência nesta época se relacionaram também com um contexto econômico de mudança para a população desses territórios, que passou de uma condição operária para novas práticas de trabalho, e também por altos índices de desemprego, devido

¹⁴ A cultura Hip-hop surgiu nos Estados Unidos nos anos 70 nos bairros (guetos) de Nova York onde os negros viviam, sobretudo o Bronx. Hip-hop é conceituado como uma cultura composta por quatro elementos: o Break (performances de dança); o MC (mestre de cerimônias), que canta e recita a música; o DJ (disc jockey), que executa as gravações e discotecagens; e o grafitti (artes visuais) (D'ALVA, 2014).

às mesmas configurações, como a terceirização dos postos, a transição da oferta de ocupações industriais para a área de serviços, influenciada por uma nova perspectiva neoliberal, dentre outras mudanças.

Esse quadro de mudanças causou impactos na dinâmica metropolitana brasileira alternando etapas de expansão e crise, num processo de urbanização que concentrou atividades econômicas e culturais em territórios marcados pelas desigualdades sociais e pela má-distribuição da renda. Tal situação foi particularmente acentuada em São Paulo, a maior região metropolitana do país (BOGUS e PASTERNAK: 2015, p. 18).

Na comparação entre os Estados Unidos e a França, Wacquant aponta para uma situação à qual a população destes espaços é submetida, e que também ocorre com os moradores das periferias do Brasil, que se trata da estigmatização e do preconceito que se apoiam e se justificam pelo simples motivo de eles habitarem estes locais.

(...) além de ter de enfrentar a falta de condições adequadas e de meios de sobrevivência, quem é pobre numa sociedade rica tem o status de anomalia social, e perde o controle sobre sua representação e sua identidade coletiva: a análise da pecha pública que marca tanto o gueto norte-americano quanto a periferia urbana francesa serve para realçar a desapropriação simbólica que transforma seus habitantes em verdadeiros proscritos sociais (WACQUANT: 1995, p. 67).

Desse modo, se os moradores de periferia são alvos de preconceito apenas pelo motivo de residirem nestes territórios, conseqüentemente, as ações que praticam são, também, estigmatizadas, em diversos campos sociais, inclusive, o artístico que é o objeto de estudo desta pesquisa.

Tiaraju D'Andrea Pablo ao comentar sobre a adoção do termo periferia nos anos 90, diante de seu contexto socioeconômico específico, apresenta o argumento do conceito de '*sujeitos periféricos*', como aqueles que reconhecem suas condições sociais e se autoafirmam dentro e fora deste espaço como moradores das periferias, atuando de maneira propositiva, seja na militância política direta, ou em outras espécies de movimentos, como o cultural.

Considerando que o movimento de literatura periférica, já apresentado no primeiro capítulo dessa dissertação, e a realização dos saraus, que será mais explorado com a apresentação do objeto de estudo da pesquisa, faz parte desse cenário sociocultural emergente a partir dos anos 90 e 2000, é necessário compreender este contexto para tentar abordar quais são as posições que os saraus que acontecem nos bairros periféricos de São Paulo, e também os escritores que

dele participam, ocupam em uma estrutura social pautada pela desigualdade, baseada em relações sociais de classe, territoriais e raciais.

4.1 - Cultura e segregação territorial: Análise dos bairros dos saraus

Esta pesquisa se propôs a demonstrar a partir do estudo de campo algumas características que compõem os bairros ditos periféricos da cidade de São Paulo, nos quais acontecem a realização dos saraus de literatura, conforme já apresentado. Dessa forma, objetivou-se caracterizar as periferias a partir de dados socioeconômicos que pudessem dialogar com a bibliografia sobre a história e contexto levantados nesse capítulo.

Além disso, a apresentação das características desses territórios vem para corroborar a afirmação que o fenômeno escolhido como objeto de pesquisa dessa dissertação é de fato uma manifestação dos bairros periféricos, considerando que suas condições objetivas são o que propiciaram a existência dos saraus, com suas especificidades. Com isso, acredita-se que este projeto pode contribuir para que o movimento cultural conquiste um registro acadêmico e mais valor histórico.

Em se considerando o contexto em que a produção literária se configura atualmente nas periferias da cidade de São Paulo, buscou-se, por meio dessa pesquisa, compreender os elementos do território que caracterizam essas condições específicas, por meio da análise de campo.

Nesse projeto, considerou-se como critério a investigação das desigualdades, sobretudo as relacionadas à educação e cultura, que se manifestassem nos locais onde acontecem os saraus do movimento de literatura marginal e periférica.

Para comprovar que os saraus compõem um movimento bem particular enquanto fenômeno cultural, inicialmente intentamos elaborar uma mostra representativa a partir de um levantamento de todos estes eventos que acontecem nos bairros periféricos de São Paulo.

O Projeto Pontos de Poesia da Poiesis – Organização Social de Cultura mapeou em 2009 cerca de 32 saraus regulares na cidade de São Paulo, além de 9 eventuais e itinerantes. A tentativa era apresentar um dado mais atualizado sobre essas manifestações.

Para tal levantamento, no entanto, encontrei dificuldades no sentido de conseguir delimitar um dado concreto e exato que pudesse ser apresentado, considerando que o movimento em andamento sofre mudanças constantemente; muitos saraus novos se iniciam e alguns deixam de acontecer, ou mudam de estratégias, locais de realização, sazonalidade, em parte, também, pelo próprio perfil da prática cultural, uma atividade de lazer e cultura baseada na informalidade.

Diante disso, o quadro que se apresenta, a cargo de ilustração, uma amostra dos saraus existentes. O quadro, construído em 2015, foi constituído a partir do critério de regularidade destes eventos, baseada em minha observação empírica, no envolvimento que mantenho com frequentadores desses espaços, minha atuação como jornalista que acompanha os eventos culturais nas periferias, além de uma pesquisa e monitoramento de suas agendas pelas redes sociais, e do acesso a demais informações sobre local e endereço de realização.

Pelo levantamento informal que realizei, pesquisando por nome os saraus nas redes sociais, cheguei a contabilizar 80 saraus. Considerando o critério de periodicidade e agenda e endereços disponibilizados, além de indícios que a atividade acontecia no momento (não tinha sido interrompida ou descontinuada) consegui um número de 25 saraus regulares que servem como amostra desse movimento literário para esse projeto.

Com isso, cheguei a esse quadro, que pretende ser uma exposição aproximada do que é possível caracterizar como um circuito permanente de saraus de periferia da cidade de São Paulo até o momento de 2015¹⁵:

TABELA 1 - SARAUS QUE ACONTECIAM REGULARMENTE EM SÃO PAULO EM 2015

SARAUS	Subprefeitura	Bairro	Local de realização
Praçarau	Campo Limpo	Capão Redondo	Praça Danilo Honório
Sarau A plenos pulmões	Sé	Jardim Paulista	Casa das Rosas (Avenida Paulista)
Sarau Antene-se	Campo Limpo	Capão Redondo	Barraca do Saldanha e Bar do Jorge
Sarau Bodega do brasil	Sé	Santa Cecília	Ong Ação Educativa
Sarau da Ademar	Cidade Ademar	Cidade Ademar	Bar do Rui
Sarau da Biblioteca Ejaac	Campo Limpo	Valo Velho	Biblioteca comunitária Ejaac
Sarau da Brasa	Freguesia/ Brasilândia	Brasilândia	Bar do Carlita
Sarau da Cooperifa	Campo Limpo	Campo Limpo/ Taboão	Bar do Zé Batidão

¹⁵ Os saraus apresentados são mensais, com exceção dos Saraus da Cooperifa e Suburbano Convicto, que são semanais, e o Sarau do Binho que é bimensal.

		da Serra	
Sarau do Beco	Jabaquara	Vila do Encontro - Jabaquara	CEU Caminho do Mar
Sarau do Binho	Campo Limpo	Campo Limpo/ Taboão da Serra	Espaço Clariô de Teatro
Sarau do Grajaú	Capela do Socorro	Grajaú	Bar do Hawaí
Sarau do Kintal	Freguesia/ Brasilândia	Brasilândia	Casa do poeta Akins Kinte
Sarau do Peixe	Itaim Paulista	Jardim Romano	Estação de trem Jd Romano
Sarau do Vinil	Cidade Ademar	Vila joaniza - Cidade Ademar	Área 51 Bar
Sarau dos Mesquiteiros	Ermelino Matarazzo	Ermelino Matarazzo	Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita
Sarau d'Quilo	Perus	Perus	Biblioteca Padre José de Anchieta
Sarau Elo da Corrente	Pirituba/ Jaraguá	Pirituba	Bar do Santista
Sarau Encontro de utopias	Sé	Santa Cecília	Biblioteca Monteiro Lobato
Sarau Movimento Aliança da Praça - MAP	São Miguel Paulista	São Miguel Paulista	Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra
Sarau O que dizem os umbigos	Itaim Paulista	Itaim Paulista	Escola de Samba Unidos de Sta Bárbara
Sarau Perifatividade	Ipiranga	Heliópolis	Bar do Conte
Sarau Preto no Branco	M'Boi Mirim	Jardim São Luís	Sede da organização Bloco do Beco
Sarau Sobrenome Liberdade	Capela do Socorro	Grajaú	Relicário Rock Bar
Sarau Suburbano	Sé	Bela Vista	Livraria Suburbano Convicto
Sarau Voz do Povo	Campo Limpo	Jardim Helga	Bar do Mutcho

Acredito que, mesmo não sendo um levantamento totalmente preciso, este quadro contribui para a compreensão do fenômeno, sobretudo considerando os espaços nos quais eles acontecem, e os bairros onde estão localizados, demonstrando que se trata de uma prática cultural associada às regiões periféricas da cidade de São Paulo¹⁶¹⁷.

A maioria dos locais escolhidos são espaços informais, predominantemente, bares, e eventualmente centros culturais alternativos. Entretanto é relevante como alguns já são realizados em espaços públicos institucionalizados, como bibliotecas e escolas, revelando como a dinâmica dos saraus já é reconhecida enquanto prática cultural na cidade.

¹⁶ Para compreensão da localização geográfica das regiões dos saraus destacados no quadro, vide Anexo 1.

¹⁷ É importante destacar que na lista dos saraus deste quadro constam alguns saraus que acontecem em bairros do centro de São Paulo. Mantive estes eventos na lista por considerar que eles compõem a rede dos saraus e estão articulados ao movimento como um todo, como, por exemplo, o sarau A Pleno Pulmões, que acontece na Casa das Rosas, na avenida Paulista, mas é organizado pelo poeta Marco Pezão, um dos fundadores da Cooperifa.

Além disso, por meio do quadro, além de compreender a relevância por meio da recorrência, e a relação com os territórios mais afastados do centro, outras informações nos acrescentaram valor ao fenômeno, como, por exemplo, a relação que os nomes escolhidos para os saraus, grande parte com referência aos bairros onde acontecem, como o Sarau da Brasa (Brasilândia), Sarau da Ademar (Cidade Ademar), e também reforçam um possível sentimento de identidade dos sujeitos com os territórios periféricos, como Sarau Perifatividade, Sarau Suburbano Convicto e Sarau Voz do Povo.

A partir do quadro geral com os saraus mapeados por observação, participação e pesquisas na internet, foram selecionados alguns destes saraus que serviram como objeto de estudo para a realização do trabalho de campo, sendo estes:

- Sarau do Binho – Campo Limpo;
- Sarau Elo da Corrente – Pirituba;
- Sarau do MAP (Movimento Aliança pela Praça) – São Miguel Paulista;
- Sarau Sobrenome Liberdade – Grajaú.

A escolha destes saraus em específico se deu no sentido de selecionar um sarau de cada região da cidade¹⁸, sendo um da zona noroeste, um da zona leste e dois que, apesar de serem na zona sul, são de bairros diferentes, sendo um próximo à região oeste. Além disso, o Sarau do Binho foi escolhido, em especial, por ser um dos primeiros saraus criados na cidade, e sua história e as trajetórias dos escritores, puderam servir como meio de comparação e contraponto entre os demais, na tentativa de elaborar, também, um histórico do desenvolvimento do movimento literário periférico.

A partir da seleção dos saraus aos quais foi realizada a pesquisa de campo, fez-se necessário um levantamento de informações sobre os territórios nos quais eles acontecem, para que fosse possível relacioná-los, considerando-os como parte

¹⁸ Vale ressaltar que a zona oeste não foi contemplada como objeto de pesquisa não necessariamente por não existir nessa região bairros periféricos e manifestações culturais, inclusive saraus, mas por uma estratégia de pesquisa que considera as outras regiões mais representativas do movimento literário. Convém mencionar, também, que a zona oeste faz parte da região considerada mais privilegiada da cidade, a partir de uma delimitação do '*Quadrante Sudoeste*' (VILLAÇA, 2001).

de um mesmo fenômeno. Dessa forma, nesse momento será abordado quais foram os dados selecionados como destaque para a apresentação desse contexto.

Inicialmente é necessário ressaltar que a primeira análise considerou não apenas o bairro especificamente, mas sim o distrito ao qual ele faz parte, para, assim, ser possível analisar os dados públicos disponíveis, principalmente os dados disponibilizados pela prefeitura.

O município São Paulo é dividido administrativamente em 32 subprefeituras, cada qual com suas subdivisões internas em distritos e bairros. Dessa forma, as subprefeituras que compõem o grupo do objeto de estudo da pesquisa são, respectivamente: Subprefeitura do Campo Limpo (Sarau do Binho); Subprefeitura de Pirituba (Sarau Elo da Corrente); Subprefeitura de São Miguel Paulista (Sarau do MAP - Movimento Aliança pela Praça); Subprefeitura de Capela do Socorro (Sarau Sobrenome Liberdade).

As subprefeituras podem ser identificadas no mapa da cidade de São Paulo na figura a seguir:

FIGURA 1- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS ESCRITORES DOS SARAUS

Após delimitadas as áreas de estudo de campo, a pesquisa se concentrou em realizar um levantamento dos dados públicos com informações demográficas, econômicas, sociais destes territórios, e, sobretudo, relacionadas também com a disponibilização e acesso a bens culturais.

Para isso, recorreremos, inicialmente, ao uso de uma planilha de dados sistematizada pelo grupo de pesquisa da professora e orientadora do projeto, Dra. Graziela Serroni Perosa, formado por estudantes de graduação e pós-graduação da EACH – USP.

A planilha é formada por dados públicos disponibilizados pela Prefeitura por meio do portal da internet Infocidade, além do cruzamento com dados do IBGE, em um universo considerando a população de 2010, além de alguns dados mais atuais de 2014.

Por meio da Análise Geométrica de Dados (AGD) e da Análise de Componentes Principais (ACP), com o auxílio de um sistema de informática que cria uma representação multidimensional da cidade, foi possível verificar, a partir de 18 variáveis selecionadas, que as subprefeituras às quais os saraus que são o objeto de pesquisa fazem parte possuem semelhanças, mas também se diferenciam em alguns aspectos.

As variáveis selecionadas para a análise estatística contemplam a renda familiar dos domicílios, nível educacional e infraestrutura, considerando equipamentos de cultura e acesso a bens culturais. Dentre as seguintes variáveis conta ‘domicílios sem esgoto’, ‘homicídios’, ‘leitos públicos’, ‘bibliotecas públicas’, ‘matrículas no ensino médio’, ‘renda de até ½ salário mínimo’, dentre outras¹⁹.

A partir da seleção das variáveis, o sistema cria um gráfico com a representação do mapa da cidade, destacando o espaço que as subprefeituras ocupam em relação aos eixos que o define. Diante dos dados disponíveis nas planilhas de dados, chegou-se à seguinte representação:

¹⁹ O quadro completo com as variáveis para Análise Geométrica de Dados (AGD) e da Análise de Componentes Principais (ACP) das subprefeituras utilizadas no gráfico de representação do espaço social de São Paulo está apresentado no Anexo 2.

FIGURA 2 - AS SUBPREFEITURAS NO ESPAÇO DAS DESIGUALDADES

Assim como nos outros projetos do grupo de pesquisa, a representação permitiu verificar a distinção entre os bairros ricos e pobres na cidade. Denota-se, que a principal dimensão que define o espaço social é a condição socioeconômica, que opõe poucas subprefeituras mais ricas e escolarizadas, presente no quadro à esquerda do gráfico, separadas de toda uma concentração de pobreza e baixa escolaridade, à direita do eixo vertical, composta pelas maiorias das subprefeituras das regiões periféricas (PEROSA, LEBARON, LEITE, 2015).

O eixo 1 corresponde à renda e nível educacional, considerado um elemento de primeira análise sociodemográfica. O eixo 2 contempla as demais variáveis, sendo uma forma de verificar a heterogeneidade das subprefeituras, ainda que estejam próximas pela oposição do eixo 1.

Em outro gráfico é possível verificar a incidência das variáveis em relação aos eixos da primeira representação, dessa forma, além de compreender a dimensão do espaço, e a segregação na qual a cidade está estruturada, também verificamos quais elementos a compõem.

Selecionamos para este gráfico, em particular, as variáveis nas quais incidia de maneira mais direta a relação com o acesso à educação e aos equipamentos de cultura, além da frequência a alguns destes equipamentos. Por meio dessa seleção, alcançamos o seguinte resultado:

FIGURA 3 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SUPLEMENTARES DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Para a leitura desse gráfico é importante considerar que o tamanho da seta, e para onde ela aponta, identifica com qual eixo a variável está mais relacionada. Dessa forma, podemos mencionar, por exemplo, como torna-se visível que os índices de abandono do ensino médio e de analfabetismo estão mais presentes nas regiões com os menores números em relação à renda e nível educacional do primeiro gráfico, que determinam o eixo 1, como a subprefeitura de Parelheiros, identificada primeiramente na Figura 4.

Para este gráfico, além das 18 variáveis, foram incluídas também informações mais recentes sobre a quantidade de equipamentos culturais por subprefeituras, além do acesso a bens culturais, como livros em bibliotecas públicas. O gráfico apresenta de forma bem clara como os equipamentos culturais se concentram nas áreas mais ricas da cidade e se afastam das zonas periféricas.

Por meio desses recursos de representação multidimensional é possível verificar como, apesar de estarem em posições distintas entre si, os bairros aos quais pertencem os saraus do objeto de estudo da pesquisa ocupam o mesmo espaço em relação às variáveis de renda e educação, referências não apenas no gráfico, mas também nesta pesquisa. Dessa forma, se evidencia que os saraus

enquanto prática cultural compõem um movimento específico que emerge de uma população sob as condições socioeconômicas semelhantes.

Vale mencionar, também, de forma mais enfática, outros dados que podem complementar esses indicadores de cultura e como eles estão distribuídos de forma desigual no município. A organização social Rede Nossa São Paulo²⁰ anualmente divulga um mapa da desigualdade da cidade, a partir dos dados públicos disponíveis, tais quais os selecionados para os gráficos.

Para efeito de comparação, o mapa demonstra um índice que revela por subprefeituras quais são as que possuem os maiores e menores números em relação a diferentes indicadores, incluindo os de cultura. Enquanto no distrito da Sé na região central, por exemplo, possui o maior acervo de livros para adultos em bibliotecas públicas, 16,28 por habitante; o Capão Redondo, no extremo sul da cidade, possui índice 0,001.

Em relação às subprefeituras dos saraus da pesquisa, a partir dos indicadores que a Rede Nossa São Paulo seleciona na categoria Cultura, temos a seguinte tabela com os dados relativos ao ano de 2014:

TABELA 2 -INDICADORES CULTURAIS DAS SUBPREFEITURAS DOS SARAUS PESQUISADOS

Indicadores	Campo Limpo	Capela do Socorro	Pirituba	São Miguel
Acervo de livros infanto-juvenis	0,24	-	-	
Acervo de livros para adultos	0,07	-	-	-
Centros culturais, casas e espaços de cultura	0,02	0,02	0,02	0,08
Cinemas	0,36	0,07	0	0
Museus	0	0,02	0	0
Salas de show e concerto	0	0,5	0	0,28
Teatros	0,02	0,03	0	0

Acredita-se que a disponibilidade de equipamentos culturais próximos à residência das pessoas influencia fortemente na relação que elas mantêm com a

²⁰ A Rede Nossa São Paulo é uma organização da sociedade civil, apartidária e inter-religiosa, que tem por missão mobilizar diversos segmentos da sociedade para, em parceria com instituições públicas e privadas, construir e se comprometer com uma agenda e um conjunto de metas, articular e promover ações, visando a uma cidade de São Paulo justa e sustentável. Fonte: http://www.nossasaopaulo.org.br/institucional/visao_missao. Acesso em 21 de julho de 2016.

arte produzida e representada nesses espaços e é por isso que se faz importante verificar de que forma esses equipamentos estão distribuídos na cidade.

O fato de não haver infraestrutura para a prática e consumo artístico nos bairros periféricos denota uma ausência de políticas para a inclusão e acesso dessa população, o que também, conforme já apontamos na discussão desse capítulo, se torna uma estratégia simbólica no campo das lutas de classe para manter a segregação das classes populares em práticas que compõem a distinção social.

Em “*O amor pela arte*” (2007), Bourdieu e Alain Darbel apresentam um estudo realizado sobre a frequência de diferentes classes sociais a museus na Europa, evidenciando como a relação que as pessoas estabelecem com a cultura varia de acordo com o repertório, a educação e os hábitos que elas possuem e que, mesmo que o acesso seja gratuito, as pessoas mais pobres se sentem intimidadas em frequentar esses espaços.

Dessa forma, as classes se diferenciam não somente por suas condições materiais, a partir de índices como renda, escolaridade, profissão, mas também pelas práticas, costumes, pela cultura, que define e é definida pelas condições objetivas nas quais as classes se constituem.

Estas condições subjetivas, que identificam as diferentes classes e que são identificadas nos comportamentos e escolhas dos indivíduos, são constituídas a partir do que Bourdieu conceitua como *habitus*, elemento estruturante e também estruturado das práticas sociais, determinado pelas condições objetivas nas quais é formado.

Os esquemas do *habitus*, formas de classificação originárias, devem sua eficácia própria ao fato de funcionarem aquém da consciência e do discurso, portanto, fora das tomadas do exame e do controle voluntário: orientando praticamente as práticas, eles dissimulam o que seria designado, erroneamente, como valores nos gestos mais automáticos ou nas técnicas do corpo, na aparência, mais insignificantes, por exemplo, habilidades manuais ou maneiras de andar, sentar-se, assoar-se e posicionar a boca para comer ou falar; além disso, envolvem os princípios mais fundamentais da construção e avaliação do mundo social, ou seja, aqueles que exprimem mais diretamente a divisão do trabalho (entre as classes, as faixas etárias e os sexos) ou a divisão do trabalho de dominação (...) (BOURDIEU: 2008, 434).

Assim, constituem o *habitus* as condições subjetivas que caracterizam as classes, a partir das quais os sujeitos formam as disposições para atuarem na sociedade, desde em suas ações mais simples e cotidianas, suas preferências e gostos (sobretudo o cultural), e também nas definições de suas trajetórias, baseadas

em um campo de possíveis, vislumbrado a partir destas mesmas condições subjetivas em relação às condições objetivas reais.

Isto quer dizer que as pessoas fazem escolhas dentro das perspectivas que visualizam em seus horizontes de possíveis, que é fortemente determinado pela posição que ocupam no interior de um dado espaço social ao qual fazem parte, os acessos ao capital econômico e cultural, o volume de capital global que é possível acumular, interiorizados por meio do *habitus*, que, por fim, mobiliza tais escolhas.

Diante destes conceitos, podemos pensar que os escritores e poetas que participam dos saraus que acontecem nos bairros de periferia de São Paulo se mobilizam a partir de condições objetivas e subjetivas específicas, em um campo de possíveis predeterminado; um campo literário - o que é relevante considerar - que se diferencia do campo literário aceito tradicional e historicamente como legítimo no Brasil.

Bourdieu apontava para a influência das condições materiais no *habitus* de classe e conseqüentemente nos resultados das manifestações artísticas produzidas em um determinado contexto social. Para ele, o ser social reproduz, ainda que inconscientemente, a estrutura social à qual pertence, os hábitos de classe aos quais é submetido, e o que ele vir a produzir também reproduzirá esse contexto social.

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Ainda que considerados em uma posição de dominação em relação ao campo artístico e literário tradicional, os escritores dos saraus dos bairros periféricos de São Paulo ao investirem em suas carreiras e se proporem a produzir literatura, contrariando expectativas sociais e adversidades, estão participando de uma luta simbólica sobre a quem é destinada a legitimidade da produção literária.

Esta pesquisa busca analisar quais são os elementos que possibilitam que essa mudança de perspectiva aconteça, considerando, inclusive, a hipótese que a alteração em variáveis como a renda e a educação, fortemente influenciadores da segregação dos bairros periféricos, podem ter vindo a colaborar para esse fenômeno. Esta reflexão será explorada no terceiro capítulo.

4.2 “*Meteram poesia, na bagunça do dia-a-dia*”²¹: A realização e as características dos saraus

4.2.1. Sarau do Binho - Campo Limpo

O Sarau do Binho existe desde 2004, por iniciativa do poeta Robson Padial, o Binho, morador do bairro Campo Limpo desde que nasceu. O sarau inicialmente acontecia em um bar, estabelecimento comercial do próprio Binho, fruto de outras iniciativas relacionadas à literatura que Binho já desenvolvia, como a “Noite da Vela”, evento que acontecia desde 1996, onde apresentações de música e poesia aconteciam até que a vela se apagasse, e a “Postesia”, ação em que ele junto com amigos colava cartazes com poesias nos postes do bairro.

O Campo Limpo é um distrito da subprefeitura do Campo Limpo, localizado na zona sudoeste da cidade de São Paulo, que possui 211.361 mil habitantes, segundo dados de 2010 da Prefeitura de São Paulo²². O índice mais recorrente de renda média dos moradores de toda região administrativa é de entre 2 e 5 salários mínimos.

O índice de moradores sem instrução ou com ensino fundamental incompleto é o mais alto, 45,3% da população. Cerca de 23% possuem Ensino Médio Completo, e apenas 11,1% o Ensino Superior Completo²³.

Junto com a Cooperifa (já apresentada no primeiro capítulo), o Sarau do Binho foi um dos primeiros a surgir em São Paulo, sendo o poeta considerado um dos percussores do movimento. Em 2012, o bar foi interditado pela prefeitura devido a ausência de Alvará de Funcionamento, no entanto o Sarau se tornou uma instituição reconhecida e legitimada por integrantes do movimento cultural e até mesmo uma campanha em apoio à regularização foi realizada na época.

O Bar não retomou suas atividades, mas Binho passou a se dedicar exclusivamente às realizações do Sarau, que, atualmente, acontece regularmente

²¹ PARALAMAS DO SUCESSO. *Assaltaram a gramática*. Álbum O Passo do Lui, 1984.

²² Os outros distritos da subprefeitura do Campo Limpo – Capão Redondo e Vila Andrade, possuem 268.729 e 127.015 mil habitantes, respectivamente.

²³ Para efeitos de comparação com outras regiões da cidade, é possível utilizar a subprefeitura de Pinheiros como referência onde o índice de analfabetismo é 0,4; 54,4% da população possui o Ensino Superior completo, e 81% da população possui renda superior a 5 salários mínimos.

duas vezes por mês, sendo uma edição na primeira segunda-feira de cada mês à noite, no Espaço Clariô de Teatro, localizado em Taboão da Serra, município vizinho ao distrito de Campo Limpo, e a outra edição, no terceiro domingo do mês, à tarde, na Praça do Campo Limpo, espaço público do bairro.

O Sarau se mantém financeiramente de maneiras diversas, desde cachês para eventos específicos, como apresentações em sedes do Sesc, e também em inscrição em editais, como o ProAC²⁴, com o qual já foram contemplados. O Sarau é organizado, principalmente pela esposa de Binho, Suzi Soares, mas o coletivo é formado por diversos poetas, músicos, atores, dentre outros artistas, a maioria moradores do Campo Limpo, que colaboram e intervêm nas apresentações.

Para além da literatura, Binho é um agitador cultural e militante de uma ideologia que defende uma vida alternativa ao sistema capitalista, baseada principalmente em práticas naturais de cuidado com a saúde e alimentação. Além disso, sempre se manifesta a favor de minorias, com destaque para a valorização das causas indígenas e da América Latina.

Essas características de sua personalidade e interesses se reproduzem nas realizações do sarau, que sempre tem espaço para a discussão dessas temáticas de as apresentações artísticas são fortemente relacionadas com culturas tradicionais e populares, indígenas e afro-brasileiras.

²⁴ O Programa de Ação Cultural – ProAC é um sistema de financiamento da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo que, conforme indica descrição oficial, “promove a ampliação e a diversificação da produção artística, cria novos espaços, preserva o patrimônio histórico e aumenta as formas de circulação de bens culturais em todo o Estado”(Fonte: <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC>).

FIGURA 4 - FOTOS SARAU DO BINHO NO ESPAÇO CLARIÔ DE TEATRO (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)

4.2.2. Sarau Elo da Corrente – Pirituba

O Sarau Elo da Corrente é realizado desde 2008, inicialmente todas as quintas-feiras, e atualmente na primeira quinta-feira de cada mês, à noite, no 'Bar do Santista', localizado em Pirituba.

O bairro de Pirituba, localizado na região noroeste da cidade de São Paulo, integra a área administrativa da subprefeitura de Pirituba e possui 167.931 mil habitantes²⁵. O percentual mais alto de renda dos moradores concentra-se na faixa entre 2 e 5 salários mínimos.

Cerca de 38% dos moradores não tem instrução escolar ou possuem o Ensino Fundamental incompleto; 29,5% possuem Ensino Médio Completo e 11,4% o Ensino Superior completo.

A criação do sarau aconteceu por iniciativa dos poetas Michel Yakini e Raquel Almeida, cujas entrevistas compõem o terceiro capítulo dessa pesquisa. À época, os escritores eram casados e já participavam de outras atividades culturais no bairro e também frequentavam outros saraus da cidade, como a Cooperifa, que serviu de inspiração para o desenvolvimento de tantos outros em diferentes regiões, como o Elo da Corrente.

Claudio Santista, dono do bar onde acontece o Elo da Corrente, é tio do poeta Michel e um articulador no bairro, sendo uma das lideranças da rádio comunitária,

²⁵ Jaraguá com 184.818, e São Domingos, com 84.843, completam a população total da área da subprefeitura de Pirituba.

cuja sede também se localiza no mesmo endereço do bar. O estabelecimento é um espaço pequeno e frequentado por clientes da região de forma independente ao sarau, que procuram os alimentos e bebidas oferecidos. No entanto, nos dias em que acontece o evento, um público próprio do movimento literário agrega a participação.

Dentre as características fortemente identificadas ao Elo da Corrente está, como os próprios organizadores afirmam em entrevista, a valorização da cultura negra e nordestina, segundo eles porque são as origens da cultura da periferia.

No início do sarau, em todas as suas edições, é entoada uma canção ao som de um tambor, tal qual nos rituais das religiões e tradições de matrizes africanas. Além disso, em algumas ocasiões, alguns poetas que frequentam o bar contribuem com a cultura nordestina lendo poesias de cordel, por exemplo.

Michel e Raquel, junto com os demais organizadores do sarau, são engajados nas causas relacionadas ao movimento negro, sendo que os dois, também estão frequentemente envolvidos em atividades voltadas para a literatura negra, especificamente. Eles também criaram o selo editorial Elo da Corrente, que por meio de editais (Programa VAI, dentre outros) e também financiamento independente, contribuiu para o lançamento de livros de autores do movimento literário periférico, incluindo também suas publicações autorais.

FIGURA 5 - FIGURA 5 - FOTOS DO SARAU ELO DA CORRENTE (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)

4.2.3. Sarau Sobrenome Liberdade – Grajaú

O Sarau Sobrenome Liberdade existe desde 2012 e é realizado no Relicário Rock Bar, toda primeira quinta-feira do mês, a noite, no Grajaú, zona sul de São Paulo. Pertencente à subprefeitura Capela do Socorro, o Grajaú é um bairro do extremo sul da cidade, com 360.787 habitantes²⁶.

Em toda a região administrada pela subprefeitura, 40,3% da população ganha entre 2 e 5 salários mínimos. O nível de escolaridade mais recorrente é o classificado como sem instrução ou Ensino Fundamental Incompleto, com 46,2% do total dos moradores; 25,5% possuem Ensino Médio completo, e apenas 7% o Ensino Superior completo.

A criação sarau partiu da iniciativa de um poeta e morador do bairro, Ni Brisant, que frequentava a Cooperifa e outros saraus já existentes e mobilizou outros poetas e artistas da região para a realização de um sarau nesse espaço, dentre eles Michele Santos e Mano Ril, que concederam entrevista para a pesquisa.

O bar, ambientado com referências à cultura rock'n roll, atrai um público jovem, mas também variado, principalmente os que se interessam pelo gênero musical. No local, inclusive, acontecem apresentações e shows. Nos dias em que acontecem o sarau, o público que se interessa pela literatura periférica, e membros do movimento literário, passam a frequentar o espaço, além de adeptos da cultura hip hop, presente fortemente no bairro como um todo.

O Sarau acontece desde sempre de forma independente e sem fontes de financiamento específicas. Durante os encontros, acontecem frequentemente venda de livros, incluindo dos autores organizadores do sarau, além de venda de camisetas com o símbolo do Sarau Sobrenome Liberdade.

²⁶ Cidade Dutra, com 196.360 habitantes, e Socorro, com 37.783, completam a região administrativa da subprefeitura Capela do Socorro.

FIGURA 6 - FOTOS SARAU SOBRENOME LIBERDADE (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)

4.2.4. Sarau do M.A.P (Movimento Aliança pela Praça) – São Miguel Paulista

O Sarau do M.A.P surgiu em 2013 e é organizado por jovens do bairro que estavam engajados em diversas atividades culturais na região e a ideia era se apropriar do espaço público em suas ações, no caso a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, no centro do de São Miguel Paulista, local onde está localizada a Capela de São Miguel, patrimônio histórico construído pelos jesuítas em 1622.

São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo, possui 92.081 habitantes²⁷. A renda média da maioria da população é de até 2 salários mínimos (42%). Em relação à escolaridade, 46% se declaram sem instrução ou com Ensino Fundamental incompleto; 26,7% possuem o Ensino Médio completo, e apenas 5,4% o Ensino Superior completo.

A praça, popularmente conhecida como 'Praça do Forró', que atraia comerciantes, ambulantes e moradores de rua, passou recentemente a ser também o local onde os jovens se reúnem para o sarau e outras atividades de lazer. O Sarau do M.A.P acontece no terceiro domingo de cada mês. Por ser ao ar livre e durante a tarde, atrai um público mais jovem, muitos adolescentes, a maioria, moradores do bairro.

É comum o sarau ter início com um debate ou roda de conversa sobre algum tema, alguns relacionados às vivências dos jovens, mas também assuntos políticos, desde a legalização da maconha ao machismo. Durante a conversa, os participantes fazem relatos e também apresentam opiniões. Após a discussão, iniciam-se as apresentações poéticas e musicais.

A praça também é frequentemente ambientada com fotografias e poesias impressas, amarradas em varais que são pendurados nas árvores e os artistas e fotógrafos são convidados a expor seus trabalhos no local. É comum também a venda de livros e de roupas customizadas.

²⁷ Jardim Helena, com 135.043 habitantes, e Vila Jacuí, com 142.372, completam a região da subprefeitura de São Miguel.

FIGURA 7 - FOTOS SARAUS DO MAP (FOTOS: LÍVIA LIMA DA SILVA)

Dentre inúmeras particularidades, os saraus aqui apresentados se assemelham entre si, antes de tudo, por serem eventos no qual a literatura é a manifestação artística privilegiada, sobretudo a poesia recitada. Isso se dá em uma espécie de ritual de declamação, sempre organizado a partir de inscrições prévias dos poetas e interessados em se apresentar em geral ao longo do evento. As poesias são intercaladas com manifestações musicais, teatrais etc.

Este modelo foi o adotado desde o início na Cooperifa e os saraus que surgiram inspirados nele seguem essa tendência. Isso só reforça o quanto o movimento literário é um fenômeno organizado e sistematizado a partir de suas próprias referências, e que não se trata de ações isoladas, mesmo que aconteçam em regiões opostas da cidade, o que revela que a identidade com o movimento periférico está para além de seus próprios territórios, o que constitui um circuito cultural específico, que permeia essas regiões.

5. CAPÍTULO 3 – Os poetas dos saraus: mestres na periferia da literatura²⁸

*Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
Trezentos e sessenta e cinco dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer que andar com as próprias pernas não é difícil²⁹*

A escolha dos saraus em regiões distintas de São Paulo nesta pesquisa, não se deu ao acaso. Ao contrário, partimos de um estudo preliminar sobre o espaço social de São Paulo e da localização dos saraus no conjunto da cidade. Buscamos assim, de um lado, objetivar a localização do sarau de acordo com as características sociodemográficas da subprefeitura em que estão inseridos. De outro lado, nos interessava interrogar se as características dos saraus e de seus produtores de uma determinada região da cidade poderiam ser observadas em outras regiões ou ao contrário, apontavam para uma situação muito particular de determinado sarau.

A análise das características dos bairros, com base nos indicadores disponíveis no Infocidade e no Rede Nossa São Paulo³⁰, nos permitiu examinar de maneira mais objetiva as configurações urbanas do conjunto da cidade e tentar identificar a distribuição dos saraus no microcosmo de São Paulo.

Esta análise preliminar dos indicadores sociais e educacionais das subprefeituras permite dimensionar tanto a magnitude das desigualdades sociais que caracterizam a cidade, como também as diferenças existentes entre territórios geralmente nomeados de maneira genérica como “bairros de periferia”. Como veremos, a necessidade de se referir a estas regiões da cidade no plural não é

²⁸ Referência à obra *Machado de Assis: Um mestre na periferia do capitalismo*, de Roberto Schwarz.

²⁹ RACIONAIS MCs. *Periferia é periferia* (Em qualquer lugar). Álbum: *Sobrevivendo no inferno*, 1997.

³⁰ Infocidade é um portal da Prefeitura de São Paulo, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU), que disponibiliza ao público uma compilação de indicadores e informações que compõem o acervo de seu banco de dados. As fontes são as próprias secretarias da prefeitura, mas também instituições como o IBGE, Fundação Seade e os Ministérios do Trabalho e Emprego, da Educação e da Saúde. A Rede Nossa São Paulo já foi indicada no capítulo 2.

meramente retórica. Embora partilhem de muitos problemas em comum, as periferias da zona sul e da zona leste se distinguem tanto pelo nível educacional da população, como pela renda domiciliar que predomina nestas regiões. Ao observar o quadro da Figura 2 da página 55 no capítulo precedente, podemos observar, com maior nitidez, as distâncias entre as subprefeituras de Pirituba, que ocupa uma posição mais intermediária no eixo 1, das subprefeituras de Campo Limpo, São Miguel e Capela do Socorro, que mesmo distantes do ponto de vista geográfico, possuem uma posição social relativamente próxima na estrutura social da cidade.

Uma das principais interrogações que conduziram o trabalho de campo dizia respeito às trajetórias sociais, educacionais e profissionais dos poetas e escritores à frente destes saraus. Partíamos de princípio de que seriam principalmente as características dos agentes, possíveis naturalmente no interior de um grupo social e familiar, que poderiam lançar luz sobre a emergência dos saraus. O estudo do território, das características das subprefeituras, portanto, foi considerada uma etapa necessária, mas não suficiente, para explicar as razões para o surgimento dos saraus. Dito de outro modo, o território em si não poderia explicar estas práticas. Entretanto, as trajetórias sociais dos poetas e escritores, possíveis nestes espaços da cidade, nos pareceram cruciais para a compreensão da emergência dos saraus.

Este capítulo apresenta os resultados do trabalho de campo realizado durante a pesquisa nos quatros saraus selecionados como objeto, incluindo as observações diretas que fizemos um estudo preliminar do perfil do público destes eventos a partir de dados produzidos com um pequeno questionário e as entrevistas realizadas com 2 organizadores de cada um dos quatro saraus, totalizando 8 entrevistas, gravadas e transcritas pela pesquisadora.

3.1 – “*Plateia*”: uma análise do perfil dos frequentadores dos saraus

A principal interrogação relativa às características sociais do público dizia respeito à possível semelhança entre o público e os produtores dos saraus. Nós nos interrogávamos se os frequentadores dos saraus eram também moradores dos bairros onde ocorrem os saraus, se possuíam a mesma idade, o mesmo nível social e educacional. De fato, ao iniciar a pesquisa não sabíamos ao certo se havia essa

correspondência direta entre as características sociais dos produtores dos saraus e de seu público. Nos perguntávamos, ainda, se poderíamos considerar os saraus como uma espécie de campo literário autônomo, formados pelos escritores e por seus pares, voltados para um público específico (BOURDIEU, 2011)³¹.

Para responder a estas indagações, foram aplicados nos quatro saraus, questionários, entre os meses de agosto e novembro de 2015. Em cada edição dos saraus, buscou-se garantir uma amostra que representasse entre 10 a 20% do público total estimado. Dessa maneira, em cada um dos saraus conseguimos que um número entre 10 e 20 pessoas aceitassem responder ao questionário, considerando-se que o público médio era de 100 pessoas por evento³². Ao todo, foram recolhidos 58 questionários do total de 80 questionários entregues entregue.

Convém reforçar que a realização desses questionários foi uma estratégia utilizada para complementar o estudo, não competindo a este, no entanto, o objetivo de constituir uma amostra estatisticamente representativa do público dos saraus. Por ocasião do exame de qualificação discutimos se seria possível incluir em um estudo de curta duração, como um mestrado, uma análise minuciosa do público e dos produtores dos saraus. A recomendação da banca foi no sentido de nos concentrarmos no objetivo principal do trabalho que era compreender a trajetória dos produtores dos saraus. Ainda, assim, interessava-nos compreender à quem os poetas e escritores das periferias se dirigiam em seus saraus. Afinal, identificar certa similaridade entre as características sociais do público e dos organizadores dos saraus nos pareceu um aspecto relevante em um estudo que procura contribuir para elucidar os fatores sociais que explicam a emergência dos saraus literários nas periferias de São Paulo.

Assim, este procedimento de pesquisa (os questionários) visaram a contribuir para testar a hipótese de que haveria certo grau de semelhança entre as características sociais dos frequentadores dos saraus e de seus produtores.

³¹ Consideramos ao longo da pesquisa que os poetas dos saraus pertencem ao campo literário legitimado, porém em uma posição dominada, tanto material quanto simbolicamente.

³² Com exceção do Sarau Elo da Corrente, que possui um espaço menor e o público estava reduzido no dia de aplicação do questionário, sendo cerca de 30 pessoas, das quais 10 responderam.

Adicionalmente, considerando-se a relativa heterogeneidade dos territórios dos saraus, nos perguntávamos em que medida o público poderia trazer elementos para pensarmos nas possíveis variações entre os saraus de uma região à outra da cidade.

O questionário³³ solicitou informações sobre a idade, a raça, a formação escolar, a profissão, a escolaridade e a profissão dos pais, local de nascimento do participante e de seus pais, o bairro onde mora. Para além de informações básicas para a caracterização do público inserimos questões que nos permitissem controlar a frequência aos saraus. Há quanto tempo participavam do sarau, com que frequência, como conheceu o sarau, se exerce ou exerceu alguma atividade no sarau (organização, apresentação), a frequência a outros saraus e sobre alguns hábitos: se escreve poesia, se declama poesia no sarau, se tem livro publicado e se teria participação em algum movimento político. Introduzimos, ainda, uma questão sobre o porquê da participação no sarau e sobre as demais atividades culturais e de lazer frequentadas no bairro³⁴. Sem ter a ambição de esgotar uma caracterização do público dos saraus, o que exigiria uma pesquisa muito mais ampla sobre os frequentadores, alguns resultados obtidos contribuem para compreender melhor a relação entre o público e os produtores destas atividades culturais.

Com base nas respostas obtidas, algumas informações se mostraram mais relevantes para a tentativa de estabelecer as características que compõem os objetivos de análise da pesquisa. Verificou-se que 66% têm entre 15 a 29 anos; 73% nasceram em São Paulo e 26% têm pai e mãe nordestinos; 33% se declaram negros, 58% negros ou pardos. Em relação à escolaridade, 57% têm ensino superior completo ou incompleto; 77% possuem Ensino Médio completo, considerando os que chegaram ao Ensino Superior.

É possível realizar uma leitura sobre estes dados levantados para observar indícios de um possível perfil dos moradores dos bairros periféricos que frequentam

³³ O questionário está disponível no Apêndice A.

³⁴ A pergunta sobre atividades de cultura e lazer apresentou ambiguidade nas respostas. Consideramos que não foi possível apreender que os entrevistados tenham preenchido a partir das atividades que realizam especificamente no bairro do sarau ou onde moram (que não são os mesmos, necessariamente), por isso optamos por considerar como atividades atrativas de modo geral, que compõem o hábito cultural desses participantes.

os saraus, mesmo considerando a hipótese de que eles constituem uma espécie de fração de classe.

Trata-se de um público em sua maioria jovem, que nasceu em São Paulo, mas que descende das primeiras gerações que habitaram as regiões periféricas da cidade, sendo uma boa parte composta por migrantes de estados do nordeste do país. Nota-se, ainda, que uma parcela significativa deles (27%) pode ser considerada parte de uma terceira geração, constituída pelos netos desses migrantes.

Os dados sobre cor e raça³⁵ indicam que mais da metade da mostra se declara pardo ou negro de maneira coerente com as características mais gerais da população dos bairros periféricos de São Paulo, que possuem os percentuais mais altos daqueles que se declaram pardo ou negro. E como sugerem os dados sobre a renda da população produzidos pelo Censo Populacional do IBGE³⁶, que apontam que 76% da população mais pobre do Brasil se declara negra.

Ademais, é relevante apontar para uma possível tendência de que essa autodeclaração possa revelar uma apropriação e afirmação de uma identidade racial e, até mesmo, uma militância em relação ao enfrentamento das condições em que negros são ainda submetidos socialmente. Temática que, aliás, é absolutamente recorrente nas manifestações artísticas dos saraus e muito presente nos discursos dos escritores, obtidos com as entrevistas realizadas para esta pesquisa.

Como observa Stuart Hall (2003), essa posição de assumir uma identidade negra caracteriza-se como uma estratégia de “sobrevivência” das tradições culturais da diáspora africana que são resignificadas no contexto pós-colonial dos países latino americanos, como uma espécie de oposição à dominação à qual essas culturas foram historicamente submetidas. Podemos considerar que a afirmação e

³⁵ No questionário utilizamos o termo “cor/raça” deixando o espaço em branco para o preenchimento conforme interpretação livre do entrevistado. É necessário pontuar que a classificação do IBGE considera como cor da pele “preta” e “parda”, e como raça “negra”, que pode agregar pretos e pardos.

³⁶ Dados do IBGE 2014. Fonte: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>. Acesso em 28/7/2016

reconhecimento da cor e raça negra dos frequentadores dos saraus estão relacionados a um contexto socio-histórico que permitiu o desenvolvimento dessas relações de identificação. Tal como Hall define a identidade, trata-se de um processo de tornar a ser, não de ser em si mesmo.

“As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 108/109).

Em relação ao nível educacional dos participantes do sarau, os dados vão ao encontro de outras pesquisas que apontam para o crescimento da escolaridade nas regiões periféricas de São Paulo, entre os anos 80 até os dias atuais, no qual nota-se um aumento do índice de população com nível superior. Em *São Paulo: transformações na ordem urbana*, Lúcia Bógus e Suzana Pasternak (2015) descrevem este processo, relacionando-o aos postos de trabalho ocupados pelos moradores da cidade, sendo que, em todas as categorias houve um aumento da escolaridade, com destaque para o nível superior.

“Destaca-se o aumento sistemático dos profissionais de nível superior nas três décadas: aumento de 1,8 pontos percentuais na década de 80, 2,3 pontos percentuais na década de 90 e de 4,8 pontos nos anos 2000. Melhor escolaridade, aumento do acesso à educação superior, através de financiamento estatal (PROUNI e FIES), além do incremento de instituições de educação superior privadas explicam este aumento, que não parece se refletir em melhoria de emprego e renda” (BÓGUS, PASTERNAK, 2015, p. 123/124).

Considerando-se a idade dos frequentadores dos saraus estudados, é possível supor que eles são parte desta geração residente nas periferias da cidade que se beneficiou dessa expansão escolar. Os dados disponíveis no *Infocidade* nos permitem supor que eles possuem um nível educacional superior à média da população destas subprefeituras. Embora o número relativamente pequeno de questionários obtidos com o público, se comparamos com o nível educacional geral da população das subprefeituras, nota-se que trata-se de um público que possui uma escolaridade superior à média dessas regiões da cidade.

Tabela 3 - MÉDIA DA POPULAÇÃO COM ENSINO MÉDIO E SUPERIOR NAS SUBPREFEITURAS E DO PÚBLICO DOS SARAUS³⁷

	Pirituba	Campo Limpo	São Miguel	Capela do Socorro	Média da escolaridade dos frequentadores dos saraus
População com ensino médio	29,5	23,8	26,7	25,5	77%
População com ensino superior	11,4	11,1	5,4	7,1	57%

Ainda que se considere que a idade do público dos saraus possa contribuir para a distância entre o nível educacional da população geral das subprefeituras e dos jovens frequentadores dos saraus, pode-se supor também que se trata de uma fração dos grupos populares, residentes nestas regiões da cidade, mais escolarizadas. À semelhança do que descreve Perosa et. AL. (2015) a respeito das famílias que procuram as escolas privadas em Ermelino Matarazzo, podemos supor que se trata de uma fração da população que está na fronteira dos grupos populares, constituído principalmente por operários e trabalhadores manuais e dos grupos médios, compostos por trabalhadores dos setores de educação e saúde, empregados de nível técnico dos serviços e do comércio.

Quando observamos as ocupações profissionais apontadas no questionário, verifica-se que um número considerável dos frequentadores dos saraus são professores e trabalhadores da área educacional 27% e 24% desenvolvem como fonte de renda atividades especificamente na área cultural, seja como artesanato, oficinas, além de audiovisual e fotografia, dentre outras.

Esse aumento na escolaridade progressivo, que vem favorecendo as novas gerações, também se revela nos dados coletados ao comparar a escolaridade dos entrevistados com a escolaridade de seus pais. Enquanto o índice de nível superior

³⁷ Fonte: População de 10 anos ou mais, por nível de instrução, 2010. Infocidade: http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/8_populacao_de_10_anos_ou_mais_de_idade_po_2010_10521.html

dos frequentadores dos saraus é de 57%, o de suas mães é de 24% e de seus pais, 15%.

Esta característica reforça nossa hipótese de que a realização dos saraus, dentre tantos outros movimentos culturais que possam ter emergido nos bairros periféricos nos últimos anos, se relacionam com uma mudança de *habitus* das frações de classe que compõem a população destas regiões, influenciada por uma ampliação do nível educacional e pela aquisição de capital cultural destes moradores que dentre outros processos em suas trajetórias, passam a ter acesso ao ensino médio e à universidade.

O aumento do número de moradores das periferias com nível superior, como Bógus e Paternak constataram se associaria, então, a políticas públicas desenvolvidas, intensificadas e criadas durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) na presidência do Brasil (2002-2014), voltadas para a formação de estudantes no sistema privado, tal qual o Programa Universidade Para Todos (Prouni) e também o Financiamento Estudantil – FIES, além da ampliação do ensino superior público, sobretudo com o aumento de universidades federais no país.

No entanto, é necessário compreender que a expansão do nível educacional da população vem ocorrendo desde os anos 70 no Brasil. Nelson do Valle e Silva e Carlos Hasenbalg, em *Origens e Destinos – Desigualdades sociais ao longo da vida* (2004), mostram que o nível educacional da população subiu de maneira constante em todos os extratos da população, nas três últimas décadas do século XX, entre 1970 e 2000. Por isso, podemos considerar que as recentes políticas intensificaram e ampliaram essa tendência com estes programas.

A correlação entre a expansão do acesso ao ensino superior e o movimento cultural que emerge nas periferias não pode ser considerada como determinante exclusiva do fenômeno, mas sim como um dos fatores que interveio para a configuração deste fenômeno. Trata-se de uma possibilidade de interpretação para uma nova caracterização dos grupos populares sociais da cidade de São Paulo, que passariam a adotar novas práticas, estruturadas em um *habitus* com o repertório cultural também ampliado.

Esse *habitus* adquirido pelos moradores das periferias pode ser caracterizado por mais informações extraídas das respostas do questionário aplicado, sobretudo na questão referente às atividades culturais que atraem o interesse dos entrevistados. Apesar de as respostas terem sido muito diversas, ao selecionarem as opções indicadas no questionário, a maioria dos entrevistados se declarou interessada também em apresentações de teatro, shows ao ar livre, cinema, dança e artes plásticas, atividades sempre mais associadas a literatura. O interesse por esportes e bailes funk, por exemplo, muito comuns nas periferias da cidade, foi menos recorrente neste público.

Em relação à motivação para frequentar os saraus, as respostas foram muito subjetivas e variadas, entretanto, por meio de uma representação visual³⁸ foi possível apontar para algumas palavras-chave:

Figura 8- PALAVRAS CHAVE DE MOTIVOS DE FREQUÊNCIA NOS SARAUS

As palavras mais frequentes são indícios de que os saraus são frequentados por pessoas interessadas em encontrar-se umas com as outras e participar de eventos de arte e cultura, principalmente, manifestações poéticas. De certa forma, pode-se interpretar a partir destes dados que os saraus funcionam como uma espécie de refúgio, onde se busca encontrar pessoas semelhantes entre si, com os mesmos gostos e o mesmo nível educacional. Assim, pode-se compreender a realização dos saraus não, apenas, como uma reunião de escritores e poetas, que constituiriam ou não um campo literário, mas também como um evento de entretenimento e lazer que falam à imaginação de moradores das periferias que tiveram seus gostos e práticas culturais modificadas pelo acesso à educação, ou ainda, pela participação em movimentos culturais e políticos das periferias, como o Rap ou o Hip hop. Ainda, explorando os dados obtidos com estes questionários do público, os resultados

³⁸ A imagem foi desenvolvida pelo sistema Word Cloud, disponível em:
<http://vispublica.gov.br/vispublica/publico/crieSeuGrafico/google/wordCloud.jsp>

apontam que 60% afirmam que escrevem poesia e 43% declara se apresentar nos saraus, declamando textos, sejam próprios ou não.

Com base nestes dados, podemos interpretar que a realização dos saraus, se apoia na existência de um público mais escolarizado e predisposto à estas manifestações culturais e que adicionalmente vêm buscando uma forma de inserção profissional na literatura. Os elementos trazidos permitem notar que os saraus atraem um público muito específico destas regiões da cidade, formado por pessoas jovens, mais escolarizadas e entre os quais, muitos que se interessa por literatura, não apenas como um hábito ou consumo cultural, mas também como produtores. Os materiais literários desenvolvidos e distribuídos nos saraus são outro indício dessa decisão de levar a literatura à sério que encontramos tanto no público como entre os produtores dos saraus das periferias de São Paulo.

À semelhança do que descreve Bourdieu para o contexto francês, o campo literário é formado por pessoas que pertencem à mesma fração de classe e as ações realizadas no campo são mobilizadas a partir desta relação estabelecida entre pares.

Na segunda parte deste capítulo, nós apresentaremos a matéria principal deste estudo, qual seja, a análise sobre as trajetórias sociais e escolares dos produtores dos quatro saraus pesquisados. Em cada sarau nós buscamos entrevistar os responsáveis por sua realização, tentando garantir sempre, um informante do sexo masculino e outro do sexo feminino, com os quais foram realizadas entrevistas.

3.2. “No palco”: os poetas e escritores dos saraus

Durante a pesquisa de campo foram realizadas oito entrevistas³⁹ com escritores/poetas atuantes nos saraus selecionados e que se destacam dentro da realização destes. Ao escolher entrevistar um homem e uma mulher, acreditamos que seria possível construir, assim, uma representação mais diversa da experiência de produção dos saraus. Dada a experiência pregressa da pesquisadora com o grupo de escritoras da Rebra (Rede de Escritoras Brasileiras), partíamos de princípio

³⁹ O roteiro das entrevistas está disponível no apêndice B.

que a experiência nos saraus poderia ser marcada também pela condição de gênero.

Para que um sarau aconteça, é necessário que diversas pessoas se envolvam com a organização e a administração do sarau, seja do evento em si (comunicação, infraestrutura, financiamentos), seja para garantir as condições necessárias para sua manutenção ao longo do tempo. Alguns escritores entrevistados fazem parte dessa equipe que organiza os saraus, mas este não foi o único critério para a seleção.

Um dos principais interesses da pesquisa em relação aos entrevistados era compreender a relação que estabeleciam com sua escrita, analisando seu contexto socioeconômico e de sua família e as condições nas quais realizam a atividade literária, como se envolvem no movimento dos saraus, além de buscar identificar suas perspectivas e aspirações no campo literário.

Convém ressaltar, também, que o foco da pesquisa se debruçou ao perfil socioeconômico dos escritores entrevistados e que, por isso, o conteúdo de suas obras não foi considerado na análise. Essas características, no entanto, serão apresentadas em anexo.

As entrevistas aconteceram entre agosto de 2015 e março de 2016; sendo que com cada poeta/escritor foi realizada em um local de sua preferência, sendo que a maioria foram em saraus, seja aos quais eles estão associados na análise dessa pesquisa, ou em outros, e também em eventos culturais semelhantes, além de encontros em espaços públicos. Cada entrevista teve em média 1 hora de duração e todas foram conduzidas a partir de um roteiro previamente definido (Apêndice B), gravadas e transcritas pela pesquisadora.

Com as transcrições em mãos, organizamos alguns quadros que buscam sintetizar as principais características dos entrevistados e de suas trajetórias. A utilidade dos quadros é que eles nos incitam a pensar os poetas e escritores, uns em relação aos outros, comparando de maneira mais sistemática suas principais propriedades sociais. Para além de suas idiossincrasias, buscamos observar as recorrências ou as exceções em suas trajetórias, preparando para a discussão do material reunido. Para organizar o material produzido com as entrevistas elaboramos

alguns quadros que resumem as informações coletadas sobre os escritores. Com a finalidade de expor o material das entrevistas de maneira clara, apresentamos três quadros sintéticos: um sobre a origem social dos poetas e escritores, um segundo sobre a escolaridade e por último, um quadro que traz uma síntese da trajetória profissional dos entrevistados.

TABELA 4 - ORIGEM SOCIAL DOS POETAS DOS SARAUS

Escritor	Sarau	Idade	Local de Nascimento	Nascimento pai	Nascimento mãe	Bairro onde mora	Profissão pai	Profissão mãe
Michel Yakini	Elo da Corrente	35	São Paulo	São Paulo	São Paulo	Pirituba	Coletor de material reciclável	aposentada (cozinheira de escola)
Raquel Almeida	Elo da Corrente	28	São Paulo	Bahia	Bahia	Pirituba	Caminhoneiro	cozinheira em escola
Robson de Oliveira Padial	Sarau do Binho	51	São Paulo (Taboão da Serra)	São Paulo (São José do Rio Preto)	São Paulo (Tambaú)	Campo Limpo	Comerciante	Auxiliar de enfermagem
Tula Pilar Ferreira	Sarau do Binho	45	Minas Gerais	desconhecido (Minas Gerais)	Minas gerais	Campo Limpo	Desconhecido	doméstica
Maurício Francisco dos Santos (Mano Ril)	Sobrenome Liberdade	30	São Paulo	Bahia	Bahia	Embu Guaçu (região metropolitana)	Pedreiro	doméstica
Michele Santos	Sobrenome Liberdade	35	São Paulo	São Paulo	Alagoas	Grajaú	Metalúrgico, pequeno comerciante	doméstica, dona de casa
Rafael Carnevalli	Sarau do MAP	26	São Paulo	Itália	Bahia	São Miguel Paulista	Pequeno comerciante	pequeno comerciante
Mariana Felix	Sarau do MAP	30	São Paulo	São Paulo (Campinas)	Paraíba	Ermelino Matarazzo	Eletricista (padrastrô)	pedagoga

A partir deste primeiro quadro podemos inferir algumas informações importantes no que diz respeito a quem são os membros do grupo social constituído por poetas e escritores dos saraus das periferias de São Paulo. Globalmente, o grupo pode ser descrito como filhos de operários manuais e pequenos comerciantes, de famílias nas quais pais e mães eram trabalhadores, parte deles migrantes do nordeste e de outras regiões do Brasil. Em relação à origem familiar, assim como o público, os

poetas também descendem, em sua maioria, de migrantes que vieram habitar os bairros periféricos, particularmente vindos da região nordeste do país.

(meus pais) Eles se casaram na Bahia e vieram juntos casados. Meu pai, minha mãe com a família deles toda. Foi um período em que meu avô faleceu, minha avó tinha uma fazenda, “uma roça que eles acham”, aí ele faleceu, aí o meu pai vendeu a fazenda e vieram para São Paulo tentar “sorte” aqui. Foi um período conturbado chegar em São Paulo vindo da Bahia, para se reestruturar. O lugar onde eu moro é uma ocupação. Ocuparam um terreno aí eu cresci ali (Raquel Almeida).

Vemos, pela Tabela 2 que os escritores e poetas entrevistados são filhos de trabalhadores manuais, que migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida, nascidos em São Paulo. Com exceção de Tula Pilar, a maioria deles nasceu e cresceu em São Paulo. Ainda que em condições adversas, em moradias precárias e ocupações que caracterizam as habitações nestas regiões da cidade, eles “cresceram ali”. Trata-se de um indicador que não é irrelevante para compreender como e porque eles desenvolvem os saraus nestas regiões da cidade. “Crescer ali” significa, naturalmente, construir algum capital social no bairro, conhecer e ser conhecido no seu entorno o que pode, eventualmente, contribuir para o êxito da organização destes eventos. Pode-se deduzir, que em comparação aos filhos de trabalhadores manuais que vivem nas pequenas cidades e nas regiões rurais do país ou que migraram recentemente para a cidade, estes produtores possuem maior proximidade com o universo no qual atuam e poderiam ser considerados mais cosmopolitas do que possivelmente os jovens de mesma extração social recém-chegados à cidade.

Em princípio, podemos considerar que a faixa etária predominante é um importante indicador de que trata-se de um grupo profissional organizado, considerando-se que os poetas entrevistados possuem entre 26 e 35 anos, sendo que o Binho e a Pilar, possuem 45 e 51 anos, respectivamente. Ao contrário do que poderia levar a supor o senso comum, os saraus não são uma atividade meramente lúdica de jovens poetas das periferias. É mais do que isso. Pode-se considerar que estão em uma fase considerada “estável”, na qual a busca por autonomia financeira e profissional se impõe.

É necessário pontuar que a escolha dos membros do Sarau do Binho, ambos os mais velhos dentre os entrevistados, foi proposital para tentar alcançar um efeito de comparação com os mais jovens, considerando que o Sarau do Binho é realizado há mais tempo, sendo um dos precursores deste movimento cultural. As diferenças entre Binho e Pilar dos demais poetas também se revelam nas informações sobre a escolaridade, conforme é possível ver no quadro seguinte. Na realidade, esta comparação entre duas “gerações” de poetas e escritores das periferias traz à tona a importância do prolongamento da escolarização como fator de diferenciação.

TABELA 5 - ESCOLARIDADE DOS POETAS DOS SARAUS

Escritor	Escolaridade	Formação superior	Universidade	Escolaridade pai	Escolaridade mãe	Espaços de “educação não formal”
Michel Yakini	superior incompleto (interrompeu)	Ciências Sociais, Letras	UFPR, USP	fundamental incompleto	ensino médio completo (supletivo)	futebol em centro esportivo público, hip hop, rádio comunitária
Raquel Almeida	Superior incompleto (interrompeu)	Música	Uniesp	fundamental incompleto	fundamental incompleto	igreja evangélica, hip hop, rádio comunitária
Robson de Oliveira Padial	ensino médio completo	-	-	ensino médio completo	ensino superior completo	biodança, viagem para o exterior, homeopatia
Tula Pilar Ferreira	ensino médio completo (supletivo)	-	-	Desconhecido	não escolarizada	sarau, cultura africana
Maurício Francisco dos Santos (Mano Ril)	superior incompleto (interrompeu)	Engenharia	Uninove	não escolarizado	fundamental incompleto	hip hop
Michele Santos	superior completo	Letras	Uniban	ensino médio completo	fundamental incompleto	igreja evangélica, cultura rock
Rafael Carnevalli	superior incompleto (cursando)	Letras	Unicsul	fundamental completo	fundamental completo	amigos artistas
Mariana Felix	superior incompleto (interrompeu)	Letras	Unicsul	ensino médio completo	superior completo (pós-graduação)	teatro, futebol

Dessa forma, as trajetórias de Binho e Pilar se diferenciam, substancialmente, das demais. Ambos foram os únicos que não chegaram a ter contato com a escolarização superior. Os demais podem ser considerados como a geração que fez parte do processo de ampliação do ensino superior na cidade de São Paulo, conforme já abordado na pesquisa, mesmo que não tenham concluído a graduação. Em comparação com a escolaridade de seus pais, os poetas e escritores à frente dos saraus pesquisados, se beneficiaram de um contexto mais amplo de ampliação de oportunidades educacionais. Todos eles conseguiram completar a educação básica, o que estava longe de ser a regra para a geração precedente.

As trajetórias de Binho e Tula Pilar, são bastante diferentes, revelando que, as condições objetivas influenciaram diretamente suas trajetórias de formação. Como geração intermediária, entre os pais e os novos poetas, as trajetórias de Binho e Pilar materializam a experiência dos filhos de trabalhadores manuais e pequenos comerciantes, anteriores à expansão do ensino médio e do ensino superior.

Binho vivia com os pais que tinham uma formação e uma atividade profissional consolidada. Em um período no qual o acesso ao ensino médio era minoritário e os jovens desta extração social tendiam a acreditar ser impossível o ingresso no ensino superior, Binho se limitou a concluir o ensino médio. A trajetória de Pilar é ainda mais expressiva do destino escolar dos filhos de trabalhadores manuais que vieram tentar a vida na metrópole. Pilar veio de Minas Gerais com sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica para poder criar sozinha sete filhos. Como muitas meninas de sua geração e grupo social, Pilar trabalhou ela mesma como empregada doméstica desde muito cedo, reproduzindo o tipo de trabalho de sua mãe, o que também pode representar certa desigualdade de gênero em relação à trajetória do Binho.

“A gente morava em Belo Horizonte mesmo, inclusive, um bairro perto do centro da cidade (...). Falavam “O que essa mulher cheia de filho, essa mulher pobre quer morar aqui?”, era um bairro de classe média. Minha mãe foi parar lá por acaso. A casa era barata, era um casarão antigo, casinha bem antiga e minha mãe morou muito tempo ali e depois resolveu sair e ir com a gente para a periferia porque ela estava cansada de sofrer essas discriminações (...). Eu vim (para São Paulo) na aventura, eu era diarista,

era muito jovem, comecei a fazer faxina com 14 anos. Sempre fui criada na casa dos outros, sempre trabalhei de doméstica (Tula Pilar Ferreira).

Diferentemente, os pais de Binho exerciam atividades potencialmente melhor remuneradas, de maior prestígio e que exigiam em si mesmo maior capital cultural (Tabela 1). Em relação à origem social de Pilar, podemos considerar que Binho teve de partida melhores condições de escolarização e de aquisição de capital cultural. A biodança, suas viagens e até uma aproximação com a homeopatia sugerem uma forma de capital cultural muito distinta daquela possível de ser adquirida por Pilar. Talvez, estas condições comparativamente melhores, podem ajudar a compreender porque ele se torna um dos precursores do movimento dos saraus, uma pessoa que por sua experiência e vivência específica, incluindo as práticas do que aqui classificamos como “educação não formal”, conseguiu motivar e mobilizar outros moradores de seu bairro a realizar novas práticas culturais, tal como ele mesmo afirma em um de seus mais conhecidos poemas: *“Uma andorinha só não faz verão, mas pode acordar o bando todo”*.

- Seu pai foi marceneiro?

- Meu pai era doido, não era marceneiro (risos) (era) doido, gostava de cantar, ele montou um loteamento na época, a primeira farmácia do Campo Limpo foi dele, depois ele começou a lotear, era tipo mestre de obra, vendia casa, comprava e vendia pra fazer essas coisas, depois queria ser o “Zorro Brasileiro”, ele montou uma coisa bem bacana cinematográfica, começou até a fazer um filme com o Zé do Caixão na época, doidão, foi várias coisas na vida, meu pai foi um sonhador, bem bacana (Binho).

O pai do Binho, aparentemente, tinha mais capital cultural. Em relação à família da Pilar isso fica claro. Não apenas capital cultural em seu estado institucionalizado (diploma da mãe em técnico em enfermagem), mas também de familiaridade com a cultura socialmente legítima: cinema, música. Além de mais capital econômico: atuou como um pequeno empreiteiro: comprava, reformava, vendia. São situações bem distintas.

As formas de acesso ao ensino superior também revelam tendências mais amplas, verificadas para a população como um todo. Como demonstram estudos sobre o tema, as classes populares, oriundas da educação básica e média do sistema público, ingressam nas universidades privadas (Barreyro, 2009; Almeida &

Perosa, 2015)⁴⁰. Além disso, a evasão e o abandono são recorrentes. O único que chegou à universidade pública, o escritor Michel Yakini, revelou em entrevista que participou de cursinhos pré-vestibulares, se diferenciando dos demais que fizeram seus cursos superiores no sistema privado.

Alguns dos escritores entrevistados também revelaram em entrevista que conseguiram bolsas e outras formas de contribuição para a permanência estudantil, como Raquel Almeida e Rafael Carnevalli. A maioria, entretanto, ingressou por meio de pagamentos de mensalidade em universidades próximas às suas residências. Sobre a percepção que eles apresentam em relação ao acesso dos moradores das periferias à universidade, vale apontar para como, alguns deles, ainda não era um fenômeno comum.

“Depois da escola eu acabei indo trabalhar, porque não era uma época que tinha cursinho, não tinha nada, a gente entedia, quem era da periferia que era muito natural terminar a escola e ir pro mercado de trabalho. Eu fui trabalhar em escritório, até hoje em dia, não levantando bandeira política. Mas tenho muitos amigos que são de uma geração posterior a minha. Muita gente já fez, saiu da USP, já fez uma formação em universidade pública, então eu vejo que eles são de uma época que tiveram essa abertura para o ensino superior. Na minha época, em 98, era uma coisa assim: “ah, faculdade é a coisa de rico”. Não existia, não tinha nem questionamento, eu via como um sonho. Fui trabalhar em mercado formal, aquela vida robótica, aquela coisa mecanizada, acordar cedo, pegar o ônibus lotado, chegar tarde, fazer marmita, acordar cedo, e assim vai. Hoje em dia quando eu penso as coisas, eu penso muito nessa realidade que eu já vivi porque muitas pessoas ainda estão nessa. Quando eu vi que tinha uma possibilidade, eu fiquei com muita vontade de voltar a estudar, eu larguei na verdade o emprego que eu tinha no escritório e quis entrar em sociedade com meu pai na pastelaria. Eu trabalhei 5 anos com ele, nessa época foi a que eu estudei, me formei e tudo mais, porque eu tinha tempo pra fazer isso e tinha uma grana para pagar a faculdade. Mas eu já estava com 24 anos quando entrei na faculdade” (Michele Santos).

Como mostra o depoimento de Michele, esse ingresso no ensino superior, foi feito, via de regra, pelo acesso às faculdades privadas e à conciliação do estudo com o trabalho.

O abandono do ensino superior também se mostrou um aspecto importante para ser analisado. Ele foi recorrente nas trajetórias dos escritores. Pelas entrevistas, podemos compreender como fatores objetivos e “subjetivos” interferem na decisão

de interromper os estudos. Eles incluem desde dificuldades para conciliar trabalho e universidade até certa inadaptação ao modelo e à estrutura universitária e até mesmo certa ambiguidade em relação à importância da formação superior. Neste sentido, os depoimentos de Michel Yakini e Mariana Félix são bastante expressivos:

“(...) ingressei na universidade aqui também, na Letras, ingressei duas vezes na USP em Letras. Larguei as duas vezes, até hoje não tenho graduação. Hoje, menos por conflito, na verdade, eu fiz bom uso das coisas que aprendi na faculdade... Mas é porque eu não dou conta mesmo... não consigo mais, o trabalho que eu faço me exige um tempo que eu não consigo mais ter uma vida acadêmica que a universidade exige, que você esteja lá diariamente, não consigo. Também, mudei minha concepção, uma coisa que eu preciso, porque se não tiver... entendo que é uma coisa social, que pode dar referência (o diploma de ensino superior), que muda o quadro, várias coisas... Mas é possível, existe vida além da academia, então não vejo mais como algo fundamental. Posso até estudar ainda, mas hoje não é o ponto. E o que me fez pensar assim é que eu comecei a vivenciar esse lado do trabalho com a arte, com a cultura, essa cultura que vira sinônimo de arte” (Michel Yakini).

“Eu acabei largando o curso duas vezes, falta na verdade somente dois semestres para terminar, mas eu não tenho interesse.

Você não tem vontade de terminar?

Não tenho. Nenhuma.

Você não considera que para ser escritora ter um diploma é importante?

Não, pra escrever não. Pessoas pra corrigir meus textos sempre vão existir e como eu pretendo seguir escrevendo e as boas ideias vão da vivência e vai de você amar fazer aquilo realmente, corretor pro meu texto sempre vai ter alguém formado em Letras pra corrigir. Isso tem, tem profissionais especializados nessa área (risos), só pra correção” (Mariana Felix).

Embora reconheçam a importância do ensino superior, para estes poetas, a experiência nos saraus é a tal ponto, transgressora e formadora, que podem acreditar que não precisam do diploma e são levados, por suas próprias condições e trajetórias, a minimizar os ganhos de uma formação universitária.

A principal hipótese que dirigiu esta pesquisa propunha que a emergência dos saraus estaria relacionada às transformações de parcelas dos grupos populares ligadas ao aumento da escolaridade e ao ingresso no ensino superior de frações dos grupos populares, residentes nas periferias de São Paulo, que se distinguiriam da média da população nestas regiões da cidade por sua escolaridade mais alta e pelo acesso aos empregos de nível técnico no mercado de trabalho. Esta hipótese nos

parece à luz dos dados obtidos bastante forte e sólida. Claro está que esta pesquisa não possui a ambição de generalizar estes resultados para outras realidades, mas para o caso das periferias de São Paulo, aparentemente o fenômeno está sim associado à maior escolaridade da população e em especial à passagem pelo ensino superior. Neste capítulo, procuramos demonstrar a pertinência dessa hipótese tanto pelas características que pudemos apreender do público como dos produtores dos saraus.

Entretanto, encontramos ainda certa coerência entre o tipo de diploma almejado/conquistado e a atividade nos saraus. Quatro dentre oito poetas da nossa amostra buscaram uma formação superior em Letras. Graças às entrevistas, notamos que muitos dos poetas e escritores à frente dos saraus pesquisados são ex-alunos do curso de Letras, em universidades públicas e faculdades privadas.

Este dado nos parece trazer uma contribuição importante para a interpretação dos resultados. Neste sentido, os saraus não são apenas um sinal de uma modificação estrutural da população residente nas periferias, ligada ao aumento da escolaridade, mas uma tentativa de muitos egressos dos cursos de letras de profissionalização para além do mercado de trabalho disponível que, via de regra, tende a conduzir os egressos desta graduação ao magistério ou ao trabalho em editoras. Revela ainda que boa parte destes poetas e escritores possui formação na área e possuem repertório para a atuação na área literária. Este interesse pode estar relacionado com um desejo por uma profissionalização desta prática e ao mesmo tempo, expressa o desejo de criar uma área de atuação que não se restrinja ao magistério e que possua um sentido político de emancipação, como demonstram os nomes dos saraus expostos no capítulo precedente.

Reconhecer a contribuição da passagem pelo sistema de ensino e do prolongamento da escolarização para a compreender a emergência dos saraus, não implica em não reconhecer outros processos e contatos culturais, que definimos como “educação não formal”. Vemos pelo quadro 2 que elas são chaves fundamentais para compreender as práticas e a atuação dos poetas e escritores no movimento cultural periférico de modo geral. Destaca-se, em especial, a cultura Hip

Hop, que teve um papel decisivo na formação tanto do repertório musical e cultural, como na formação política destes jovens.

“RAP pra mim foi sempre a música ambiente na vida, desde criança. Mas 97, 98, foi quando eu comecei a ouvir mais e ir em show e aí eu tive um primo que cantava RAP, que teve um grupo de RAP lá no bairro e aí eu comecei a acompanhar eles. Como eu cantava na igreja eles me chamaram para cantar no grupo e aí eu fui. Fiquei até 2006, 2007 cantando nesse grupo com eles. E aí foi outro “salto” (Raquel Almeida).

“(…) a música Rap chegou na minha infância, quando eu morava na Vila Inglesa, uma fita cassete dos Racionais MC’s, Raio-X do Brasil. No começo a minha mãe não deixava a gente escutar porque naquela época ninguém estava acostumado a ouvir palavrão em música. E os Racionais falavam uns palavrões lá e aquilo que chamava a gente a escutar. Depois eu conheci o Thaide & DJ Hum, conheci MV Bill, conheci Gog e *foi tudo uma escola*. Eu costumo falar que o pouco de ideia que eu sei trocar, o pouco que eu sei falar, o respeito que eu tenho pelas pessoas, pelas classes, por todos foi através do RAP. O RAP que ensinou tudo isso aí, saber a hora que eu devo falar e saber a hora que eu tenho que ficar calado e somente ouvir. O disco que foi muito importante pra mim, porque foi um disco que me fez reconhecer como negro e falar: “Não, eu não sou moreno, eu sou negro”. Meus antepassados vieram da África e eu tenho que respeitar isso, foi o disco ‘Presta Atenção’ do Thaide & DJ Hum. Depois desse disco qualquer um que chamava de moreno era pra arrumar briga: “não, eu sou negro”, me fez reconhecer como negro, fez eu trocar ideia com várias pessoas. “Mano, você não é moreno, você é negro, você tem uma história, tiveram pessoas que lutaram por você” (Mano Ril).

Considerando que uma das hipóteses dessa pesquisa era verificar a relação entre o acesso ao ensino superior e a atuação dos sujeitos que se apresentam como poetas e escritores nos saraus e que são reconhecidos como tal no grupo, podemos concluir que, de modo geral, os escritores mesmo não tendo efetivamente conseguido cursar, concluir ou dar prioridade para a formação universitária atribuem um valor significativo para sua realização, um valor fortemente relacionado com uma formação intelectual e que também influenciaria na prática artística.

“(…) eu quis fazer medicina quando eu já estava com 25 anos. Eu queria, mas minha base tinha sido muito ruim, eu tinha trabalhado desde os 13 anos e tinha estudado a noite, então a minha base estava muito ruim, eu não tinha realmente uma chance pra Medicina. Naquela época que era muito concorrido. Hoje também é, escola pública em Medicina é muito concorrida, e eu acabei tentando 2 anos, mas depois eu não consegui. Aí, eu tinha que me bancar e tudo nesse processo, aí eu desisti, tinha que trabalhar fazer outras coisas, foi a época que eu quis sair do Brasil. Eu fui embora pra viajar pela Europa, trabalhar lá, consegui algumas coisas, fui pra Israel, Egito, Grécia, Itália, trabalhei na Itália um tempo, depois fui pra Inglaterra, fiquei dois anos, a Susi foi pra lá aí ficou um tempo trabalhando também, depois ela ficou grávida, agente ficou mais um tempo e voltou pro Brasil e abrimos um bar no Campo Limpo” (Binho).

“Não que eu não tenha que aprender como eu já fiz vários cursos de poesia, fiz um curso com Marcelino Freire, já fiz um curso naquela Faculdade de Sociologia e Política, eu já fiz na USP com o professor Marcos Ferreira de Pedagogia, fiz alguns cursos com ele, e outros só assistia aula, pra eu afinar essa escrita, mas eu acho que, claro se eu não tivesse feito esses cursos eu não escreveria legalzinho, eu acho que eu escrevo “legalzinho”, não acho que é tudo bem, maravilhoso, eu tenho que melhorar, mas eu tenho que melhorar sem ter que fazer “Academia”. Eu acho importante a Academia, mas pra nós meninas de 29 anos para sempre, a gente já está um pouquinho vencida, “tá um cadinho vencida” (risos). (...) Então ao invés de fazer uma faculdade eu prefiro “correr atrás” de uma casa, um terreno, qualquer coisa pra sair do aluguel, e eu acho que há essa possibilidade da Literatura, da Arte, talvez a Artes Cênica que eu tô exercendo, a música, me dê essa possibilidade pra eu realizar essa necessidade” (Tula Pilar).

“Aí eu fiz 2 anos e tranquei e estou tentando destrancar esse ano (risos). Vamos ver se eu consigo, porque essa vida que eu tô levando hoje é conturbada. A gente passou a ganhar com o trabalho, então as vezes tem trabalho de noite, tem trabalho aos fins de semana e a faculdade é uma dedicação total que você tem que ter. E eu não consegui ter essa disciplina ainda. E eu não sei se eu vou conseguir ainda ter também. Então é uma busca ainda que eu tento” (Raquel Almeida).

Mesmo sem o diploma de ensino superior, as características do tipo de trabalho que todos desempenham em relação a antigas ocupações, revela a tendência para práticas intelectuais, menos precarizadas, relacionadas, de fato, com as atividades que desenvolvem nos saraus, conforme é possível verificar no quadro a seguir:

TABELA 6 - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS ESCRITORES DOS SARAUS

Escritor	Profissões que já exerceu	Atual ocupação	Livros publicados	Forma de publicação	Fonte de renda
Michel Yakini	vendedor, técnico de telefonia, operador de telemarketing	produtor cultural, escritor, editor	2	independente (selo editorial Elo da Corrente)	editais, oficinas, palestras, livros
Raquel Almeida	doméstica (ajudava a mãe), garçonne,	produtora cultural, escritora	2 (1 em co-autoria)	editais; independente (selo editorial Elo da Corrente)	editais, oficinas, palestras, livros
Robson de Oliveira Padial	marceneiro, vendedor, dono de bar	produtor cultural, homeopata	3 (1 em co-autoria e 1 da coletânea do sarau)	independente e por editais	sarau, homeopatia
Tula Pilar Ferreira	doméstica, babá, catadora de recicláveis, vendedora	vendedora de Revista Ocas, atriz, música	1 mais participação em 2 coletâneas	independente e por editais	venda de revistas e participação em eventos

Mauricio Francisco dos Santos (Mano Ril)	auxiliar administrativo, inspetor de saneamento, encarregado de obra	comerciante, escritor	1	independente	comércio no bairro, sarau, oficinas, participação em eventos
Michele Santos	auxiliar administrativo, comércio (ajudava a família)	professora da rede pública	1	independente	salário, livros, participação em eventos
Rafael Carnevalli	consultor técnico de veículos	educador	1	independente	salário, livros, participação em eventos
Mariana Felix	operadora de telemarketing	auxiliar escolar da rede pública	1 livro e 1 fanzine	independente	salário, livros, participação em eventos

Sobre as ocupações profissionais, é interessante como a maioria realizou trabalhos diversos, sobretudo na área de prestação de serviços, tipo de trabalho que passou a ser o mais oferecido para as classes populares, a partir dos anos 80 e 90 (BÓGUS E PASTERNAK, 2015). Seus pais também, porém com o detalhe que, a maioria, realizou os trabalhos terceirizados não especializados, incluindo o trabalho doméstico, por exemplo.

De modo geral, é possível afirmar que trata-se de um grupo adulto, que empreende a atividade literária assertivamente como uma prática profissional, no sentido que não consideram a si mesmos como autores amadores, ou exercitam apenas por lazer e distração e, mais do que isso, sua fonte de renda deriva de suas atividades relacionadas ao sarau e a escrita. De certa forma, entre o quadro das trajetórias profissionais sugere que eles preferiram abdicar de empregos de nível técnico no mercado de trabalho e se lançar como escritores nos saraus. Entre um emprego precário e pouco satisfatório, eles e elas preferiram a atividade dos saraus, ainda precária é verdade, na medida em que os ganhos oscilam e não há garantias trabalhistas de qualquer ordem, mas que faça sentido, que lhes possibilite a um só tempo trabalho e militância política.

3.2.1 – A relação com o mercado editorial

Em relação aos livros, a tabela 3 expõe que todos os escritores tem ao menos um livro publicado. Todos já possuem publicações autorais, além de participação em coletâneas e antologias, também como coautores, e nenhum deles foi por meio de uma grande editora, o que já nos mostra como eles ainda não fazem parte do campo literário legitimado pelo mercado.

As editoras são consideradas dentro do campo literário como uma das instâncias de consagração dos escritores, por isso se faz necessário verificar o modo com os escritores das periferias estabelecem contato com elas.

Mais uma vez verificamos que as editoras maiores e mais reconhecidas não fazem parte do universo do campo literário das periferias, que se desenvolve de forma particular e autônoma. É possível considerar isso um problema, na medida em que, por não passar pelo crivo e circulação das editoras, a literatura periférica deixe de ser considerada, historicizada e devidamente incluída dentro do contexto da literatura brasileira contemporânea.

As entrevistas apontam para as mais comuns formas de financiamento para as publicações, que são diversas e incluem desde campanha de doações até financiamento por meio de editais, com destaque para o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais da Secretaria Municipal de Cultura - Programa VAI⁴¹.

Em relação aos motivos que influenciam a não relação entre os escritores das periferias e o mercado editorial, é relevante notar a crítica que alguns escritores fazem ao não reconhecimento da literatura periférica pelas editoras convencionais.

“Primeiro, as editoras não tem um olhar digno sobre nós, por conta da nossa origem, a gente não tem um olhar digno dentro da cultura de São Paulo, do Brasil, enfim. Muitas vezes quando é valorizada é uma

⁴¹ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13540 (de autoria do vereador Nabil Bonduki) e regulamentado pelo decreto 43823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. O Programa VAI tem por objetivos Estimular a criação, o acesso, a formação e a participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade; Promover a inclusão cultural; Estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística. Fonte: <http://programavai.blogspot.com.br/p/sobre-o-vai.html>, acesso em 9/8/2016.

valorização estereotipada, ou é desvalorizada porque quando é pra trabalho a gente recebe menos, em vários níveis, desde dentro do nosso, quando é mulheres, tudo isso tem desigualdade. Esse é um ponto. Outro ponto é que, apesar de São Paulo ser um dos poucos que ainda tem um mínimo de incentivo pra fazer arte, ainda não é o ideal” (Michel Yakini).

“Um problema sempre vai ser, a gente ser esquecido, deixado de lado, não ser visto ou ser lido como uma subliteratura, isso acontece muito, mas a gente sabe a importância que a gente tem pra gente, é só nós, nós de nós mesmos, não esquecer disso, enquanto a gente se reconhecer, se inspirar e admirarmos entre nós, a gente não vai precisar disso não” (Rafael Carnevali).

Convém ressaltar também que alguns poetas se manifestaram contra o sistema e estrutura de cobranças das editoras, que não é considerado rentável por eles, além de acreditarem que a distribuição em saraus é mais adequada para eles alcançarem o público deles.

“Eu não tenho interesse em procurar editora porque a negociação com editora é muito injusta. As editoras que eu procurei quando eu pensei em fazer um livro sem ser independente a princípio, a editora ela quer 70 % da obra, e 30 % de uma obra que é minha, que fui eu que escrevi eu acho injusto. (...) A não ser que seja uma Editora Abril que convide alguém, talvez eu não tenha nem acesso exatamente por fazer Poesia Marginal Periférica, mas as editoras em geral, as menores, mas que são editoras já razoavelmente consideradas grandes, você paga também. O escritor paga independente do tipo de conteúdo que você vai publicar, elas fazem o serviço, mas você paga e perde uma parte da obra, então não compensa, se é pra pagar eu mesma faço a minha e fico com 100 % da minha obra” (Mariana Felix).

“A Literatura Periférica não quer entrar (no mercado editorial), ela já tá dentro, ela criou um mercado paralelo, existe um mercado paralelo, você não vai encontrar muito dos nossos na prateleira da Livraria Cultura, dessas grandes livrarias assim, da Saraiva, eu vou falar por mim: “Eu não quero tá lá”, eu não quero tá numa prateleira, tem cara que lança um livro com uma “puta” pompa, vai pra essas prateleiras aí e fica lá... ele não vende, que graça tem um livro numa prateleira, nem na sua prateleira tem graça (...) Eu não quero os meus livros na prateleira da Livraria Cultura, da Saraiva ou num stand de vendas de qualquer site eu não quero não, eu quero que eles vão saindo” (Mano Ril).

Sobre o desejo de ter uma publicação em uma grande ou reconhecida editora do campo literário, enquanto uns se opõem a elas, outros cogitam uma aproximação.

“Eu tenho críticas, eu entendo que o mercado editorial brasileiro ele é racista, elitista pra caramba, monopolizado por algumas famílias, para mim é fato. Agora assim, eu entendo que ele tem valor de distribuição, a forma

como trabalha o texto, ter uma equipe, em que você não precisa ser o escritor, o editor, o diagramador, o revisor, você vai ser só o escritor, ele tem uma estrutura. Então acredito que é importante também entender esse processo. Eu até tenho dúvidas, eu não tenho o domínio pleno, como é a relação com as grandes editoras, mas eu tenho por intenção publicar sim por uma grande editora, se surgir um convite e ele for válido, vou fazer, se achar que não, aí tem que analisar né, mas dizer 'eu não publico nunca', isso não, porque a gente faz independente, mas a gente também tem falhas, não consegue expandir o tanto que a gente quer" (Michel Yakini).

Em relação ao grupo analisado, comparando as gerações do movimento, percebe-se que os mais jovens investem mais na produção e tiragem de seus livros que os do início do movimento, mais uma vez apontando para a profissionalização do trabalho literário para o qual estão empenhados.

"O mais importante é o sarau, é estar com as pessoas, o livro a palavra está lá, alguém abre vai ressuscitar, mas aqui é mais vivo, é o seu corpo e alma ali, na escrita a sua alma não está, de uma certa forma está as suas verdades, talvez, está mais profundo ali, são duas coisas totalmente diferentes, o livro e o corpo em si com espírito" (Binho).

"Eu acho muito importante para as pessoas que sentem e vivem e acreditam na Literatura e na Poesia que elas registrem os seus pensamentos, seus poemas e seus textos, as suas ideologias porque outras pessoas vão ler e talvez se identificar e talvez levar a diante. É um trabalho de formiguinha que a gente faz, de pouco em pouco agente vai conscientizando e mudando os ambientes e isso é engraçado, porque podem achar que não é possível. Mas o nosso ambiente de vivência na "quebrada" mudou muito. Hoje em dia você vê as pessoas mais politizadas, críticas, com pensamentos filosófico, criativo, isso tem muito a ver com o movimento cultural" (Rafael Carnevali).

Dentre as principais dificuldades reveladas em relação ao fazer literário, os poetas consideram que a forma de se manter financeiramente é uma das mais recorrentes, conforme verificaremos a seguir.

3.2.2. A prática cultural como fonte de renda

No início dessa pesquisa, partimos de uma suposição de que os escritores e poetas dos saraus das periferias se relacionavam de forma amadora com a prática literária, realizada em momentos de lazer ou como distração. Ao longo do estudo de campo, no entanto, o que se verificou é que, de alguma forma, a literatura e as

manifestações artísticas são vistas de forma considerada profissional pelos sujeitos que compõem esse grupo.

A análise das entrevistas demonstrou que os escritores, mesmo que tenham um trabalho e outra fonte de renda, já conseguem ter retribuições financeiras, ainda que, muitas vezes, pequena e não suficiente para se manterem, pelas atividades que realizam dentro do movimento cultural, e alguns deles, inclusive, atribuem a estas atividades sua principal fonte de renda.

“Hoje eu sou um agitador cultural, eu ganho cachês por ser agitador cultural, ganho dinheiro com o livro, participo de debates, palestras, tem o Sarau Pensamento que a gente faz uma vez por mês no terminal de Embu Guaçu que a gente não ganha nada, mas através disso a gente faz ele dentro da escola e as escolas pagam pra gente levar o Sarau. Tiro daí também e tiro do Pensamento Negro, quando pinta um show do Pensamento Negro, uma parte do cachê eu pego, o grupo me paga, eu falei pra eles que eu preciso receber um salário deles agora, e eles estão me pagando quando a gente faz show, e a mercearia é aquele plano B, porque não é fácil ganhar dinheiro com a cultura. A gente acha que tudo isso é romântico, “Pô, o cara é artista, vive disso aí” e difícil para caramba, e tem aluguel pra pagar, tem o leite do Breno, tem a escola da Maiara pra pagar, mas é gostoso, pra quem trabalhou mais de 10 anos sem receber nenhum “puto”, só o pão com mortadela e hoje você conseguir ganhar dinheiro com a sua arte, o pessoal te valorizar, te pagar um cachê pra você ir debater um assunto, sentar numa mesma e gostarem do que você está falando, já é muito prazeroso” (Mano Ril).

Desde palestras, oficinas e apresentações de poesia, denota-se que o envolvimento dos poetas com os saraus é o principal meio que atrai o interesse de organizações, empresas e até mesmo do poder público na promoção e realização dessas atividades. Um exemplo desse tipo de contratação é a realizada pelo SESC⁴² que promove sessões de saraus em suas unidades.

“Eu continuo vendendo a Ocas, eu tenho 11 anos de Ocas, tenho 14 anos de sarau, porque eu comecei no sarau antes de começar a vender. Quando eu comecei a ir pro sarau eu ainda era doméstica, faxineira, era diarista mais e passadeira de camisa. (...) E hoje tem umas leis aí para as empregadas, estão recebendo direito trabalhista, e eu lutei por isso, eu tenho o maior orgulho, a maior honra de saber que eu colaborei com isso. A gente que teve mudança, eu tinha muita

⁴² O SESC - Serviço Social do Comércio – é uma organização da sociedade civil administrada pela associação de comerciantes e desenvolve ações de educação informal, atividades culturais, esportivas, de turismo, programas de saúde e de educação ambiental. Fonte: www.sescsp.org.br, acesso em 9/8/2016.

honra de ser a pessoa que eu sou, de ter feito muita mudança na vida das pessoas, das crianças, das mulheres, da própria periferia mesmo, eu acho que aquela mudança que eu quero ter na minha vida eu consegui fazer com o meu trabalho de poesia. E essa mudança com relação ao dinheiro, sobreviver com o que eu escrevo, eu acho muito importante, porque daí depois eu fui dançar também. Eu comecei a fazer a dança afro e falei: “Meu eu preciso juntar isso”, e comecei a juntar poesia com dança, aí também comecei a me destacar muito nesta questão. Eu via as meninas no teatro achava bonito, mas eu via que ninguém fazia esse trabalho junto com a poesia e comecei a fazer, a não ser as músicas, porque agora eu também estou cantando. Hoje as pessoas me contratam pra fazer uma coisinha aqui, outra ali e contratam pra participar de mesa como escritora e isso eu acho muito valoroso e agradeço muito ao sarau por eu ter desenvolvido essa técnica, talvez aos livros das casas das patroas “Viva as patroas” afinal de contas (risos)” (Tula Pilar Ferreira).

Sendo assim, percebe-se que os escritores não conseguem se manter dependendo da venda de seus livros, mas sim das relações que estabelecem enquanto sujeitos que fazem parte do movimento dos saraus.

“Hoje com sarau, depois de 2003, eu tive sorte porque a gente conseguiu um edital, foi bacana que durou dois anos, a gente respirou, agora a gente está sem nenhum de novo, é esse “perreio” aí, tem hora que vai, tem hora que para, mas estamos se virando com a poesia.

Você acha que dá pra viver de Literatura?

Ah, não sei, estamos indo (risos). Eu acho que dá, dependente de cada um, estamos vivendo assim pra essas coisas.

Aí é mais evento, venda de livro como que é?

Então como a gente conseguiu edital, mas venda de livro não dá nada não, livro mesmo não. Eu e Serginho fizemos livros e ficamos até devendo pra gráfica, não conseguimos vender mesmo, a gente é péssimo vendedor de livros” (Binho).

Tal condição se relaciona com a característica da literatura marginal periférica estar fortemente fundamentada na oralidade e os saraus serem considerados espetáculos, mas também com um estigma que os escritores de periferia ainda não pertencem ao sistema literário legitimado socialmente e, por isso, não conseguem se manter integralmente de suas obras.

O problema que se aponta não é o de uma imitação imperfeita do mundo, mas a invisibilização de grupos sociais inteiros e o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais. A literatura é um

artefato humano, e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e, dentro dela, de nosso campo literário). (DALCASTAGNE, 2012, p. 149).

As entrevistas também revelam que, mesmo aqueles que possuem outras fontes de renda, gostariam de se dedicar apenas à produção literária, o que demonstra mais uma vez que os escritores dos saraus compõem um grupo que busca cada vez mais a profissionalização e autonomia do campo.

“Você acha possível, você almeja isso ou não viver da Literatura?”

Ah, sonho da vida (risos). Claro, obviamente, sem dúvida, eu hoje em dia se eu pudesse ter só um emprego pra depois eu ter um tempo de criação satisfatório, um tempo pra me dedicar mais pra divulgação do meu livro e pra fazer os trabalhos do meu livro, óbvio durante a semana, por exemplo, eu acho que seria muito bacana, se fosse rentável, mas agora no momento não está rolando” (Michele Santos).

“Eu penso muito ultimamente, por sinal, em me exonerar e viver de arte, só que não necessariamente em vender minha arte, porque eu não quero que ela se torne uma obrigação. Por exemplo, eu penso em me exonerar e trabalhar no meio artístico, dentro do universo sarau e Slam com produção, por exemplo, tanto de organização de sarau ou de uma organização de um Slam ou, às vezes, feira do livro, juntar livros de outras pessoas, mas não algo que eu tenha que pensar: “Porra, eu tenho que fazer outro livro, porque agora eu tenho que pagar minha conta de água e luz com esse livro”. Eu não quero começar a produzir por obrigação, necessidade, eu vou perder o que é a raiz de eu estar escrevendo aquilo mesmo. Dá pra trabalhar com produção artística e não necessariamente vender a minha arte, talvez, ajudando a arte dos outros a crescer. É um meio que existe, dá pra viver de arte dessa forma” (Mariana Felix).

3.2.3 – A análise do movimento literário periférico

Os escritores periféricos apresentam nas entrevistas muito orgulho e satisfação em participar do movimento dos saraus e acreditam que ele esteja cada vez mais consolidado. Além disso, eles demonstram reconhecer a existência de um movimento estético específico e se consideram parte dele. Em relação ao movimento em si, relatam a expansão dos saraus pela cidade, como se tornou um fenômeno cultural peculiar e como também provocaram mudanças em suas vidas pessoais.

“Quando vocês começaram o Sarau, tinha Cooperifa, e vocês são os primeiros, praticamente, vocês imaginaram que teria virado esse movimento todo de que hoje tem sarau em todas as regiões de São Paulo?”

Não, eu não, mas o Sérgio (Vaz) já tinha, interessante, ele já falava desde o começo: “Um dia a gente vai ser estudado, um dia vai ter nas universidades”, ele já tinha essa visão, mas eu não. Que bacana, ele pensou e projetou isso e aconteceu” (Binho).

“Por conta desse crescimento, enfraqueceu nosso intercâmbio também. Hoje eu já circulo muito menos. Fico muito mais em Pirituba porque já tem mais opção. Isso de certa forma ampliou, mas distanciou. Antes o menos era mais e agora o mais pode ser menos também. Mas nunca ficou melhor ou pior, mudaram né?! Eu fico olhando pra ver se eu gosto da mudança e aí vou nela. Cada um vai se adaptando como pode, mas interessante porque não tem um jeito só de se fazer. É um movimento que tem a Cooperifa como referência, o Binho, que são os mais antigos, mas cada pessoa que toca um sarau tem um jeito próprio, não existe uma cartilha, não é um movimento fechado, que tem prescrição. Isso é bacana” (Michel Yakini).

“(...) o povo da periferia agora que tem contato com essa literatura não vai mais ser um pouco “idiota”, sofrido, oprimido, eu acho que até a opressão que a periferia sofria antigamente, a violência, a literatura traz uma melhora grande, porque uma coisa, por exemplo, é o meu filho ser um menino filho de mãe solteira, morar na periferia, negro, pobre e outra coisa é ele ser filho de uma mãe, solteira, negra, moradora de periferia, pobre, mas que é poetisa, muda totalmente o contexto do jovem que meu filho é diante da polícia que mata, diante dessa violência que chega na criança, a mulher que sofre muita violência é sempre mais a mulher negra, é mais a mulher da periferia, essa violência chega pra mim chega de uma outra forma, eu sei me defender, eu sei de repente me esquivar dela, também a literatura me ajuda nisso” (Tula Pilar Ferreira).

“Pra mim o Sarau e o Slam é quase uma religião, é a região a qual pratico, porque nós somos todos DEUSES de nós mesmos. É como se fosse uma Igreja, só que é o momento em que todos nós podemos falar uma verdade que é nossa naquele momento. E existe o respeito do silêncio, existe o respeito da atenção que se presta quando a pessoa está falando o texto dela, e são ideias fortes, ideias sociais, são ideias de mudança de vida. Eu mudei muito quando eu comecei a frequentar o Slam e o Sarau. Escritora eu já era, mas eu não era a pessoa que eu sou hoje e o Sarau e o Slam me proporcionaram várias desconstruções e reconstruções. Várias coisas que eu acreditei uma vida inteira, eu derrubei tudo e comecei a construir tudo de novo, ouvindo experiências de outras pessoas, aprendendo com outras pessoas. O Slam e o Sarau é um espaço que o escritor tem a influência sobre essas pessoas e ele pode ser influenciado. É o momento que todos nós somos “deuses” (Mariana Felix).

Em relação às temáticas, os poetas concordam que, por serem moradores dos bairros das periferias, a literatura que produzem será fortemente impactada e influenciada por esse contexto social. Porém, vale notar que há entre eles quem discorde que a literatura produzida por moradores das periferias deva, necessariamente, trazer como tema a periferia e seus problemas.

“É como uma moeda, é que como a gente fala a partir de um lugar, de uma origem, a gente tem esse discurso, aparece na nossa arte, isso é importante. O discurso da negritude, da periferia. Mas por outro lado isso também nos traz uma forma limitada de ação. A gente é cobrado insistentemente pra só falar disso, ou é visto como alguém que só pode falar disso, que só tem propriedade para falar disso. Isso desumaniza a gente. A gente não tem só isso como repertório. Essa é parte de nossa formação, é a principal, mas não é a única. E a gente pode pensar que não consegue desenvolver as outras formas também, outras relações, que a gente não possa olhar pra além da quebrada e que possa ser uma mão de troca? É um questionamento que faço hoje também. Eu entendo que por a gente ter esse compromisso com o social, a parte estética às vezes é deixada de lado, a gente deixa de produzir uma arte que tenha a ver com a nossa cara, por ter medo de ficar só estética, porque estética pode ficar a arte pela arte, ‘eu sou um esteta’, que não quer saber de nada, mas até quem é esteta quer saber de alguma coisa, tá querendo intervir com a sua linguagem, mesmo quem diz que não tem discurso, mas tem discurso. Então, eu penso isso, a gente tem limites. Eu várias vezes preparei um texto, aí você sai de casa, você lida com um assassinato, aí como é que você não vai falar do assassinato, vai falar de qualquer outra coisa? Tem esse limite. Eu não sei bem como é que equilibra. Nas minhas escritas eu não vou dizer só sobre cotidiano” (Michel Yakini).

Alguns escritores também relatam alguns problemas internos ao campo, considerando disputas por reconhecimento, críticas aos trabalhos, derivadas dos relacionamentos entre os escritores.

“Cresceu muito, cresceu muito mesmo, estamos eternamente grandes, enormes, e toda vez que a gente fica enorme a gente fica perigoso, e a gente tá perigoso, e quando você fica perigoso, alguém vai querer rachar isso aí. E eu hoje, com muita clareza eu digo que alguns movimentos estão rachados, até por acompanhar a rede social, a gente vê as pessoas desabafando em rede social, existe isso, desabafar, está rachado, boa parte dos movimentos está rachado. Cooperifa, Suburbano, Sobrenome, Versos Inversos, o Sarau Pensamento Embu Guaçu, tem os Slams, uma parte deles assim deu uma rachada meio que polarizou, *“não eu sou da Cooperifa, eu não vou no Sarau Suburbano,”* eu reparo que está acontecendo isso, mas talvez se você for conversar com outros poetas eles vão falar que não, mas está acontecendo, hoje está rachado, mas a gente ainda é muito grande e visado. Todo mundo que vem conversar com a gente quer saber como é que faz, porque

“você consegue trazer 300/400 pessoas pra um bar e ser uma super atração, mas nós somos muito grandes, fortes e bonitos (risos)” (Manor Ril).

Ao longo do tempo, eles consideram que houve mudanças, ampliação no número de saraus e que isso foi positivo para uma possível formação de *habitus* dentre as classes populares.

“A gente começou a publicar e colocar literatura em um ponto como prioridade, mas não tínhamos leitores, então teve um processo de formação de leitores também, acho que tem avançado também. Por mais que a maior parte da palavra é falada, já tem bastante gente que é leitor e, inclusive, hoje as pessoas não leem só a literatura da periferia, mas literatura, outras editoras. A gente não é hegemônico, mas tem uma alternativa aí” (Michel Yakini).

É relevante apontar para o aumento da participação das mulheres na literatura periférica, observada tanto pelos escritores, quanto pelas escritoras e como a questão de gênero tem direcionado a produção das mulheres para uma literatura específica sobre o tema.

“A mulher dentro do sarau, a coisa da produção, eu via uma coisa que meio me incomoda um tanto que é a mulher enquanto público, aquela que aplaude o poema do cara é bacana, agora a “mina” que escreve, a “mina” que está no lugar do cara, bom eu já nem sei. “Eu prefiro ela como público”. Eu sei que isso nunca foi dito pra mim, mas eu sentia que existia isso, então é uma coisa muito de quando começaram a surgir os primeiros levantes contra, feminismo e tudo mais (...) Eu vou escrever porque eu posso, porque eu sei, eu não vou pedir a sua atenção, bicho. Eu tenho certeza disso, da gente realmente ter os nossos meios de produção, a gente ter o nosso diálogo, a gente ter fé no nosso discurso. (...) Corroborar a coisa de a poeta menininha, a poeta sensível, que fala de amor, não que de amor a gente não possa falar, a gente pode falar sobre qualquer, mas de colocar o lugar da mulher dentro da escrita poética como aquele lugar da poetisa romântica blá-blá-blá. Hoje em dia eu não tenho muita paciência, não tenho nenhuma na verdade” (Michele Santos).

“Mudou bastante né, tanto no número, o que cresceu de sarau aqui nos últimos anos não está escrito nas estrelas. Muito sarau, isso pra mim é muito positivo, eu lembro que na época a gente já falava isso, “ah, o ideal seria que em toda periferia tivesse um sarau”, e está tendo”. Mas pra mim a mudança brusca é o número de mulheres que estão escrevendo, que estão publicando e sendo protagonistas (...). Não tinha isso não, não tinha. Hoje em dia eu vejo assim e falo “caralho, que dá hora ir no sarau e ter mais de uma mulher

recitando”, por exemplo, eu já cheguei a ir em sarau que só tinha eu de mulher recitando, eu ou eu e a Elizandra” (Raquel Almeida).

Vale notar, também, na entrevista de Raquel Almeida, principalmente, se revela um novo movimento das escritoras negras, não necessariamente ligado aos saraus, considerando o histórico anterior da produção literária negra, já apresentado nessa pesquisa, mas também relacionado a ele, na medida em que os saraus também fortalecem a divulgação e circulação dessa produção.

Essa peculiaridade se revela, no entanto, com a característica do próprio sarau Elo da Corrente, considerando que o evento em si é muito dedicado às readições africanas e negras, e que o autor Michel Yakini também reforça esse posicionamento durante a entrevista, diferindo, por exemplo, do Sarau Sobrenome Liberdade, que atrai para o bar onde ocorre, pessoas que se interessam por músicas de rock’n roll.

Cada sarau apresenta sua peculiaridade, seus temas mais recorrentes, suas referências e, por isso, selecionar e observar cada sarau nos mostrou que é necessário compreender os contextos que compõem a *‘estrutura estruturante’*, da qual fala Bourdieu, dos bairros periféricos de modo geral, as semelhanças nas trajetórias dos indivíduos que a compõem, sem, no entanto, desconsiderar que os saraus são eventos peculiares, que refletem a cultura de cada território/região, sob influência das pessoas que o frequentam, participam e os organizam.

Se é possível apontar para os elementos que seriam os determinantes na constituição dos poetas e escritores dos bairros periféricos, analisando o que os entrevistados nos mostram em comum, seriam os processos de envolvimento e produção de atividades culturais – incluindo os próprios saraus que já são formadores de público e poetas; facilitados por participação em movimentos de ‘educação não formal’ (igreja, teatro, hip hop etc.); e a ampliação da escolaridade e do acesso à universidade. Essa análise e mais considerações serão apresentadas na conclusão da dissertação.

6. CONCLUSÃO

A formiga só trabalha porque não sabe cantar ⁴³

As vidas das pessoas nos bairros periféricos de São Paulo apresentam características sociais próprias e peculiaridades em suas rotinas, que incluem longas distâncias nos trajetos do trabalho para casa, muito tempo despendido no transporte público, tipos de trabalho desgastantes, precarização ou ausência de serviços básicos. Todas essas condições influenciariam negativamente a possibilidade de que estes atores se desenvolvessem enquanto intelectuais.

No entanto, movimentos culturais recentes vêm demonstrando que o perfil de uma parte dos moradores das periferias mudou, e que, mesmo enfrentando as mesmas condições adversas, realizam projetos culturais e se contrapõem ao estereótipo ligado à ignorância, à incapacidade intelectual ou à alienação política.

Os fatos históricos que possivelmente contribuíram para essa nova caracterização dos moradores das periferias podem estar associados, conforme esta pesquisa buscou apresentar, ao prolongamento da escolarização desta população, cujos índices de conclusão do ensino médio e ensino superior aumentaram consideravelmente nos últimos vinte anos.

Seja por meio de políticas públicas afirmativas ou de financiamento estudantil, ou apenas devido à elevação da renda média nas periferias, as possibilidades de formação escolar universitária (seja no sistema público ou privado de ensino) se revelam mais constantes nas gerações das últimas décadas, produzindo uma diferenciação em relação às gerações anteriores, de forma exponencial.

O estudo realizado com esta dissertação procurou investigar as razões e os motivos para esta discreta revolução cultural nas periferias, focalizando para tanto quatro saraus literários, em diferentes regiões da cidade. Ora, os gráficos apresentados no segundo capítulo evidenciam a magnitude das desigualdades sociais na cidade. Dão provas da forte correlação entre escolaridade e renda como principais determinantes da dinâmica socioespacial de São Paulo. Neste contexto, pode passar despercebida a evolução dos índices de escolaridade, por exemplo, nos bairros periféricos. Nós partimos dessa pista para elaborar como hipótese que o aumento da escolaridade e a melhoria das condições de vida poderiam contribuir

⁴³ RAUL SEIXAS. Como vovó já dizia. Álbum: O Rebu, 1973.

para explicar a emergência de um movimento cultural mais amplo, do qual os saraus literários são um caso exemplar, nestas regiões da cidade. Entretanto, como os gráficos também mostram, as disparidades em relação às regiões mais ricas são ainda muito grandes. Do ponto de vista macrossocial, o estudo dos indicadores sociais não revela nenhuma novidade. Vemos aparecer um espaço urbano que opõe diametralmente as regiões geográficas da cidade com predomínio de alta renda e escolaridade, e aquelas com baixa renda e menor escolaridade. Como se sabe, a distribuição dos equipamentos culturais acompanha esta desigualdade, sendo muito mais frequente nas regiões centrais da cidade.

Entretanto, a análise da deficiência de espaços culturais nos bairros onde os saraus acontecem evidencia que apenas de algumas variáveis, como a renda e escolaridade, não são suficientes para compreender e explicar a emergência deste recente fenômeno cultural dos saraus.

Ao analisar as trajetórias dos poetas e escritores dos saraus, embora este não fosse o objetivo da pesquisa, verifica-se que os escritores conseguem manter alguma estabilidade financeira e sobreviver de suas iniciativas culturais, ainda que seus rendimentos se mantenham dentro da média da população destas regiões, ou seja, se não garantem uma ascensão social, modificam suas posições no interior da classe à qual pertencem.

Eles enfatizam, principalmente, os ganhos com um trabalho que lhes dá satisfação e orgulho de realizar, que não é mecânico e sem sentido, como aqueles que estariam destinados caso não tivessem inventado esta forma de realização pessoal e profissional. Certamente, o contexto político do Brasil deste início de século XXI, com os governos de esquerda em nível nacional e municipal, contribuíram para isso se tornar uma realidade, com os editais voltados para os artistas destas regiões da cidade.

As críticas às dificuldades financeiras, frente, sobretudo, ao mercado literário, aparecem muito mais ligadas a uma dimensão subjetiva de precarização da produção literária como um todo, com dimensões específicas para os autores das periferias, estigmatizados por sua origem – classe, raça e gênero.

Considerando-se que apenas o aumento da renda não garantiria a produção literária em si, nós privilegiamos neste estudo o impacto da ampliação da escolaridade, em especial, com o acesso ao ensino superior. Claro está que a

contribuição do acesso ao ensino superior não se restringe à obtenção do diploma. Ao contrário, parte do capital cultural acumulado por estes poetas e escritores, que se deu, em grande medida, pelo contato com pessoas de fora do seu mundo social, com novas formas de conhecimento, com leituras que possivelmente não fariam se não estivessem na universidade, fundamentos teóricos e ferramentas do trabalho intelectual, como a leitura, que resultaram em um processo de acúmulo de capital cultural que teria estimulado estes novos atores à criação artística.

É a partir do capital cultural que os indivíduos estabelecem relações entre si e se colocam diante dos demais nos diferentes campos sociais. As condições que viabilizam a aquisição de capital cultural são, dessa forma, estruturantes e influenciam as relações de dominação entre as classes, que se dá por meio de condições objetivas e subjetivas.

Evidentemente, quando falamos de transformações sociais e culturais, estamos nos referindo a processos multideterminados. Certamente, o aumento da escolarização não pode ser compreendido como a única variável determinante deste processo. Conforme a pesquisa procura revelar, as práticas de educação “não formal” tiveram forte influência sobre as trajetórias dos poetas dos saraus, sejam elas propriamente culturais, esportivas, e até mesmo religiosas. Como Tiaraju D’Andrea Pablo (2013) demonstra, a forte presença de organizações não governamentais nos bairros periféricos de São Paulo a partir dos anos 90, com a disseminação de atividades socioeducativas, também pode ser considerada outra variável que contribuiu para fomentar as atividades criativas e artísticas, na medida em que essas organizações passaram a oferecer, principalmente para crianças e adolescentes, atividades esportivas e culturais, como teatro, dança, música, dentre outras.

O crescimento das ONGs, por sua vez, está associado a um modelo neoliberal de presença do Estado nas regiões urbanas mais vulneráveis, com a intervenção do terceiro setor para atender necessidades da população. Este modelo, por sua vez, está ideologicamente relacionado com as condições sócio-históricas do Brasil a partir desse período.

Convém lembrar, ainda, entre os fatores estruturais que contribuem para compreender estes novos movimentos culturais, que os índices de desemprego passaram a ficar muito altos a partir dos anos 80 e os moradores das periferias

passaram a não mais ocupar postos de trabalho essencialmente operários na indústria, cujas sedes se transferiram para outros locais e saíram da capital, e os trabalhadores passaram a atuar mais na área de serviços. Houve, portanto, modificações no próprio mercado de trabalho que podem estar associados à reinvenção de novas formas de sobrevivência nas periferias da cidade.

Essa mudança influenciaria diretamente no perfil dos trabalhadores que fazem parte das classes moradoras das periferias. Isso porque o trabalho na área de serviços exige diferentes conhecimentos e práticas e relaciona-se de maneira mais próxima ao exercício intelectual. Em comparação ao trabalho do operário na indústria, o setor de serviços requer mais capital cultural: saber conversar, se comunicar, se relacionar com uma gama ampla de pessoas, etc.

De fato, foram estas condições sociais desse período histórico, nas regiões periféricas da cidade de São Paulo, que agiram como fatores que fomentaram o desenvolvimento de novos hábitos culturais em frações de classe, dentro do grupo socialmente heterogêneo composto pelos habitantes das periferias. Como sugere o estudo preliminar apresentado sobre as características do público dos saraus e dos poetas e escritores, o fenômeno dos saraus permite vislumbrar uma nova parcela da população das periferias, jovem, mais escolarizada e interessada em atuar nos movimentos culturais, particularmente nos saraus de poesia e manifestações artísticas.

Além disso, outros fatores recentes analisados, como a ampliação de políticas públicas de financiamento culturais, inclusive voltadas especificamente para grupos periféricos, também possibilitaram com que mais pessoas se envolvessem em atividades artísticas, e pudessem executá-las por mais tempo devido à segurança alcançada por meio dos financiamentos públicos (Programa VAI, ProAC, e a recente Lei de Fomento à Periferia são alguns exemplos). Muitos dos saraus considerados neste estudo foram contemplados com verbas destes editais, seja para a execução dos saraus em determinados espaços, como para a publicação de livros ou, ainda, apresentação em escolas e centros culturais.

Do ponto de vista microsocial, ficou claro que os moradores de periferia, antes marginalizados dos campos dos saberes, se apropriam de conhecimentos variados, adquiridos por diferentes processos - incluindo os educacionais - para reconstruírem narrativas acerca de si mesmo e de suas ideias, estas, sobretudo, partindo de uma

valorização da “cultura comum” (WILLIAMS, 1958), não apenas da cultura legítima. Ou seja, atuar nos saraus possui um sentido muito forte para estes atores e a julgar pelos depoimentos, eles possuem um grande prazer em desenvolver estas atividades pensadas como a única alternativa, por vezes, ao trabalho mecanizado dos empregos de nível operacional e até mesmo técnico, disponíveis.

Dessa forma, a cultura periférica, e a literatura, tornam-se práticas de oposição aos sistemas vigentes, que institucionalizam e consagram determinadas manifestações artísticas, em detrimento de outras. Isso justifica, em certa medida, a forma como os escritores entrevistados se relacionam com o mercado editorial, rejeitando-o a princípio, reconhecendo nele as estruturas que inviabilizam suas criações.

Entretanto, o estudo de campo e as entrevistas também demonstraram que o modelo tradicional de produção e divulgação da literatura, sobretudo a partir da publicação de livros, ainda é muito valorizado. As formas de publicação e distribuição que se diferem do modo das grandes editoras, sendo a maioria dos livros publicados de forma independente e distribuídos para venda pelo próprio escritor durante a realização dos saraus.

Esse modelo de negócio dos poetas dos saraus pode, inclusive, servir de exemplo para novos parâmetros de divulgação do trabalho do escritor, independente de classe social, considerando que o Brasil não possui uma cultura de leitura muito forte, e a venda de livros em livrarias e lojas não têm sido das mais rentáveis e sustentáveis enquanto negócio.

A produção literária dos moradores de periferia, ainda que associadas às manifestações dos saraus, encontros nos quais a oralidade, a música, a poesia, se tornam centrais, se encontra em um nível de desenvolvimento cada vez mais associado à profissionalização e institucionalização. As entrevistas revelam o quanto as trajetórias dos escritores e o desejo pessoal deles estão ligados a uma autonomização em relação ao mundo do trabalho tradicional, e simultaneamente, a uma convicção sobre a prática literária que estão realizando.

Ao contrário de uma ideia preconcebida, vemos com este estudo que estes escritores de periferia não tratam a produção literária como uma atividade extra, como uma espécie de hobby e lazer, a ser realizado no tempo livre, quando não estão trabalhando nos postos profissionais destinadas às classes populares. Ainda

que esse fenômeno possa também ser possível e recorrente dentro da diversidade de pessoas e trajetórias que se encontram durante os saraus, as entrevistas apontam para uma tentativa de profissionalização e de formação de uma carreira literária particular.

Entretanto, ainda que os poetas, em especial os selecionados no trabalho de campo, atualmente consigam viver das atividades literárias que promovem percebe-se que nem sempre o retorno financeiro vem do reconhecimento de seus produtos literários específicos. Em todos os casos, nota-se que é necessário que eles desenvolvam uma gama muito mais ampla de ações de atuação enquanto “agitadores culturais”, para usar a expressão de Mano Ril, ou ainda, como apresentadores e músicos.

Dessa forma, as atividades que os poetas venham a realizar podem estar mais relacionadas à sua representatividade dentro do campo e também às expectativas provocadas pela realização dos saraus, como eventos de lazer e entretenimento.

Não se pode dizer que os saraus pertencem apenas a uma categoria de cultura popular no sentido de ser ingênua e pueril porque seus organizadores e poetas, muitos deles egressos dos cursos de Letras, conhecem os códigos de linguagem tanto quanto os escritores das classes mais altas. A principal diferença é que eles não são reconhecidos pelas instâncias de consagração do campo literário convencional. Dessa forma, podemos afirmar que os escritores das periferias pertencem ao campo literário de forma dominada, tanto material quanto simbolicamente.

O que se percebe é que internamente os próprios membros do movimento desenvolvem formas particulares para estabelecer essas legitimações. Um exemplo é o Festival de Poesia de São Paulo, organizado desde 2014 pelo coletivo Correspondência Poética, que anualmente realiza eventos de declamação de poesia com a presença de jurados, geralmente membros do próprio movimento cultural, e com premiações em dinheiro aos que alcançam os primeiros lugares na colocação⁴⁴.

O que se conclui da análise das trajetórias dos poetas e escritores que participam dos saraus selecionados no estudo de campo, é que todos desenvolvem suas práticas literárias de forma assertiva e profissional, não de forma amadora, e muitos

⁴⁴ Sobre o Festival de Poesia de São Paulo, produzi reportagem sobre a premiação no período: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2014/11/06/poesia-contra-racismo-vence-1o-festival-de-poesia-de-sao-paulo/>

deles dependem dessas ações como uma de suas fontes de renda, considerando esta uma característica do ofício de maneira geral.

Os poetas dos saraus são sujeitos que atuam na produção e circulação de livros, sejam deles ou de outros autores, nos saraus e em outras atividades desenvolvidas nas periferias, promovendo o incentivo à leitura e a formação de novos leitores, com destaque para ações de formação para estudantes da educação básica e também jovens infratores em detenção.

Ainda que os escritores, principalmente os que valorizam mais a publicação de livros autorais, se apresentem enquanto artistas singulares no campo, a valorização da produção artística coletiva e o sentimento de pertencimento e de identidade revelam características norteadoras das práticas dos saraus das periferias de São Paulo, que também se fazem presentes nas linguagens e estéticas produzidas por seus participantes.

A intenção desse projeto não foi rebaixar a literatura periférica ao nível apenas de fenômeno a ser analisado socialmente, sem descaracterizar sua relevância estética, mas procurou-se compreender quais são os fatores propriamente sociais que podem estar associados à sua emergência. Tal como Antonio Candido (2011) e tantos outros críticos literários consideram, as relações entre literatura e sociedade são processos contínuos de trocas de influências.

Ainda que, segundo Candido, a análise e crítica literária devam partir do próprio texto, este projeto não priorizou a análise da produção escrita porque acredita que pesquisas como essa colaboram para uma ideia que desmitifica a posição iluminada, romântica e estereotipada que se têm dos escritores como gênios, como se fossem totalmente independentes de suas condições de classe na criação de suas obras. Além disso, pretendia-se contribuir também para a consciência de que as instâncias de consagração das obras literárias também não são isentas socialmente.

Sartre, em *“O que é a literatura?”*, reflete sobre isso a partir de uma concepção filosófica e, dentro de um contexto político específico, demonstrou o quanto o engajamento dos autores influencia suas produções, suas próprias trajetórias e o quanto uma suposta neutralidade foi historicamente construída (Sartre, 2004).

Bourdieu também considerava, a partir de sua perspectiva sociológica, o quanto as questões que envolvem as classes sociais influenciaram a criação, a legitimação

e o desenvolvimento do campo literário. No contexto das sociedades modernas ocidentais, estes estudos elucidaram de que forma os sujeitos construíram as definições do que veio a ser considerado literatura, sobre quem estaria autorizado a produzi-la e quem estaria excluído desse universo, revelando o quanto o acesso à leitura, por meio da escolaridade, mas também o capital social, foram fatores determinantes nesse processo de consolidação dos grandes escritores.

Assim como é possível investigar o mesmo fenômeno em diferentes classes sociais, a relação entre o trabalho, o capital cultural e a produção literária são relevantes na medida em que os dois primeiros influenciam diretamente nos resultados desta última. Para além dos tipos de trabalho e formas de aquisição de capital cultural disponíveis para as classes populares, sobretudo nos bairros periféricos, as trajetórias neste universo que possibilitaram a emergência destes “intelectuais” merecem uma observação acadêmica.

A cultura letrada de forma geral é uma só, apesar de todas as suas possíveis e variadas manifestações. No Brasil, os negros, os marginalizados e periféricos antes não se posicionavam a partir dela. Quando isso acontecia tratavam-se de casos muito excepcionais, como discutimos no primeiro capítulo. A inclusão desses sujeitos aumenta o repertório e a diversidade de nossa produção literária, garantindo uma maior representatividade, para que a literatura brasileira, tal como os primeiros pensadores e críticos sobre o tema afirmavam, tenha verdadeiramente sua cor local, contemplando e apresentando de fato a diversidade e pluralidade do nosso país e, enfim, todos os espaços e territórios possam ser o lugar da literatura.

7. REFERÊNCIAS⁴⁵

ALMEIDA, Ana Maria F.; PEROSA, Graziela Serroni. Apresentação. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n. 130, p. 23-33, mar. 2015. Ver também, BARREYRO, G. B. . A Educação superior no Brasil: o Público e o privado a partir dos dados estatísticos (1980-2004). Tempo Brasileiro, v. 178, p. 33-53, 2009.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. História da instrução pública no Brasil, 1500-1889. São Paulo: Ed. da PUC; Brasília: MEC/INEP, 2000. Edição original em francês de 1889. APUD: BRANT, PASCOS, PINTO & SAMPAIO. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

BÓGUS, Lucia Maria Machado; PASTERNAK, Suzana. São Paulo: transformações na ordem urbana. Coordenação Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

BONDUKI, Nabil; ROLNIK, Raquel. Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. São Paulo: Prodeur/FAU-USP, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: Crítica Social do julgamento. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. As regras da arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

⁴⁵De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

CALDEIRA, Teresa. A política dos outros. O cotidiano dos moradores de periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

_____. Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DANTAS, Adriana. Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia. Dissertação de Mestrado, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

D'ALVA, Roberta Estrela. Teatro Hip-Hop: a performance poética do ator-mc. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. IN: Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966”. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. “Quem precisa de identidade?”. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença. Petropolis: Vozes, 2000. P. 103-133.

Hasenbalg, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Origens e Destinos – Desigualdades Sociais ao Longo da Vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

HOBBSAWN, Eric J. *História social do jazz*. 6 ed. São Paulo: Paz e terra, 2008.

LEITE, Antonio Eleilson. *Mesmo céu, mesmo CEP : produção literária na periferia de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo: 2014.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 121-192.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. O campo literário afro-brasileiro e a recepção de Carolina Maria de Jesus. *Revista Estação Literária - UEL*. Londrina: Vagão-volume 8 parte A, p. 15-24, dez. 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: 2006.

_____. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: 2011.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Revista Ipotesi*. Universidade Federal de Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011.

PABLO, Tiaraju d'Andrea. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo: 2013.

PEROSA, Graziela Serroni; LEBARON, Frédéric and LEITE, Cristiane Kerches da Silva. O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo. *Proposições* [online]. 2015, vol.26, n.2, pp.99-118.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro*, nº 25, 1997, pp. 159-77.

REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões: A literatura periférica/marginal do Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41, 1989.

SALOM, Julio Souto. Combater a subcidadania disputando o jogo literário: uma contribuição ao estudo da Literatura Marginal Periférica. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2001.

.SILVA, Mario Augusto Medeiros da. Et al. HAPKE, PEÇANHA, TENNINA. *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

SILVA, Mario Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* / Roberto Schwarz. — São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

VAZ, Sérgio. Cooperifa: Antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VIANNA, Hermano. O mistério do samba. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WACQUANT, L. "Proscritos da cidade: estigma e divisão social no gueto americano e na periferia urbana francesa". Revista Novos Estudos. São Paulo, Cebrap, n.43, 1995. p.64-83.

_____. Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Editora Revan, 2003.

WILLIAMS, Raymond. A cultura é de todos (Culture is Ordinary). Maria Elisa Cevalco (trad.). São Paulo: Departamento de Letras, USP, 1958.

Apêndice A – Questionário para público dos saraus

Nome: _____
 Idade: _____ / Cor ou raça: _____ / Estado civil: _____
 Origem (Cidade/Estado de Nascimento): _____
 Origem do pai: _____ / Origem da Mãe: _____
 Bairro onde mora: _____

Com o que você trabalha (ocupação/emprego)?

Qual setor? () setor público () setor privado () por conta própria

Qual sua formação?

() Ensino Fundamental incompleto () Ensino Fundamental completo
 () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo
 () Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo () Não escolarizado
 Formação do pai: _____ / Formação da Mãe: _____

1 – Há quanto tempo participa deste sarau?

2 – Como conheceu o sarau?

2 – Com que frequência participa? () sempre () às vezes () primeira vez.

3 – Exerce alguma atividade no sarau?

4 – Frequenta outros saraus? Quais?

5 – Escreve poesia? () sim () não / 6 – Declama poesia? () sim () não

7 – Tem livro(s) publicado(s)? () sim () não

8 – Participa de algum grupo/movimento político? Qual?

9 – Por que gosta de participar de sarau?

10 – Selecione outras atividades de lazer você frequenta nessa região?

() teatro () cinema () dança () artes plásticas/ grafite () futebol () skate ()
 outros esportes () baile funk () baile Black () RAP/ hip –hop () casa de shows () shows
 ao ar livre

Apêndice B – Roteiro de entrevista para poetas e escritores

- Informações básicas:

- Nome:
- Idade:
- Bairro onde mora:
- Local de nascimento:
- Local de nascimento dos pais:
- Formação:
- Atividade profissional:
- Formação dos pais:
- Atividade profissional dos pais:

- Participação nos saraus:

- Desde quando participa dos saraus?
- Como começou a frequentar? Por qual motivo?
- Quais saraus você participa?
- É organizador de algum sarau?
- Por que resolveu organizar, liderar um sarau?
- Quais foram as referências para a organização do evento?

- Relação pessoal com a literatura:

- Você já escrevia antes de participar dos saraus?
- Desde quando se interessa por literatura?
- De que forma a literatura estava presente na sua escola, em sua formação?
- Na sua formação, você teve incentivo para produzir literatura?
- Na sua casa havia o hábito de leitura?
- Você se define como escritor?
- Você tem livros publicados?
- Como conseguiu publicar os livros?
- Enfrenta dificuldades como escritor?
- Enfrenta preconceitos como escritor?
- Quais são seus interesses nessa área?
- Você consegue se manter financeiramente desta atividade?
- Se não, que outra atividade profissional você mantém?

- Você gostaria de se manter de literatura?
- Você considera que sua produção é literatura periférica?
- Como você define sua produção literária?
- Quais são suas referências? E inspirações?
- Qual seu livro preferido?

- Opinião sobre as condições da literatura e do mercado editorial:
 - Quais são as dificuldades financeiras de um escritor?
 - Você acredita que o escritor da periferia tem mais dificuldades? Por quê?
 - Quais são as dificuldades dos escritores da periferia?
 - Os saraus são importantes para a sua produção literária? De que forma?
 - Como você avalia o movimento da literatura na periferia?
 - Como você avalia a produção literária da periferia?
 - Quais são as perspectivas que você visualiza para os escritores da periferia atualmente?

APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas com os escritores dos saraus

SARAU ELO DA CORRENTE – PIRITUBA

MICHEL YAKINI

Nasci em São Paulo, no bairro de Pirituba mesmo, em 81, e minha história começa com a história de uma família que era de migrantes. Uma parte veio de Pernambuco, da Paraíba e outra parte de Minas Gerais, outra parte do interior de São Paulo, então a gente mora em São Paulo mas é de várias localidades. Mas meu crescimento, minha vivência se dá toda naquele bairro (Pirituba), ali que eu me formei.

Basicamente o que me fazia sair do bairro, que era um diferencial que muitos dos meus amigos não tinham, é porque logo cedo eu me envolvi com esse lance de jogar futebol, então eu saía bastante do bairro, eu ia para outros bairros, e às vezes até para outras cidades. Isso adolescente. Isso foi uma coisa que fez eu ser uma pessoa que sempre vivenciou o bairro, tinha uma ideia muito plena do que era aquele lugar ali, as amizades, o ritmo do lugar, mas desde cedo eu tive algo que cobriu a lacuna escolar de formação, isso de ter experiências várias, foi isso que me levou. Hoje faz diferença na minha caminhada.

(Jogava bola) na escola, mas principalmente porque em Pirituba tem vários campos de time de várzea, de criança e de adolescente. Eu participei de alguns projetos sociais no Jardim Regina, Centro Esportivo de Pirituba que é um local público, então lá eu me envolvi com time, com campeonato por São Paulo, pelo Estado e tal. Então a escola era um lugar em que eu tinha mais a linguagem, mas era pouco atrativo, era mais o futebol também. Eu acredito que minhas maiores referências de formação acabaram sendo os treinadores, os professores. Na escola eu tinha mais dificuldade também, peguei aquela fase que a escola tava começando a se tornar cadeia, ficando muito gradeado, aí o desestímulo era muito grande.

(o início da participação no futebol nos projetos sociais) Foi uma iniciativa minha, por conta de um tio que me despertou isso. Ele me levava para ver jogos e a partir daí eu comecei a gostar. Meu pai nunca gostou e não me incentivava no começo. Minha mãe não tinha muito o que fazer aí ela dizia “vai lá”. Mas aos poucos eles começaram a ver que era importante também, e de alguma forma foram melhorando também as relações, viam que eu tava fazendo algo que era sadio, que tava contribuindo para o meu crescimento né?

Em relação à escola, por exemplo, eu sei que não tinha uma valoração, mas eu era alfabetizado, e eu tinha uma irmã, por parte de mãe, e o pai dela era de uma família que tinha a cultura de leitura, e minha irmã me incentivou. E também por de certa forma conviver com outras formas de palavra, porque minha família é de terreiro, de umbanda, a gente vive em lugares que tem capoeira, roda de samba, essas coisas, então eu sempre tive esse estímulo por palavra. E eu gostava de escrever já assim. Não como literato, mas naquela época eu escrevia cartinhas, eu escrevia cartinha para os meus amigos entregarem para suas namoradas ou pretendentes. Era uma forma de ficcionar que não entendia o que era mas já era alguma coisa né? Então eu acho que foi esse caldeirão que foi me formando.

Minha irmã morou comigo a maior parte do tempo e contribuiu com a minha formação, principalmente porque ela era leitora voraz de quadrinhos. Ela é mais velha. Ela trazia muitos quadrinhos, quadrinhos de humor. Aí que foi me dando, o processo de narrativa, de ficção, que eu não entendia, mas agora eu vejo que contribuiu para o meu repertório. Aó hoje eu consigo ver essa referência dela, porque eu me perguntei por muito tempo como é que hoje eu tenho essa facilidade, pelo menos de gosto, de querer escrever, e de onde vinha né. Na escola eu não consigo me lembrar as referências, são poucas. Na minha casa não havia livros além dos da minha irmã.

Eu lembro que uma época minha irmã começou a acumular, teve uma vez que os ratos comeram todos os livros, as revistas, jogou tudo fora. Então perdeu o apego, meu pai e minha mãe tinha uma escolaridade baixa, eles dominavam pouco a leitura, então não tinha livros, eu nunca tive esse estímulo para ler, agora como eu faço com a minha filha, não tinha. Mas também não me reprimiam de ler aquilo que minha irmã me apresentava, então de certa forma contribuía também.

A minha mãe trabalhou muito tempo como auxiliar de produção. Na época era indústria plástica, ali na região, depois ela saiu, separou do meu pai, então nessa fase ela foi se tornar diarista, e depois, até quando ela se aposentou ela era merendeira de escola. Meu pai trabalhou um tempo como cobrador de ônibus, depois como bombeiro civil, depois teve um tempo que ele ficou encarcerado, por problemas com a justiça e atualmente ele é autônomo, trabalha com material reciclável.

Até quando eu era adolescente os dois estavam com a 4ª série (Ensino Fundamental). A minha mãe quando eu comecei a me interessar pelos estudos e fui fazer faculdade, eu mudei de São Paulo, aí ela resolveu voltar a estudar, daí ela completou o Ensino Médio, foi fazendo isso, trabalhando e estudando. Meu pai parou por aí mesmo.

Eu estudei em duas escolas. Uma se chamava General Ernesto Geisel (risos). A gente analisa hoje e pensa “como pode né”. Depois fui pensar nossa, general, aí fui saber quem é Geisel, enfim...e a outra se chamava Zenaide de Araujo, era por causa de uma professora, não sei muito sobre ela, mas foi onde fiz o ensino médio, as duas escolas eram públicas. Eram escolas até destacadas. A Zenaide tinha fama porque de lá saiu um campeão de vôlei, o Sérgio Escadinha, que joga na seleção, o Serginho, ele estudou nessa escola, inclusive na época que eu estudava também, a gente é contemporâneo de escola, de bairro. Então AA escola ficou famosa por causa disso.

No Ensino Fundamental eu lembro que eu tive facilidade para alfabetização, mas desde lá eu lembro que essa parte gramatical da língua portuguesa é uma coisa que nunca entrou na minha cabeça. E quando eu fui para o Ensino Médio piorou porque você ficar mais esparsa, e outra coisa é que começou o ensino de literatura, já tardiamente, porque tinha que ter tido antes, mas antes era aquela coisa “vai na sala de leitura, escolhe qualquer livro, alguém faz a mediação e pronto”. Mas eu lembro que no ensino médio tinha que fazer trabalho baseado em livro. Os professores não sabiam fazer um atrativo, eles tinham essa dificuldade, então em me lembro que a minha referência era zero. Mas ainda assim, por conta que eu lia em casa, então quando eu terminei o ensino médio, por conta dos amigos também, eu tinha contato com a cultura dos zines, um pessoal do movimento punk, então eu andava com essa galera, eu lia muitos zines, então eu sempre lia. Depois então que eu vi que tinha a parte gramatical que eu tinha que dominar ela, e que eu não domino até hoje. Eu domino mas não no sentido de regras né? Nomes, eu não sei codificar, gramática eu sei lá, eu escrevo, mas eu não domino as nomenclaturas. E eu acho que é porque a escola trabalhou comigo uma língua que não era viva né? Não trabalhou nada dentro do meu repertório, tudo o que fui desenvolvendo era fora, nunca me via ali, então difícil ter esse desenvolvimento.

Eu tenho boas memórias assim, um professor de geografia, que tinha uma técnica de dar aula com o tempo mais curto, jogava vôlei com a galera, tinha essa preocupação de trocar. Tinha uma professora de história também que foi a primeira vez que eu ouvi uma movimentação sobre zumbi dos palmares, bastante positiva, e alguns professores também que não se preocupavam em baixar nossa autoestima, porque eu tinha professores que faziam essa relação, professores que eram agressivos, que chamavam a gente de ‘raça’, uma coisa estranha assim, sempre colocavam na gente a culpa de tudo o que pudesse acontecer. Aí os que não faziam isso eram os que mais marcavam, só uma minoria. O professor de educação física, e tal.

(mantém contato) Tenho, com alguns professores porque depois eu retornei nessas escolas, fazendo trabalho com literatura, reencontrei alguns professores e professoras, alguns tenho contato até hoje. Os estudantes a maioria são meus vizinhos, tem relação, amigos, esses dias estava com dois deles, ficamos por horas conversando, a gente tem filhos na mesma geração, e outras coisas, tem pessoas que não tem mais contato, mas é do mesmo bairro, reconhece, tá sempre cumprimentando, você acompanha o caminho da pessoa, a pessoa acompanha o seu, a maioria ainda tem esse contato, alguns de forma mais presente, outros nem tanto.

Nessa época do ensino médio eu dei sorte porque em São Paulo já tava crescendo essa coisa do rap, do hip hop, então isso também tava bombando na nossa formação, era importante né, supria muito buraco que a escola deixava, mas também tinha a questão das rádios comunitárias que tava pegando muito, naquela época mais do que hoje, tinha muita rádio mesmo, e aí então o meu tio, que hoje é o dono do bar que recebe o sarau, e também o meu pai, eles tiveram interesse em se envolver na rádio, se tornar comunicadores, radialistas, eu não tive interesse a princípio, porque eu não gostava de me expor em público, mas o que aconteceu foi que um amigo chegou pra mim na escola e perguntou se era possível fazer um programa na rádio porque ele sabia que meus familiares estavam lá. Aí eu falei tudo bem, vamos lá, ele cantava rap. Só que aí ele me convidou para fazer junto e eu topei, na hora fiquei meio assim, mas tinha uma finidade muito boa com ele. Eu tinha uns 18 mais ou menos, 18, 19 anos, aí eu fui, aí eu comecei a me interessar por outras formas de comunicação e formação também. Comecei a entender melhor o que estava acontecendo na cidade, culturalmente, naquela época fui começando a sair do bairro para buscar outras atividades, e na rádio eu fui conhecendo pessoas, muito por fazer eventos, de rua, sair da rádio em si, e começar a fazer coisas na rua, música.

E aí um professor, ele não tinha me dado aula, me conheceu lá, porque ele também era do movimento punk anteriormente, e era amigo dos meus amigos, ele foi dar uma palestra em uma atividade e começou a me incentivar, “pô você tem uma pegada que é legal, você devia procurar

alguma coisa na área de humanas”, mas eu não tinha nem ideia. A gente não é preparado para ir para a faculdade. Aí eu falei “poxa, vou começar a levar isso de uma forma mais séria”, comecei tentar a pesquisar mais, aí soube que tinha um cursinho pré-vestibular na faculdade de medicina da USP, aí eu consegui ingressar nesse cursinho, eu tava com 22, 23 anos, eu ingressei nesse cursinho, fiz esse cursinho dentro da universidade de medicina, com os estudantes da faculdade de medicina, então foi um ponto interessante assim, e lá eu conheci muita gente que já tava, de várias quebradinhas, mas algumas pessoas já tavam procurando estudo. E lá eu estudei com a Elizandra⁴⁶ também, a gente estudou junto lá.

Eram pessoas que já tavam sabendo, que tinha faculdade, que vinham de outros cursinhos, aí eu comecei a prestar vestibular, não tinha essa ideia, comecei porque eu tava com buraco muito grande de formação e precisava retomar, aí eu arrisquei prestar alguns vestibulares e passei no curso de ciências sociais da federal do Paraná. Porque nessa época também eu já tava, eu era companheiro de uma moça que era lá do Paraná, ela morava aqui em São Paulo mas era de lá, então me deu um toque, ‘lá tem a universidade federal’, um pouco mais fácil que passar na universidade aqui, pública, daí eu arrisquei, fui, sem pretensão, mais pra experimentar, passei, aí já fui morar lá, fui morar com a família dela, em Curitiba.

Aí eu fiquei lá dois anos, não fiquei até o final do curso, não me formei, meio um choque porque eu já tava vindo de outra formação, cultural, fazendo coisas, aí lá eu me dei bem no início, mas quando você começa a querer ter um protagonismo, a universidade, ela limita pra ter um protagonismo. Aí eu me senti bem acolhido por algumas pessoas, amigos, eu fiz grandes amizades lá, essas pessoas contribuíram muito para ajudar na minha forma de pensar, conhecer pessoas de outros níveis de grau de escolaridade, de cultura diferente, pessoas de poder aquisitivo diferente, essas coisas, você tá lidando com gente que tá lá na pós-graduação, ou que mora lá do interior de Santa Catarina, tem gente que é rica né? (risos). Aí você fala ‘caramba’ né, mas ‘vamos lá’. No começo, você vai vendo, eu preciso entender esse mundo também. Mas acho que foi um baque grande, aí eu comecei a querer voltar, coloquei na minha cabeça que queria voltar, desenhar coisas por aqui. Aí nessas eu já tinha saído daqui com conhecimento da literatura que tava rolando, já tinha essa ideia, muito porque eu já escrevia antes de ir para lá. Meu pai trabalhava com material reciclável na época, me mostrou uma revista que ele pegou no lixão que tinha uma matéria com o Férrez, e eu já conhecia porque eu já lia ele, naquela época já tinha CEU, já ia na biblioteca, lia as revistas e tal, aí isso já me levou. Aí antes de ir pra lá eu já conhecia o Buzo, porque ele era fanzineiro e eu já escrevia fanzine, foi uma das primeiras produções que eu fiz na época da rádio, conheci o Buzo, na época por telefone e por carta, não era nem pessoalmente, eu conheci ele pessoalmente quando eu vim de Curitiba e fui buscar uns livros dele.

Aí eu comecei a ter alguma coisa que me puxava, para fazer, e lá o conhecimento, a formação, aquela coisa toda que pesa muito, mas eu resolvi não ficar preso a isso, porque eu tava ficando infeliz. Entre várias coisas, o ponto que culminou é que eu participava de um grupo de pesquisa, um grupo de estudos que várias universidades tem, federais, que chama ‘SETE(?)’ e que tem vários cursos, era sete estudantes pro grupo de pesquisa, esses sete era de ciências sociais e eu participava como um dos alunos, você faz pesquisa um tempo para que eles te preparem para o mestrado. Aí é muito rígido, não pode ter falta, tirar menos na nota, um monte de coisa, mas tudo bem. Só que aí teve uma vez que eu vim pra São Paulo, sempre que eu tinha um brecha acabava vindo, eu vim em uma época que acabou culminando com o maio de 2006, aquelas mortes, e aí quando eu tava aqui eu não podia ir embora, porque tava muito ruim sair à noite, eu viajava principalmente de madrugada, então tava ruim sair do bairro, aí fiquei, quando eu fui pra lá no outro dia, era uma sexta, eu fiquei o fim de semana e voltei pra lá na segunda, a professora me pressionou, disse que eu não devia ter faltado, eu disse teve um problema aqui. Só que como eu era da primeira geração dos cotistas, essa coisa toda que aconteceu aqui no Brasil, os professores desconfiavam que a gente tinha condição ainda, eles não acreditavam o que a gente era, de onde a gente era, ficavam questionando minha origem, eu falava ‘olha, você não está sabendo de nada’, ‘as coisas estão mudando e você não está sabendo’. Então ela pediu ‘eu quero que você escreva uma análise sobre isso’, ‘eu não vou escrever análise nenhuma, é a minha vida, não vou pra lá como observador, eu tive um problema, aconteceu’. Aí ela ‘tenta escrever alguma coisa’, aí eu escrevi literatura, escrevi vários contos que não tinha nada a ver com o momento, da violência.

Isso porque ela levava pro grupo literatura indiana, sobre sistema de castas. A gente usa a Índia como objeto de estudo da violência, e os centros urbanos não, porque isso a gente não quer saber. Aí

eu dividi isso com o grupo, a gente leu, ela no dia disse 'tá bom, mas não era isso e começou a falar várias pra mim'. Ela disse 'a universidade é um lugar para formação de elites. E outra coisa é um lugar pra um projeto de Estado Nação, se você não tá entendendo você tem que rever o que você tá fazendo aqui. Foi quase, 'vai embora porque você não tá entendendo'. A gente discutiu muito, ela me falou que eu era agressivo, eu falei 'agressivo por que eu estou questionando você? Por que não to respeitando o que você fala tenho que ficar quieto? Ai foi uma coisa estranha, teve um aluno que chorou, com a gente conversando, porque é isso, onde tem hierarquia, 'como você pode falar assim com ela', mas a gente tava conversando em um debate mesmo, se não tem coisa pra incluir nem vai, e a gente tinha quase a mesma idade, e eu tinha uma experiência de vida muito maior que a dela, normal, mas a partir daí eu não vou mais fazer parte daquele grupo nem nada aqui, não tenho vontade de entrar nesse prédio, aí eu resolvi voltar, comecei a desenhar a minha vida aqui em São Paulo, e aí quando eu passei, eu voltei em um nova situação, eu casei coma Raquel, que agora é minha parceira de trabalho, e nessa época comecei a entrar mais nesse lance do circuito literário mesmo, me aproximei mais ainda, o Buzo, comecei a ir mais no sarau, eu não tinha ido, mas já sabia, ingressei na universidade aqui também, na letras, ingressei duas vezes na USP em letras, larguei as duas vezes, até hoje não tenho graduação. Hoje, menos por conflito, na verdade eu fiz bom uso das coisas que aprendi na faculdade, mas é porque eu não dou conta mesmo, não consigo mais, o trabalho que eu faço me exige um tempo que eu não consigo mais ter uma vida acadêmica que a universidade exige, que você esteja lá diariamente e não sei que, não consigo.

Também, mudei minha concepção, uma coisa que eu preciso, porque se não tiver...entendo que é uma coisa social, que pode dar referência, que muda o quadro, várias coisas, mas é possível, existe vida após academia, então não vejo mais como algo fundamental, posso até estudar ainda, mas hoje não é o ponto e o que me fez pensar assim é que eu comecei a vivenciar esse lado do trabalho com a arte, com a cultura, essa cultura que vira sinônimo de arte, eu comecei a trabalhar com isso, mas naquela época, eu já tinha trabalhado de vendedor na feira, vendia Maria mole na feira, já tinha trabalhado como empacotador de mercado, mas aí depois eu comecei a trabalhar com telefonia e nessa área de construção civil, foi meus primeiros empregos, com salário, ponto, e quando eu comecei a trabalhar com cultura passei a conciliar as duas coisas, fiquei trabalhando como telemarketing também, fiz um curso técnico para trabalhar na área de telefonia, nas redes, só que aí já não tava conciliando muito, já tava exigindo muito, eu faltava demais, tinha que viajar já e aí comecei a ser promovido, me manda embora, me promove pra outro lugar, daí que eu apostei que ou encarava esse trabalho como profissão também, já tinha o sarau, que desde 2007 ele acontece, a gente já tinha uma rede que a gente participa, e começou a intenção que a gente tinha que dar atenção para isso, comecei a dar atenção profissionalmente, comecei a buscar financiamento, o primeiro emprego que tive nessa área foi como educador na Fundação Casa, trabalhei dois anos, aí eu também adoeci porque é um trabalho muito ruim, muito desgastante, subalterno também, e lá foi uma escola boa para eu me preparar para trabalhar como educador em outros espaços, arte educador, oficinas, formação, para professores, centros culturais, em literatura, produção cultural, elaboração de projetos, essas coisas. E o (sarau) Elo faz parte de uma produção que a gente faz, que é mais comunitária, que não envolve tanto o trabalho em si, mas é algo que a gente capta para algo em comum, coisas pro sarau, pro grupo, ou pra fazer ações no bairro, foram desenvolvendo esses trabalhos ao longo dos anos, e temos 9 anos de atividade, um sarau, uma editora, um catálogo de 14 livros, de pessoas do movimento, a gente tem um espaço cultural, a gente tem parceria com a biblioteca agora para receber atividades culturais, a gente já realizou festas para as crianças, palestras, essas coisas, então é esse lado que vai movendo hoje, tanto o trabalho do coletivo quanto o trabalho pessoal, e esse envolvimento com esse movimento todo, dos saraus principalmente.

(como surgiu a ideia de fazer o sarau?) Primeiro nessa época que eu voltei de Curitiba eu voltei para a rádio, aí como eu já tinha contato com o pessoal do rap, do bairro, e eu conheci a Raquel, ela também cantava em um grupo de rap, então a gente tinha um programa, mas o que a gente tinha em comum era principalmente essa produção poética, no rap, escrevendo algumas coisas, e sabendo dessa coisa dos saraus que já tava acontecendo, eu e a Raquel principalmente começamos a transitar nos saraus, e já tinha uma intenção nossa de fazer alguma coisa no bairro, só que a gente sempre falava, tem que fazer uma coisa que fosse digna, e faltava dinheiro para fazer algo digno, e quando a gente foi no sarau, principalmente na Cooperifa, o lugar que a gente tinha uma referência maior, a gente conseguiu ver a intenção de que o sarau é fazer algo, sem muito recurso, porque a exposição é o principal, não precisa ter grandes equipes, equipamentos, basta ter disposição, ver as pessoas que tão afim, e acontece. E a gente apostou fazer, muito porque nessa época eu já tava com um livro preparado, um livro de contos, que eu tinha escrito durante o processo de Curitiba, inclusive aquela produção acabou virando o livro, daí eu lancei esse livro e lançamos no sarau, a gente fez o

sarau mas não sabia se ia ter continuidade, mas desde então teve gente que foi motivando a gente, aí começamos a fazer semanalmente, e sempre indo nos outros, vamos fazer e valorizar quem tá fazendo, foi o que fortaleceu muito a gente, assim como a gente frequentou muito o sarau das pessoas.

No começo o bairro abraça, mas depois estranha, e essas pessoas legitimam também, e hoje o sarau vale para as pessoas de dentro do bairro, mas demorou para isso se consolidar, teve momentos que o sarau teve muito mais pessoas de fora, mas hoje o bairro já sabe e quem gosta vai, virou parte já do povo.

(vai continuar para além do grupo que está organizando?) eu acredito que sim, não é sempre que está todas as pessoas. Tem situação que eu não to e rola, porque já tem, já sabem como fazer, é uma rotina. As vezes um tá viajando, outro não pode porque tem algum compromisso e não dá pra conciliar então se uma pessoa não tá sempre rola. Não sei se acontece se o grupo organizador não estiver porque depende né, alguém tem que chegar mais cedo, tme que preparar. Quando tem um evento (lançamento), tem que convidar quem vem, tem que recepcionar, tem que divulgar, mas o evento em si, a atividade em si rola sem interferência. Se alguém marcar e as pessoas estiverem lá com certeza vai acontecer.

(importância dos saraus para divulgação e circulação dos livros?) Eu acho que é importante porque a gente está dentro de um recorte literário que não tem prestígio. Nem em grandes editoras nem em grandes livrarias. A gente tá no modo mais precário, mas dentro do movimento a gente tem uma recepção muito boa. A partir do momento que a gente integra um selo editorial e faz essa troca de receber autores, a gente fortalece uma produção né, estimula mais as pessoas a escreverem e a publicar, você cria público. O ponto chave que eu acho que o sarau contribui muito para a cidade foi o incentivo à leitura, formar leitores. A gente começou a publicar e colocar literatura em um ponto como prioridade, mas não tínhamos leitores, então teve um processo de formação de leitores também, acho que tem avançado também. Por mais que a maior parte da palavra é falada, já tem bastante gente que é leitor e, inclusive, hoje as pessoas não leem só a literatura da periferia, mas literatura, outras editoras. A gente não é hegemônico, mas tem uma alternativa aí.

(como criaram o selo editorial “Elo da Corrente”?) O selo é normalmente, eu e a Raquel que toca mais essa parte, é um sele editorial que a gente define o que vai ser publicado ou não. Normalmente a gente não tem uma periodicidade de quando vai ser, é quando surge alguma ideia, a gente vai publicar um livro da Lids, por exemplo, a gente trabalha a longo prazo, dialogo com a pessoa com a maioria dos escritos aí a gente vai, e depois busca parcerias para a procura da editora, alguém que revise, diagrama, ou que possa gravar, se for áudio livro, e prestação de serviço para impressão. A maioria dos livros sai com edital público mas nem sempre, a gente já fez livro independente. Os meus livros com o selo não foram por edital, foram pagos por outras formas, um outro trabalho.

Antes a gente tinha a ideia de publicas as pessoas do bairro, mas agora não necessariamente também. E a gente soma com outras editoras para fazer contribuição de publicação coletiva. A gente já fez livro com o Sarau da Brasa, Ciclo contínuo, pra um livro que estão fazendo. É pra juntar grana, é pra ajudar a organizar, a gente vai se reúne, conversa, faz junto. Também é uma forma. E a ideia também da editora é colocar também a parte escrita dentro da ação toda. O sarau tem a oralidade mas tem a escrita também. Com o selo a gente tá dando força pra essa ideia também.

(já foram publicadas 14 obras pelo selo Elo da Corrente) Tem uma antologia, tem obras em dupla, mas a maioria são obras individuais.

(como funciona a participação no selo editorial) a maioria das vezes a gente que convida. Como a gente divulga como editora algumas pessoas nos procuram. Mas a gente não publica ninguém que não for literatura da periferia. Isso é uma premissa. Então a gente não quer ser uma editora prestadora de serviços das menores, a gente publica quem tem a ver com a nossa ação. Então a maioria das vezes é a gente que convida. O Fuzzil por exemplo, não convivia com a gente, ele era da zona sul, foi por ele procurar, conversar, amadurecemos a ideia e saiu um livro. Foi em 2011. Ele lançou outro com a gente, chama ‘Caturra’. Hoje ele tem até o selo dele também, então vai desenvolvendo.

(vocês escolhem fazer pelo selo próprio ou já pensou fazer com outra editora?) Não, não fiz ainda esse passo. Muito por acreditar que esse caminho é muito árduo. Poucas pessoas conseguem mandar um texto, passar um texto, sem que seja algum que já tenha conhecimento (seja conhecido), um nome que já tenha uma pressão, dificilmente eles colocam novos nomes. Não fiz esse passo, agora que eu to preparando um romance, ai o romance não sei se compensa publicar pela editora independente, fica muito caro e eu também acho que é um livro que merece uma circulação maior. Mas até o momento, mesmo com o livro pra finalizar, eu não recebi nenhuma proposta também. E não mandei o texto porque ele não tá pronto, espero deixar ele pronto para mandar. Mas não sei qual

será o caminho também, ainda tá muito nebuloso. Daí mandar e ficar três anos esperando uma resposta, se é sim ou se é não...

(mas você não se opõe ao mercado editorial?) eu tenho críticas, eu entendo que o mercado editorial brasileiro ele é racista, elitista pra caramba, monopolizado por famílias, para mim é fato. Agora assim, eu entendo que ele tem valor de distribuição, a forma como trabalha o texto, ter uma equipe, em que você não precisa ser o escritor, o editor, o diagramador, o revisor, você vai ser só o escritor, ele tem uma estrutura. Então acredito que é importante também entender esse processo. Eu até tenho dúvidas, eu não tenho o domínio pleno, como é a relação com as grandes editoras, mas eu tenho por intenção publicar sim por uma grande editora, se surgir um convite e ele for válido, vou fazer, se achar que não, aí tem que analisar né, mas dizer 'eu não publica nunca', isso não, porque a gente faz independente mas a gente também tem falhas, não consegue expandir o tanto que a gente quer.

(quais são as principais dificuldades?) Primeiro, as editoras não tem um olhar digno sobre nós, por conta da nossa origem, a gente não tem um olhar digno dentro da cultura de São Paulo, do Brasil, enfim. Muitas vezes quando é valorizada é uma valorização estereotipada, ou é desvalorizada porque quando é pra trabalho a gente recebe menos, em vários níveis, desde dentro do nosso, quando é mulheres, tudo isso tem desigualdade. Esse é um ponto. Outro ponto é que, apesar de São Paulo ser um dos poucos que ainda tem um mínimo de incentivo pra fazer arte, ainda não é o ideal. A gente passa muita dificuldade financeira pra fazer, pra poder viver. Aí você precisa se desdobrar em mil trabalhos, esses trabalhos também tem uma forma de remuneração muito confusa, tem aqueles trabalhos que você faz para a prefeitura em outubro e fica até hoje sem receber, coisas do tipo. Isso desestrutura o seu fazer, e aí você não consegue aprofundar sua forma de atividade. Eu tô fazendo o romance há quatro anos e a maior dificuldade desse ano, apesar de eu ter escrito uma parte, eu tenho dificuldade de me empenhar porque eu tenho outras mil coisas pra fazer e as vezes eu tenho que deixar de lado essa produção para aquilo que é mais imediato.

Outro lado, que é como uma moeda, é que como a gente fala a partir de um lugar, de uma origem, a gente tem esse discurso, aparece na nossa arte, isso é importante. O discurso da negritude, da periferia. Mas por outro lado isso também nos traz uma forma limitada de ação. A gente é cobrado insistentemente pra só falar disso, ou é visto como alguém que só pode falar disso, que só tem propriedade para falar disso. Isso desumaniza a gente. A gente não tem só isso como repertório. Essa é parte de nossa formação, é a principal, mas não é a única. E a gente pode pensar que não consegue desenvolver as outras formas também, outras relações, que a gente não possa olhar pra além da quebrada e que possa ser uma mão de troca. É um questionamento que faço hoje também. Eu entendo que por a gente ter esse compromisso com o social, a parte estética as vezes é deixada de lado, a gente deixa de produzir uma arte que tenha a ver com a nossa cara, por ter medo de ficar só estética, porque estética pode ficar a arte pela arte, 'eu sou um esteta', que não quer saber de nada, mas até quem é esteta que quer saber de alguma coisa, tá querendo intervir com a sua linguagem, mesmo quem diz que não tem discurso, mas tem discurso.

Então eu penso isso, a gente tem limites. Eu várias vezes preparei um texto aí você sai de casa você lida com um assassinato, aí como é que você não vai falar do assassinato, vai falar de qualquer outra coisa. Tem esse limite. Eu não sei bem como é que equilibra. Nas minhas escritas eu não vou dizer só sobre cotidiano. Tem horas que eu não vou pro cotidiano, falo de outra situação. Eu mantenho a coluna hoje no jornal (Brasil de Fato), então é isso, no jornal meus textos são preparados durante 15 dias, eu não escrevo sobre o diário, porque se eu for escrever sobre o diário eu vou ficar preso só nas marmelas de onde eu moro, mas eu acho que eu posso falar de outras coisas também. Eu posso falar da periferia, do que eu vivo, mas eu posso falar, sei lá, de como fazer um chá de ervas (risos), pode ser isso. E faz parte de mim, não deixa de ser. É o perigo do monotema.

(como você analisa o movimento atualmente?) Tem um ampliação, principalmente por conta do feminismo, tá muito mais forte hoje, das mulheres estarem lançando antologias, fazerem seu trabalhos, isso é muito bom. Ampliou para muitos bairros e os bairros são diferentes, então cada sarau mostrou que cada lugar tem uma cara. Isso trouxe diversidade pro entorno, do movimento. Eu acredito que tem mais produção pra fazer a literatura no sentido de trabalho com a palavra. E sem medo de "não sou mais quem eu sou". Uma preocupação de se por no texto, mas que ele tenha a marca de quem escreveu mesmo. Que não seja só o discurso. Eu posso dizer o que for, eu posso falar de uma cena cotidiana no meu bairro, mas de um jeito próprio. Quando você ler possa deixar uma marca minha também. Isso tem a ver com o trabalho com a palavra. Aí está diferença em só olhar, observar o cotidiano e fazer uma matéria jornalística, por exemplo. É diferente. Tem vários entraves, um deles é a linguística. Eu, por exemplo, faço texto pro jornal e vivo sendo cortado porque eles não têm compreensão que eu tô tentando imprimir uma linguagem também. Se eu não posso desprezar o meu tema, a escrita vai ser do meu jeito. Aí (dizem) 'ah não, é errado gramaticalmente', o

artista pode mais, não seguir uma gramática normativa, você tem que usar um repertório que está além da periferia para discutir isso. Mas eu me preocupo também abrir margem hoje para que muitos trabalhos, na nomenclatura de sarau, que não tem ideia de incentivo à leitura, não tem trabalho de base, o pessoal que frequenta sarau, que já é formado, já é poeta, junta um monte de poeta e a gente faz um novo sarau. Isso é bom? Isso é também, mas anteriormente a gente cavava na comunidade o que tinha. Por conta desse crescimento, enfraqueceu nosso intercâmbio também. Hoje eu já circulo muito menos. Fico muito mais em Pirituba porque já tem mais opção. Isso de certa forma ampliou, mas distanciou. Antes o menos era mais e agora o mais pode ser menos também. Mas nunca ficou melhor ou pior, mudaram né?! Eu fico olhando pra ver se eu gosto da mudança e aí vou nela. Cada um vai se adaptando como pode, mas interessante porque não tem um jeito só de se fazer. É um movimento que tem a Cooperifa como referência, o Binho, que são os mais antigos, mas cada pessoa que toca um sarau tem um jeito próprio, não existe uma cartilha, não é um movimento fechado, que tem prescrição. Isso é bacana.

Uma coisa que é comum em todos é que não filtram os textos, a pessoa vai lá e fala o que quer, como quer, a livre expressão é comum. Alguns vão mais pra música, outros pra performances de poetas, linha de recorte de gênero, outros de recorte racial, assim vai. Mas acho que é um somatório de uma grande narrativa.

(o termo marginal/ periférico ainda faz sentido para reunir essas múltiplas expressões?) O termo periferia? Faz. Faz sentido porque corresponde a um espaço físico, que tem uma dinâmica de vida. A gente vive em espaços muito parecidos, seja na zona leste, zona sul, zona norte, os bairros da periferia são parecidos. Pode mudar o contingente, o lugar de onde vieram as pessoas, mas é muito parecida a estrutura, o que acaba sendo igual. A gente tem em comum uma forma de falar, de se identificar, também sofremos as mesmas violências, isso traz identidade então isso ainda tá no que é conhecido como cultura de periferia, nos unifica mesmo, de fato.

(mesmo sem falar de periferia, a literatura é de periferia?) A literatura não é só falar do seu espaço físico. A periferia é múltipla, tem gente de várias idades, origens, formas de pensar, crenças, então os discursos são infinitos, pode sair tudo. A gente pode falar da violência, é um tema, mas a gente pode falar de frutas, é outro tema. Eu no meu trabalho com a palavra não tenho mais medo de ficar pensando se vai soar periférico ou não. Eu já falo desse lugar, ele tá em mim, então quando eu opino sobre qualquer outra coisa, estou tendo um olhar a partir de onde eu vim, a minha formação tá sempre no meu texto. Agora a forma como eu observo, pode ter outras referências também. E ainda quando passa por mim passa pela periferia e volta, não tem mais essa de 'ah o tema é esse, o jeito é esse', eu tô buscando agora o meu jeito.

(você já sofreu preconceito por ser escritor – dentro e fora da periferia?) Várias vezes. No bairro, tem aqueles que se confundem com o que você faz. Eu trabalho basicamente na minha casa. Escrevendo projetos, escrevendo textos. Isso confunde muito as pessoas. O primo não sabe o que você faz, o vizinho, a família não sabe. É confuso mesmo. E a gente tem um perfil diferente mesmo. A gente se veste de um jeito diferente, senta de um jeito diferente. Tem estereótipos. Algumas são positivas. Chama a gente de 'sarau', não pelo nome. Tem quem chame de 'macumbeiro' no sentido pejorativo, porque no sarau toca tambor. Os externos é aquela história assim, por mais que você tenha um perfil diferente na periferia, quando você sai, você é pobre, negro, não tem como, isso é fato. Uma vez eu estava em Cuba, e lá as pessoas costumam alugar a casa das pessoas, eu fiquei na casa de uma família cubana, e tinha mais dois quartos, e num dos quartos tinha um casal de um cubano e uma italiana. Tinha uma geladeira do lado externo em comum. Depois de uma semana lá, um dia a italiana falou que eu tinha pegado os chocolates dela. Me acusou de roubar chocolates. 'Só pode ser você, vou chamar a polícia'. Eu falei sério, 'você está completamente enganada'. Ele me culpou porque eu tenho o estereótipo de quem pode roubar ela. No final das contas eu conversei com a dona da casa, eles viram que tinham arrombado a porta. Em Cuba tem escassez de produtos, as pessoas roubam mesmo. Depois a italiana falou que podia ter sido o primo do namorado dela, aí ela tava acusando o cubano também, uma premissa. Era tipo um cortiço, muitas casas, não dá pra saber. Depois ela tentou se justificar, tentou me dar charutos, ficou pior. Eu fiquei paralisado, mas depois eu escrevi, virou uma história.

(como escritor da periferia?) O que eu percebo que é que as vezes as pessoas se surpreendem, quando você chega em uma atividade, ninguém conhece, e você não tem uma divulgação anterior, o pessoal olha com desconfiança no início, o que você vai dizer, qual é seu repertório, mas eu também tô bem seguro. Apesar de eu não ter terminado a academia eu conheço muito bem esse código, eu consigo levar o que eu penso, a minha linguagem, mas também conversar na linguagem deles, isso tem me ajudado. Aí acho que rola uma surpresa. No princípio eles olham pra gente – 'eles não são bacanas, mas vamos tentar'. E aí quando a gente consegue dar uma invertida eles ficam até

perdidos, percebe que tem uma qualidade, admitem isso, a maioria dão a valorização – ‘legal, tenho umas coisa, vamos trocar’ - mas tem alguns que tem um pouco de medo, sei lá. Mas isso fica mais no burburinho, as pessoas nem leram ainda, nem chegam nesse lugar, como é que falam que não tem qualidade? O livro só circula no sarau. Então uma pessoa no exterior não pode dizer que a literatura não tem qualidade porque ela nunca conheceu. Isso é burburinho de evento porque a gente sabe, vira verdade, mas para mim diretamente não teve nenhuma situação. Teve gente que falou comigo em palestra – ‘tal escritor não é mais da periferia porque saiu de lá, apontando pra Paulo Lins’. A tentativa é sempre de demarcar a gente – ‘você tem que falar disso, você tem que morar ali’. Eu quero que meu livro seja lido lá na minha rua e no Afeganistão. Se um dia eu quiser sair de Pirituba eu vou sair, não quero sair agora, mas o dia que eu quiser sair não tem problema. Um das coisas que quero desenvolver é a própria liberdade. Eu já sai e voltei. Não fico nessa de ‘sou da quebrada e pronto’, até porque não é boa, a estrutura é horrível, a gente gosta das pessoas, do convívio, mas se pensar na estrutura não dá.

(que autores te inspiram?) As grandes referências pra mim em como fazer, atuar, como produtores, são os meus pares, dos saraus, desde o Ferréz, Sérgio Vaz, Dinha, Elizandra, pessoas que eu acompanho e admiro a caminhada. O Akins, o Buzo. Essas pessoas eu admiro que porque eu me identifico na escrita, na forma de fazer, mas em como elas trabalham pra divulgar e trocar essa literatura. Além disso também a relação do Quilombohoje, Márcio Barbosa, Esmeralda, Miriam, Sérgio Balouk, são pessoas que eu me aproximei e tenho hoje como referência, a literatura negra. Agora descobri outras coisas para além dos contatos também, para a base dos meus textos o que eu mais estudei são os escritores africanos de língua portuguesa, de Angola, Angelino Vieira, João Zaqui, Pepetela, são autores que eu gosto de ler, de Moçambique, Siviani, o Mia Couto também, são pessoas que eu leio, que eu gosto de ler mais de um livro, e que influenciam no jeito de escrever; Ana Paula Tavares, em Cabo Verde também gosto muito do Faustino Forte, Vera Duarte, são escritores que eu gosto do estilo, e muito por quê? Quando eu vi esses escritores, eles tem um olhar sobre o Brasil, eles começaram a fazer uma literatura em África, para trazer uma ideia de trazer uma literatura africana de origem oral, mais a língua portuguesa e origem europeia, e o Brasil como algum lugar exemplo que já tinha literatura em língua portuguesa, e tava tentando uma forma nova de expressão. Se eles estão olhando pro Brasil, a gente deve olhar ainda mais. Gosto também das escritoras negras americanas, Tony Morrison, Alice Warrison. Diz muito das coisas que eu gosto de escrever, que são as nossas origens, mas tem uma forma de escrita que eu vejo trabalho ali, uma batalha com a palavra, com a narrativa. E aqui no Brasil, além dos escritores da periferia, eu gosto muito do Mário de Andrade, gosto pra caramba. E aprendi o lance de subverter a sua própria época a partir da literatura, o movimento modernista em si, Clarice Lispector é uma que eu gosto de ler. Agora eu tenho lido muito os colonistas, com esse lance de escrever (pro jornal), Mário Prata, nem tudo que ele escreve eu gosto, mas acho que ele tem uma pegada literária bacana, o tema, muitas vezes a gente abstrai; o filho dele o Antonio Prata eu gosto bastante; Machado (de Assis) também, Carolina de Jesus, Solano Trindade, são esses nomes que eu me identifico e busco referência.

RAQUEL ALMEIDA

(Primeiro qual como é o seu nome completo Raquel?) Raquel dos Santos Almeida.

(Quantos anos você têm?) 28 anos. Nasci em Pirituba.

(Seus pais são de onde?) Meus pais são da Bahia eles são de um lugar chamado Itabuna, Sul da Bahia e eles vieram para São Paulo no início dos anos 80.

(como eles vieram?) Eles se casaram na Bahia e vieram juntos casados. Meu pai, minha mãe com a família deles todas. Foi um período em que meu avô faleceu, minha avô tinha uma fazenda “uma roça que eles acham” aí e ele faleceu aí o meu pai vendeu a fazenda e vieram para São Paulo tentar “sorte” aqui. Foi um período conturbado chegar em São Paulo vindo da Bahia, para se reestruturar. O lugar onde eu moro é uma ocupação. Ocuparam um terreno aí eu cresci ali. *(O terreno é regularizado?)* Não é regularizado, mas também nem vai ser, aquele “uso capião” que eles chamam sabe? Estou lá desde então.

(você mora com seus pais?) Não. Hoje em dia assim, eu morei como os pais até 17, 18 anos porque meu pai e minha mãe se separaram eu tinha 16 anos e aí minha mãe foi pra Leste, lá pra Poá e meu pai vendeu a casa que ele tinha lá nesse lugar e foi pro interior, foi para Campinas. E eu era casada com o Michel morei ali perto do bar do Santista (ali do lado). Depois que a gente se separou eu voltei para Santa Terezinha, eu tenho uma irmã ainda que mora ali. É um lugar que eu gosto muito por isso que eu voltei pra lá. O pessoal fala “ah você não vai sair daqui?”. “Eu falo não”, é um lugar que eu fui criada, as pessoas eu conheço todas, então é um lugar que eu sinto muito segura para morar.

(Você já mudou de bairro?) Não. Morar assim não, sempre em Pirituba.

(*Qual era a profissão dos seus pais?*) Meu pai ele é caminhoneiro e minha mãe diarista. Só que na minha infância quem trabalhava em casa era meu pai só. Minha mãe era dona de casa total. Eu sou a terceira filha de sete filhos e meu pai ele sempre ficou muito na sua por conta da profissão e minha mãe compensando em casa. Minha mãe passou a trabalhar quando eu tinha 12 anos que aí ela voltou e começou trabalhar em casa de família e não saiu mais.

(*Até hoje ela trabalha de diarista?*) Hoje em dia ela é merendeira numa escola lá em Poá.

(*E seu pai continua sendo caminhoneiro?*) Meu pai continua sendo caminhoneiro. Ele na Bahia não era caminhoneiro, ele trabalha em roça (plantio) e foi uma profissão que ele passou a ter aqui em São Paulo, a sobrevivência era essa na época aí ele foi aprender a dirigir caminhão e está nessa profissão até hoje. Hoje em dia ele até tem “asco”, ele quer tentar se aposentar mas não está conseguindo, mas sempre “caminhando”, enquanto isso continua sendo caminhoneiro.

(*Seus pais estudaram?*) Tanto meu pai quanto minha mãe eles pararam na 4ª série.

(*Lá na Bahia?*) Lá na Bahia. Minha mãe tentou voltar estudar, mas meu pai não deixou (risos) ela voltar. Só podia se fosse com ele. Minha família era evangélica, hoje em dia todo mundo “é largado” e foi uma coisa que contribuiu muito. Ele já nasceu machista. Homem é “foda”. Numa criação aquela família interiorana sabe? O homem que manda na casa, homem que dá a voz, o homem que deixa e que não deixa e ele não deixou minha mãe estudar. Era o sonho dela complementar os estudos. Minha mãe ela é uma pessoa que ...Tudo assim que eu gosto de fazer hoje que envolve a leitura eu devo muito a ela, porque ela sempre leu muito, sempre soube muitas histórias e sempre me incentivou a leitura. Meu pai já ficava mais fora nessa questão. E como ele era evangélico tinha um lance assim de não deixar ler qualquer livro ou não deixar ler livro mesmo. Só a bíblia. Então a gente lia tanto eu quanto ela líamos escondidas em casa. Eu trazia livro da escola ela lia e colocava de baixo do colchão pra ele não ver porque se ele achasse seria uma guerra em casa. Meu pai é um cara com muita inteligência em matemática, faz uns cálculos que eu nunca consigo fazer de cabeça, mas ele devido ao trabalho que desde criança que eles trabalham. Então minha mãe parou de estudar porque a mãe dela faleceu e aí ela foi cuidar dos irmãos e se casou com 13 anos e aí “acabou”.

(*todos os irmãos gostavam de ler?*) Não, no caso era eu mesma que era pentelha, meus irmãos são bem sossegados. Minha mãe ela tinha coleção de quadrinhos e literatura de cordel e tal e essa troca eu tive muito com ela até porque eu vejo ela de uma família de contadores de história. Ela e meu tio tinha um lance muito sério de contar história, chegava final de tarde eles se reuniam e contavam história da Bahia e histórias extraordinárias e meus irmãos participavam disso, mas com a leitura. Esse lance com livro era mais eu em casa. Tanto que eles cada um está numa área, escolheu alguma coisa assim, nada relacionado. Eu sou a “ovelha preta” da família mesmo, nesse sentido.

(*Vocês chegaram a ir à Bahia, vocês ainda têm familiares lá?*) Temos família sim, mas são parentes que a gente desconhece. Conhece hoje dia por conta do Facebook, a gente começou a ter contato. Não eu não fui no lugar onde a gente morou. Fui na Bahia mas não para visitá-los.

(*Seus pais voltaram?*) Meu pai voltou recentemente, minha mãe não. Faz 34 anos que ela não vai à Bahia. Do tempo que ela veio para São Paulo ela nunca mais foi. E é uma mágoa dela até hoje com o meu pai inclusive porque ele não deixava ela viajar entendeu. Ela teve oportunidade, mas ele não deixava. Então a gente conhece, sabe que existe, mas não tem contato próximo deles.

(*quanto tem faz que eles se separaram? Morava com eles?*) Morava com eles. Faz uns 14 anos que eles se separaram.

(*Você teve ensino médio? Fez faculdade?*) Eu sim, completei o fundamental e ensino médio “a duras penas” porque na oitava série eu reprovei por faltas porque eu ia ajudar minha mãe numa das casas que ela trabalha e aí as vezes eu chegava muito tarde não dava pra ir para a escola aí eu reprovei a 8ª série e aí conclui no outro ano. O ensino médio foi muito conturbado pra mim. Eu acho que eu passei por quatro escolas no ensino médio e fui terminar com ENEM logo assim que pôde concluir o ensino médio pelo ENEM eu conclui por ali, porque eu já não conseguia ir pelos afazeres da casa, do trabalho, chegou uma época que tinha que escolhi ou você trabalha ou você estuda e fui trabalhar. Foi logo que meu pai e minha mãe se separaram. Aí depois que eu conclui pelo ENEM, não foi em escola. A princípio foi pela separação porque a gente tentou morar um período com a minha mãe lá em Cajamar aí eu sai da escola aqui e fui pra lá. Depois a gente voltou porque não deu certo, aí eu fui para uma escola na Lapa (Anhanguera), mas não tinha muito como. A minha irmã mais velha já não morava com a gente, já era casada, a outra que é antes de mim trabalhava a noite e eu ficava ali em casa ajudando e aí eu consegui um emprego de garçõete que era noite e dia, não tinha horário e aí não tinha horário pra eu estudar. Então não tinha como. Uma hora eu parei mesmo se ó voltei a concluir no ENEM.

(*Mas o Ensino fundamental você fez em Pirituba?*) Fiz, foi ruim ali (risos).

(*E que referência você tem da escola?*) Eu era uma peste na escola. Mas uma lembrança boa que ficou pra mim foi a sala de leitura que tinha nessa escola. Na verdade assim, eu estudei a 1ª série numa escola estadual porque eu fui para a primeira série com 6 anos porque eu já era alfabetizada e a professora falou para minha mãe que não dava pra eu ficar no pré e que eu tinha que fazer o 1º ano logo porque eu estava atrapalhando ela ensinar os outros alunos. Porque eu já sabia ler e então eu ficava fazendo a lição de todo mundo na sala (risos). Aí eu fui para essa escola estadual que era Maria Helena, foi a escola que me traumatizou. Eu peguei uma professora “militarzona”, tinha régua, batia na gente, chegava puxava orelha e aí na 2ª série ela conseguiu me mudar pra essa escola, o Henrique e eu lembro a primeira coisa que me marcou no Henrique foi a sala de leitura porque eu já gostava de ler e tinha impresso, e aí tinha as histórias que a professora contava e aquilo me chamava muita atenção, uma coisa que marcou pra mim foi isso. Fora as “pentelhagens”, eu era muito respondona, respondia a professora, sempre estava na diretoria, minha mãe sempre tinha que ir lá conversar. Eu fui quase expulsa umas quatro vezes nessa escola. Quando eu era ameaçada eu voltava um pouco para trás porque eu gostava de lá. Essa escola era considerada uma das melhores públicas do bairro, era meio que uma “sorte” estar ali, todo mundo tentava vaga e não conseguia e eu pensava se eu sair daqui eu não vou conseguir estudar em lugar nenhum e porque a comparação que eu fazia com os meus colegas de rua era que era uma escola boa e eu gostava de estudar. É que eu era “pentelha” mesmo, gostava de encher o “saco do povo”, que é normal também, adolescente é pra isso.

(*E no Ensino Médio, como que era?*) A primeira escola que eu voltei foi essa que eu fiz a 1ª série, Maria Helena, é uma escola “zuada”, não tem estrutura nenhuma, não tem nada naquela escola, é muito “zuada” mesmo, até hoje e eu quis sair de lá a princípio por causa disso e aí eu fui para o Anhanguera lá na Lapa e foi uma escola que me ajudou na redação por exemplo, eu tive uma professora muito boa de Português que ela estimulava essa coisa da redução com a gente, inclusive ela dava vários “Parabéns, você escreve muito bem, você tinha que prestar um vestibular” e era outra visão. A escola Maria Helena era assim “termina que você precisa de um diploma pra pode conseguir um trabalho” e lá nessa escola não tinha outro lance “Oh você tem uma afinidade com a escrita e leitura e você combina com essa profissão, você podia prestar um vestibular para tal coisa entendeu?”. Aí depois, já casada eu tentei fazer numa outra escola, que é outra escola “zuada” lá que o Zenaide que eu não tinha nem paciência de ir pra escola. Mas nessa escola eu já estava organizando sarau e aí eu conheci uma professora, a Marisa, que a primeira vez que eu publiquei foi no Cadernos Negros, ela foi no lançamento. Ela é falecida já. E era uma professora que eu tinha como parceira na escola, mas eu não tinha mais paciência pra ir à escola e aí eu larguei de mão, mas fiz essa amizade com ela, que foi bem importante, inclusive para fazer esse trabalho com o sarau dentro dessa escola. Ela foi uma “porta voz” da gente.

(*Ensino Superior você não fez?*) Ah, eu fiz, quer dizer, eu tô tentando (risos) estou tentando ainda, eu consegui uma bolsa numa faculdade aqui chamada UNIESP pra música. Aí eu fiz 2 anos e tranquei e estou tentando destrancar esse ano (risos). Vamos ver se eu consigo, porque essa vida que eu tô levando hoje é conturbada. A gente passou a ganhar com o trabalho então as vezes tem trabalho de noite, tem trabalho aos fins de semana e a faculdade é uma dedicação total que você tem que ter. E eu não consegui ter essa disciplina ainda. E eu não sei se eu vou conseguir ainda ter também. Então é uma busca ainda que eu tento.

(*Para você é importante fazer?*) Eu acho, eu acho admirável quem consegue. Eu acho muito importante. Era um sonho desde criança assim meu, fazer faculdade. Porque nos anos 90 faculdade era tipo outra coisa, “nossa” você não via alguém no bairro que tinha prestado faculdade. Então eu sempre tive esse sonho uma coisa tipo meta. Eu acho que eu quero e eu preciso fazer. É que tem umas coisas na vida que não dá pra gente desviar e falar ah, está tudo bem, vamos fechar o olho e ir para a faculdade. Não, você precisa ir para faculdade, precisa comer, você precisa se manter lá dentro e não é barato. Curso de música é um curso de dedicação muito da atenção dobrada, teu tinha que ter umas aulas assim que eu não consegui estudar fora, não conseguia estudar em casa. Então, eu não sei se eu vou conseguir esse ano ainda ter essa disciplina, mas eu quero tentar, tô nova ainda, e pretendo um dia, tentar concluir.

(*Você cantava na igreja?*) Eu frequentei a igreja até os 15 anos obrigada. A igreja me possibilitou ter relação direta com a música, estudar música e praticar alguns instrumentos e até com o teatro também. A gente fazia teatrinho bíblico no final de ano, e um dos motivos de rompimentos que eu tive com a igreja foi por conta disso. Eu achava que a gente tinha que estudar mais, que a gente tinha que se abrir para outros horizontes, não ficar ali “bitolada” na igreja, tudo pra igreja, não a gente tem que ir pra rua fazer outras coisas, gostar de outro tipo de música, só que o meu rompimento principalmente

com o pastor na época foi esse. Eu joguei vôlei do meus 11 anos até os 17 que era também, como era uma igreja muito rígida não poderia praticar esporte e eu praticava “foda-se”.

(Qual igreja?) Assembleia de Deus. E eu ia, jogava, jogava fora, treinada, eu tinha uma **rigidez** com o treino do vôlei por exemplo. Todo dia eu treinava, acordava cedo e ir treinar e o pastor implicava com isso e o rompimento se deu por conta disso. “Como assim?, eu não posso jogar bola, eu não posso estudar outro tipo de música?”, então tchau. Fora as contradições que tem ali dentro que são muito pesadas, então rompi logo. Fora o vôlei, eu era uma criança muito ruela, ficava na rua, brincava de brincadeira de moleque. Mentia pra mãe que ia pra uma igreja e ia pra baile, essas coisas assim. E aí 97,98 eu comecei a ouvir muito mais rap. Rap pra mim foi sempre a música ambiente na vida desde criança. Mas 97, 98 foi quando eu comecei a ouvir mais e ir em show e aí eu tive um primo que cantava rap, que teve um grupo de rap lá no bairro e aí eu comecei a acompanhar eles. Como eu cantava na igreja eles me chamaram para cantar no grupo e aí eu fui. Fiquei até 2006, 2007 catando nesse grupo com eles. E foi aí foi outro “salto.”

(Qual nome do grupo?) Alerta ao Sistema. Eram cinco meninos e eu de menina lá.

(Vocês tocavam e se apresentavam?) Sim se apresentava. O grupo estava até 2006 numa fase boa, estava gravando CD, estava fazendo show, estava abrindo show para grupos importantes e aí aconteceu que um dos integrantes matou um cara e aí eu rompi de vez. “Falei não cara, está errado isso, a gente canta tal coisa e você está fazendo tudo errado”. Outra coisa também que me chateou muito foi me apresentar uma vez com eles e aí acabou o show e aí chegou os caras do lugar e entregaram oantecipadamente. “Tu quer o quer? Maconha ou pino?”. “Ah, não é isso, não tô afim disso”. Daí só, daí ele foi e matou o cara, aí morreu de vez.

(O grupo continua?) Não o grupo não continua, tem o rapaz o Junior, quando ele saiu da cadeia ele quis ressuscitar, mas aí eu falei pra ele que estava em outra parada que não queria mais.

(Você já estava trabalhando com Sarau?) Já, já estava fazendo sarau e outras coisas. Eu consegui o Michel no show de rap desse grupo. Ele era amigo do meu primo e aí eu conheci ele nesse show de rap. Ele estudava em Curitiba e a gente passou a namorar, fui pra lá, morei com ele tipo 3, 4 meses e a gente voltou. Quando a gente voltou ele estava num lance de fazer um livro e aí a gente começou a circular pelo saraus que já existiam, que não eram muitos né, o Buzo ele tem uma loja no Itaim Paulista, que é a loja do Mano Convicto, ele não fazia sarau ainda, mas a gente ia lá quase todo final de semana se encontrar, trocar ideia, tomar cerveja e comer frango assado, porque a gente gostava de estar ali e aí a gente teve a ideia. “Porra” você está fazendo um sarau é uma coisa fácil, assim, de estrutura, você precisa de um microfone, uma caixinha de som e de um espaço. Aí o Michel decidiu fazer o sarau a partir daí. Fora o grupo de rap a gente teve um vivência com a rádio comunitária Urbanos FM. E aí o grupo de rap que eu cantava, o grupo do Michel fazia um programa nessa rádio. Chamava Vozes da Periferia. Que era um programa que a gente tocava rap e fazia um debate. E isso tudo estimulou pra que a gente fizesse uma coisa diferente. Até porque a gente começou a ser cobrado também pelo pessoal do bairro “vocês só falam, que ficam aí na rádio só falando”, “ ah, então vamos por a cara na rua e vamos fazer Sarau, e aí a gente decidiu fazer Sarau por conta disso. O Elo no início, o primeiro Sarau foi uma festa, foi o lançamento do livro do Michel e a gente fez o convite boca-a-boca, chamou a família, chamou o pessoal que a gente conhecia que era um pouco envolvido com literatura, os artistas do bairro, a gente não fez um convite convencional, a gente fez ali mesmo no bar até porque a gente estava ainda no experimento. “Vamos fazer o primeiro e ver no que dar”. E aí posteriormente o Buzo “colou”, vieram pessoas de fora que a gente tinha contato, o Akins, Elizandra, o pessoal do Bairro e aí a gente começou a descobrir que tinha gente lá que escrevia e que fazia música, que teria que ter apenas um espaço mesmo, para poder colocar “a arte” ali, e aí começou a chegar um pessoal. No início foi bem complicado assim, porque como o primeiro foi meio que uma festa os outros todo mundo achou que ia ter também uma festa. “Ah, toda quinta vai ter um karaokê (risos) para beber. Quando o pessoal começou a entender que você tem que fazer um silêncio, ouvir uma poesia, que é um pouquinho chato, aí começou ficar um pouco esvaziado. Chegou fazer Sarau lá eu, Michel, Santista e Paulinho, um rapaz do bar que frequentava e só. Porque o Sarau era toda semana e assim ficava lá os quatro fazia poesia um pro outro. A gente lia livros inteiros assim, de poesia numa noite. E aí depois no 2º ano que a gente começou a tomar mais “um corpo”, começou chegar outras pessoas, chegar e ficar. Porque até então tinham muitas de passagem. Começou a chegar gente pra ficar e pra somar junto com a gente.

(Quem organiza o sarau?) Eu, Michel, Douglas, Diguinho e o Heitor.

No 2º ano do Sarau a gente conseguiu o VAI, foi quando a gente fez algumas publicações assim de ter uma editora, o Elo da Corrente dos Sonhos, e aí a gente teve financiamento do Rádio em 2008 e 2010 e depois em 2014. Hoje em dia a gente só tem o Vento e Ventania, que é aquele sarau que acontece nas bibliotecas que aí você é contratado e recebe uma verba é só. Foi uma indicação, essa

caminhada de sarau possibilita a gente ter contato com muitas pessoas e conhecer muita gente e aí o Gerson que era do sarau da Leste, não lembro muito bem da onde mas ele é de lá, ele me indicou para ocupar esse cargo lá da Subprefeitura, aí eu tô lá deste setembro. Eu fico na sala de cultura, mas isso aí tem mais haver com Juventude Viva, com a situação com a juventude do bairro e muito haver com cultura também. É a mesma área não foge disso.

(Onde você trabalhava antes do sarau?) Eu fui garçanete, eu fui operadora de Telemarketing, eu fui ajudante geral numa empresa de bolsa, eu confeccionava bolsa. Mas o Telemarketing foi o que durou na vida.

(Foram quantos anos?) Uns três anos, assim não fiquei três anos porque ninguém aguenta ficar 3 anos numa empresa só, mas picado. Fiquei um pouco aqui, depois um pouquinho em outra empresa e depois eu fui em 2009 eu comecei a fazer um trabalho de arte educação dentro da Fundação Casa e aí em 2010, 2011 eu passei a trabalhar de educadora pela Ação Educativa no projeto Arte na casa. Aí eu dava Oficina de Literatura para meninos e meninas da Fundação Casa. Antes deste trampo foi o último que eu tinha feito. Porque a partir de trabalhar na Fundação a gente já consegue ser educador em outros lugares também, eu não fazia nada fixo, era tudo esporádico. Depois da Febem, mas era uma coisa que me sustentou bastante até um certo período. Voltado para Literatura marginal de periferia. E também a gente trabalhava com classes também, estrutura de poesia, estrutura de conto, estrutura de crônica, criava junto com os meninos. A partir da escrita deles estruturavam algumas coisas assim, eu acredito que ia muito além da Literatura, envolvia muito política. Uma vez uma das coordenadoras foi assistir minha aula e falou: “Nossa aqui está parecendo uma aula Sociologia”. Porque a gente acaba englobando tudo. Foi uma experiência bacana, mas um trabalho que eu não me orgulho de ter tido feito porque é Febem, apesar de ter mudado o nome é Febem, é um trampo que a gente acaba “enxugando gelo”, ficando engessado se não tomar cuidado porque o sistema faz uma cagada e coloca você ali dentro pra solucionar um problema que não você que criou. E eu comecei a me ver num papel de estar contendo ali os meninos, uma coisa que eu achava que tinha que explodir mesmo e acabar com aquilo ali. Só que eu me via muitas vezes ali contendo esses conflitos, tipo “Ah, vai vir aqui uma Arte Educadora legal falar de umas coisas que vocês gostam então fiquem calminhos”, não precisa se alterar”, vocês não estão fazendo coisas boas aqui dentro”. Só que é um trabalho “zuado”. Não digo nem tanto pra eles, pros internos, mas pra gente quanto oriundos de periferia sabendo que poderia ser você ter passado ali e que você está contendo um problema ali que é muito além daquilo tudo, muito grande, muita gente ganha muito dinheiro com aqueles moleques que estão ali dentro, não fazia muito sentido. E eu nunca tive problema nenhum com aluno ou aluna, mas com a gestão desses espaços eu tive vários, de perseguições, de querer barrar livro entrar ali porque o livro poderia estar incitando os moleques a se rebelar. “Não leva pra dentro da sala”. “Que filme você vai passar hoje? Não pode”. Tudo era motivo. Não tínhamos liberdade. Leitura ali dentro “rola solto”, aqui fora também, mas ali dentro é muito pesado.

(Quando você teve sua filha?) Ela foi planejada, a gente queria muito ter uma filha e aí eu engravidei no final de 2008. Foi bacana, quando os dois quer é tudo lindo maravilhoso só que tem processo um processo de mudança para mulher principalmente que é um pouco pesado, a maternidade exige muita coisa. Eu tive vários siricuticos, por exemplo, “estou amamentando não posso ir pra tal lugar”. A Yakini acompanhou a gente desde sempre em tudo, mas hoje em dia eu não faria isso. Levar um bebê de um mês para um sarau porque é aniversário do Sarau num frio de “lascar pedra”. Hoje em dia eu não faria mais não. Mas aquela coisa de estar em casa de querer sair, ver o mundo, sair um pouco daquela coisa ali de estar com a criança. Eu andei muito com ela. Eu nunca imaginei na minha vida ser mãe. Tanto que quando eu brigava com a minha mãe eu falava: “E não vou ser mãe igual você”. “Você é desse jeito”, sabe aquela repulsa. Mas eu aprendo com ela constantemente como ser mãe.

(Quantos anos ela têm?) Ela está com 6, faz 7 em junho.

(Como é que foi a maternidade com a produção literária?) Olha na minha poesia interferiu bastante. Na gravidez eu não consegui escrever uma linha, nada. Foi um bloqueio. Eu consegui escrever uma poesia só que eu lembro que uma amiga chegou em casa contando algum caso deste de mulher. Aí ela falou pra mim você tem que escrever sobre a solidão da mulher. Aí eu escrevi uma poesia que não tem nada haver com que ela queria (risos). Foi a única que eu consegui escrever na gravidez. Mas agora o pós foi o da criatividade, escrevi muito mesmo, até porque eu fiquei muito em casa e quando eu tinha tempo, quando ela não chorava pra mamar eu estava ali lendo e escrevendo alguma coisa porque era um meio de escape também, sempre é a escrita. Mas não interferiu não. A Yakini é parceira até hoje. Hoje em dia ela escolhe, eu falo “Filha tem um Sarau ali pra ir”. “Aí você vai ficar falando”, porque palestra ela não aguenta mais. Sarau ela quer ir no Elo. Só.

(*Desde quando você escreve poesia?*) Todas as vezes que me fazem essa pergunta eu tenho dificuldade que eu não lembro. Aliás eu lembro, eu escrevi desde sempre. Sempre fui de caderno, escrevia muito como eu falei era um escape também dentro da minha casa, sempre foi. A leitura e a escrita. No rap eu não cheguei a fazer letras até porque quando eu fazia os meninos rejeitavam “uma mulher escrevendo que bosta”. Mas o meu primo ele me incentivou muito. “Raquel não se vê muita mulher MC. Eu não era MC eu fazia Backing Vocal e ajudava eles ali em algumas coisas, mas não tem muita mulher MC é que você tem que escrever e tal mas era um toque e não uma abertura. Escrever “seriamente”, até hoje eu tenho dificuldade de me entender quando escritora, mas foi a partir do sarau, tipo de entregar meu escrito para alguém ler, ler em público foi a partir do Sarau. Muita coisa que eu tinha escrito na adolescência foi publicado no meu primeiro livro. Hoje em dia eu olho e falo: “Meus Deus do Céu como eu tive coragem de publicar isso”, mas já foi.

(*Quando foi publicado o livro?*) 2008. Foi junto com a Sônia Biscani, ela era frequentadora do Sarau, mulher, preta também de periferia aí fez algumas publicações de autores lá de Pirituba e aí a gente decidiu fazer um livro em conjunto e intercalado. Na verdade tem de tudo, tem poesia, crônica e conto, são escritos meu e um dela, intercalados.

Eu demorei para fazer outro. Porque nesse meio tempo eu entrei em várias crises. Eu passei a odiar esse livro primeiro. Sobrevivendo no Gueto, eu não aguentava mais olhar pra cara dele. Eu odiava mesmo e não lembro se foi 2011 ou 2012, mas o foi ano que o livro já tinha esgotado e Michel disse “Raquel você precisa fazer a 2ª edição do seu livro. Eu falei “Não esse livro está horrível, eu não gosto deste livro”. Ele, não, esse é o problema, a gente reedita, a gente faz de novo, faz de outro jeito é importante e eu te ajudo. Ele tinha uma cota que poderia imprimir numa editora. Aí ele “eu te ajudo. Ele diagramou, me ajudou muito, porque se fosse eu sozinha não tinha feito porque já tinha pegado ódio mesmo do livro. Aí eu coloquei poesias novas, sabe, dei um tapinha na “carinha dele”. Ficou mais minha cara. “A minha cara que eu estava na época” e aí também ele esgotou rápido e depois disso eu falei “Ah acho que eu não vou publicar mais nada, vou ficar só ajudando os outros e tal. Não tô afim. O Sagrado Sopro eu comecei a juntar as poesias assim um dia e falei “Ah, dá “um caldo”. Aí o Michel já tinha escrito já e falou “Vamos publicar outro livro seu, eu lembro que eu enrolei muito pra organizar as coisas assim, porque me deu um desespero, eu queria fazer um livro diferente, que fizesse tudo o que eu já trabalha nesse viés de periferia, de negritude mas que não fosse no grito que fosse uma coisa mais sucinta. E se você for comparar o primeiro livro com esse segundo está totalmente diferente, “diferença gritante”. Aí eu me encorajei para fazer de novo, pra tentar de novo e o Sagrado Sopro me encorajou pra escrever outras coisas e pra pensar em outras publicações, sempre nessa coisa assim, com calma e devagar mesmo, escrever e não publicar imediatamente. Hoje em dia eu tô num lance de produzir escritos já pensando numa outra publicação mas com calma assim. De um livro pro outro durou 5 anos, pode ser que do Sagrado pra outro demore um pouquinho mais (risos).

É caro publicar um livro e se não fosse esse financiamento eu não teria feito mesmo porque eu não tinha dinheiro do bolso pra tirar pra fazer um livro. Hoje em dia eu acho que eu já posso me organizar melhor pra tentar fazer de outra forma. As dificuldades que eu sempre encontrei foram comigo mesma assim, de barreiras pessoas minhas. Sabe a autocrítica? Eu só sosseguei e me senti tranquila para publicar esse livro quando eu passei para pessoas que me ajudaram a confeccionar ele, que foi a Sônia, a Miriam e a Carol Dias. Quando eu tive o retorno delas e da Thais que fez a revisão eu falei “caralho”, são pessoas extraordinárias, tem uma crítica “fudida” assim com literatura, com escrita em geral e elas me encorajaram falando meu está bom.

Eu acho que a barreira que eu particularmente passo é mais essa assim de se autocriticar o tempo todo e achar que nunca está bom e mesmo quando eu publico eu falo que está um “bosta”. O Sagrado Sopro já cheguei nessa fase do olhar e falar “Não está legal ainda”, eu acho que nunca vai estar. Eu troco muito com outras escritoras, a Miriam ela me fala várias coisas, ela me falou esses dias, isso é bom, a escrita ela se renova, a literatura se renova, não fica estagnada, significativa que você já mudou e o que você está escrevendo agora já não tem mesmo nada haver que já foi publicado e isso é ótimo, só que uma pessoa vai pegar o seu livro pra ler agora e pode ser o máximo, você não pode ignorar isso. Eu tive várias reações positivas com ele e aí deu um time. “Oh” para que tá veio. Eu acho isso importante, ter essa autocrítica está sempre tentando se rever e melhorar sabe, o que eu me proponho a escrever o público é também difícil tem que ficar o tempo todo atenta nessa questão de escrever sobre mulher, pra mulher de uma periferia preta que aí você tem como foco as mulheres dessa periferia entendeu. E as mulheres dessa periferia que já estão adiantadas em “mil e outras coisas” são exigentes também. Eu não me proponho a escrever coisas que está todo muito abitolado a querer ouvir, as nossas desgraças, não eu quero falar de outras coisas, que eu fale da desgraça também, porque a gente não pode fugir disso, a gente sabe e vive nela, mas de outra forma

entendeu, gritar menos e saber transitar ali por esse lance da malemolência. Porque o grito ele foi e ele é importante, mas eu acho que a gente acaba pecando as vezes com essa “inflamação”. Então não é fácil tem que estar o tempo todo atenta. Quando o escrevo hoje em dia, mesmo quando eu tô na raiva, que acontece alguma coisa lá, eu volto pro escrito e falo não peraí vamos dar uma melhorada nisso aqui porque não é um manifesto, estou escrevendo literatura eu tenho que me propor também. As vezes eu acho que eu sou até um pouco relaxada com isso, apesar de achar importante, mas eu acho muitas outras pessoas dentro da periferia preta fazem de uma forma bem menor. Mas é uma busca minha, leio bastante pra poder um dia, não sei se eu vou chegar, mas estar ali.

(*Você produz literatura periférica?*) Eu acho que assim, por mais que a gente, qualquer um de nós, já aconteceu vários casos, tanto no lance da periferia e da literatura negra e falar eu não me rotular com esses títulos, eu sou literatura e ponto. Mesmo quando a gente fala isso, os nossos assuntos está ali. Não tem uma linha que eu vá escrever que não vai ser pensando no meu universo. Eu vivo nele, eu tô nele. Não tem como fugir disso, mesmo se preocupando com a estética, muita gente se surpreendeu com o Sagrado Sopro porque tem pouco isso, sabe, a palavra de ordem tal, mas assim o retorno muito louco que eu tivesse livro foi da minha tia, é uma tia que eu considero uma segunda mãe, eu amo ela de paixão. Eu sempre, tudo quanto era livro eu levava pra ela, e e esse ela parou pra ler e ela falou “Oh, não vou mentir, foi o primeiro livro que você me deu que eu tô lendo e eu comecei a te entender melhor”. Ai ela começou a falar umas coisas, quando você fala disso você quer falar do lugar que você cresceu, no seu pai, da sua mãe, está tudo em mim, mesmo que um dia eu chegue falar que nunca vai acontecer, sei lá um dia eu não vou falar mais da periferia nem de mulher preta, vai estar ali, na vivência que eu tive e que eu tenho está em mim entendeu, mesmo eu me preocupando com estética. A gente as vezes se preocupa nesse sentido, se eu não me preocupar com a estética eu vou deixar de falar de meus assuntos, não a gente não deixa. Preto periférico não deixa nunca.

Eu leio muito, tudo que é tese que sai a gente dá umas “bisoçadas” já tem muita coisa publicada já. A gente tentou fazer um grupo de estudos assim O Elo pra se intensificar mesmo, para um ler a obra do outro e falar pro outro o que acha, as considerações de cada um e isso também pra mim foi essencial para eu publicar meu livro. Porque era uma roda que a gente fazia todo mês, isso em 2014 com Valner Danzeger, Sergio Balouf, Erica Pessanha, Michel, o Douglas e aí a gente tinha vários retornos eu aprendi muito ali, entendeu, então não é uma busca assim, a gente estuda, ouve um do outro eu até hoje eu passo texto meu pro Michel ler e ele passa os dele pra eu ler, eu passo para outras pessoas, a gente troca, entendeu, e eu acho que é uma busca coletiva, de alguns que estão nesse lance de se preocupar com a estética, não desmerecendo nenhuma outra coisa, mas também sabendo que se a gente se propõe a ser Literário e escrever a gente tem que melhorar também. Uma coisa que me incomoda muito é a gente ficar nesse campo do social e só. E ao invés de falar da nossa escrita a gente tem que falar da periferia de onde a gente mora, tem muita morte?, tem muito livro?, a gente quer falar do que a gente escreve “porra”. Então é uma busca nossa, não é só minha, é do coletivo do comum, o Elo preza muito por isso.

Eu acho, isso pra quem quer se afirmar como escritora é de extrema importância ter uma publicação individual. A sociologia ajuda a gente ter esse lance ser visionado quanto ao movimento, quanto escritora é uma coisa solitária mesmo eu acho. Eu acho importantíssimo. Todo mundo chega pra mim “Ah, eu acho que é da hora a gente aprende pra “caralho”, recitando em sarau e tal, uma coisa que me preocupa hoje em dia é que o livro tem se perdido, “a gente”, porque eu também me preocupei com isso depois de tempo, e eu faço até hoje, se eu preciso fazer uma poesia eu vou cantar, mas a gente de preocupa muito com recital, com a performance e até porque a gente vive disso e a performance é o que sustenta no sentido de fazer uma apresentação eu vou ser performática aí. Mas eu tenho saudade da época que a gente pegava um livro no sarau e lia ele. Dava importância pra cada letrinha que estava ali e para cada contexto sabe, porque também está na gente o lance da oralidade, da performance, mesmo tenho isso eu acho de extrema importância ter o livro ali, que também é nosso. O pessoal fala “Ah, na cultura Africana é mais oral e tal. Não a escrita sempre teve na cultura Africana também a gente também tem que usufruir dela. Tem que usá-la.

(*Como teve contato com a literatura negra?*) Como eu falei em sempre fui muito pentelha, quando era criança então misericórdia e eu sempre me questionava muito em casa porque meu pai ele é retinto e minha mãe ela é mais clara, tem o cabelo liso, sempre muito indígena e aí eu cresci em casa com meu pai “zoando” minha mãe porque ela era indígena que ela vinha de família de canibais, porque têm umas histórias, quando eu falo que eles contavam umas histórias, essa era uma das que a bisavó da minha mãe foi achada por uma cara porque a família dela queria comer ela (risos). Ela falava assim: “O que você está falando você é escravo, aí ele é sou escravo mas não sou canibal. E

ai eu cresci ouvindo muito isso aí chegava no meu pai e perguntava. “Pai eu sou o quê? “Filho de preto é preto não tem essa. Você é minha filha então você é preta”. E minha mãe falava “Ah, você é morena clara igual eu”. Eu tive vários exemplos, exemplos não, mas vários toques da vida, “pô você é preta caralho”. Mas a identidade foi um processo bem difícil. Eu lembro que na escola tinha professores que falavam, tinha uma mulher que era dona de uma bomboniere que ficava dentro da escola e eu na adolescência uns 12 e 13 anos eu comecei a curti rock, que só rock prestava, aí um dia ela falou “Ah, eu vou no samba e tal. E eu respondi “Eu odeio samba eu falei pra ela e hoje em dia eu não saio do samba. Mentira, eu já gostava mas sabe aquela coisa assim, ah meu amigos estão aqui eu ouço rock com eles, se eu falar que gosto de samba eu sou excluída da roda. Ela falou assim “Como assim você odeia samba? Você é da cor. E eu, “Eu não sou da cor”. E ela, “Você é da cor”. E quando ela falou isso me deu um estalo. “Nossa eu sou da cor”. Aí eu fui procurar sabe o que era isso, ser da cor. Eu o rap né, eu cresci ouvindo Racionais, nos anos 90 fez toda a diferença pros jovens que se assumiram pretos na periferia. Não tem Racionais, o próprio RZO. Aí um dia eu lembro que tirei uma foto com minha avó e eu me achei muito parecida com minha avó “muito parecida”. Eu olhei assim a foto, as duas juntas e falei “caralho meu” eu sou igualzinha minha avó e vou ficar velha igual a ela. E como assim eu falo pra todo mundo que a minha avó é preta e eu não. A partir daí eu comecei a falar eu sou “preta”. Isso na família o que? você? Não Raquel, você é morena, preta não. Teve uma vizinha que uma vez eu falei que eu era preta e ela “Ai coitada, não fala assim de você” (risos). Está desmerecendo. Está querendo ser menos, foi o que eu sempre ouvi. “Você está querendo ser menos do que você é?”. E esse processo de “enegrecer” é muito solitário. O Rap me ajudou a ter contato com outras pessoas que estava passando pelo mesmo processo que eu então me ajudou muito e aí depois veio esse lance com a Literatura que foi onde eu comecei a me afirmar e levar pra vida, levar pra escrita para tudo o que eu quisesse.

O Elo se formou desse jeito, tipo cultura Negra de periferia e nordestina, nordestina porque a gente hoje em dia a gente fala menos porque está ali, mas eu sendo filha de baianos e o Michel também eles são mineiros a família dele, o Douglas pernambucanos, o Diguinho pernambucanos, a gente sempre comentou isso um com o outro, engraçado, em São Paulo eu não sou de São Paulo, na Bahia eu não sou da Bahia, no Pernambuco eu sou da Bahia e no Ceará eu sou da Bahia e em São Paulo eu sou da Bahia mas na Bahia eu não sou da Bahia, “uma confusão” (risos). E a gente acha importante a gente afirmar essa raiz. Meu pai ele conta muitas histórias do preconceito que eles passaram quando chegaram aqui. Minha família não era evangélica desde sempre, eles se tornaram evangélicos aqui em São Paulo que também foi um meio de escape. Minha família na Bahia tinha um lance ligado com a religião das Africanas, Candomblé, Umbanda e tal, e vindo prá cá, São Paulo foi um choque pra eles. Meu tio, já falecido, ele contava que ele usava “black power” que era moda na época e quando ele veio pra cá, não foi um assalto, hoje em dia ele me falando, que ele não foi roubado, não levaram o dinheiro dele, mas ele foi parado na rua, tiraram a roupa dele, bateram nele e mandaram ele cortar o cabelo, seu “preto safado” corta esse cabelo. Tanto que a política da minha família é os meninos andar com o cabelo raspado sempre e eu entendo que isso se deu disso. Meu pai quando meus irmãos queriam deixar o cabelo crescer, e falava: “Pergunta pro seu tio Tonho o que ele passou com o cabelo grande?”. Eu na escola eu era a “macaca” e a “Baianinha” e eu odiava isso, porque não era um “Baianinha” carinhosa, era “Baianinha” volta pra sua terra, era quase isso. E meu pai então, minha mãe então, passou várias coisas, então a gente acha importante afirmar essas raízes, porque a gente é de lá também, então tem que valorizar cada vez mais, assim como é com a África, eu falo sempre, eu não sou Africana, eu tenho plena consciência, eu nasci aqui no Brasil e tal, só que eu defendo enquanto for pra poder afirmar isso e valorizar isso eu vou fazer, questão transcendental. E me incomoda as vezes quando eu sou Sul Africano porque a gente tem muitas Áfricas aqui no Brasil, que a gente não conhece, só você ir um pouquinho ali no interior de São Paulo, Minas, Bahia você vai conhecer várias Áfricas que se formaram aqui. Então precisa conhecer isso também aqui dentro.

(*E a literatura feminista?*) Meu pai ele fala que eu sempre fui da “pá virada”, como eu falei ele sempre ditava as ordens em casa e eu sempre fui do contra, que não, não é porque você é homem e que não sei o quê, e quando minha mãe se separou do meu pai, meus irmãos são mais novos do que eu os homens, e eu comecei a por eles pra fazer serviço doméstico. Vocês vão aprender, vão lavar roupa, vão lavar louça, vão fazer tudo e meu pai achava isso um absurdo ele acha até hoje e aí no grupo do rap essa questão começou a me incomodar muito porque era um negócio assim, eu era a “cereja do palco”. Era uma pessoa que não tinha que falar muito, canta aí e “cala a boca”, pelo amor de Deus. Eu sempre falei que eu ia botar a boca no mundo. Quando eu comecei a falar pra eles nas reuniões e falar que as letras eram machistas e tal, aí começou a ter uma quebra. O programa que eu te falei que a gente fazia na rádio, tudo começou quando eu comecei a me afirmar assim quando Feminista

neste programa porque foi o primeiro que eles fizeram e eu fiquei ouvindo em casa e justo neste dia e eles acharam de falar sobre a mulher. E eles só falaram “merda”, absurdo e eu estava em casa e eu liguei e falei: “Vocês não podem falar de mulher sem ter mulher aí pra se defender, vocês estão falando de uma visão masculina, machista e eu não admito isso, a partir de amanhã eu vou fazer parte deste programa também. Ninguém me convidou, a partir de amanhã eu vou, eu passei a ir por conta disso e desde então sempre também foi uma linha assim de relutância pra mim.

Depois eu fui ver onde eu estava me metendo, até porque esse período que eu passei com o Michel em Curitiba eu conheci muitas pessoas, muitas meninas ali que já tinham seu trabalho com o feminismo e tal, só que era aquele feminismo branco acadêmico. Em 2007 no sarau de Periferia que tinham você não via muita mulher falando poesia, não tinha muita mulher organizando, tipo apresentando, tinha conferencista, a Lu a Rose mas eu comecei a me incomodar com o papel de coadjuvante sempre. A gente sempre carregou o piano igual ou até mais e sempre está a “sombra”. Sabe “Atrás de um grande homem há uma grande mulher”, era isso. Ai eu comecei a me injuriar quanto a isso, teve uma tentativa como eu era casada com Michel o pessoal falava “A primeira dama”, e eu já cortei logo “Primeira dama o “caralho”, não quero esse título eu tô aqui organizando também. As feministas brancas a gente já conhece elas são citadas sempre. Agora menos mais citadas. As negras não né. Ai eu conheci as Capulanas, as Jubalduínos que a gente até montou um coletivo junto de mulheres pra justamente debater essa questão que nessa época eu lembro que elas as Capulanas e depois Débora Garcia que começou a pautar o assunto mulher, preta e pobre. E quando em 2009 eu e a Jú a gente falou a gente vai fazer um coletivo de mulher foi justamente por isso, onde estão essas mulheres artistas da periferia que também faz, a gente quer por em pauta isso, já tinham mesas que eram feitas de Literatura, nenhuma mulher, negras, nenhuma mulher, não sei o que, convite pra não sei o que, nenhuma mulher é convidada. “Ué caralho a gente não está fazendo a mesma coisa e a gente não é convidada? Como assim? Vamos começar a pautar isso”. Ai a gente fez um encontro lá no TCJ só mulherada foi um encontro muito bom, chamou as Capulanas, a Dena foi, foi Carolzinha, foi muita mulher, a Lu, a gente começou a se olhar, vamos se fortalecer, porque tudo tende a ser machista, tudo é, e “esse movimento” que a gente participa também, e eu não digo que é uma coisa voluntária, as vezes é involuntário mas está ali, e se a gente não “chutar” essa porta vai passar batido, sempre passa batido e aí como a gente começou a se olhar essas mulheres começamos a trocar informação. Ah tem fulana que faz isso, tem a Alice, tem Bel Hooks, tem não sei que, a gente começou a trocar e estudar essas coisas, estudar o feminismo mesmo. Porque o branco a gente já estava por aqui. Cheguei a participar de reunião com coletivo feminista branco de teatro e de falar assim: “Ah, a gente precisa de uma atriz negra na cota, a gente precisa por quê?. Eu falei pra ela?. Porque vocês precisam de uma atriz negra?. Porque nas apresentações que a gente está fazendo a gente está sendo cobrado. Oh, não, não é porque você é “cobrado”, é melhor não ter mesmo, faça aí sua cara de mulher branca com as suas pautas, e deixa a gente em paz, que o nosso a gente faz e faz muito bem obrigada. Não precisamos disso.

Tudo que eu posso e faço até hoje com Literatura de mulher, Literatura Negra Feminina. A pessoa fala é outro rótulo, não a gente tem que afirmar a mulher que está escrevendo. O mercado, tudo é muito cruel com a mulher, mas esse campo Literário a gente é invisível. E esse ano em especial, eu tô quase há 10 anos de caminhada com a Literatura mas esse ano em especial eu falei para algumas mulheres iguais escritoras, esse ano a gente tem que “meter o pé na porta” e fazer nós por nós mesmo. Porque a gente é invisibilizada por um coletivo, a gente é invisibilizada por um movimento, a gente é invisibilizada por comparações. A escrita da mulher nunca vai ser igual à do homem e não é porque é menos ou mais e porque a gente tem outro universo, outras questões entendeu e eu fiz uma poesia que fala disso, nosso universo não cabe pro que está aí, e vai pra além do entendimento mesmo e quem tiver proposto vem junto e quem não tiver “vaza”. A gente é complexa mesmo, a gente têm outras coisas pra se preocupar e pra fazer e pra escrever entendeu. Eu não me vejo hoje em dia fazendo nada que não diga a respeito à mulher, eu tenho uma filha e eu quero que pra ela, por mais que eu veja que está tudo a mesma “bosta” mas eu quero que pra ela seja muitas coisas diferentes e querendo ou não eu me surpreendo contudo, porque eu acabei ocupando um lugar de ser, eu não gosto de falar essa palavra mas também de ser “referência” no que eu faço, e se eu puder fazer e encorajar outras mulheres para que elas também seja essa referência eu tô no lucro. Então pra mim é importante sim, demarcar isso, a minha escrita é feminina, uterina e sangra, vai sangrar sempre.

(Quem são referência pra você?) Eu vou falar dela primeiro porque eu não sei, não acredito em reencarnação mas se tiver ela foi um encontro de outras vidas, porque como eu falei a minha primeira publicação foi nos Cadernos Negros, uma pessoa que eu já admirava muito, que eu via “Ah, meu Deus ela é “foda”, nunca que eu vou trocar uma palavra com ela” e ela me acolheu muito e até hoje

eu troco muito até hoje é a Miriam Alves, eu admiro ela como escritora, mulher, na vida, tudo eu a admiro muito e admiro a dedicação que ela tem com a Literatura, que é uma coisa que hoje em dia eu não consigo ter. “Raquel você para um dia para escrever o seu dia?”. Não, eu não paro uma hora do meu dia pra escrever, escrevo e ela tem essa disciplina e eu acho bonito isso, e foi uma pessoa como eu disse que eu já ti há essa admiração, tomar cerveja e já chegou trocando altas ideias, me dando altos toques, uma pessoa que eu consolidei uma amizade e eu tenho ela como uma referência, uma pessoa que eu gosto de ler, gosto de conversar, o legal desse negócio de escritores, .você pode conversar e trocar ideias com a pessoa de várias coisas e ela me ajuda em várias coisas, ela nem sabe disso, mas ela me encoraja em muita coisa e pra mim ela é essencial na minha na vida Literária. Eu gosto muito de ler a Alice Walker, o processo do Sagrado Sopro, eu li muito. Li de repeti o livro, acabar e voltar e ler de novo eu gosto muito da Sônia Morrison, mas a Alice Walker ela tem um negócio ali que eu acho que é mais minha cara o estilo literário mesmo. Eu gosto muito da Dine, sou apaixonada pela Dine eu acho a escrita dela assim de “lascar”, como diz na “terrinha” “Ela é certa, ela é “foda”. Tem uma escritora também que eu li muito no processo do Sagrado que é a Paulina Silviane, é uma escritora Moçambicana e tal. Eu conheci ela a partir de uma história escolhida minha no viés feminino, uma mulher narradora contando o que é a Poligamia pra ela um livro lindo indo lindo e aí a partir disso eu fiquei curiosa de conhecer outros livros dela, então eu li muito ela, e leio eu até hoje se deixar eu leio muito porque ela é “foda” também, que me ajuda muito nesse lance da busca com a prosa. Ela e a Ana Maria Gonçalves que tem um lance com a prosa que são duas que me ajudam nesse sentido, nas tentativas que eu tenho de escrever conto é nelas que eu me baseio pra escrever. Ah, eu gosto de umas branquinhas também. Gosto muito da Clarice Lispector, mas as pretinhas é outra coisa, Conceição Evaristo, a Esmeralda Ribeiro, Carolina Maria de Jesus. E porque como eu disse a gente tem particularidades e eu me vejo no que elas fazem e no que elas escrevem entendeu, pra mim está muito mais próximo, eu gosto muito do Ondjacki também um escritor Angolano, eu gosto muito da poesia dele, um cara que eu acompanho que eu gosto de ler ele. E eu tô apaixonada pelo Du oliveira que é da Bahia, eu li o livro dele agora que saiu, que escrita linda que ele tem, maravilhoso esse livro. Ah, meu Literatura a gente se apaixona toda hora, estou apaixonada de novo por outro livro, eu não consegui terminar ainda porque eu tô com “dó” de terminar o livro porque ele é muito bom, eu tenho muitas referências, posso falar à noite inteira aqui falando de vários.

(Como você analisa o movimento dos sarau?) Mudou bastante né, tanto no número o que cresceu de sarau aqui nos últimos anos não está escrito “nas estrelas”, muito sarau, isso pra mim é muito positivo, eu lembro que na época a gente já falava isso, “Ah, o ideal seria que em toda periferia tivesse um sarau, e está tendo”. Mas pra mim a mudança brusca é o número de mulheres que estão escrevendo, que estão publicando e sendo protagonistas. Não tinha isso não,. Hoje em dia eu vejo assim e falo “Caralho” que dá hora”, ir no sarau e ter mais de uma mulher recitando por exemplo, eu já cheguei ir em Sarau que só tinha eu de mulher recitando, eu ou eu e a Elizandra ou eu e a Elizandra (risos). E também a mudança estética, pessoal mesmo, tomou uma proporção bacana muitos autores de periferia estão indo por essa onda e dessa linha das performances, o que é bacana também. O da hora do sarau da periferia também não é igual ao outro, cada um se complementa. Do Elo não é igual ao Cooperifa, que não é igual ao Binho, que não é igual ao Suburbano, que não é igual ao sarau da Brasa. O Elo apesar de ter muita proximidade com o sarau da Brasa e até de fazer trabalho junto sempre não é igual. Cada um tem o seu jeito próprio de contar isso e eu acho fantástico. Porque também entra nessa linha, já ouvi muito isso. “Periferia é tudo igual”, não, periferia não é tudo igual, é muito diferente, o pessoal fala “Toda quebrada é quebrada em qualquer lugar”. É com suas diferenças, muito diferentes.

Se for pra mim “Sarau Preto” que fala mais de negritude, feminismo e tal é um sarau que com certeza é o que eu vou estar mais. Eu não gosto desse lance de estar na Literatura por estar, porque se criou um nome Sarau ou porque de seu visibilidade pra alguns, porque também, não gosto disso, pra mim é desonesto e muita gente estava aí na caminhada desde sempre. Então pra mim seria muito conveniente chegar agora e falar: “O Sarau está sendo legal né e então vamos fazer todo mundo”. Não, se for um sarau que tenha compromisso com a Literatura é o eu vou estar também. Não com lance de vamos ser “moda”, não eu não preciso disso, são as coisas que eu amo que é a minha militância com a questão feminina, com a Negritude e com a escrita. Eu posso ver se tiver essas três coisas é a que eu escolho.

O Elo vai pra 9 anos agora, a gente pensou em parar muitas vezes, mas eu acho importante ter o Elo no bairro de Pirituba e também de estar fazendo o que a gente faz, eu falo isso para Michel direto, tem muita gente que vai ali, porque é dali, o seu Zé participa do sarau, um velho pacato, aposentado, ele circula sozinho hoje em dia, ele vai para a Casa das Rosas, vai em qualquer outro sarau que ele se sinta à vontade de ir. Mas o Elo é de lei, entendeu, pra ela é ali, pro Marquinho, pra várias pessoas

que vão ali. Eu não posso pensar “A Raquel já tem livro publicado, já está consolidada mais ou menos nessa cena, então já era, acabou”. “Então você já anda com suas próprias pernas?”. “Não com minhas próprias pernas, mas eu penso coletivo ainda”. E outra são 9 anos, todo ano eu aprendo pra “caralho” ali, muito. É muita coisa que se passa ali naquele barzinho, eu aprendo muito ali, então pra mim é importante manter.

SARAU DO BINHO – CAMPO LIMPO (TABOÃO DA SERRA)

BINHO (ROBINSON DE OLIVEIRA PADIAL)

(Qual é o seu nome completo?) Meu nome é Robson de Oliveira Padial.

(Quantos anos você têm?) Eu tenho 51 anos.

(Você nasceu em São Paulo?) Nasci em Taboão da Serra, aqui.

(Você sempre morou aqui?) Sempre morei no Campo Limpo, só nasci no Taboão, era a maternidade que tinha mais pertinho.

(Seus pais são daqui também?) Não, meus pais são do interior de São Paulo.

(Mas os filhos se mudaram pra cá? Como que foi?) Ah, história boa hein!. Não sei. Meu pai era de São José do Rio Preto e minha mãe de Tambaú e aí eles se conheceram no trem e parece que rolou algumas coisas e foi assim.

(Você tem irmão?) Tenho, vários.

(Todos nasceram aqui?) A maioria nasceu em São Paulo, tenho cinco irmãos por parte de pai e mãe e depois só por parte do meu pai outros mais 8, eu acho.

(E você sempre estudou sempre aqui na região?) Estudei sempre aqui no Campo Limpo.

(Em escola pública?) Escola pública, escola Presidente Kennedy, essa foi a minha história, estudei sempre aí desde pequenininho.

(E na escola você já tinha essa “coisa” da leitura?) Não era medíocre, um aluno muito básico. Sempre gostei um pouco de estudar, não era CDF mas também não era o último aluno da sala, digamos assim, gostava um pouco de estudar.

(Você gostava de ler na escola?) Eu lembro porque que eu ia pra Pinheiros para pegar livro, na verdade não tinha biblioteca aqui, então a gente tinha que ir até Pinheiros na Biblioteca pra pegar algum livro que fosse indicado, e eu cheguei ir algumas vezes pra lá pra pegar alguns livros, mais livros infanto-juvenis na época.

(Na escola mesmo não tinha biblioteca?) Não tinha.

(Você fez o Ensino Médio completo?) Fiz, só (risos). Depois eu fui estudando por conta, fazendo as coisas por conta, nunca fiz faculdade. Agora que eu fiz um outro curso que chamava Biodança, eu não terminei cheguei quase pra terminar o curso, na verdade faltou a monografia e agora estou fazendo homeopatia atualmente.

(Não voltado pra área da Literatura?) Não voltado para saúde, aliás, eu acho que Sarau é saúde, ele caminha pra a saúde, também é uma forma de você não estar doente, com sarau, as poesias, enfim exercitando essas coisas, a palavra, colocando e expressando pra fora, a expressão do seu corpo, se colocando no mundo, indo ali na frente, isso eu tô falando pra todo mundo, todas as pessoas que participam do sarau isso é um pouco saudável e aí eu também querendo saber mais sobre a homeopatia e mesmo pra me ajudar e ajudar outras pessoas no que for possível pra trocar esse conhecimento que eu acho que é um conhecimento muito importante agora pra esse presente que estamos aqui agora, é importante a homeopatia nesse momento.

(Tanto pra no estudo da homeopatia quanto da Literatura, esses estudos têm o mesmo valor que o estudo acadêmico ou não?) Bom, pra mim é o seguinte, como é uma coisa de prazer pra mim é mais importante porque eu acabo estudando coisas que eu tô afim de estudar. De repente você vai pra Universidade e você estuda coisas que você não está afim de estudar, coisas que você sabe que você não vai utilizar aquilo pra nada, sei lá, nada não, mas as vezes é uma coisa que não muito o seu interesse, e quando você pega uma área e quer estudar aquilo você tem que ter paixão por aquilo, eu estou apaixonado pela homeopatia, então o tempinho que eu tenho eu estou estudando, eu gosto, não é uma coisa obrigada, é porque eu gosto, então eu acho que isso é um caminho pra gente, você fazer aquilo que você está afim de estudar, deveria ser assim desde o primário, você ter opção de você escolher, e não ser uma coisa imposta, o que já está pronta na caixinha, programado e também essa imposição é programada, não é nada não pensada pelas elites, é uma coisa pensada pelas Elites para a população ter aquele nível de sabedoria de conhecimento e ficar ali com “aquilo” ou se for um pouco há mais já não é dado..... Isso está escrito, tem documentação disso dos “caras” que governam o mundo falando disso, documentos que vazaram e está dizendo isso “Mesmo aqueles

das classes inferiores que se destacarem não chegarão ao nível.....”, isso tem documento dos “Bilderberg”

(Em relação ao trabalho você já teve outras profissões?) Eu fui sempre mascate, eu consertava janela, persiana essas coisas, depois meu pai era marceneiro, a gente trabalha com marcenaria, carpintaria, depois eu fui vender banana, numa época que eu fui vender banana em cacho. Depois eu quis estudar, eu queria fazer medicina naquela época, uns 20/30? anos atrás, eu quis fazer medicina quando eu já estava com 25 anos eu queria, mas minha base tinha sido muito ruim, eu tinha trabalhado desde os 13 anos e tinha estudado a noite, então a minha base estava muito ruim, eu não tinha realmente uma chance pra Medicina naquela época que era muito concorrido. Hoje também é, escola pública em Medicina é muito concorrida, e eu acabei tentando 2 anos, mas depois eu não consegui mais, aí eu tinha que me bancar e tudo nesse processo aí eu desisti tinha que trabalhar fazer outras coisas aí foi a época que eu quis sair do Brasil, aí eu fui embora pra viajar pela Europa, trabalhar lá, consegui algumas coisas, fui pra Israel, Egito, Grécia, Itália, trabalhei na Itália um tempo, depois fui pra Inglaterra, fiquei dois anos, a Suzi foi pra lá aí ficou um tempo trabalhando também, depois ela ficou grávida, a gente ficou mais um tempo e voltou pro Brasil e abrimos um bar no Campo Limpo.

(Quando fundou o Bar já começou a história do Sarau?) Não eu nem sonhava com sarau, nada, sarau veio muitos anos depois, aí bar, veio assim, eu fiz um curso em 95, abri o bar em 93, eu fiz um curso, comecei a Biodança, e é interessante que a Biodança ela trabalha o silêncio, trabalha o contato, a intimidade, o encontro do ser humano, o olhar, o afeto, o abraço, e quase não tem fala e teve um momento lá um dia pra fazer criatividade e tinha que escrever uma poesia e partir daquele dia eu comecei a tomar gosto, como eu sempre gostava de ler, foi surgindo a poesia na minha vida assim. Comecei a fazer A Noite da Vela no bar, que não era o sarau ainda, mas fazia um micro-sarau e a gente tocava os vinis “bolachão”, até a troca de um e o outro alguém entrada ali no meio, naquele silêncio, dava aquela folguinha, vinha um e pedia: “Deixa eu falar uma poesia”, que não era sarau ainda, era A Noite da Vela e ainda não existia o Samba da Vela ainda, isso foi em 95/96 e numa dessas noites eu falei: “Puxa a gente poderia colocar poesia em postes, eu já estava escrevendo, então em 97 eu comecei, a gente tirava as placas dos políticos das ruas, recolhia, pintavas elas e devolvia com a poesia, e várias pessoas ajudavam, tinha um rapaz muito especial João Jamaica que colaborou muito foi um grande parceiro que ajudou muito a desenvolver isso.

(E como que era esse projeto só pra ficar registrado?) A postesia? Então era isso, nós retirávamos as placas dos políticos, trazia elas pra casa, pintava elas. Na mesma placa, pintava elas e colocava uma poesia na placa. Foram inúmeras placas que a gente tirou, naquela época eles colocavam as placas nos postes, e era de madeira então era um material muito bom, hoje é tudo plástico, então fica mais difícil. Mas naquela época era a ferramenta que a gente tinha, eram duas ações.

(E como depois ela se transformou em livro? Esse projeto depois? Como foi a ideia depois, você já estava no sarau?) Não, hoje está fazendo 17 anos esse livro que foi lançado, hoje é dia da poesia e aí depois do dia 14/03/99 sem eu saber que era dia da poesia, na verdade foi um amigo meu, eu vendi um telefone pra poder fazer o livro aí ele falou: “Eu vou te entrar o livro tal dia” e o dia caiu exaltadamente dia 14/03 que era o dia da poesia naquela época caiu no domingo.

(Quantos exemplares você fez?) Foram mil exemplares. Esse eu comprei na internet outro dia (risos).

(É de editora?) Não, não é da gráfica do meu amigo de Campinas, ele tinha uma gráfica e ele fez pra mim.

(O desenho, o projeto você que montou?) Foi uma amiga também da Biodança, a Marisa que fez isso aqui pra mim, ela que me ajudou a montar esses postes aqui naquela época, está na hora de lançar a segunda edição (risos).

(E quando o começou o Sarau?) Nessas A Noites da Vela a gente foi fazendo alguma coisa esporádica assim, com a poesia já, mas bem esporádico. Depois de um tempo o Pezão fotografou, foi o primeiro cara que fotografou, ele trabalha no jornal e fotografou as postesias nos postes e colocou no jornal, aí a gente se conheceu, a gente já se conhecia de vista e depois de um tempo a gente fazia essas A Noite da Vela e ele falou: “Vou montar alguma coisa com o Sérgio Wagner, na época e me convidou para participar, pra ir lá na Cooperifa que eles iam fazer na quarta-feira, que era aqui no Taboão, no bar do Garajão, do Bodão e aí a gente foi convidado e antes disso o Sérgio fez uma ideia numa fábrica com várias artes plásticas, fez um evento bem bacana numa fábrica. Em 2004 em abri um outro bar, que aí tinha, eu comecei toda segunda, a gente usa essa parte antes, mas oficialmente mesmo, foi a partir de 2004 toda segunda-feira, antes a gente fazia esporadicamente, fazia quando dava pra fazer.

(E como foi processo de ter que sair do bar?) Esse já foi outro bar, foram dois bares na história, desse que eu estou falando foram 10 anos que a gente ficou com ele, e em 2003 fecharam esse bar

em frente à escola Kenneddy, tivemos vários problemas lá e foi fechado. Ai a gente começou o bar ao lado da Uniban, onde era Uniban, hoje é Anhanguera, a gente fazia toda segunda-feira apoiado por vários poetas e tal e depois a gente continuo lá, ficou bastante tempo só que depois de um tempo a gente começou a “incomodar” um pouco o poder local, a gestão passada do Kassab e aí o pessoal começou a marcar a gente, a gente não tinha alvará, ninguém consegue alvará, ninguém tem essa “porra” de alvará, nem o Brasil não tem alvará pra funcionar do jeito que funciona, aí eles fecharam nosso bar, deram multa e tudo. Houve um grande levante, muita gente ficou sabendo e se mexeu e quis ajudar e isso foi bom pra gente porque acabou levantando essa questão da cultura, uma perseguição política, aí a gente ficou um pouco itinerante, depois a gente se estabeleceu aqui em 2012, na praça do Campo Limpo e aqui no Clareou.

(Ai começou a ser mensal, quando mudou pra cá?) Sim a gente fez mensal porque são vários fatores, a questão do tempo, lá o espaço era nosso, aqui não, aqui já é mais complicado, que depende e mobiliza outras pessoas, tem dias que eles não podem estar aqui, a gente optou por fazer uma vez por semana que também é maravilhoso e depois também na praça do Campo Limpo que é uma vez por mês. A gente faz sarau toda semana, vários saraus, as vezes tem semana que é 3 / 4 saraus, só que oficialmente é aqui e do da praça do Campo Limpo, faz na biblioteca, faz em escola, faz em outros lugares que convidam a gente, tipo Virada Cultura, Sesc, outros espaços culturais que podem nos chamar.

(Hoje vocês se mantém com Sarau financeiramente?) Hoje com sarau, depois de 2003 eu tive sorte porque a gente conseguiu em edital, foi bacana que durou dois anos, que a gente respirou, agora a gente está sem nenhum de novo, é esse “perreio” aí, tem hora que vai, tem hora que para, mas estamos se virando com a poesia.

(Você acha que dá pra viver de Literatura?) Ah, não sei, estamos indo (risos). Eu acho que dá, dependente de cada um, estamos vivendo assim pra essas coisas.

(Aí é mais evento, venda de livro como que é?) Então como a gente conseguiu edital, mas venda de livro não dá nada não, livro mesmo não. Eu e Serginho fizemos livros e ficamos até devendo pra gráfica não conseguimos vender mesmo, a gente é péssimo vendedor de livros, mas não temos mais.

(Você tem dois livros publicados?) Somente, eu sou devagar pra escrever.

(Esse O Donde Miras e esse do Postesia?) É, enquanto só isso.

(Você não publicou nenhum individual?) Só O Postesia e depois o Serginho comigo, esse aí nós juntos, e depois as duas Antologias do Sarau do Binho. Depois ainda não fiz nada não, no momento eu preciso de “pressão” pra fazer na verdade, se falar : “Ah vai ter que fazer!!!”, tipo assim, eu tô muito solto, estou estudando, fazendo bastante sarau e fazendo e se envolvendo em outras coisas, como não é prioridade pra mim então eu tô tranquilo.

(Pra você organizar o Sarau, criar um movimento, é mais importante dizer que é um escritor?) Sim, é mais importante a gente estar junto com as pessoas, o livro é legal também porque chega em várias pessoas, acho que não tem menos nem mais nessa história, no momento o que eu tô vibrando é isso na verdade, um não menospreza o valor que o outro.

(No cenário da Literatura que a gente fala “periférica” é importante ter publicado livros ou é mais importante organizar Sarau? Como você avalia?) Nos dois casos foi legal, mas o mais importante é sarau, é estar com as pessoas, o livro a palavra está lá, alguém abre vai ressuscitar, mas aqui é mais vivo, é o seu corpo e alma ali, na escrita a sua alma não está, de uma certa forma, está as suas verdades talvez, está mais profundo ali, são duas coisas totalmente diferente, o livro e o corpo em si com espírito.

(Quando vocês começaram o Sarau, tinha Cooperifa, e vocês são os primeiros praticamente, vocês imaginaram que teria virado esse movimento todo de que hoje tem sarau em todas as regiões de São Paulo?) Não, eu não, mas o Sérgio já tinha, interessante, ele já falava desde o começo: “Um dia a gente vai ser estudado”, um dia vai ter nas universidades”, ele já tinha essa visão, mas eu não, que bacana, ele pensou e projetou isso e aconteceu.

(Você costuma frequentar outro Sarau?) Eu costumo, só que no momento como eu estou estudando e eu estou apaixonado por essa coisa, e eu sinto que é uma urgência minha do meu ser, até pra poder sair pra colaborar e poder ajudar no que for possível outras pessoas, esse conhecimento que a gente tem e cada um está adquirindo, você está no sarau você também está trocando também. No momento eu não tenho indo a lugar algum, eu tô muito centrado, eu brinco que eu estou fazendo o meu Doutorado. Tanto gente faz e fez Doutorado, agora eu falei: “Agora é minha vez de fazer o meu Doutorado” (risos), embora não seja Doutorado, eu tô apaixonado pela coisa, eu tô nessa, vibrando assim, em não ir nesse momento, mas frequentei muito.

Quando eu larguei o bar naquela época, eu deixei o bar praticamente 3 anos em mãos de outras pessoas pra poder me dedicar a isso aos saraus e a outros movimentos, então a gente participava,

convocava, ia levava outras pessoas nos saraus, aqui no Clareou, em teatros, em outros espaços que tinham, isso aí eu fiz bastante, fiz mesmo e é uma coisa que não é pra me vangloriar disso, era uma coisa que sentia necessidade de fazer, que era importante, que foi importante pra esse movimento, pra outros lugares, fomos uma “faisquinha”, você está ajudando aquele foguinho ali é bacana, então eu me dediquei muito a isso, eu fiquei de dois a três anos fazendo isso que eu achava que era importante, depois, não, eu fui parando um pouco e agora não tô indo a lugar algum, por conta dessa coisa, depois eu vou me abrir de novo, por enquanto eu tô num movimento muito interno, mas eu sei que esse interno é esse movimento que eu faço mesmo, na minha vida já acontece muito isso, vem recolhe pra depois ir fora, vem recolhe pra depois ir pra fora, nesse movimento.

(Mas o sarau do Binho você faz questão de manter?) O sarau dá pra manter porque é uma coisa que não exige tanto de mim, ele já anda tranquilo com as próprias “palavras”, então está tranquilo, coisa que dá pra fazer. A Suzi também faz produção, faz contato, cuida dessa coisa, então eu tô mais mesmo no momento do estudo e estou presente nos saraus.

(O sarau também já tem muitas pessoas que faz parte mesmo do Sarau do Binho, não é só o Binho?) Não de jeito nenhum, o Binho vai embora daqui a pouco, o sarau vai ficar, tenho o nome do Sarau do Binho, espero que cada um seja um Binho no futuro, não no sentido “egóico”, mas que cada um seja o sarau que o pertença e sinta.

(Já tem muitas pessoas que são mesmo fixas?) Tem bastante gente que está sempre no sarau que apoia bastante “a base”, tem uma base, tem que ter se não dá certo.

Meus sonhos próprios agora é a gente comprar uma terra mesmo, pra gente trabalhar em agricultura, a arte, a homeopatia com outras coisas, com as curas, outros movimentos, com esse movimento não transgênico, não flúor, não cloro, não açúcar, várias coisas que a gente pode trabalhar isso um pouco pra esse momento que a gente está vivendo de muita opressão midiática, de apavoramento da população, de medo, de mosquito “mosquitinho de merda” que está apavorando todo mundo, devido aos venenos, ao ar, eu tô vibrando muito com essa coisa de ter um espaço na terra pra se trabalhar com a terra, porque nós que moramos na periferia, aqui quase não tem um parque, não tem nada, a gente não tem a terra do nosso lado, a gente só pisa em afastos, então a gente adocece por isso, não trabalha a terra, um trabalho manual pra gente seria muito importante esse trabalho e colher os frutos, a gente vive num processo muito alienado, a gente sabe muitas pequenas partes das coisas, a gente não consegue construir uma coisa, e acho que a terra seria uma coisa boa também, a terra vai nos ensinar muito, e eu quero aprender muito na verdade, porque a minha vivência foi muito urbana, apesar de morar na periferia, rua de terra, mas era uma vivência urbana. Em lembro quando a gente plantou milho, teve uma colheita coletiva, depois minha mãe fez o curau, isso aqui no Campo Limpo mesmo, aquilo me marcou e marca até hoje como se fosse uma ancestralidade minha, que tá aí até hoje.

(E você pensa em comprar aqui mesmo na região essa terra?) Teria que ser próximo a São Paulo, mais ou menos, estamos em busca ainda, quem sabe vai rolar, uma “terra prometida”, não é prometida porque a terra nunca deveria ser prometida, porque a terra é nossa, a terra é dos seres humanos, só que inventaram que era prometida, a gente não pode ter uma terra prometida, porque nós já nascemos aqui, ela é nossa já. Tem gente que tomou essa terra e aí está na mãos de alguns e por isso eles dizem que a terra prometida, mas a terra é nossa, a terra foi pra nós e não foi pra eles. A luz é nossa, eles roubam nossa luz, nossa energia, ordem (Or significativa luz) e (dem significativa força), então quando eles dão um ordem pra você é como se tivesse roubando a sua luz e sua força. Olha que na nossa Bandeira está escrito “Ordem”, olha só que perigo isso, mas nós estamos revelando as palavras, elas estavam manipuladas, com o cara que criou isso, um cara que eu tô estudando um pouco, mas agora está revelando uma coisa antiga, de 8 000 anos que foi manipulado, e que está manipulado até hoje, e eu não sei não se essa palavra “zica” ela não é palavra manipulada, que toda hora a gente fala, fala, fala. Lady Gaga está manipulada, Rihanna está manipulada, coisas muito team.

(Você comentou da sua mãe que plantou milho, ela tinha algum trabalho? Era dona de casa?) Minha mãe foi enfermeira, depois teve cinco filhos e aí foi mãe (risos).

(Seu pai foi marceneiro?) Meu pai era doido, não era marceneiro (risos) doido, gostava de cantar, ele montou um loteamento na época, a primeira farmácia do Campo Limpo foi dele, depois ele começou a lotear, era tipo mestre de obra, vendia casa, comprava e vendia pra fazer essas coisas, depois queria ser o “Zorro Brasileiro”, ele montou uma coisa bem bacana cinematográfica Caiova. Começou até a fazer um filme com o Zé do Caixão na época, doidão, foi várias coisas na vida, meu pai foi um “sonhador”, bem bacana.

(Qual é o nome dele?) Joaquim Antônio

(E seus irmãos em geral eles seguiram alguma área artística igual você ou você sempre foi o artista?) Eu nunca fui artista, as coisas aparecerem, a poesia eu fui aprendendo com os camaradas do bar, trocando a poesia, a gente fala que é poesia também, se os cara falar que não é não tem problema, a gente faz é isso aí, as palavras não tem muito valor aí mesmo, eu estou descobrindo que nada é o que quer dizer, então, nós somos isso aí.

(Seus irmãos tiveram profissões 'normais'?) A Lola faz um monte de coisa em outra área, que é artesanato, a Diane que é sonhadora escreve projetos, faz isso e aquilo, meu pai tocava violão, lá em casa ninguém aprendeu a tocar violão, o meu irmão Rodolfo que na época foi pra teatro mas depois parou, o João que era um artista de coisa, pegada tudo montava e desmontava, era um conhecedor dessas coisas, cada um fazia uma coisa, "a pessoa é para o que nasce", e eu não sei ainda qual que é a minha, mas acho que é isso aqui, essas coisas, ser mais uma luzinha aí pra brilhar, a luz de todo mundo tem que brilhar e luz é nur, não é luz, nesse antigo idioma "nur", seria o modo da gente falar "nur", seria a palavra certa.

(Que perspectivas daqui pra frente, além do Sarau, além da homeopatia, como você vê, o cenário da Literatura que está crescendo?) Eu acho que vai ser bom, nesse bolo veio muita gente boa, a gente aprendeu muito, tem muita gente já fazendo coisa muito boa, achado que vai ser bom, realmente quando a gente começar a entrar nas escolas com os nossos livros, já está acometendo um pouco, mas eu acho que vai acontecer mais, vai ter essa inserção maior da identificação, dos alunos também, há uma identificação na linguagem, no falar, na nossa linguagem também, e o próprio modo de vida, diferentes dos livros que estão escritos. Aí as vezes muitos livros não tem nada haver com a a gente, tudo bem o livro também tem isso, acho que o livro é uma travessia, livros importantes que você lê e ele pode te remeter a outras coisas. Eu estou falando assim, porque eu li o grande Sertão e eu senti uma travessia, depois quando eu terminei o livro eu era outro, então pra outras pessoas outros livros podem acontecer, eu acho que é bom, a gente se aprofunda um pouco com os livros, então é muito válido, eu acho que a perspectiva é boa, não vejo um cenário "pior", pior nós já estivemos, a tendência do nosso objetivo é que vai se melhorar.

(Como foi a experiência do Donde Miras?) A gente gostou tanto dessa história da poesia que a gente falou: "Puxa vamos andar, caminhar, levar isso pra outras pessoas", em 2007 eu sonhei e sonhava com isso, pensava nisso e não sei o que, e vamos caminhar, convidei o Serginho Poeta e aí sonhei um dia 05/01/2008 vamos caminhar, aí as pessoas já estavam tão naquela, primeiro que a gente constrói a realidade, por isso que eu acredito muito na periferia, a gente pode construir a nossa realidade, se a gente vibrar diferente, observe, a nossa frequência está errada, os programas que a gente assisti estão errados de televisão, nós estamos fora de sintonia. Se a gente afinar a nossa frequência a gente consegue acessar coisas e criar, eu fui falando e criando essa coisa de caminhar, de caminhar e quando viu em 6 meses a gente estava caminhando em lugares que ninguém pensava que a gente ia caminhar. Como vai andar daqui a Curitiba fazendo sarau de cidade em cidade falando poesia, "isso é coisa de louco" (risos), mais ou menos, não é impossível. Primeiro a gente cria o pensamento, depois você vibra com aquilo, põe o objetivo e ele se concretiza e eu acho que assim é, a gente vê na frequência afinada com essa frequência com as coisas que a gente quer, não meta, meta é uma palavra feia, meta remete a "morte", e depois além, até isso é importante as vezes falar e saber que meta não é a palavra boa pra usar quando a gente quer falar de objetivos. Vibrar nessa frequência pra poder caminhar e a gente caminhou, e fez sarau, fomos daqui em Curitiba fizemos quatro caminhadas nessa vibração aí, foi muito bom, experiências boas e um dia a gente retorna.

(Essas poesias que vocês escreveram foram durante o percurso?) Não o livro saiu antes para o percurso.

(E aí desde o começo tinha ideia de ser bilíngue mesmo?) O livro saiu no dia 24/06/2007, ele era pra ser trilingue que eu queria em Guarani também, era o sonho, inspirado na ideia do Dom de Miras que era um pouco de idiomas da América Latina só que esses dois que infelizmente é o **Colonial** e a gente queria algo daqui, não foi possível na época, quem sabe um dia sai em Guarani também as poesias.

(E vocês têm vontade de fazer de novo essa edição?) Caminhar sim, o sonho era pra chegar no Chile e ficar 8 meses caminhando, mas depois a gente foi fazendo trechos e trechos.

TULA PILAR

(Qual é o seu nome?) Tula Pilar Ferreira.

(Você nasceu em Minas, quando veio para São Paulo?) Eu estava na casa de 18/20 anos quando eu vim, por aí eu era bem meninona ainda.

(E lá em Minas você morava em cidade ou você morava no campo?) A gente morava na cidade, a gente morava em Belo Horizonte mesmo, inclusive, um bairro perto do centro da cidade que

“causava”, porque falavam “O que que essa mulher cheia de filho, essa mulher pobre quer morar aqui”, era um bairro de classe média. Minha mãe foi parar lá por acaso, e a casa era barato, era um casarão antigo/casinha bem antiga e minha mãe morou muito tempo ali e depois resolveu sair e ir com a gente para a periferia, porque ela estava cansada de sofrer essas discriminações e a gente começou a crescer e ter contato com muito homem, muito menino. Era uma rua movimentada que a gente morava, morávamos em frente a um hospital, tinha muito homem e minha mãe não gostava, ela tinha medo da gente ficar exposta demais. Então ela mudou para a periferia. Eu cheguei a ter contato com o roça sim, trabalhei na fazenda com a minha mãe no campo, mas não aquele serviço pesado, obrigatório, coisinha pouca, plantava um milhinho, uma batata, tive contato com a roça e também uma fase que a gente morou na periferia, a gente morou em São Benedito, era um bairro muito afastado, Ribeirão das Neves onde a gente está agora já há mais de 30 anos, lá em Belo Horizonte é afastado da cidade e lá já era mais roça mesmo.

(E quantos irmãos você são?) Nós somos sete irmãs, infelizmente uma foi embora agora no final do ano de 2015, ela faleceu mais nova do que eu, e agora a gente ficou em seis irmãs. Mas a gente éramos sete. Dá uma saudade dos sete.

(Você morava com seu pai e sua mãe?) Não morei sempre com minha mãe, minhas irmãs e minha tia, que eu tenho uma segunda mãe que é minha tia que está hoje com 77 anos. Minha mãe faleceu já, faleceu bem nova, de tanto trabalhar, ficou doente, desgostosa da vida, morreu muito jovem. O meu pai eu nunca conheci, minha mãe não gostava de falar pra gente, então eu não sei nem a origem do meu pai direito. Eu sei pouca coisa, eu sei que minha mãe dizia que ele parecia com Milton Nascimento, o marido dela que eu acho que era meu pai, então eu amo o Milton Nascimento e ficou essa coisa, essa saudade, esse bem querer que eu queria ter conhecido meu pai, eu queria que minha mãe pelo menos falasse dele pra nós, porque a gente é filha de cada pai, talvez duas, três, quatro são filhas do mesmo homem e outras não, como eu também, tenho três filhos, um de cada homem, não sei se foi herança, em reproduzir isso, mas não fiz nada que eu não quisesse, mas eu queria ter conhecido meu pai.

(Suas irmãs ainda moram ainda em Minas?) Moram, a maioria delas moram lá em Ribeirão das Neves e outras moram numa cidadezinha daqui pra São Paulo, antes de chegar em Belo Horizonte é uma das últimas cidadezinhas daqui pra lá na Fernão Dias, é Itatiaiuçu, têm umas que estão lá no programa da casa do governo Dilma. Elas estão morando lá agora nuns predinhos bem legal.

(E quando você veio, você veio sozinha como você veio para São Paulo?) Vim sozinha, com a cara, com a coragem e com a loucura na cabeça (risos).

(Mas você já tinha alguma coisa aqui certo?). Não eu vim na aventura, eu era diarista, era muito jovem comecei a fazer faxina com 14 anos. Sempre fui criada na casa dos outros, sempre trabalhei de doméstica. Aos 14 anos eu decidi que eu não queria mais trabalhar por mês, eu queria ser diarista e eu tinha muitas patroas, porque eu era muito jovem e limpava muito bem a casa, então elas me adoravam, “adoravam me explorar”, vamos dizer assim. Hoje eu sei que era uma exploração, porque eu era uma criança, só que eu limpava muito bem, arrumava muito bem, eu sempre gostei de limpar a casa, até hoje eu tenho essa mania. Limpar tudo, tirar coisas velhas e organizar e aí nessa fase eu era diarista, eu estava limpando a cozinha, tinha que forrar o jornal no chão para não sujar tudo de gordura, porque a cozinha era muito engordurada que eles comiam muito bife, muita fritura, e aí aquele exaustor eu estava limpando aquele negócio que suga a gordura do fogão estava com muita sujeira aí eu forrei o jornal, e no jornal estava escrito assim “Vá para São Paulo como empregada doméstica, ganhe tanto fazendo tal coisa, tal coisa, tal coisa”. Eu falei: “Eu vou para São Paulo. Copeira? O que é copeira? Eu não sabia, vou de babá, vou para São Paulo, vou de arrumadeira, que eu já sou faxineira, então, chegando lá eu vou de arrumadeira”. E aí menina me deu uma loucura e fui. Minha mãe falou: “Mas menina você é louca, meu Deus do Céu” (minha mãe era carioca) “Essa menina é doida Eutília” falando com a minha tia. “O que que essa menina vai fazer em São Paulo”. E eu: “Eu quero ir embora”. E também eu tinha uns desgostos lá, eu fugi desses desgostos, uma paixão que era o pai da minha filha que eu nunca mais eu vi, da minha primeira filha, a mais velha a Samanta já tinha nascido, fez 28 anos, quando ela nasceu eu era adolescente. E aí tanto desgosto, eu falei “Vou embora daqui pra eu esquecer todo este desgosto e ampliar meus horizontes, quero ganhar dinheiro, quero estudar, quero ficar rica”. Eu tinha aquele sonho de ser rica e vim pra cá. Vim na aventura mesmo, só que aí eu dei sorte porque que no dia que eu cheguei de viagem, a agência trouxe nove mulheres. Dessas nove mulheres, eu sei que duas só ficaram porque uma arrumou emprego logo no primeiro dia de cozinheira e eu arrumei de arrumadeira numa mansão no Morumbi. E aí eu fiquei. Aí eu falei “Mãe aqui é bom demais, não sei o quê... Só que a gente se assustou que as patroas aqui eram muito diferentes das patroas de Minas, os costumes, então a minha mãe não se adaptou mesmo, ela ficou só um ano e quis ir embora, mas eu trouxe quatro irmãs, só uma que

ficou e eu, e essa minha irmã que mora hoje em Buenos Aires, a gente até encontrou com ela na feira do Livro em Buenos Aires, quando a gente foi com o Sarau do Binho, encontramos ela lá, só eu e ela que ficamos, minhas outras irmãs e minha mãe se impactaram com a realidade aqui e não quiseram ficar, mas e eu vim na aventura e dei sorte.

(E aí vocês moravam na casa dos patrões como que era?) Morava na casa da patroa. Era bem ruim. Aí depois de uns três anos depois que a gente estava aqui já, a minha mãe ficou um ano, que minha mãe quis alugar uma casinha. Ela falou “Vamos alugar um lugar pra gente para não ficar dependendo dessas madames enjoadas daqui”. E a gente alugou lá pros cafundó do Macedônia, Casa Branca, alugamos ali, pra ficar livre e depois minha mãe foi embora, eu fiquei com o casarão lá e falei “Não dá pra ficar nessa casa pagando isso tudo”, era muito caro o aluguel aí eu fui morar em quartinho, comecei a morar em quartinho daqui, quartinho dali, nuns “corticinhos” e eu não tinha filho aqui, a minha filha morava lá em BH com a minha mãe e com a minha tia e minhas irmãs e aí eu fiquei morando muito tempo em quartinho “barraco” até surgir a segunda gravidez que é o Pedro Lucas que está com 19 anos hoje. Aí eu falei “Não, agora eu não posso morar aqui com criança”, era muito horroroso onde eu morava, o banheiro era uma condição precaríssima, eu nem usava o banheiro lá, e eu morava na casa da patroa, então, eu só ia lá pra dormir e como minha mãe falou pra gente ter “paz”, porque você ficava na casa você tinha que fazer as coisas, não podia dormir, descansar, toda hora a mulher interferia no quarto pra fazer alguma coisa. E elas sabiam que a gente não tinha pra onde ir e não tinha o que fazer e dependia disso, do emprego, então depois que a gente alugou a casa aí a realidade mudou, a gente descansava no final de semana, saía no sábado à tarde e voltava no domingo à noite para a casa da patroa. Já era um alívio de não ter que ficar tão a merecer do serviço. Como elas falavam, e muito as vezes eu estava lendo e elas falavam “Só sabe ler, tem que arrumar alguma coisa pra você fazer” e arrumava serviço pra mim (risos). Desde Minas também essa mania de ver a gente parada e dizer que “Não pode,” tem que ficar trabalhando o tempo todo.

(E você lá em Minas estudou então?) Estudei até a 6ª série lá em Minas, aí o que aconteceu a primeira patroa que falou pra minha mãe “Deixa eu criar a sua filha Dona Antônia pra eu te ajudar e eu dou escola, em troca dou roupa, dou sapato e dou comida e realmente deu, as escolas públicas eram ótimas, não era como hoje, era aquela coisa de ditadura, era muito melhor a escola e era igual pra todos. Não era essa escola de hoje que tem particular pra rico. A escola pública era para todo mundo e era muito boa. A gente estudou em escola muito boa em Belo Horizonte, estudei numa escola chamada João Pinheiro, era um colégio bom, não se existe hoje ainda, eu tenho vontade de visitar, voltar lá, e estudei lá até a 4ª série e depois eu fiquei “mocinha” nessa fase que era faxineira eu quis estudar em escola particular que eu pagava com dinheiro suado da faxina. Minha mãe falava que eu era louca, mas eu queria estar. Estudei mais uns três anos e aí eu completei até a 6ª, eu lembro que eu fiz até a 6ª série. Aí quando eu cheguei aqui em São Paulo, depois, muito tempo depois eu fui fazer a EJA (Educação de Jovens e Adultos) eu fiz numa instituição bem legal, bem bacana e aí eu concluí meus estudos. É, mas se eu tivesse ficado em Minas eu ia estar “burra”, sei lá não vou ofender o bicho (risos) eu ia estar lá sem estudo até hoje, talvez, e limpando o chão até hoje.

(E suas outras irmãs também estudaram?) Estudaram, mas nenhuma delas completou, aliás tem duas irmãs, mas elas não exercem, elas não arrumam emprego bom, por causa dos estudos, a maioria continua sendo empregada doméstica, tirando minha irmã de Buenos Aires que fez uma faculdade de Culinária (Gastronomia) e tem um negócio dela lá na Argentina e eu que concluí esse estudo, mas eu não tenho diploma, porque essa instituição que eu estudei não dava o certificado. Eu tenho que fazer o ENEM (risos). Eu sou umas das mais estudadas, as minhas irmãs não são analfabetas, mas elas não tem estudo.

(E sua mãe estudou?) Não, minha mãe era totalmente analfabeta, ela falava que não sabia fazer o “o” sentado na areia, como ela dizia, mas ela era muito sábia, muito inteligente, que é essa sabedoria popular, minha mãe tinha muito isso, e ela passou muita coisa pra mim, e eu como eu falo: “Eu sou “macaca velha” porque as vezes eu falo “É tal coisa” e o pessoal pergunta: “E como você sabe?”, e as vezes acontece, as vezes é um remédio, uma dica, o tempo que mudou, é a terra, é uma planta que seu sei. E as pessoas perguntam: “E como você sabe tudo isso?”. Eu aprendi com a minha mãe. É uma sabedoria que a escola não dá, a vida dá e o tempo também eu acho, eu acho muito gostoso saber tudo o que eu sei hoje por causa da minha mãe. E minha mãe também protegeu a gente do jeito dela, porque ela teve que colocar a gente na casa dos outros, mas ela protegeu a gente evitando que a gente tivesse uma relação inter-racial ou sofresse esse abuso de casa de patroa pelo patrão, porque muitas empregadas sofriam esse assédio e essa violência sexual dentro da casa e a gente se livrou disso pelos conselhos da minha mãe como a gente reagia com esse patrão, ele tinha medo da gente a maioria, então nem chegava perto pra “mexer” com a gente, então foi uma grande sabedoria da minha mãe porque eu exerci ao longo da minha vida e até hoje eu exerço.

(E você falou que gostava da escola. Você sempre gostou de ler? Como era sua relação com a leitura? Você lia na escola? Em casa tinha livro?) Eu sempre fui fascinada pela leitura, pela escrita e eu queria saber escrever bem, eu queria saber escrever rápido, porque eu tinha uma lettrinha “feia” e tinha muita vergonha da minha letra, mas eu sempre escrevi muito bem a palavra, porque eu lia muito. Tinha uma casa que tinha muitos livros, era uma parede toda, uma estante inteira de livros, então tinha livros de todo tipo que você pensasse. Eles tinham família nos Estados Unidos, então eles tinham literatura Americana, tinha literatura Inglesa. Depois aqui também na casa que eu trabalhei no Morumbi tinha, só que não ficava na estante, a mulher tinha um armário que ela guardava os livros e mandou limpar um dia, quando eu abri a porta do armário eu fiquei fascinada, eu falei “Gente isso aqui é uma minha de “ouro””. E nessa casa eu li *Negras Raízes*, eu li *Cor Púrpura*, eu li a *Prima Bete* que eu adoravaa literatura Inglesa, eu li *O vale das Bonecas* que é bem “pesado”, é um romance Americano ou Inglês que é bem interessante. E lá em Minas eu li um livro que na época eu peguei na casa de uma patroa também que eu lembro que na época minha mãe me bateu por causa desse livro, eu estava contando pra pessoa esses dias, que o livro tinha uma capa muito erótica, muito sensual, era uma mulher seminua, com o busto da mulher e o homem com a boca no pescoço dela dando um beijo, eu lembro da capa desse livro como se fosse hoje, eu era muito menina, eu tinha uns 13 anos e aí a minha mãe ficou revoltada quando ela viu aquilo, ela falou “Mas menina, você está lendo isso, isso não é pra você, você é uma criança, é desaforo, essa pornografia, essa coisa horrorosa e pá pá pá”, me bateu e tomou o livro de mim. E falou com a minha tia “Otilia some com esse livro”. Mandou minha tia jogar o livro fora e minha tia escondeu o livro e depois de uns tempos depois eu achei o livro e li escondido da minha mãe (risos), terminei de ler o meu romance que eu estava na melhor parte quando a madame se envolvia com o cara, o cara era domador de cavalo. Era um romance maravilhoso, *Amante Indócil* chamava, olha como que eu lembro. E eu li também aquela revistas, tinham umas revistas que tinham uns romances, eu gostava muito de romance, hoje em dia eu gosto mais ou menos, gosto de coisas mais “picantes”, mas eu sou muito romântica, então eu acho que ponho esse romantismo na minha literatura também, na literatura erótica que eu escrevo é mais romântica do que erótica, no final eu fico olhando. Talvez venha de tanto ter lido essas coisas, então eu sempre tive muito contato com a literatura e quando eu vim pra cá essa patroa falava pra mim, quando eu atendia o telefone ela falava “Você conversa muito bem, onde você aprendeu a falar bem desse jeito?”, com palavras difíceis. Aí ela mandava eu escrever “Oh, se alguém ligar você escreve”, aí eu escrevia a palavra correta, a letra era feia, mas a palavra era correta, e ela falava: “E como você sabe escrever assim?”. Porque eu lia, então fica na mente, você memoriza, porque eu li a vida inteira, e eu escrevi a vida inteira só que a patroa rasgava, jogava no lixo. Eu tinha uma patroa que falava “Você fica aí lendo, aqui na minha casa você vem pra trabalhar e não pra ficar lendo e escrevendo você está louca, eu te tirei daquela favela e você chega aqui e quer ficar lendo livrinho e escrevendo”. Aí ela pegava e rasgava, rasgou tudo e falou; “Agora limpa”. Aí eu limpei e falei: “Tá bom, a senhora não quer que eu leia mais eu não vou ler não”. Ah, mas quando ela ia pro Shopping, saía, e eu escondia os livros no quarto, porque meu quarto era no fundo quintal então, eu tinha muito livro escondido debaixo do colchão. Tinha revista *Playboy* que eu gostava de ler a *Playboy*, ver as mulheres peladas (risos), minha mãe me batia, mas eu adorava, eu achava incrível as mulheres peladas. Eu tinha uns contos eróticos também que eu adorava aquilo gente, nossa, acho que é por isso que eu gosto tanto de erotismo, eu lia todos os contos das revistas, e a minha mãe falava: “Meu Deus essa menina é louca”, e eu apanhava, mas não tinha jeito e eu lia muito livro de coisas eróticas, proibido assim, a imagem e eu e minha irmã mais velha a gente lia, tinham umas enciclopédias na época comprada na banca de revista, a gente comprava todo mês. Essas enciclopédias falavam sobre doença venérea, gravidez precoce, então, a gente tinha uma certa instrução que a gente queria realmente não “pastar” nas mãos dos homens, como a gente via muita mulher passar, inclusive a minha mãe, então a gente teve mais defesa com relação a isso, do nosso corpo, da nossa vontade sexual, porque essas enciclopédias ensinavam muita coisa, era muito legal, e todo mundo falava: “Ah, elas sabem muita coisa”, a gente era líder, todo mundo andava atrás de nós porque a gente sabia muita coisa, mas é porque a gente lia muito. Eu não sei se a minha irmã lê hoje, eu acho que ela não gosta mais, ela não tem paciência, ela fala, lê livro de culinária, então eu cresci assim. Hoje eu fico lembrando porque você guarda na mente, personagens, a situação e hoje eu coloco na minha poesia essa literatura que eu tive contato a vida toda, desde meninona, muito legal. Quando eu era criança eu gostava de ler os contos Disney, eu li tudo o que você pensar, eu li Monteiro Lobato inteiro, além de eu ler passava o Sítio, que eu assisti o primeiro Sítio do Pica-pau Amarelo original que é muito mais bonito do que o de hoje, então, eu fixava mais também, eu lia, estudava Inglês nas estantes. Na casa da patroa, eu estudava Inglês na estante, tinham uns livros legais e tinham as imagens, e essa mulher tinha uma neta Americana, e essa neta veio passar uns tempos no Brasil e

ela via que eu sabia falar as coisas e quando ela chegou eu falei “Agora eu vou ler aquele livrinho pra eu conversar com ela”. Ai quando ela viu que eu sabia falar eu tinha uns 10 anos, eu fiquei nessa casa dos 10 aos 13 mais ou menos. Ela falava: “Nossa como você conversa bem, você é inteligente” e começou a me ensinar muita coisa, então a base do inglês que eu sei hoje também, que agora eu falo bem Inglês, “dizem” (risos), a base vem daí também porque quando a gente é criança a gente memoriza mais, então eu agradeço muito a essa fase dessa moça maravilhosa que colaborou com meu conhecimento (risos).

(Como é que foi depois que você estava tralhando, quando você parou o Ensino Médio?) Ah, então, foram muitos anos na casa dos outros. Meu sonho era sair de “casa” para trabalhar em firma, “bobagem”, olha a mudança. A única coisa de firma que eu consegui me inserir porque eu não tinha estudo completo foi ser passadeira, fui trabalhar em lavanderia que eu não queria lavar roupa eu achava horroroso lavar roupa, eu gostava de passar, aí eu passava roupa muito bem, passava camisa muito bem, tive vários professores passadores que eles eram velhinhos e eles gostavam muito de mim, me ensinavam o ofício de passar essa roupa mais difícil, mais chique, terno, é bem complicado passar terno, mas eu aprendi porque eu falei: “Eu quero ganhar mais”, eu sempre labutava pelo dinheiro também. E aí eu fiquei muitos anos também como passadeira de camisa, depois as roupas que eu aprendi a passar, nunca fui reconhecida na minha carteira de trabalho, na minha profissão, então eu cansei e larguei pra lá, larguei e fui embora. E nisso eu comecei a vender papel na rua, um tempo. Depois de um tempo eu conheço a revista Oca, aí eu estou em situação de miserabilidade porque as patroas não me empregavam mais porque eu era “brigona”, uma questão do salário e do aumento e fiquei numa situação bem precária, financeiramente e aí eu comecei a vender a revista Oca e comecei a ter mais contato com Show, com Literatura, eu não sabia que tinha esse mundo e a Oca me propiciava isso, teatros, eu lia muita peça boa também. Aí eu conheci o Sarau que era perto da minha casa lá em Taboão da Serra. Um dia eu passei e vi aquele povo falando aí eu falei: “Gente que coisa bonita isso”, eu lembro que a primeira vez eu fiquei olhando da gradinha, eu não entrei, na outra semana eu já entrei, que era toda quarta, eu entrei, já puxei uma cadeira, pedi uma bebida quente e fiquei ali achando aquilo bonito, aí eu chamei minha filha pra ir comigo a Samanta que hoje está com 28 anos, ela tinha uns 15/17 anos. Aí eu falei: Samanta tem um lugar legal ali embaixo na ...São Francisco, vamos lá e tal, aí ela: “Ai mãe lá vem você com as suas loucuras”. Mas ela foi e gostou e começamos a frequentar. O pesão olhou pra nós e falou: “Nossa, duas moças bonitas, vocês gostam de escrever, venham pra cá participar da poesia”. Bem daquele jeito que dele falar. “Você conhece o Pesão?”, aquele jeito dele de conversar. Aí a gente aí moço pode?, meu olho brilhava, eu falei: “Moço eu adoro escrever, aí eu já escrevi tanto só que o pessoal rasgava minhas coisas” e ele: “Sério menina, mas vem aí, vem aí, semana que vem vocês estão convidadas”. Aí a gente voltou na outra quarta com texto já, eu escrevi um texto e a Samanta escreveu outro e aí a gente começou a ficar famosa, porque a gente era as duas moças bonitas, não sei onde o povo via tanta beleza na gente (risos), mas achavam as duas moças bonitas e gostavam do que a gente escrevia, e assim a gente começou a se fascinar e cada semana a gente queria levar uma coisa diferente, então a gente nunca repetiu um texto no Sarau.

(Lá na Cooperifa?) É no começo, que era perto da minha casa no Taboão. Aí menina, um dia eu escrevi a poesia da cachaca. Eu falei: “Nossa o povo vai rir da minha cara”, só que quando eu entrei e fiz aquela cena que eu entrei com uma garrafa vazia e tal e ficava bêbada. Nossa e foi engraçado, no fim vou ficando bêbada, com a bebida que vai tomando, foi a sensação do momento, todo mundo gostou muito e eu fui ficando famosa por essa poesia que foi uma realidade que me aconteceu eu fiz uma brincadeira e pegou e depois eu fiquei aquela mulher que escreve, sei lá, “bem”, não sei. Depois vem a poesia Forma Feliz que foi polêmica também, feminista, fui a única mulher, a primeira que falava essas coisas no Sarau nossa, e era aquela coisa absurda e eu fazia “caras e bocas, passava a mão nos peitos fartos, bicudas, aquela loucura, e todo mundo ficou muito impactado. “Meu ela é louca!”, e eu já andava muito pelada mesmo, porque eu era jovem, e a minha filha mais ainda, usava uns decotes absurdos e a gente sempre usou decote, roupa curta, e assim a gente começa a ficar conhecida, muito conhecidas e começa a ficar convidada. Nesse interim a revista Oca começa a publicar meus textos e aí ninguém dava muito valor, a Oca, aquela revista de morador de rua. “Ah, essa é a moradora de rua”, e muita gente me conhecia como a poetisa moradora de rua, muitos pensavam que eu era moradora de rua. “Ah, aquela moça, moradora de rua. Só que muitos lugares que eu ia, a pessoa falava: “Quem que escreveu isso aí que você falou?”, eu falei: “Eu”. “É seu?”. É. “Nossa mas você não mora na rua não né”. “Como é que você mora na rua e anda assim limpinha e escreve desse jeito?”, e eu falei: “Não, eu não moro na rua, estou numa condição”, e era aquela coisa toda, mas eu nem ligava sabe (risos) eu queria era mais. Nisso eu começo a levar meu filho que hoje está com 19 anos, ele sobe na cadeira pra declamar e aí a gente está lendo Castro Alves eu tinha

muito livros em casa, eu tenho muitos livros em casa até hoje, aí eu falava e mostrava pra ele, e ele via os meninos do rap e ele ficava encantado e por ele mesmo ele começou a desenvolver também, subia na cadeira e declamava, então a gente ficou aquele trio famoso. A Samanta que era do rap, o Pedro que via os menos e gostava, tinha o Gato Preto na época, não sei o que aconteceu com esse menino, nunca mais eu vi o Gato Preto, e era um neguinho esperto na poesia, tinha uma poesia, uma rima, aquela rima do rap muito legal e meu filho adorava, aí meu filho começou a declamar uma poesia dele que chama Faveláfrica e todo mundo falava: “Nossa, tal mãe, tal filho” e foi aquela coisa e a gente virou meio “espetáculo” e até hoje, graças a Deus já vai fazer 14 anos que a gente está na estrada, o meu primeiro contato com a poesia foi assim.

Foi o Sarau da Periferia, que era o Sarau que “bombava”, depois a gente começou a frequentar o Sarau do Binho, ficamos aí 10/11 anos com Sarau do Binho acho que é isso mais ou menos isso que tem. Aí começamos a ir pra outros Saraus, eu fui em muitos Saraus que era discriminada em lugares mais requintados, mas eu comecei a ficar com aquela febre eu não conseguia mais ficar sem ir, e sem declamar, sempre que eu tinha oportunidade eu declamava e eu escrevia novos textos, então, eu fui ficando famosa por isso, falavam “Ela nunca repete a poesia”, “Aquele poesia da mulher, do peito, pede a ela pra falar”, “Ah aquela da cachaça”. Aí, a gente conhece o Samba da Vela, que valorizou muito a gente, os meninos falavam “Manda aquele menininho que sobre na cadeira, “bota” o menininho lá”, e todo mundo adorava e a gente era aclamado de pé e isso foi muito louco na minha vida, como a poesia transformou a nossa vida, então eu falei: “Gente só se eu for burra”, nem burra, idiota mesmo pra voltar a limpar chão, porque eu tô com a faca e o queijo na mão eu preciso saber cortar. Só que quando a Oca começa a publicar meu texto também eu começo a vender essa literatura e eu já ia pra rua vender versinho, eu fazia o xerox, minha filha desenhava e a gente ia vender na rua, a gente ganhou muito dinheiro vendendo versinho “verso”, poesia nossa na rua. E depois eu participo da primeira Antologia que é aquele do Tiro da Pólvora, aquele livro eu vendi também, aí saiu um jornalzinho também, vários poetas, eu tenho em casa até hoje, o primeiro jornal da Cooperifa, eu acho, aí vendo também e eu falei: “Meu dá pra ganhar dinheiro com poesia” e comecei a ganhar dinheiro e até hoje eu ganho meu dinheirinho (risos). Não estou rica não, mas eu sobrevivo.

(E mantém totalmente o seu trabalho com a Literatura? Seja com apresentações ou vendendo livros?) Isso, eu continuo vendendo a Oca, eu tenho 11 anos de Oca, tenho 14 anos de Sarau, porque eu comecei no Sarau antes de começar a vender. Quando eu comecei a ir pro Sarau eu ainda era doméstica, faxineira, era diarista mais e passadeira de camisa. Porque num momento ou outro eu trabalhava de diarista, não trabalhava de doméstica porque as minhas patroas iam dar referência e falavam: “Ah é aquela que briga pra caramba, ela é muito boa, honesta, limpinha, mas ela é brigona minha filha, você vai se arrepender,os outros funcionários, fica todo mundo querendo direito, lei”. E hoje tem umas leis aí para as empregadas,as empregadas estão recebendo direito trabalhista, e eu lutei por isso, eu tenho o maior orgulho, a maior honra de saber que eu colaborei com isso. A gente que teve mudança, eu tinha muita honra de ser a pessoa que eu sou, de ter feito muita mudança na vida das pessoas, das crianças das mulheres, da própria periferia mesmo, eu acho que aquela mudança que eu quer ter na minha vida eu consegui fazer com o meu trabalho de poesia. E essa mudança com relação ao dinheiro, sobreviver com o que eu escrevo, eu acho muito importante, porque daí depois eu fui dançar também. Eu comecei a fazer a dança Afro e falei: “Meu eu preciso juntar isso, e comecei a juntar poesia com dança aí também comecei a me destacar muito nesta questão. Eu via as meninas no teatro achava bonito, mas eu via que ninguém fazia esse trabalho junto com a poesia e comecei a fazer, a não ser as músicas, porque agora eu também estou cantando (risos). Eu realmente misturando com a música mas aí depois eu fui dançar a dança do ventre e por junto com a poesia. Hoje as pessoas me contratam pra fazer uma coisinha aqui, outra ali e contratavam pra participar de mesa quanto escritora e isso eu acho muito valoroso e agradeço muito ao Sarau por eu ter desenvolvido essa técnica talvez e aos livros das casas das patroas “Viva as patroas” afinal de contas (risos), teve uma escravidão, eu era uma “escrava” mas eu recebi meu prêmio e a minha carta de alforria que são as letras e as palavras que eu escrevi ali nos momentos de solidão, de tristeza no fundo do quarto, lá no fundo do quintal. E quando eu vim pra São Paulo eu fiquei muito só, muito solitária, muito triste, longe da família, longe da minha filha que eu queria tanto estar junto, talvez aí com meu segundo filho, uma relação amorosa que eu achei que ia dar certo, o cara não me quis, mas eu quis meu filho, então pra sair da solidão, e meus filhos me tiraram da solidão, meus filhos eles iluminam a minha vida e meu caminho com a presença deles.

(Quantos anos têm a mais nova?) A Dandara está com 10 anos, a Dandara nasceu no Sarau, inclusive teve o primeiro Chárau, foi pra Dandara, a gente não tinha nada, a gente era paupérrimo e aí todo mundo com dó. “Gente, como ela vai ter essa criança, ela não tem nada”. Juntou a

mulherada, eu lembro que tinha a Juliana, a namorada de uma cara da Cooperifa ela fez os cartõezinhos e tem outra moça que hoje ela tem um filho, ela ajudou a fazer, ela cantava com outro menino, que eu não vou lembrar os nomes deles agora, me deu “branco”. Eles chegaram a montar um grupo de rap com Jairo, Jairo.....e eles fizeram os convitinhos, pede uma coisa pra um, pede uma coisa pra outro e sei que eu ganhei um monte de coisa e a Dandara nasceu num berço de ouro. E a Dandara ganhou tanta fralda porque eu pedi mais fraldas, porque fralda descartável até hoje e uma coisa absurda de cara, eu dei muita fralda P, porque ela já estava gordinha, porque meus filhos são tudo fortinho”, comida mineira né bem (risos), e eu tinha muito leite, eu sempre tive muito leite, então eles mamavam até enjoar e cuspiam e era muito forte o meu leite, então eles engordavam muito rápido e as fraldas não serviam, ficavam aquelas coxona grossa, a fralda P não servia então eu dei muita pacote de fralda P, muito mesmo, porque a gente ganhou muita coisa no Chárau e ganhei até o colchãozinho do berço, eu não tinha o berço ainda, mas eu ganhei o colchãozinho. Depois o cara lá de onde eu moro dono da casa me deu um berço do prédio que ele trabalhava então completou. Eu falei: “Gente é muito bom”, então a valorização também de eu ser essa poetiza que me destaquei as pessoas eram solidárias, até as pessoas elas são solidárias comigo, aí a nossa vida começou a melhorar bastante com relação a nossa dureza, a nossa pobreza.

E aí, eu começo a estudar, fazer curso, eu tenho vários certificados de cursos pra melhorar, pra ampliar e melhorar a escrita que eu ainda quero melhorar mais.

(Você tem vontade fazer faculdade, alguma coisa assim?) Não tenho, eu acho um saco, ontem eu estava com umas companheiras letradas e elas estão aí nesse pós-Doutorado, escrevendo essa tese, essa loucura, eu falei: “Gente isso é um estudo ou é pra enlouquecer”, e fiquei pensando eu já estou “velha” pra essas coisas, não quero não (risos). Eu não pretendo fazer faculdade mas eu pretendo ampliar os meus estudos com o corpo, fazer um trabalho de corpo pra eu melhorar na performance que eu estou fazendo agora com a poesia e melhorar na dança pra eu por esse corpo com essa palavra que eu escrevo e melhorar a palavra, quero fazer um trabalho tipo Denise, Abujamra na narração, eu gosto muito dessa narração do Abujamra, então eu quero melhor a palavra nesse sentido também, trabalho de voz, eu quero cantar, cantar minha poesia e é isso que eu pretendo melhorar, mas faculdade pra mim eu acho uma chatice, fora de cogitação, não é porque eu sou escritora que eu tenho que fazer Letras, e se eu fosse fazer faculdade eu ia fazer “corpo”, alguma coisa com o corpo, com Artes Cênicas que eu adoro, eu acho muito gostoso ou música. Talvez eu faça uma faculdade de música, mas de Letras nem pensar.

(Você já fez cursos de música ou você aprendeu sozinha? Teatro?) Fiz, e estou fazendo sempre de violão, pra eu desmistificar esse mistério que é o violão, e também canto, eu fiz nessa instituição que eu não quero falar o nome dela, lá tinha aula de canto coral, era muito bom e a pessoa falava muito da minha voz, então eu aprendi que eu tenho coisas boas na voz, eu tenho que saber usar, deslanchar isso, então talvez eu gostaria de fazer esses cursos grandiosos, mas não faculdade, não pretendo fazer faculdade não.

(E seus filhos, eles fizeram ou faz faculdade?) Não, a Samanta não fez, ela é cabeleireira agora, ela partiu pra esse ramo já tem muitos anos que ela está. Ela não quer fazer, mas ela também tem os cursos dela dentro do ramo do cabelo étnicos principalmente, o Pedro Lucas parece que quer fazer mas só Deus sabe porque ele está numa fase difícil da vida dele com a escola, uma situação bem “bizarra” com a escola ele tem. A Dandara com certeza ela vai fazer, ela é muito dedicada, ela gosta muito de estudar, o Pedro já não gostava tanto, e ele teve muito conflito na escola.

(Ele ainda não terminou?) Ele ainda não terminou por causa dos conflitos, porque ele é muito inteligente então os professores não aceitavam ele falar as coisas que ele falava. E ele foi tentar a USP fazer uns cursos na USP que é fora, ele sofreu Racismo lá, muito racismo e ele está impactado, ele está chocado, então tem que dar esse tempo pra ele. É diferente da gente, que a gente sobre racismo institucional todo dia, mas a gente já é “macaca velha”, a gente não coloca a mão na cumbuca, então isso também, eu talvez gostaria de ter um diploma pra dá esse troco desse racismo que eu sofro. De repente o diploma me colocaria num outro patamar, mas eu acho que eu não vou ter tempo pra ficar na Universidade e o conhecimento que eu tenho Universidade nenhuma jamais vai me dá, ou vai superar isso, eu estou superior ao conhecimento da Academia, da sala de aula, é limitado, e o meu conhecimento não é limitado.

(Você acha que ele não é importante também porque você já faz o seu trabalho como escritora? Não precisa fazer Letras pra ser escritora.) É, eu acho que já é importante, não que eu não tenha que aprender como eu já fiz vários cursos de poesia, fiz um curso com Marcelino Freire, já fiz um curso naquela Faculdade de Sociologia e Política, eu já fiz na USP com o professor Marcos Ferreira de Pedagogia, fiz alguns cursos com ele, e outros só assistia aula, pra eu afinar essa escrita, mas eu acho que, claro se eu não tivesse feito esses cursos eu não escreveria legalzinho, eu acho que eu

escrevo “legalzinho”, não acho que é tudo bem, maravilhoso, eu tenho que melhorar, mas eu tenho que melhorar sem ter que fazer Academia. Eu acho importante a Academia, mas pra nós meninas de 29 anos para sempre a gente já está um pouquinho vencida, “tá um cadinho vencida” (risos).

(E os livros que você tem? Já tem livros publicados? O que mais você participou de coletânea?). Coletânea, menina eu tive fazendo as contas eu acho que eu tô na 13ª que eu acho um glamour, eu me sinto (risos). E livro, eu tenho um livro, o Palavras Inacadêmicas.

(Só seu?) É, só meu é um livro artesanal, só que ele está esgotadíssimo e eu não tô em condição de fazer ele ainda já corri através de alguns companheiros e recebi muito “não” na cara, mas eu vi que publicou os livros de muitos companheiros, então quer fazer, não estão afim de colaborar comigo. Então eu estou esperando o momento certo porque tudo nessa vida tem a hora certa e eu vou conseguir por meu livro na praça que é um dos meus grandes sonhos com a Literatura, refazer o Palavras Inacadêmicas de uma forma mais oficializada e eu ganhei muito dinheiro com esse livro meu artesanal, vendendo ele em eventos, em feiras Literárias que eu também ando muito através da cultura que me interessa e eu vendi muito e criei meus filhos com uma revista que eu vendo há 11 anos, com esse livro e com as Antologias também porque cada poeta recebe um tanto. Todos os meus livros eu vendia, e tem gente que escreveu e até hoje tem os livros dentro de casa empilhados. Já tem aí 10/11 anos, eu não, todos os livros eu vendi, eu guardo um como exemplo e teve um livro da Oca também muito bacana que a gente escreveu com a psicóloga que cuidava de nós no projeto na época que eu estava em situação de miserabilidade social. Esse livro também eu vendi todos os exemplares que eu ganhei, e ganhei um dinheiro bacana, eu sempre ganhei um bom dinheiro com Literatura que eu participei que eu escrevi e as pessoas gostam, eu já vendi em dois países, que eu tive oportunidade de ir pra outros países. Lá eu vendi, então eu acho importante a gente estar sempre publicando, aí a vontade que eu tenho de fazer o Palavras Inacadêmicas que eu tenho certeza talvez que eu até compre uma casa com ele, porque eu preciso comprar uma casa pra morar porque aluguel “já tá por aqui”. Então ao invés de fazer uma faculdade eu prefiro “correr atrás” de uma casa, um terreno, qualquer coisa pra sair do aluguel, e eu acho que há essa possibilidade da Literatura, da Arte, talvez a Artes Cênica que eu tô exercendo, a música, me dê essa possibilidade pra eu realizar esse desenho e essa necessidade.

(Esse livro o Palavra Inacadêmicas? Você fazia manualmente um por um? Não era por Editora nada?). Não, foi assim, tinha uma professora na USP, da Terapia Ocupacional USP, a Débora Galvani, ela trabalha com as mulheres que saiu da cadeia, as mulheres em situação de rua, enfim, vendedoras da Oca, que era meu caso naquele mundo, não que eu fui moradora de rua, não sou ex-presidiária, mas eu estava naquela miserabilidade e eu precisada desse apoio, então tanto psicológico, como dessa professora, desses jornalistas que se predispunham a cuidar de nós, porque através da Oficina de Texto da Oca eu aprendi também muita coisa como por essa escrita no papel de forma mais organizada, daí eles começaram a publicar meus textos, também pra valorizar meu trabalho enquanto participante ali, vendedora do projeto. E essa professora chega e ela fala: “Pilar você escreve muito bem, é um desperdício você não ter como mostrar isso, divulgar seu trabalho e aí ela: “Vamos fazer um livro, um CD, de repente você declamando isso que você declama é tão bonito você declamando e tal”, eu falei: “Não, então eu quero fazer um livrinho”, e aí a gente fez, eu escrevi o livro à mão e essas estudantes que cuidavam de nós que era cada semestre em um grupo, a professora colocava elas pra digitar e arrumar tudo, então teve várias colaborações, tanto é que a gente coloca várias mãos no livro que foi feito porque tem uma menininha dessas alunas que tinha uma mãe que trabalha na revista, a mãe colaborou com o processo gráfico, a organização da página, o jornalista Alderon na época era da Oca, fotógrafo/Jornalista ele fez a capa que era minha foto, eu bem bonita, eu tinha acabado de “ter” a Dandara, estava com a Dandara no colo, mas não parece, aquele sorriso, com as trancinhas maravilhosas que eu tirei, e aí ficou bem legal a capa, chamativa, apesar de ser a minha foto, mas tinha uns probleminhas de impressão. Há pouco tempo através na Oca um profissional lá quis colaborar e concertou esse livro, agora no arquivo ele já está arrumadinho e arrumou as páginas, ele era meio bagunçado, porque ninguém era profissional, foi um livro feito assim, e surgiu essa ideia do livro e todo mundo fala: “Mas é seu livro”. Tem um monte de gente que tem os meus exemplares aí eu sofri um racismo muito grande, uma discriminação muita feia na gráfica onde eu arrumava lá na USP, então eu fiquei meio desgostosa, mas o pessoal: “Não, vamos continuar”. E por isso surgiu esse profissional que a senhora lá da Oca, a Nobuco, uma das diretoras na época, ela falou: “Não vamos procurar um colaborador pra te ajudar com esse livro porque é muito bonito, você não vai ficar sem o seu livro porque você foi discriminada lá não”. E aí arrumou, aí eu fiquei bastante tempo. Fizem quase mil exemplares e eu vendi todos, então se for contar no total, foram 1 400 exemplares mais ou menos que eu vendi na rua aí do Palavras Inacadêmicas, sorte de quem tem um (risos) é muito legal.

(*Eu queria um, não acha mais?*) Agora você está procurando levar esse mesmo livro pra algum lugar, pra algum projeto, pretende incluir novas coisas?) Vou incluir novas coisas, quando eu achar um colaborador que eu sei que vai aparecer, na hora certa tudo acontece ou eu mesma ter grana pra fazer algum projeto, porque ainda eu não me escrevi também que teve do livro por eu não me senti segura e não ter alguém que colaborasse porque eu não sei fazer sozinha. Mas, assim que tiver a oportunidade eu vou por ele na praça. Todo mundo pede e muita gente conheceu e não teve acesso, não pôde comprar. Então o pessoal pede. E eu vou poder sobreviver da minha Literatura, que eu vou poder vender meu livro e agora eu estou vendendo a Antologia do Sarau do Binho, saiu a Antologia Além dos Quartos, organizada pela Jaque Romiu e a Priscila Romiu, as duas irmãs e está muito bacana o livro, é erótico, poesia Negra Erótica Feminina. A gente está vendendo também todos que eu tinha já vendi ontem e anteontem nos eventos, eu que sou vendedora, não tem jeito. E saiu a outra Literatura que eu não vi ainda que é Herdeira de Alquatune que é Amanda Negra Sim organizou, mas eu ainda nem vi o livro, mas aí tem essas três Antologias que eu estou participando que é uma honra pra mim ser respeitada e convidada como todo mundo me convida para as Antologias, muito bacana e dá pra ganhar dinheiro com Antologia também.

(*Pilar, como você vê o movimento da Literatura periférica, você está desde o começo praticamente, o que você acha que está mudando, o que está acontecendo?*). Avançou muito, eu agradeço muito sempre as boas forças do Universo pelas mudanças e os avanços e eu sou uma colaboradora pra essa mudança porque o povo da periferia agora que tem contato com essa literatura não vai mais ser um pouco “idiota”, sofrido, oprimido, eu acho que até a opressão que a periferia sofria antigamente, a violência, a Literatura trás uma melhora grande, porque uma coisa por exemplo o meu filho ser um menino filho de mãe solteira, morar na periferia, negro, pobre e outra coisa é ele ser filho de uma mãe, solteira, negra, moradora de periferia, pobre mas que é poetisa, muda totalmente o contexto do jovem que meu filho é diante da polícia que mata, diante dessa violência que chega na criança, a mulher que sofre muita violência é sempre mais a mulher negra, é mais a mulher da periferia, essa violência chega pra mim chega de uma outra forma, eu sei me defender, eu sei de repente me esquivar dela, também a literatura me ajuda nisso e eu sempre fico ajudando a vida de outras pessoas também, porque eu tenho feito trabalhos nas comunidades, com a minha literatura, com minha dança e com a minha pessoa e vejo essas mulheres criar coragem de repente de denunciar alguma coisa, porque a gente foi lá e falou e elas viram que de repente eu declamando uma poesia mais ousada eu estou fazendo uma denúncia também eu estou fazendo uma valorização do meu corpo e ela começa a se valorizar, ela quer largar o marido dela que judia dela porque ele não vê que ela tem as Formas Feminis lindas, como eu falo na poesia, e é sempre essa poesia pra mulher da periferia. Essa empregada doméstica que trabalha comigo lá em Belo Horizonte quando eu era criança eu era criança que fazia o serviço da casa, mas tinha a empregada e sempre falando: “Eu sou feia, eu sou horrorosa, meu peito é caído, minha bunda é murcha” e eu faço a poesia que todas tem aquele corpo que eu falo ali na Forma Feminis, então é pra ela se valorizar e o quanto eu mudei a vida e hoje eu ainda eu mudo. E agora tem a poesia Garota Ousada, Eu Sou Uma Garota Ousada, que eu escrevi agora há pouco tempo, ainda não está nem por aí, quase não declamo ainda, porque ainda não decorei, mas eu já fiz dois trabalhos em comunidades que eu declamei para as mulheres e elas falaram: “Meu eu sou essa garota da sua música” que também está pegando uma música, está musicando e ela se sentia assim, então essa mudança que eu faço diariamente, há cada mesa que eu participo, há cada comunidade que eu entro, independente de eu estar recebendo ou não, eu vou, na comunidade eu vou. E essa criança também que me ouve, que me vê, me vê interpretar, aquela adolescente que me vê interpretar e fala: “Nossa eu queria muito fazer teatro e vendo você eu vou correr atrás de fazer teatro”. Uma menina de 16 anos, negra, do cabelo alisado, porque ela é imposta a alisar esse cabelo, não porque ela quer usar o cabelo (não contra a quem alisa o seu cabelo), mas ela está imposta e ela me vê com turbante e ela quer mudar porque ela me viu. Viu a minha filha de 10 anos com cabelo black, de turbante, “Ah, é a filha da poetisa”, isso pra mim é uma mudança fundamental que a periferia está acordando, e também as oportunidades nas feiras, a oportunidade de ter ido apara Buenos Aires, todos os Saraus que foram, isso ainda ontem, a Ana Haddad estava lá e eu encontrei com ela, e ela falou disso. E eu disse “Eu fui”, então quer dizer: “Pô meu, ela está em todas”. A mulher viu, eu existo, então pra eu ir falar com a mulher do prefeito dessa gestão que está São Paulo, que a gente está vendo que está todo mundo preocupado numa melhora aí, como as coisas estão acontecendo, essa roubalheira, essa loucura que está o PT, as questões políticas do nosso país, e a gente é escritor, então a gente miudou a vida da gente, eu sai da vassoura, eu sai da condição de limpar chão (não desmerecendo quem limpa o chão). Se eu precisar limpar chão hoje eu vou limpar, não com a mesma capacidade talvez de antes, porque hoje eu estou num outro patamar, então eu acho que vai ser difícil pra eu ter que limpar o chão, mas essa

mudança que eu tive na minha vida e a mudança que eu levo pra periferia, “Oh, gente é possível, vamos mudar esse negócio e sai dessa condição de coitada, saí dessa condição de você ser empregada e você não receber seus direitos, vai atrás você tem que se informar, tem que se fortalecer”. Eu me fortaleci, ora hoje eu sou escritora, então eu olho pra empregada de igual pra igual mas como escritora, então gata vai atrás do seu direito, então ela me ouve, ela me respeita porque ela viu que eu mudei a minha via, então eu estou sempre em diálogo com essas mulheres da periferia, com as idosas, a questão também do corpo, aquelas mulheres idosas que ficam julgando a outra mulher que anda mais nua, a mulher que fala palavrão, que é mãe solteira, desvalorizando. Eu chego com a minha poesia do jeito que eu declamo a Forma Feminis ou alguma outra poesia mais erotizada eu faço a mudança ali também. “Nossa ela tem coragem de falar isso que ela fez com homem na cama”. Então, peraí, mas eu não sou uma sem vergonha, eu fiz porque eu quis ninguém me obrigou a nada. Então para de julgar as mulheres que faz o que elas querem, a gente é livre. Então essa mudança, eu acho que a poesia, o Sarau, esse diálogo com a escrita, tem todas essas possibilidades de mudanças e transformação que eu acho que eu tenho feito, eu e meus filhos e outros poetas também que eu vejo. Eu gosto muito dos meninos, eles que fazem uma transformação muito grande que a poesia deles são mais politizadas, e a força que eles trazem as ideias, as vontades deles dentro da poesia deles que junta com música, com roda de coco ou de tambor ali. Esses meninos pra mim eles estão fazendo uma mudança na Zona Leste gente, que não vai ter mais jovem “besta” vendo esses meninos atuais, jovens que eu admiro muito, jovem atuante, militante que seja, representante de alguma coisa e tudo, então eu acho isso, é transformador. As periferias estão transformadas e a gente chama atenção, porque se a gente foi para Buenos Aires é porque a gente chamou atenção. Porque iam chamar um grupo de Periféricos pra ir pra feira chiquíssima, a gente é fortalecedor, transformador. Não sei se eu respondi a sua pergunta?.

(E sobre o Sarau do Binho, te entrevistaram como uma das que frequentam o Sarau do Binho, Como que é a relação com outros poetas de lá? Como é? É perto da sua casa? É uma comunidade? Vocês são amigos?) A gente é amicíssimo, a gente é uma família o Sarau do Binho e foi engraçado que agora no começo do ano acabou o Carnaval, aquela coisa chocha, o povo do Sarau tudo parado, não sei o quê, mas o Binho continua atuando no Carnaval a gente fez duas vezes a Biblioteca Pública e fez um outro trabalho que eu não vou lembrar agora, eu acho que foi no Teatro Sérgio Cardoso, eu falei: “Gente em “plê” no carnaval a gente aqui declamando poesia”. E quando a gente viu tinha a família Binho, que a gente é uma família, aquela coisa de “uma andorinha sozinha não faz verão” pode mandar o bando todo e eu acho que sinceridade do Binho, a honestidade do Binho, como ele leva todos nós nessa sinceridade dele, e é assim, “Gente quem quiser vir vem, ninguém é obrigado”. Porque já teve crítica: “Ah, fica pagando essa mixaria, reparte o dinheiro com todo mundo”. Meu, aí de mim se não fosse aquela mixaria, salário que mim é um glamour. No carnaval mesmo eu estava muito na pendura e teve um dia que rolou um dinheirinho muito básico, e a Suzi falou: (a esposa do Binho) “A gente só tem isso pra pagar infelizmente é pouquinho, mas quem puder “colar”, quer puder ir”. Eu falei: “Pouquinho?”. E eu que não tenho nada, e foi a salvação aquela grana pra comprar verdura e fruta que não tinha mais em casa, a geladeira vazia esquelética e eu falei, por causa da minha literatura, e eu sempre cito o Pow, que o Pow fala: “Pilar, mano “ganhamu” esse dinheiro porque nós vai lá e declama mano, nós fala pilar”, e não é Pow. E em Buenos Aires a gente se abraçava, a gente chorou e falando: “Cara, Pilar nós tem valor, nós “tá” mudando as coisas. Eu falei: “Não é”. Então cara é muito forte tudo isso e o Pow, do Sarau do Binho acho que como o Sarau do Binho deu uma estrutura pra mim e está dando pro Pow, porque o Pow era um menino que ninguém olhava pra ele, um rapzinho qualquer e hoje ele está dando aula, ela está sendo solicitado, ele está recebendo pra fazer esse trabalho com jovens e a marca Sarau do Binho, também eu acho que apoio muito a gente, assim como a marca Oca também me apoiou, assim como eu ter sido empregada doméstica é uma marca que eu tive lá atrás só que é uma base, é importante eu carregar essa base, eu não posso esquecer as minhas origens, mas me fortaleceu lá atrás pra eu ser quem eu sou hoje, então toda vez que essas marcas, essas evidências que trás a gente hoje, eu acho que o Sarau do Binho é, e tem muita amizade entre todos nós, nem todos, então sempre: “Ah, vai ter tal coisa no Sarau do Binho, e a gente conheceu muito lugar legal, muita comida legal, muito show legal, a gente fez todos os Sescs com o Sarau do Binho, como que pode a pessoa falar: “Meu eu não quero ir receber essa mixaria, que se “foda””. “Idiota” é a pessoa que está pensando na mixaria do dinheiro, que se dane o dinheiro. Tinha dia que a gente nem ganhava dinheiro nenhum, mas o que a gente se divertia, o que comia, uma comida boa, em Buenos Aires, cara, a gente ganhou muito bem pra ir para Buenos Aires, mas se a gente nós não tivéssemos ganhado nada, só pelo fato de ir ido, entrar no avião, meu filho entrou no avião pela primeira vez da vida dele aos 19 anos, e como que é isso?. “Mano, muito louco, muito loco” e o Pow: “Mano tô andando de avião, mano tô nervoso, o Pesão aos

60 e tantos anos, quem levou o Pesão, o Sarau do Binho, e o Binho foi o único “cara”, “cara” que levou 14 pessoas e a Suzi falou: “Gente vamos abrir mão dos caches pra gente levar mais gente, quanto mais gente melhor”. Ee a gente deixou de receber várias mixarias pra que todos fossem. Isso cara é assim de um espetáculo na vida, de uma valorização humana, porque eu quero mudar o mundo, eu quero valorizar o outro independente de quem ele seja, como ele seja, de que cor que ele seja, de que nação ele seja, eu acho que essa poesia, essa junção Sarau do Binho, Escola, Itaú Cultural, Biblioteca Pública, toda essa grande oportunidade de eu aparecer todos os dias declamando e mostrando a minha performance, eu Tula Pilar, é de uma honra e é de uma grandeza que “Viva o Sarau do Binho e Viva todo o Saraus da periferia” (não desmerecendo ninguém) porque todos abriram as portas pra eu entrar, como abrem até hoje, todos me convidam, mas eu não posso mais ir em todos e muita gente fica com raiva de mim porque eu não vou, mas é porque eu não posso mais, eu não tenho mais tempo e antes eu ia a pé, eu pedia carona, passava humilhação, vergonha, mas eu ia, eu tinha tempo, eu era outra pessoa, graças a Deus eu estou grandiosa, estou glamorosa, mas eu nunca desmereci ninguém e “Viva todos os Saraus da periferia, viva toda essa correria e todos os poetas, as poetisas que eu gosto de todo mundo, eu respeito e valorizo todo mundo, e eu acho que as pessoas têm que se unir mais. O Buzo falou uma coisa muito legal lá em Buenos Aires, dessa honestidade, dessa sinceridade que precisou da gente estar naquele grupo, porque rolou umaslá, uns descasos de grupo pra grupo que não precisava ter feito isso, pelo menos na nossa turma, que a gente foi na primeira leva, uma leva numa semana e outra leva na outra. E o que o Buzo falou, eu falei: “Buzo é isso”, eu sempre vou repetir as palavras dele naquele momento que eu não vou lembrar exatamente, mas é no sentido de “Vamos manter essa união, esse respeito gente, porque todos nós podemos, os grupos, estamos juntos” e tem que estar juntos mesmos, se é tudo nosso é tudo nosso de verdade, que o Binho faz ser tudo nosso de verdade, o Binho é honesto, paga a gente. A Suzi é glamorosa, o que pode fazer pra ajudar, pra “enfiar,” e agradeço muito porque ela me colocou em muitos eventos também fazendo esse nome Tula Pilar que eu sou hoje. Sarau do Binho, Suzi e os companheiros todos e os meus filhos lindos.

SARAU SOBRENOME LIBERDADE – GRAJAÚ (CAPELA DO SOCORRO)

MANO RIL (MAURÍCIO FRANCISCO DOS SANTOS)

(Qual é o seu nome completo?) Maurício Francisco dos Santos.

(Quantos anos você têm?) 30 anos.

(Você nasceu em São Paulo?) Nasci em São Paulo, nasci no Hospital das Clínicas.

(Você mora onde?) Eu moro em Embu Guaçu, grande São Paulo.

(Você sempre morou lá?) Não, até os 12 anos eu vivi na Vila Inglesa, Zona Sul de São Paulo, do lado do Shopping Interlagos.

(Depois você mudou pra Embu Guaçu?) Depois em me mudei pra Embu Guaçu onde eu tô até hoje, eu não saio do bairro.

(Seus pais moram com você?) Não, minha mãe é falecida e o meu pai eu encontrei ele recentemente, ele mora no Grajaú.

(Eles são de São Paulo?) Não, os dois são da Bahia, Lajedo/**Milera** Bahia.

(Eles vieram morar aqui cedo?) Meu pai veio com 15 e minha mãe com 12 anos, eles vieram juntos.

(Você conheceu seu pai depois?) Não, eu sempre vivi com ele. Sempre vivi com o meu pai e com a minha mãe, mas sempre foi uma relação bem conturbada até por questão do álcool, aqueles problemas que grande parte das famílias da periferia têm. Depois de muito tempo e muita batalha minha mãe e meu pai se separaram, foi quando a gente começou a viver uma vida normal. Eu tinha 12/13 anos quando eles se separaram.

(Nessa época você foi pra Embu Guaçu?) Quando a gente foi pra Embu Guaçu eu já morava com o meu pai e minha lá, mas depois de 1 ano por aí eles se separaram.

(Você falou desse contato com seu pai, você retornou a falar com ele agora no Grajaú, antes você não tinha contato com ele?) Depois que o meu pai se separou da minha mãe a gente manteve contato com eles, só que tinha umas rugas do passado, algumas brigas que não ficou muito acertada entre a gente e quem mantinha um elo de união entre nós e o meu pai é a minha mãe, ela que incentivava: “Você tem que ver seu pai, você tem falar com o seu pai”. E a gente ia, as vezes contra gosto ia, mas acaba indo normal, legal, a gente curtia. Mas depois que a minha faleceu em 2009 ele elo meio que rompeu. A gente largou de mão e não queria mais ver ele e nesse ano agora de 2016 a minha filha mais velha a Maiara cismou que queria conhecer o avô dela e aí eu procurei e consegui encontrar ele. Eu vi ele esse mês, depois de 6 anos eu revi ele esse mês por conta da minha filha que queria conhecer o avô.

(*Quanto irmãos você tem?*) eu tenho três irmãos.

(*São mais velhos?*) Todos mais velhos. Na verdade eu tenho quatro irmãos, eu tenho três que são por parte de mãe e pai e um que é só por parte de pai que é o mais novo que é o Guilherme. Tenho a Adriana que é a mais velha, o Adriano que é o do meio, ele tem deficiência mental, ele vive numa clínica de recuperação, tem paralisia cerebral e retardo mental, o nome certo e tem o Alex, são três e com o Guilherme quatro, o Guilherme é um assim “fora do eixo”.

(*Você é casado?*) Sou casado.

(*Você tem contato com os seus irmãos?*) Tenho, todos eles moram no mesmo bairro, a gente faz questão de manter a família bem próxima.

(*Quanto filhos você tem?*) Eu tenho dois, a Maiara tem 6 e o Breno tem 7 meses.

(*Você fez Ensino Médio?*) Eu sempre estudei em escola pública, conclui o Ensino Médio na escola pública, depois de um bom tempo eu cursei a Faculdade de Engenharia Civil, fiz 2 anos e meio de Engenharia Civil e parei porque eu não tinha mais tempo pra minha família e eu estava perdendo ver a minha filha crescer e eu decidi que eu não quero ser rico, não quero ser bem sucedido, então eu parei, tranquei minha faculdade, tranquei falando que ia voltar mas na verdade eu sabia que eu não ia voltar. Eu tenho o Curso Superior incompleto.

(*Era Universidade Particular?*) Uninove.

(*Que Campus?*) Fiz primeiro no Campo Vergueiro e depois eu fui transferido pro Campos Santo Amaro.

(*Você tinha conseguido alguma bolsa?*) Não, nunca corri atrás de bolsa, nada. Eu pagava normal.

(*Que trabalho você tinha na época?*) Eu só tive um trabalho até hoje na minha vida, eu sempre trabalhei na parte Administrativa, auxiliar de escritório, auxiliar administrativo e depois dentro do trabalho eu evolui pra inspetor de saneamento e encarregado de obra. Eu trabalhava em uma empresa de Engenharia que presta serviço pra Sabesp. Então em serviço de saneamento básico eu já fiz de tudo já (ligar água, ligação de esgoto, regularização de água clandestina, regularização de imóveis públicos, presídios, escolas, adequar para não ter gasto), eu já trabalhei em tudo isso aí. O ano passado estava me desgastando também e eu já tava muito envolvido dentro da área cultural depois que eu lancei o meu livro aí eu conversei na empresa e revolvi sair da empresa pra viver da arte e aí eu acabei montado um plano B que é um comércio, porque viver da arte é difícil pra caramba mas eu montei um plano B que é um comércio que é onde eu consigo tirar uma “merreca” além do que eu ganho fazendo free, fazendo shows com o meu grupo ou até mesmo participando de eventos, trabalhei nisso aí desde 2003 até o ano passado.

(*Como é esse seu negócio, explica melhor?*) É uma mercearia, vendo variedades, coisas de comer, produtos de limpeza e tal.

(*Está indo bem?*) Está indo bem, estou conseguindo pagar as contas com ela, o aluguel está em dia.

(*É Embu Guaçu mesmo?*) É Embu Guaçu.

(*Seus irmãos terminaram os estudos?*) Os meus irmãos, todos eles concluíram o Ensino Médio, um trabalha numa metalúrgica e a minha irmã trabalha cuidando de crianças e o Adriano não trabalha porque ele é deficiente e o Guilherme é novinho e está estudando, ele tem 12 anos.

(*E seus pais qual era a escolaridade deles?*) Minha mãe foi até a 4ª Série e meu pai acho que não chegou a estudar. Meu pai é analfabeto.

(*Sua mãe estudou aqui em São ou na Bahia?*) Ela estudou na Bahia, só que ela não escrevia nada, a gente que ensinou ela a assinar o nome dela, e o resto ela não escrevia nada. Ela conseguia andar por São Paulo, porque ela decorava o número do itinerário do ônibus, antigamente tinha o número das linhas, então ela conseguia se locomover decorando. “Eu sei que esse passa lá” ou as vezes perguntava, mas não lia nada, ela não tinha leitura, era analfabeta também, os dois eram analfabetos.

(*E aqui em São Paulo ela trabalha?*) Era empregada doméstica a vida toda, sempre, desde quando chegou aqui até falecer empregada doméstica.

(*Ela era regularizada?*) Boa parte não, boa parte assim da vivência dela não foi, nos últimos dez anos ela foi registrada, tinha uns “direitos”, mas a grande parte da vida dela não foi registrada.

(*E seu pai?*) Meu pai é pedreiro, nunca trabalhou registrado. Até hoje ele é pedreiro.

(*Desde quando você começou a trabalhar, trabalhou desde cedo?*) Não minha mãe não deixava eu trabalhar, eu falava pra ela que eu queria trabalhar e ela não deixava “Primeiro você vai estudar aí depois que você terminar os estudos você começa a trabalhar”. Ela queria que a gente estudasse. E eu comecei a trabalhar no meu último ano, nos últimos 6 meses de escola eu comecei a trabalhar. Aí eu trabalhava e estudava. Eu comecei a trabalhar com 18 anos, depois que eu jurei a Bandeira eu comecei a trabalhar. Eu lembro a data que eu comecei a trabalhar, foi 30/06/2003, uma data importante pra caramba pra mim.

(Como era essa coisa do Incentivo da leitura em casa, seus pais sendo analfabetos?) Eu não tinha acompanhamento, ela não pegava o caderno pra ver se estava tudo OK. Ela só queria que eu estudasse. “Vai pra escola e estuda, se dedica lá”. O olhar da minha mãe era que eu sempre era “o cara inteligente”, eu era o filho mais inteligente que podia render algum fruto há mais. Então ela queria que eu me dedicasse. Eu falava: “Eu quero trabalhar” e ela “Mas você não pode trabalhar, eu dou o que você quiser no mínimo”. A gente também não exigia muito deles, a gente tinha o mínimo e aquele mínimo era legal, porque hoje a gente consegue dar valor a algumas coisas. Então ela só falava estuda, estuda, tanto que quando ela ia nas reuniões ela vinha feliz. Da minha parte nunca teve reclamação eu sempre fui muito “cusão”, querer fazer bagunça ou cabular ou não ir bem na escola por causa do meu pai porque era meio severa. Então acompanhamento de instrução de como é que está indo, eu não tinha, só de incentivo mesmo, “não para”.

(Como era na escola, você gostava de ler?) Eu sempre gostei de ler, mas eu gostava mais de escrever do que de ler. Uma professora, Ivone, na 5ª Série, ela falou: “Você gosta de escrever legal, mas você escreve errado e pra você escrever legal você tem que ler, se você não ler, você não vai escrever bem”. Aí eu comecei a ler, só que virou vício, eu pegava livro velho no lixo, tanto que o livro que marcou a minha, que me fez mudar mesmo a minha linha de raciocínio, eu achei no lixo, eu peguei no lixo e comecei a ler ele, um livro de Psicologia, “bagueio” mô doido e ele mudou a minha vida, me fez abrir a mente e chegar a novos horizontes. Eu sempre gostei de escrever, quando chegava a hora da redução eu achava da hora, gostava muito de escrever. Quando eu não tinha ideia eu pegava música de Rap, tirava as rimas e coloca na redução e o professor gostava.

(Na escola os professores te incentivava a escrever?) Sim, os meus professores de Português sempre me incentivaram, todos, todos, por isso que eu gosto de Português, porque eu sempre fui muito bem tratado pelos professores de Português, eles me incentivavam, aquela ideia de você dar o Parabéns! Muito bom! Legal! ou ler um texto seu pra toda classe, esse tipo de incentivo então eles se me incentivaram a ler e escrever, todos eles, em todos os anos. Incrível da 1ª Série até eu concluir o 3º ano do Colegial eu sempre fui incentivado pelos professores.

(E depois você conseguiu a produzir no Rap?) No Rap, eu sempre escrevi música de Rap, eu sempre fiz isso, eu não tinha onde colocar, aí quando eu fiz um grupo, o nome dele é Retrato Periférico, eu não lembro bem o ano mas deve ter sido 98/99 eu fiz esse grupo de Rap, ele não foi pra frente, os meninos só queriam zoar, não era legal e em 2000 eu entrei pro grupo Pensamento Negro, que é o grupo que eu caminho até hoje, há 16 anos, e aí eu comecei a colocar as minhas letras e tal, era a hora, era uma maneira de você se expressar e quando a gente gravou o nosso disco, que eu ouvi as músicas ali prontas, pô foi a gente que criou foi a gente que escreve foi o momento mais importante pra gente, vê as músicas materializadas e uma ou duas pessoas cantando aqueles pensamento nossos.

(Como você conheceu o Rap, como você começou a cantar ou sentiu vontade de cantar?) Eu comecei em meados de 98/99 que eu montei um grupo Retratos Periféricos, tinham uns 5/6 integrantes, mas eles não estavam muito interessados em fazer com vontade, de um modo mais profissional e aí em 2000 eu fui convidado pelo Pensamento Negro pra poder participar do grupo deles e eu tô até hoje. Eu sempre tive várias letras e consegui incluir algumas letras de Rap no grupo que foi pro CD que foi um momento maior pra gente, ver algumas pessoas poder reproduzir a nossa música, os nossos pensamentos e continuo aí, com pilhas e pilhas de músicas escritas e possivelmente a gente vai colocar em outros discos, mas esse começo com o Rap, a música Rap ela chegou na minha infância. Quando eu morava na Vila Inglesa, uma fita cassete dos Racionais MC's, Raio-x do Brasil. No começo a minha mãe não deixava a gente escutar porque naquela época ninguém estava acostumado a ouvir palavrão em música, e os Racionais falavam uns palavrões lá e aquilo que chamava a gente a escutar. Depois eu conheci o Thaide & DJ Hum, conheci MV Bill, conheci Gog e foi tudo uma escola. Eu costumo falar que o pouco de ideia que eu sei trocar, o pouco que eu sei falar, o respeito que eu tenho pelas pessoas, pelas classes, por todos é através do Rap, o Rap que ensinou tudo isso aí, saber a hora que eu devo falar e a saber a hora que eu tenho que ficar calado e somente ouvir. O disco foi muito importante pra mim, porque foi um disco que me fez reconhecer como negro e falar: “Não eu não sou moreno eu sou negro”. Meus antepassados vieram da África e eu tenho que respeitar isso foi o disco Presta Atenção do Thaide & DJ Hum, depois desse disco qualquer um que chamava de moreno era pra arrumar briga “não, eu sou negro”, me fez reconhecer como negro, fez eu trocar ideia com várias pessoas “Mano, você não é moreno, você é negro, você tem uma história, teve pessoas que lutaram por você”. Esse disco me deu muita influência. O Gog também me ensinou bastante coisa, eu sempre escutei Rap, a música que eu sempre escutei foi Rap desde a infância, nunca larguei o Rap e depois eu aprendi a escutar outros estilos até pra aprimorar, eu vi que o povo Brasileiro tem uma classe artística muito foda em questão

de música, musicalmente, ter coisa muito boa fora do Rap e que você pode usar no Rap, o Rap ele tem isso você pode pegar alguma coisa da MPB e você consegue usar dentro da sua música. O Rap está na minha vida desde a infância, desde pequenino.

(Você falou que gostava de escrever na escola e com Rap você via que era possível escrever música, não chegava ser poesia ainda, como se deu essa coisa de virar poesia?) Eu tenho três fases da minha vida, uma que eu só escrevia textos, a segunda que eu pegava esses textos e transforma em Rap, que eu tinha que coloca rima e poesia e depois que eu conheci a Literatura eu desconstruí tudo isso aí, e tirar as rimas pra você ficar livre, porque eu descobri uma coisa, as rimas elas são “algemas”, é uma cadeia, você fica preso naquilo ali, e depois que eu me encontrei também na literatura eu vi que eu posso ser um pouco mais solto sem precisar usar a rima, eu não preciso rimar sempre, você não consegue ser assim tão incisivo quando você está rimando as vezes. Eu pegava as minhas redações e fazia elas rimadas, ia rimando, fazia ali a poesia, só que tudo rimadinho, bonitinho as estrofes, a métrica, tudo certinho, são essa três fases que eu considero importante, antes sem rima, depois os textos com a rima e depois desconstruir pra fazer sem rima de novo e se libertar disso aí.

(Como se deu esse processo de conhecer a Literatura foi pelo Sarau?) Foi pelo Sarau em 2010, o Pensamento Negro deu uma parada porque eu comecei a fazer Faculdade, os outros integrantes estavam todos eles grávidos, começaram a nascer os filhos e a gente não tinha mais tempo pro grupo, a gente não falou assim: “Vamô parar”, não aconteceu isso, mas teve uma pausa e depois de alguns bons meses, acho que beirando 1 ano/8/9 meses eu encontrei com o DU e falei: “Mano vamos voltar com o grupo, o grupo é a nossa alma, e quando a gente resolveu voltar, a gente queria conhecer como estava a cena, primeiro evento que a gente foi, foi na Livraria Cultura, foi o lançamento do livro Profissão MC do Alessandro Buzo, e aí na Livraria Cultura a gente reencontrou vários caras da antiga, pessoas que ajudou a gente, pessoas que nós ajudamos, foi a noite do reencontro e a gente foi na intenção de conhecer o Alessandro Buzo, que a gente acompanhava o trampo dele pelo SPTV, “Mano esse cara aí faz várias festas e tal, escreve livro, a gente foi lá pra conhecer, lá a gente encontrou o Renan do Inquérito que eu não conhecia ele pessoalmente, hoje ele é meu amigo particular e aí o Buzo falou pra gente: “Mano você tem o grupo de Rap cola lá no Sarau Suburbano”, “Sarau, o que é Sarau?” Mano vai lá pra vocês vê, microfone aberto, toda terça na Livraria, ele passou o endereço e na terça seguinte a gente foi. Quando a gente chegou no Sarau a gente ficou abismado com a energia do lugar, eu não conhecia como funcionava o Sarau, a gente ficou maravilhado com a energia positiva, as ideias trocadas e tal e a gente recitou umas músicas nossas e todo mundo aplaudiu que é o costume, você não sabe se é ruim ou não, mas todo mundo aplaude, legal. Eu conheci o Sarau através do Alessandro Buzo, por isso que eu sou eternamente grato ao Buzo que hoje também é meu amigo particular, a gente já fez alguns trabalhos juntos, eu conheci o Sarau através dele, e nisso aí eu comecei a escrever textos sem as rimas. O primeiro que eu escrevi e me colocou dentro da poesia foi a poesia O Troco, ela fez eu escrever meu livro, ela fez eu querer fazer um Sarau em Embu Guaçu, ela que fez eu entrar dentro do Sobrenome Liberdade que eu já conhecia um monte de gente, aí eu comecei a escrever. Depois eu comecei a me distanciar um pouco do Rap porque trabalhar com Rap é difícil pra caramba, com a Literatura também, mas com Rap é um pouco mais, aí eu comecei a chegar mais perto dos escritores da periferia, dos escritores independentes e tal, e todos eles com livro na mão e tal, eu falei: “Mano eu também quero ser assim, eu quero ter um livro porque se alguém perguntar do meu livro eu tenho pra vender e tal, as minhas ideias ali sem rimas, sem ritmo, solta, meio que zoneada e tal, eu fui rasqueando texto, rasqueando poesia, texto, poesia até conseguir criar O Escritório de Pensamentos que foi meu primeiro livro que eu lancei no ano passado, mas essa aproximação com a Literatura se deu através do Alessandro Buzo do Sarau Suburbano e de lá eu conheci várias pessoas, exceto do Sarau Pensamento, o restante eu conheci tudo dentro do Suburbano, daí eu conheci outros Saraus que a gente frequenta hoje.

(Por que você fez que trabalhar com Rap e também com a Literatura é difícil?) Com Rap é mais difícil porque não tem mais público, todo mundo quer tá encima do palco, ninguém quem ajudar produzir o som, ninguém quer montar o palco, todo mundo quer ser voz ativa, quer tá com microfone na mão, quer tá rimando. Tem cara que é extremamente bom fazendo isso, mas tem cara que é ruim, não nasceu praquilo, não nasceu pra ser um MC de Rap, mas insiste porque tem palco, vai ter palco sempre. Você pode ver os shows de Rap que não é com os grandes medalhões do Rap ele é vazio, eles são vazios, porque quem está assistindo é um grupo, desceu aquele grupo, sobe o outro grupo, são os grupos de assistindo, vamos colocar assim, poeta falando pra poeta, você está evangelizando quem já é evangelizado. Antigamente não, você conseguia fazer um show de Rap e tinha muito público, tinham várias pessoas que gostavam só de ouvir a música, hoje não todo mundo quer ser

MC e você não tem palco, e quando você tem palco é ruim, a estrutura é ruim, não te respeitam, o cara quer que você saia da sua casa e deixe sua mulher e seus dois filhos por pão com mortadela e Dolly, não que a gente não vá, se for um show que a gente considere extremamente beneficente que é “quebrada” mesmo, ninguém tá ganhando nada a gente vai lá fortalecer, porque a gente gosta de cantar, a gente quer tá no palco cantando, a gente gosta de cantar, mas o que a gente vê que é uma desvalorização da classe, por isso é difícil, e essa classe ela também não é unida, eles são extremamente assim, a gente sempre pregou contra o racismo e discriminação e hoje a gente comete isso, dentro do Rap tem uma “pá” de ditador, um monte de ditador, o cara que se você aparecer na Globo pra mostrar o seu trabalho “Você é vendido”, pode colocar como exemplo o Edi Rock, Emicida. O Emicida é uns dos caras mais sensacionais dentro do Rap tanto como músico e como empreendedor e é super criticado, o Projota pela linha dele. Pegaram o Rap e dividiram, quando fracionaram ele enfraqueceu então hoje existe todo tipo de Rap, Rap modinha, Rap melody, Rap gansgter, e a gente que aprendeu a gostar do Rap fica perdido, por isso que é difícil por causa disso. Dentro da Literatura é mais por causa do ego, dentro do convício do ser humano o ego é difícil, as vezes você tem que ficar trabalhando o ego das pessoas, e eu não trabalho ego de ninguém, nem o meu.

(Como foi a criação do Sobrenome você fez parte da fundação do Sarau?) Eu fiz indiretamente, porque quem fundou o Sobrenome Liberdade foi o escritor Ni Brisant e o Damásio Marques e desde a primeira edição eu fui porque é aquela ideia de você fortalecer o que está começando, o medo de não ter ninguém pelo menos vai ter um, eu vô tá lá. Eu fui na primeira edição e como a gente já tinha estrutura, O Pensamento Negro tinha uma estrutura de som, e aí eu comecei a colaborar com as estruturas do som, levava os equipamentos, levava as caixas, levava o microfone e tal e fui fazendo parte indiretamente como colaborador, de querer ver o movimento acontecer. E depois da 4ª/5ª edição o Ni fez o convite: “Mano você tá pra ficar com a gente, veio, vamo lá, você é nosso camisa 10 agora”. E eu fui apresentado como integrante Sobrenome Liberdade, então eu tô no Sobrenome Liberdade desde o início, eu não larguei o osso ainda, esse ano eu até pensei em sair pra poder fazer coisas novas mas eu vi algumas situações no documentário Grajaú em foco que eu fui entrevistado me mostrou, eu até conversei com o pessoal do Sarau do Grajaú que organizou o documentário eu falei: “Cara, obrigado porque eu tava com pensamento de sair do Sobrenome Liberdade pra tentar coisas novas e eu assistindo o documentário vocês me mostraram o que eu não via”. As vezes é preciso as pessoas mostrar como você é, e eu acho isso importante pra caramba, isso que a gente tá fazendo então eu tenho que ficar mais um pouco, eu tenho que absorver um pouco mais disso aqui e poder render um pouco mais, eu faço parte do Sobrenome desde o início.

(Como é que se deu, você acha que foi o Ni que criou mas como é que criou a necessidade de criar um novo Sarau no Grajaú?) Porque no Grajaú não tinha, aquela região não tinha Sarau, talvez eu teja falando alguma coisa de ignorância minha, por falta de conhecimento, mas não tinha algo tão forte, e o Sobrenome Liberdade nasceu forte, de colocar 300/400 pessoas num bar numa quinta-feira a noite pra ouvir poesia, o Grajaú não tinha isso, hoje tem outros coletivos que movimentam essa cena, não vou dizer que é por intermédio da gente seria muito presunção nossa, mas naquele bairro, naquela parte de cima do Jordanópolis, Vila São José não tinha nada, tinha o Relicário que fazia uns pocket de Rock mas isso voltado pra palavra, abrir o espaço pra várias pessoas se apresentar na noite não tinha e a vontade de você fazer parte, a gente vê na Cooperifa, lá você não se sente parte, não é seu, tem regras ali que você tem que seguir, você não pode opinar, mesma coisa no Suburbano, você não vai ditar como é, e quando o Sobrenome foi criado a gente fez de uma forma diferença, pô o artista vai lá,, o cara tem o espaço dele e se não der pro outro falar, amém, mas aquele ali teve o espaço dele, ele não vai ser corrido. E já tem quase um ano que a gente adotou um método de antes do Sarau a gente vai conversar a pessoa que está lançando livro, que está expondo o seu trabalho artístico, que vai fazer o pocket show, você senta ali numa roda com a gente e a gente vai bater um papo, você vai poder falar mais do seu trabalho, a gente escolher alguém aleatório da plateia pra conversar também, a gente entrevista essa pessoa, isso de bater papo, uns 30 minutos antes a gente conversa com as pessoas e depois a gente abre o microfone. Uma outra diferença também dos outros Saraus é que a gente tem a banquinha literária, a nossa banquinha que a gente faz a venda dos livros, então a gente não tira 1,00, tipo se o seu livro é 20,00 dá aqui, dá uns 5 livros aqui, a gente coloca os 5 livros pra vender há 20,00 e vende os livros e repassa o dinheiro pra você a gente não tira nenhum lucro disso aí. É importante também, porque as vezes vai um escritor lá, o cara tá com o livro na mochila e fica sem graça de sacar o livro, você não ai fazer isso na Livraria Suburbano, seria meio antiético, imagine eu tentando vender livro lá dentro sendo que o cara está vendendo os livros dele, não daria certo e oi cara não precisa ter vergonha de sacar o livro CD dele, as camisetas o que ele quiser e colocar na nossa banquinha pra vender, a gente consegue dar isso, dar palco pro cara

poder falar e dar uma banquinha onde fica um cara responsável onde ele vai vender os livros e Cds dele, eu acho que essa é a diferença do Sobrenome Liberdade e é um há mais e que tenha um Sarau há mais em tudo que é lugar, que tenha um Sarau há mais em Embu Guaçu, um Sarau há mais no Grajaú e por aí vai.

(Como você vê a evolução do movimento que começou a frequentar no Buzo e como você vê agora, o movimento do Sarau?) Cresceu muito, cresceu muito mesmo, estamos eternamente grandes, enormes, e toda vez que a gente fica enorme a gente fica perigoso, e a gente tá perigoso, e quando você fica perigoso, alguém vai querer rachar isso aí. E eu hoje com muita clareza eu digo que alguns movimentos estão rachados, até por acompanhar a rede social, a gente vê as pessoas desabafando em rede social, existe isso, desabafar, está rachado, boa parte dos movimentos está rachado, Cooperifa, Suburbano, Sobrenome, Versos Inversos, o Sarau Pensamento Embu Guaçu, tem os Islans, uma parte deles assim deu uma rachada meio que polarizou, não eu sou da Cooperifa eu não vou no Sarau Suburbano, eu reparo que está acontecendo isso, mas talvez se você for conversar com outros poetas eles vão falar que não, mas é, está acontecendo, hoje está rachado, mas a gente ainda é muito grande e visado. Todo mundo que vem conversar com a gente quer saber como é que faz, porque vocês conseguem trazer 300/400 pessoas prum bar e ser uma super atração, mas nós somos muito grandes, fortes e bonitos (risos).

(Você acha que acontece um pouco esse racha é um pouco igual o Rap foi antigamente?) Sim é a evolução, natural, como foi com o rock, com o samba, é uma evolução mesmo, vai acontecer mesmo, vai criar ali uns grupos e tal dum pessoal que são mais extremos “Esse Sarau é da Cooperifa se você for da Cooperifa você não vai poder ir no Suburbano”, eu tô radicalizando, eu não tô falando que é assim, mas existem algumas pessoas que são radicais e também uma outra questão é a questão as minas, da mulheres, elas estão querendo o espaço delas, quando elas tiver falando elas não quer ouvir burburinho, porque geralmente acontece isso, quando é uma mulher que vai no microfone, muda, você olha pro público você vê que muda, as pessoas não querem mais prestar atenção e tal, são poucas, e elas também estão se fortalecendo, a gente também quer ser ouvida, a gente também tem muita coisa pra falar e automaticamente elas estão criando os movimentos delas, aquele movimento é criado pelas minas, os homens vão sentir à vontade pra ir? Eu me sinto mas a grande maioria não. “Não se é das minhas porque eu vou colar lá?” “Carai mas você só vai lá pra falar, vai pra ouvir também”, a gente tem que ouvir uns aos outros, é essa questão tipo assim, muita pessoa pra falar e poucos pra ouvir, o que acontece com o Rap. Muitas pessoas escrevendo mas tem muita gente lendo também essa produção aí que vocês estão fazendo, tem um público consumidor?, é a mesma coisa do Rap.

(Como foi a produção do seu livro, você procurou editora, foi Independente?) Desde quando eu plantei a ideia de escrever o livro eu nunca pensei em editora, em distribuidora, nada. Eu acho que eu vou continuar assim por um bom tempo, sem querer trabalhar com editora, foi tudo de forma independente, com ajuda de amigo, cobrando preços bem abaixo do mercado, tanto pra ilustração, a menina que fez a capa e a ilustração do meu livro eu não a conheço pessoalmente, eu sempre tive a mania de publicar os meus textos na rede social, alguns trechos, algumas frases, e ela pegava isso e fazia as ilustrações involuntariamente e me mandava, e quando eu pensei em lançar o livro eu pensei: “Pô se a menina já faz isso involuntariamente eu vou oferecer um dinheiro pra ela e ela faz como um trabalho”, e ela me cobrou uma merreca, ela é lá do Paraná, a Pamela Silva, não conheço ela pessoalmente, não sei qual é o cheiro dela, o jeito dela, não conheço, e ela fez a capa e fez todas as ilustrações do livro, a revisão foi do Ni, a diagramação foi no Marciano que o cara é “foda”, pros poetas independentes ele dá um apoio danado, ele faz todos os trâmites pra quem tá começando e quem não conhece, aí eu tive o prefácio do Ni Brisant também, a apresentação do livro foi do Jeferson Santana e o texto de contracapa foi da Luz Ribeiro, e eu não gastei nada com eles, eles não me cobraram nada, disseram: “Jamais vou vamos cobrar de você” e não cobraram, as impressões a gente correu atrás da gráfica, conseguiu um preço bacana e a distribuidora foi a minha bolsa e a internet. Eu tô com eles esgotado, eu devo ter uns cinco livros lá em casa, eu vendi mais de 300 cópias de forma independente.

(Quanto foi a tiragem?) 300, na verdade eu fiz 100, esgotou no primeiro mês do lançamento, depois eu tirei mais 200 e aí eu fiquei fazendo essas vendagens, foi mais de 300 de forma independente. “Mas pô, mas só 300!”, “Meu amigo de forma independente, ninguém conhece o Mano Ril escritor, quem é Mano Ril?”, e esse cara vendeu 300 livros, as pessoas que não te conhece quer consumir livro ainda no Brasil. “Pô você tá bem pra caramba, você não Pop”.

(Você vendia no Sarau?) É, mas eu nunca fui de abordar a pessoa e oferecer o livro, algumas pessoas já me conhecia, me via e pedia quero um livro seu. Aí eu fiz vários lançamentos, eu fiz vários lançamentos, fiz lançamento no Litoral, Belo Horizonte, viajei pra Poços de Caldas, tudo isso

vendendo o livro, através do livro, então nos lançamentos eu vi muito e metade vamos dizer, 40 % da minhas vendas foi pela internet, o pessoal me conhecia do facebook e twitter e queria comprar o livro e comprava pela internet e os outros foi o pessoal do Sarau mesmo, eu ia lá recitava e viam que eu tinha obra e compravam. Os Saraus foi um dos grandes responsáveis por eu conseguir vender os livros.

(Para a produção, você reuniu textos que você já tinha escrito ou você escreveu especificamente pro livro?) Eu escrevi primeiro O Troco, que foi ele que fez eu escrever os outros textos, e eu fui escrevendo, escrevendo, e chegou uma hora que eu falei: “Vou montar o livro”, mas eu não tinha ideia em mente. Eu sempre tive a ideia que aquilo ali era o meu escritório, e aí eu juntei todos os textos e alguns não conversam muito comigo, eu limei alguns, cortar texto é a pior parte de uma produção, e coloquei no livro, aí eu li o livro umas três vezes e achei legal, é isso aqui que eu quero mesmo. Se você pegar o livro ele é uma bagunça de sentimentos, “é eu”, é minha vida, O escritório de Pensamentos é o meu “eu”, todas as histórias que você lê é “eu”, tem umas que tem um pouco de ficção mas o restante é a minha vida, muito eu, muito autoral, eu coloquei todos os meus sentimentos, as minhas angústias, as vezes eu até acho que o livro é um pouco deprimido, mas as outras pessoas tem outra visão: “Mano isso aqui é incentivador”, mas foi isso, eu não escrevi para um projeto como eu tô fazendo agora, eu tô escrevendo o meu segundo livro e esse segundo livro eu só escrevo textos as segundas feiras, eu não escrevo em outro dia pra não quebrar a temática porque assim eu movimentava o meu facebook na segunda eu tinha uma coluna, eu fiz a coluna de segunda, e aí eu escrevia os textos, e aí eu gostei de escrever aquilo, texto grandes e o pessoal tem isso, tão querendo encurtar a Literatura, e eu fazia sempre textos maiores, sem fotos pra não chamar atenção, vai ler quem quiser e deu certo eu tive um retorno bacana do pessoal que acompanhava e eu parei de escrever ela pra poder escrever o livro, o título é Literatura de Segunda, o Diário das Segundas Feiras, são todos os textos escritos nas segundas feiras, com três capítulos, esse aí eu tô produzindo já com algo em mente, tem que ser escrito nas segundas feiras, tem que tratar de segundas feiras, um dia que é tão odiado, que é bonito pra caramba, que eu aprendi que a segunda-feira é bonita depois que eu larguei o meu trabalho formal, mas O escritório de Pensamentos não foi calculado não, ele é uma bagunzinha.

(Hoje você vive da Mercearia e também das atividades Culturais, eventos, shows?) Hoje eu sou um agitador Cultural, eu ganho caches por ser agitador cultural, ganho dinheiro com o livro, participo de debates, palestras, tem o Sarau Pensamento que a gente faz uma vez por mês no terminal de Embu Guaçu que a gente não ganha nada, mas através disso a gente faz ele dentro da escola e as escolas pagam pra gente levar o Sarau, tiro daí também e tiro do Pensamento Negro, quando pinta um show do Pensamento Negro, uma parte do cache eu pego, o grupo me paga, eu falei pra eles que eu preciso receber um salário deles agora, e eles estão me pagando quando a gente faz show, e a mercearia é aquele plano B, porque não é fácil ganhar dinheiro com a cultura. A gente acha que tudo isso é romântico, “Pô o cara é artista, vive disso aí” e difícil para caramba, e tem aluguel pra pagar, tem o leite do Breno, tem a escola da Maiara pra pagar, mas é gostoso, pra quem trabalhou mais de 10 anos sem receber nenhum “puto”, só o pão com mortadela e hoje você conseguir ganhar dinheiro com a sua arte, o pessoal te valorizar, te pagar um cache pra você ir debater um assunto, sentar numa mesma e gostarem do que você está falando, já é muito prazeroso você ser convidado, eu acho da hora ser convidado, as vezes o pessoal faz convite: “Mano mas a gente não tem cache só tem ajuda de custo, mas dependendo de onde for e qual for a proposta eu vou tranquilo, se nem desse ajuda de custo eu aí, porque eu gosto de conversar, eu gosto de ouvir as pessoas e poder também expor as minhas ideias, mas é prazeroso, você poder ganhar dinheiro com a cultura e saber que você está interferindo na vida de alguém, porque cultura é interferir na vida de alguém, a gente está diariamente interferindo no que as pessoas estão pensando ou pro bem ou pro mal, as vezes as pessoas ficam com puta ódio da gente mas até aí é válido, normal.

(Você considera que existe uma Literatura Periférica, que você faz parte? Qual é a diferença dela pra uma outra?). Eu faço parte da Literatura Marginal, literatura mais viva, é só pegar os nossos livros e pegar os livros dos outros autores, a gente tem vida nas nossas palavras, não falo nem a questão técnica, não tô falando de técnica, eu não tenho técnica, até hoje eu não sei o que é técnica pra escrever, não tem que ter técnica, é sentimento na ponta da caneta, na ponta do lápis. No escritório de pensamento todos os textos que eu escrevi foi escrito “na lata”, nenhum foi lá no computador, plac-plac-plac, foi com sentimento você vê que tem vida naquilo ali, você se identifica, você não consegue se identificar com o Paulo Coelho, você não consegue se identificar. As vezes você pega um texto de ficção dum cara que é um autor periférico você fala: “Mano eu vi isso aqui acontecer”, então os nossos textos, as nossas literaturas eles têm muita verdade, um compromisso com a gente, com a nossa história, com as nossas pessoas, com as minorias, tem compromisso e quem tá

tentando ser diferente disso aí não se cria, aquela cara que tá encima do muro, ele não vai ser respeitado nem pelo bem e nem pelo mal, não tô falando que a gente é o bem, nem que é o mal, mas está ali, classifique-nos (risos).

(Você acha que tem preconceito com a Literatura Periférica comparando com a editora que você falou que não tem interesse em procurar, mas como você vê a Literatura Periférica querendo entrar na literatura formal?) Eu acho que a Literatura Periférica ela não quer entrar, ela já tá dentro, ela criou um mercado paralelo, existe um mercado parelho, você não vai encontrar muito dos nossos na prateleira da Livraria Cultura, dessas grandes livrarias assim, da Saraiva, eu vou falar por mim: “Eu não quero tá lá”, eu não quero tá numa prateleira, tem cara que lança um livro com uma “puta” pompa, vai pra essas prateleiras aí e fica lá, ele não vende, que graça tem um livro numa prateleira, nem na sua prateleira tem graça. Um dia desses eu fiz uma postagem falando disso: “Se você comprou o livro, já leu, não deixa ele lá na sua prateleira, sei lá, empresta pra alguém e depois a pessoa devolve ou você empresta de novo”, eu quero ver uma obra minha tomando pó, parado lá, do que vale um livro fechado, não vale nada. O Victor Rodrigues, o poeta, costuma falar assim: “Toda vez que você publica um texto você mata ele” e cabe aos leitores da vida reler aquele texto de novo pra dar vida de novo, então eu matei um monte de texto meu tô esperando um monte de gente pra poder reviver ele, ressuscitar ele, eu não quero os meus livros na prateleira da Livraria Cultura, da Saraiva ou num stand de vendas de qualquer site eu não quero não, eu quero que eles vão saindo.

(Esse que você está escrevendo do segundo você já pensa em fazer de forma independente?) O formato dele é esse, talvez a gente pague pela língua, amanhã ou depois vai vir alguma editora fazer alguma proposta que você vai achar legal, questão financeiramente você aceite, não tô falando que eu não vou aceitar, pode ser que eu aceite, mas eu acho da hora ser independente. Se eu quiser te dar um livro aqui eu te dou um livro, se o moleque vier aqui e falar: “Tio eu não tenho dinheiro pra comprar o seu livro me dá um livro” Eu dou, eu já vendi um livro abaixo do que eu consegui fazer pra imprimir ele porque eu vi que a pessoa queria ler, eu acho que é o prêmio maior, alguém que quer ler você e não tem condições. Eu lembro que eu fui fazer um lançamento nos Versos Inversos e a menina veio foleou o livro, leu algumas coisas e perguntou: “Quanto é”, 20,00, “Tá bom”, Você vai comprar? “Vou” blz, e nisso ela não tinha dinheiro, depois eu descobri que ela não tinha dinheiro, ela voltou assim com um monte de moeda e nota de 2,00 tudo trocadinho, eu falei: “Nossa manô”, ela falou: “Eu sai pedindo dinheiro pra todo mundo”, ela dentro do Sarau ela foi pedindo dinheiro 2,00/1,00 pra conseguir compra,r ela não me pediu o livro de graça, se ela pedisse eu juro que eu dava, eu sou meio tonto, eu ia ficar comovido, eu ia presentear ela com livro, só que ela preferiu pedir, fez a vaquinha ali, pegou 2,00/1,00, veio com monte de moeda e notas de 2,00 tudo trocadinho pra comprar o livro por vinte conto, eu fiquei feliz e triste ao mesmo tempo “Pô ela fez um corre desnecessário porque se ela me pedisse o livro eu dava o livro pra ela de boa”, e eu fiquei feliz pelo respeito pela obra, de você querer comprar, a grande faceta da gente ser independente é que a gente não é refém de um mercado onde você tem que vender o seu livro a 30/40,00 e ponto se não a editora vai brigar com você ou se não você vai ter que tirar do seu bolso pra pagar, como eu já vi várias pessoas fazendo isso aí, tendo que dá dinheiro porque deu um livro, e a gente não, eu dou o livro pra quem eu quiser.

(Quem você gosta de ler, quem você admira, em quem se inspira, o que você lê de Literatura?) Uma lista grande (risos) eu leio todo mundo que é vivo, eu leio muito pouco as pessoas mortas. Um dos caras que fez eu gostar de Literatura o Graciano Ramos, que já foi, mas eu leio Ni Brisant, eu leio o Jeferson Santana, Luz Ribeiro, Carol Peixoto, Tiago Peixoto, Emerson Alcalde, gosto dos textos da Jéssica Balbino que é uma jornalista lá de Poços de Caldas amiga, gosto do livro do Renan do Inquérito, eu leio Roberto Shinyashiki, não tem nada haver com literatura marginal, periférica, eu leio os livros dele, o pessoa fala que é autoajuda, mas pra mim não é de autoajuda, eu gosto da literatura dele, tanto que o livro que modificou meu modo de pensar é dele, A Carícia Essencial, uma psicologia do afeto, gosto muito do Ferrèz, gosto muito da obra dele, ele também é responsável por fazer eu escrever, gosto Sérgio Vaz, gosto dos textos do Alessandro Buzo, é uma coisa bem simples, leve e gostosa de ler, Gog ele tem alguns textos publicados eu acho muito bom, revigora, só pessoas vivas, é da hora você ler pessoas vivas, você pode até comentar com elas, mas assim, existem os clássicos, Drumont, Vinicius, eu gosto também, Solano Trindade.

(Como é na sua família, você ser escritor, o pessoal lê o seu trabalho?) Ah, eles morrem de orgulho, eles acham que eu sou super inteligente “Caramba mano a gente tem um irmão que é escritor, meu pai é escritor” a Maiara fala, as vezes a pessoa falam: “Você é poeta, acho da hora, vocês são muito

inteligente como é que vocês conseguem colocar tudo isso num livro". É motivo de orgulho, assim pra eles. Eu acho que foi bonito quando eu lancei o livro que eu vi lágrimas nos olhos deles porque um livro, "Oh, meu irmão publicou um livro, meu marido tá com livro", a minha mãe não poder ver o livro assim, fisicamente, mas foi um momento importante, eu sou motivo de orgulho pra eles, e eu não tô falando "Nossa que cara egocêntrico", eu tô falando porque eu vejo, lá na vila também eu vejo as mães apontando: Tá vendo aquele menino ali, Mano Ril ele é escritor, você tem que ser igual a ele", falando pra molecadinha e eles vem conversar comigo: "Mano você não tem que ser igual a mim, você tem que ser o que você quiser ser. Você quer ser médico? você pode ser, se você quiser você pode ser Engenheiro", eu tentei ser engenheiro mas eu descobri que eu não sou, não nasci pra isso, mas é legal eu sou apontado como um bom exemplo a ser seguido, mal sabe eles das merdas que a gente faz, mas deixa esse castelo aí é legal, de ser apontado como motivo de orgulho.

(Você pensa em voltar pra Universidade ou hoje você já não vê como necessário?) Eu tenho vontade de fazer Jornalismo, eu queria muito fazer jornalismo pra ser um jornalista de denúncia, um cara bem folgado, de ser odiado, por essas classes predominantes, denunciar tudo que é covardia e escrever sobre isso, mas é uma missão suicida, mas eu penso em fazer Jornalismo, eu quero fazer Jornalismo, mas o tempo não dá, a questão de dinheiro e no momento eu não quero, eu quero ver o Breno crescer eu quero tá do lado da Maiara, poder almoçar com Maiara, levar ela pra Natação, acompanhar o desenvolvimento dos meus filhos eu acho é a melhor das faculdades. Eu não me importo, com 50 anos aí eu faço, eu não me importo. Essa faculdade que eu tô fazendo agora, essa de estar do lado dos meus filhos e ajudar a minha esposa, apoiar minha esposa, porque ser mãe é um dos "baguio" mais foda que tem, e você ser mais sozinha é pior, porque tem uma "pá" de mãe que tem marido dentro de casa mas é mãe sozinha e é doído, a mulher se arreventa e eu não quero que a minha esposa de arreventa, eu quero me arreventar junto com ela, os dois juntos. A faculdade que eu tô fazendo agora é de criar meus filhos, vê eles crescer, estar do lado deles, poder almoçar com eles. 70 % dos pais não almoçam com seus filhos e mal jantam porque está assistindo televisão e se eles falar um "a" briga, mas lá na frente eu vou fazer jornalismo.

(Esse curso de Engenharia mesmo como foi, você achou muito difícil?) Quando eu comecei a fazer a faculdade, eu descobri que a escola que eu estudei era uma merda, escola pública é uma bosta, eles não te preparam pra nada. Ai eu tive que correr atrás de livros primários pra pegar algumas coisas de matemática e eu nunca fui fã de matemática, "Pô você é burro né, você não gosta de matemática e vai fazer engenharia", mas eu tava trabalhando nessa área eu manjava disso aí então eu aprendi a gostar da matemática ela é importante pra caramba, mas muita coisa eu aprendi em casa, sozinho, e o professor falava: "Ah você não viu, então você vai lá revisar os seus livros do Ensino Médio, vai ter que procurar eles, não tinha "boi" e aí foi se tornando difícil também a questão da convivência eu estudava com uma turma que a molecada acordava as 10 da manhã e podia estudar até chegar a noite e eu acordava as 4 pra ir trabalhar, trabalhava o dia todo, me ferrava e chegava na faculdade dormindo, não tinha como eu acompanhar eles e o professor não quer saber disso, ele não tem que saber disso, se ele colocar um aluno de DP é até melhor pra faculdade vai gerar mais renda e tal, não é pra formar bons profissionais é pra você gerar capital, por isso que eu achei difícil mas não foi por causa da dificuldade, porque eu acho que a gente consegue tirar essa dificuldade de letra e estudar, foi por causa da minha filha mesmo, o motivo que eu parei, eu não tava vendo a menina crescer, pra mim era um absurdo aquilo ali.

(Hoje você vê que Jornalismo está mais ligado no que você já faz?) Sim, palavras, humanas e você consegue encarar qualquer cara "O que é filhão, eu sou Jornalista", alguém vai desrespeitar alguém da imprensa, a imprensa é livre ainda nesse país ainda. Isso de você poder se impor e ser folgado. Acho que todo periférico, todo negro ele tem que ser extremamente folgado, ele sabendo exigir os direitos dele ele tem que ser folgado e pronto, eu só tô exigindo o meu direito e se pra você não tá bom, porém você tem que saber onde você vai ser folgado, eu não posso ser folgado na abordagem da polícia militar as 3 da manhã, porque eu vou ser folgado pela última vez, a gente tem que saber essa malandragem também, mas de você exigir os seus direitos em tudo, em tudo quanto é canto, a gente já foi muito desrespeitado, já foi muito violado, a nossa história foi violada, a gente não tem história, se for buscar ali os meus antepassados eu vou parar na fazenda de algum canalha que me escravizou, pronto, eu não vou saber de onde veio, se veio da África, se veio da Angola, se veio da Nigéria, eles me tiraram isso, e o país me deve isso, então se eu me formar jornalista vai ser pra cobrar isso, pra denunciar isso ai, espero que daí há 20 anos eu não precise denunciar isso que a gente tenha resolvido grande parte disso aí, mas do jeito que as coisas andas não vai resolver não, o nosso país é racista (risos).

(Porque o Mano Ril?) É apelido de Infância e todo mundo de chama de Rio, mas é Ril, eu morava na Vila Inglesa e vinha uns parentes meus da Bahia, na época que eu ainda tinha parentes próximos e

os meus primos me chamavam de Marilsu e o pessoal lá, aquela rapazeadinha do mal (risos) eles pegaram esse Marilsu, aí arilsu, aí depois eles cortaram e ficou só aril, eu ficava ferrado, ficava “puto” de raiva, eu xingava, eu queria chorar, eu era novinho tinha 6/7 anos, e quando você fica nervoso com o apelido ele pega e pegou então todo mundo me conheceu como Ril, chamava de Ril, Ril, aí eu mudei pra Embu Guaçu, e eu achei que eu ia me livrar do apelido, só que aí junto com a minha família veio uma família que morava na mesma rua que eu, aí esse menino o Robi ele me chamava de Ril e todo mundo lá em Embu Guaçu começou a me chamar de Ril, e quando eu fui fazer parte do Pensamento Negro, o negro DI só me chamava de mano, mano, não sei o que, mano, era só mano, ele não falava meu nome, e ele falou: “E aí como você vai se chamar? Maurício”, não mano, vai ser Ril “O que é Ril?” aí eu expliquei e ele não gostou, e o negão falou: “Então você vai ser o Mano Ril”, aí eu gostei, soou gostoso, legal, eu era fã do Mano Brown, então vou ser Mano também, aí virou Mano Ril, mas as pessoas me chamam de riu, rio, uil, de vil, já me chamaram até de Mano mar, por causa do rio, assim como rio e o mar o rio também transborda as vezes, mas é por isso o Mano Ril, é apelido de infância, e aí o Mano veio junto com o Rap. Eu quero falar que eu sou o Mano Ril, eu sou Rapper do Pensamento Negro, militante cultural, escritor, poeta e o mais importante acima de tudo isso aí pai da Maiara e do Breno.

MICHELE SANTOS

(Qual é o seu nome completo?) Eu sou a Michele dos Santos Souza.

(Quantos anos você tem?) 35, mas não conta pra ninguém.

(Você nasceu em São Paulo?) Sim, eu sou de São Paulo.

(Você sempre morou aqui?) Sempre morei na região do Grajaú.

(Seus pais são de onde?) Meu pai é de São Paulo e minha mãe é nordestina, Alagoana.

(Vocês sempre moraram no Grajaú?) Não, meu pai morava no Capão Redondo, a minha mãe veio em 76 pra cá, naquela leva de pessoas que vinham para procurar serviço em São Paulo e eles foram morar juntos e vieram para a região, que era pouco habitada, tinha muita área verde, era uma região bem bacana de morar, promissora eles dizem na época.

(Então eles já vieram com vocês?) Não, eles se conheceram aqui em São Paulo mesmo, eu já estava (risos) eu sou fruto desse casamento, que eles resolveram morar na região mesmo.

(Você tem quantos irmãos?) Eu tenho dois irmãos.

(São mais velhos ou mais novos?) Um mais velho e um mais novo, eu sou a do meio.

(Todos moram por lá?) Meu irmão mais novo mora um pouco mais longe, porque ele casou e mora no Jardim Herplin, mas é nas proximidades e o mais velho também relativamente que é em Veleiros, uns bairros um pouco mais pra frente, está mais próximo de Interlagos.

(Qual é a profissão dos seus pais?) Meu pai é metalúrgico de formação, e minha mãe quando ela veio pra São Paulo veio trabalhar em casa de família, todo aquele clichê da menina que vem do Nordeste novinha para trabalhar em casa de família e meu pai é metalúrgico, só que na época as indústrias passaram a sair de São Paulo, e ele ficou sem emprego um tempo, até ficou bem desestruturado, eu lembro que esse foi um período bem “foda” na minha família, porque era época do FHC, não tinha abertura pra nada não existia Instituto do empreendedor, isso era uma coisa que não existia, meu pai ficou ruim nessa época, ele adoeceu. Ele tentou abrir um comércio não deu certo, e com o último dinheiro que tinha sobrado da firma, um primo meu estava vendendo uns equipamentos de pastel, isso foi em 93 e ele comprou, mas era tipo a última esperança, era uma Combi velha toda fudida dos anos 70 e a gente não tinha mais grana mesmo, a sorte que ele já tinha conseguido quitar a casa própria há pouquíssimo tempo, se não teríamos dificuldade de moradia também. Desde então meus pais começaram a vender pastel e eles estão nessa até hoje, hoje em dia lá no bairro, por exemplo ali quando o pessoal do Sobrenome chega comendo pastel é da pastelaria dos meus pais, é uma pastelaria bem tradicionalzinha do bairro, super conhecida.

(É circular?) Não, não, agora não, agora é ponto fixo, então tem uma história de conquista tipo muito grande, meu pai era uma pessoa muito dura e gostava muito do que fazia. Abandar a profissão que fez a vida inteira efoi uma transição bem grande.

(Qual é a escolarização dele?). Ele tem Ensino Médio.

(Ele fez o técnico de Metalúrgico?) Ele estudou no SENAI.

(E sua mãe?) Minha mãe ela tem uma história com a escolarização bem bonita até, mas poderia ser melhor, eu dou muita bronca nela, porque ela era analfabeta até os 27 anos, então na época do Mobral, método do Paulo Freire, foi instaurado em locais comunitários, então tinha em Igrejas, e tinha uma Igreja Batista perto de casa que estava oferecendo o Mobral e aí ela se interessou pra aprender a lei, ela não sabia ler e escrever, e ela via os filhos, a gente era pequenininho na época, em processo de alfabetização e ela devia pensar que não tinha condições de ajudar com a gente na lição, se

sentia mal e aí ela aprendeu a ler e não contente ela quis entrar na escola e conseguiu se formar no Fundamental. A formatura da minha mãe foi umas das coisas mais bonitas que eu me lembro, sabe aquelas coisas pra vida mesmo, porque ela era “a” senhoria, aquela coisa do Eja, Educação para Jovens e Adultos, de dar bronca nos meninos mais novos, todo mundo gostava dela, e aí no dia da formatura eu lembro, todo mundo aplaudiu, foi emocionante mesmo. Só que logo em seguida veio um pouco depois a coisa do meu pai ficar desempregado e ela acabou meio que desistindo de continuar investindo nessa, só que eu puxei muito a orelha dela porque ela é meio preguiçosinha pra ler, fica dando desculpa que não sabe onde está o óculos de leitura, mas eu sei que isso aí ela só está me enganando e enrolando, mas eu tenho essa coisa de respeitar os diversos saberes, ela uma pessoa daquelas pessoas sábias, que têm outros tipos de saberes que não os que exijam conhecimento formal e hoje em dia eu entendo, como educadora, eu entendo muito mais a minha mãe nesse sentido.

(E como é a lembrança de você ler em casa? Você tinha hábito de leitura?) Então eu li muito desde pequena, meu pai foi um bom cultivador dessa hábito, por mais humilde que nós fossemos, nós tínhamos uma estantezinha, que essa estante eu herdei, é uma estante de madeira maciça, está bem detonadinha, mas está firme, porque é madeira, feita por marceneiro, tem até uma foto do meu irmão mais velho neném bagunçando os livros. Meu pai ele não tinha instrução formal, mas ele tinha essa necessidade de pensamento dos filhos ter uma certa cultura, então ele gostava daquelas enciclopédias antigas, então a gente tinha enciclopédia, tinha ali a estantezinha dos livros, o lugar privilegiado dos livros dentro da casa, gostava muito de ler revista, comprava jornal aos domingos e aí comprava gibizinho pra gente, eu acho que foram hábitos pontuais que ele mesmo não se deu conta, mas que influenciou muito nos hábitos de leitura, meu e do meu irmão mais velho que lia bastante e quem levou isso mais pra vida mesmo pro cotidiano está sendo eu.

(Qual são os trabalhos dos seus irmãos?) Meu irmão mais velho trabalha na área de supervisão de Telemarketing e meu irmão mais novo está trabalhando na Sabesp.

(Eles têm Ensino Médio?) Os dois têm Ensino Médio. Meu irmão trancou um Tecnólogo em RH alguma coisa assim na área dele, a primeira e única que conseguiu se informar foi eu.

(Como foi seu período na escola em relação a Leitura?) A leitura pra mim era tipo uma fuga, porque meus pais são Evangélicos e era uma educação muito rígida que a gente tinha em casa, eram meio que uma fuga, tinha uma época por exemplo que não poderia ter televisão em casa, eles piraram. “O que fazer de entretenimento?”, criança vai pra rua, mas ficar quietinha ali, pra mim foram os livros, era pra mim uma coisa também de imaginar mundos, um espaço de libertação que eu tinha.

(Na escola você tinha um espaço para Leitura?) Não, eu sou de uma época que os professores não mandavam comprar livros pra fazer prova. E mesmo na escola pública, não tinha esse acesso. Eu comecei a estruturar meu hábito de leitura, fazer isso continuamente depois que abriram uma unidade do Ônibus Biblioteca, do lado dessa mesma escola, escola que eu estudei a minha vida toda lá no bairro e toda quarta feira eu pegava livro. Então foi uma coisa que me ajudou e muito a estruturar esse processo, minha formação com leitora.

(Você fez Fundamental e o Médio na mesma escola?) sim.

(Seus irmãos também?) Também.

(E depois como o acesso para o Ensino Superior?) Pra mim os livros sempre permaneceram na minha vida e eu sempre gostei muito de estudar linguagem e outras línguas, eu sentia essa facilidade, eu já tinha uma formação autodidata de Inglês, era muita boa em Inglês, hoje em dia eu falo mas pra me virar, consigo me virar bem. Cheguei a fazer Francês quando eu estava na escola, que era um projeto de Línguas para aluno do Ensino Estadual, eu era interessada, ia para as estantes e gostava muito de saber como a Linguagem era formada, as coisas de possibilidades, gostava bastante, e os livros nunca me deixaram. Depois da escola eu acabei indo trabalhar, porque não era uma época que tinha cursinho, não tinha nada, a gente entedia quem era da periferia que era muito natural, terminar a escola e ir pro mercado de trabalho. Eu fui trabalhar em escritório, até hoje em dia, não levantando bandeira política, mas tenho muitos amigos que são de uma geração anterior a mim e muita gente já fez, saiu da USP, já fez uma formação em Universidade Pública, então eu vejo que eles são de uma época que tiveram essa abertura para o Ensino Superior, a gente tinha essa coisa na minha época em 98 era uma coisa assim, “Ah, faculdade é a coisa de rico”. Não existia, não tinha nem questionamento, eu via como um sonho. Fui trabalhar em mercado formal, aquela vida robótica, aquela coisa mecanizada, acordar cedo, pegar o ônibus lotado, chegar tarde, fazer marmita, acordar cedo, e assim vai. Hoje em dia quando eu penso as coisas eu penso muito nessa realidade que eu já vivi porque muitas pessoas ainda estão nessa. Quando eu vi que foi uma possibilidade eu fiquei com muita vontade de voltar a estudar, eu larguei na verdade o emprego que eu tinha no escritório e quis entrar em sociedade com pai na Pastelaria, eu trabalhei 5 anos com ele,

nessa época foi a que eu estudei, me formei e tudo mais, porque eu tinha tempo pra fazer isso e tinha uma grana para pagar a Faculdade. Mas eu já estava com 24 anos quando entrei na faculdade.

(Onde você estudou?) Na Uniban.

(Que curso?) Letras.

(Onde era?) Campus Morumbi, geograficamente Chácara Santo Antônio.

(Você tinha bolsa?) Não eu pagava.

(Antes você fez outros cursos, técnico/ administrativo?) Eu tinha uma coisa, uma aversão de ficar parada, que eu acho que tinha um pouco de medo de ficar irritada, porque eu via as pessoas ficavam anos fazendo aqueles trabalhos burocráticos, você não florescia nada nada ali, eu achava muito horrível, então as vezes quando eu saía de um emprego pro outro eu tentava fazer algum tipo de curso com o Seguro Desemprego, reservada uma coisinha ali pra eu me virar e ia fazer alguma coisa. Eu cheguei a fazer curso de HTML, fiz no SENAI, Auxiliar de Departamento Pessoal, meio que eu não parava, eu não queria ficar estagnada, mas chega uma hora, que você fica pensando também que os ensinamentos não dão muita conta, foi quando eu pensei chega! Vou ver se eu consigo me formar, fazer uma Faculdade porque já deu. Uma vida meio sem horizonte, e uma coisa também me assustava bastante, como dentro desse mercado procuravam menina de uma faixa etária que eu estava saindo, então eles não queriam mais empregar meninas acima de 25 anos, porque geralmente já tinham filho, e ter filho “é problema”, quem tem filho falta, quem tem filho chega tarde porque tem consulta, para o empregador se torna um problema e tem a coisa de exigir também, porque precisa de um dinheiro maior e tudo mais, então queria sempre empregar aquelas meninas de 18 a 25 nesse sentido e você vendo as pessoas envelhecendo nesse meio e eu não sei como elas conseguem. Eu não consigo.

(Além do administrativo você já tinha feito outros trabalhos?. Você trabalhou em outra área antes de ir para Pastelaria?) Eu tinha uma relação com música, eu tive bandas quando era mais novidade. Agora só apreciação na vida mesmo, eu parei de tocar. O processo de transição com a pastelaria foi para trabalhar num estúdio com uns amigos meus que eu trabalhei. Uma época bem feliz da minha vida, super pobre, mas mega-feliz (risos). Porque era mais próximo de casa, e eu tinha mais tempo pra refletir sobre as coisas, foi um tempo muito rico artístico, porque eu comecei com essas pessoas que eram envolvidas com sucessos artísticos, faziam shows, eventos, era um universo artístico que eu estava muito longe, mas essa época foi bem bacana.

(Depois que você concluiu a Faculdade você já começou a trabalhar na área?) Conclui a Faculdade e aí eu já entrei no Estado para trabalhar como contratada, a gente chama Categoria o “OH” ou categoria “Oh tário”, é uma nova categoria que existe na qual as pessoas que não são concursadas entram todas por essa categoria, ela não tem um regime próprio de previdência, não tem quase nada de direito, inclusive direito da falta, você não tem direito a usar o Hospital Servidor Público, é muito ruim, as faltas que você pode ter por ano são pouquíssimas, são duas por ano, mas eu aguentei esse ano, porque era o ano que eu tinha entrado em Educação, enquanto isso eu fiz concurso e eu passei. Eu trabalhei só esperando chamar ao longo do ano. Só que esse ano como contratada, Sindicato mas sobrevivi e aí no ano seguinte eu já efetivei no Estado e já tinha sido chamada na Prefeitura, aí são as redes que eu trabalho e atuo hoje em dia.

(Quantos anos você já está nos dois?) No Estado eu entrei em 2010 como contratada e efetivei em 2011 e na prefeitura em 2011 eu entrei como efetiva, por ter passado no concurso.

(São escolas da região?) Sim.

(Como que foi a relação com o Sarau, você conheceu?) O Sarau a primeira vez que eu ouvi falar ou fui no Sarau por incrível que pareça não era nenhum Sarau desses tradicionais, foi uma vez que eu tinha ido, mesmo antes de começar a Faculdade, eu fui no Sarau que era organizado pelo Mavorte. Ele está um pouco afastado do nosso Saraus, mas ele é um desses poetas da velha guarda das antigas, mas de vez em quando ele aparece, está aparecendo e ele organizava no bar de Rock que eu frequentava, e eu achava lindo, nossa as pessoas recitando de cabeça, isso foi no começo de 2000, bemeu tinha uns 22/23 anos, era um Sarau que ele organizava num lugar chamada Novo Aeon, ficava na Avenida Atlântica, foi o meu primeiro contato, primeiro Sarau que eu fui. Depois teve vezes esparsas que eu frequentasse, eu ia na Cooperifa de vez em quando, mas por conta de ir com colegas da faculdade, fazia Letras, lá tem muita galera que fazia festivais, mas até então era um flerte, mas afastado, gostava muito de ouvir mesmo e tudo mais e depois teve também ali onde acontece o Sobrenome tinha uma época que tinham muitos professores iam lá, uma época que o bar “bombou” e os professores podiam ir e aí com alguns amigos a gente fez algumas edições no jornalzinho, é um professor Universitário Joel, ele organizada e fazia a programação dos textos e saíram umas três edições, foram um dos meus primeiros textos publicados na vida. Já nem tenho mais esses Jornais, porque o bandido levou embora, ele ainda falou: “Ah, vou levar isso aqui pra

saber quem é você”. Tomara que ele tenha lido os textos, não sei (risos). Pra entrar mesmo de cabeça nesse universo do Sarau, foi quando eu comecei a frequentar o Sobrenome mesmo, eu ia desde as primeiras edições e o pessoal falou: “Nossa, você no Sarau, o que você gosta de ler? Gosta de poesia?”. Aí me avisaram e aí eu fui. Eu lembro que nas primeiras edições eu nunca conseguia chegar no começo porque eu dava aula nas quintas-feiras a noite. Teve um dia bem decisivo, foi num dia que teve umas manifestações e queimaram um ônibus na avenida e eu lembro que esse dia pintaram um pessoal do Noturno que tinham assassinado um cara muito próximo da escola, a cidade estava exalando pânico e no bairro estava bem pesado essa noite, dispensaram os alunos e quando eu estava voltando pra casa os meninos estavam fazendo Sarau e essa noite foi muita resistente, inclusive, foi a primeira vez que eu vi uma, foi muito contente, eu lembro muito nitidamente dessa noite. O Sobrenome era um Sarau que não tinha muito recurso, na época ficava mais recurso, ficava numa penumbra e tal, esse foi acho que o primeiro dia que eu comecei a pegar do começo e daí pra frente eu fui em todas as edições e me despertou pra voltar a escrita. Na verdade eu nunca parei de escrever, eu escrevo desse sempre, mas eu comecei a escrever pra não mais aquela coisa “Não sei porque escrevo”, mas escrever com aquela coisa “Escrevo porque além de tudo eu sou escritor”, isso ficou mais claro na minha cabeça, muito embora, o meu livro demorou um pouco de sair, mas eu acho que ele ficou do jeito que tinha que ser, eu não fiquei empurrando o processo,....trabalhar bonitinho, não tive pressa também de publicar o meu primeiro livro, porque eu não tinha esse medo de “Eu só sou escritora a partir do momento que eu tiver publicado”, não é isso, eu já tinha essa noção, escritora é quem escreve.

(E você escrita e guardava?) Sim, escrevia e guardava, eu escrevia muito, loucamente, eu era a louca dos diários (risos). Eu me lembro que uma vez eu estava passando por um processo transitório, era meio adolescência, começo da vida adulta, saindo da casa dos 20 e eu escrevia demais. Tinha época que era compulsoriamente, e ficar revoltada, “Ah eu não quero mais guardar isso comigo, eu sou canceriana tenho problema porque eu quero guardar tudo, papelzinho, lembrancinha, aí eu me revoltei, eu lembro que eu juntei sem brincadeira, três sacos de lixo cheio de coisas escritas, eu enchia as gavetas de escrito, escrevia cadernos, eu eu precisava muito disso. Até hoje em dia, eu sinto muito falta de escrever, só que hoje em dia eu não tenho mais esse olhar adolescente da escrita, que “flui”, que vai, quem já escreve com o vigor da técnica fica meio “xarope” com a própria escrita, muito embora eu tenha um diário, mas agora é virtual, eu não preciso mais juntar sacos de lixo, é um arquivinho, quando eu preciso soltar alguma coisa, eu não tenhocom rigor, formalidade nada eu só quero fazer voltar ao exercício do que eu acostumava fazer porque pra mim é muito terapêutico.

(O que você escrevia antes e depois da Faculdade, você sentiu por fazer Letras teve um peso diferente?) Se alterou minha escrita?. É? Sem falsa modéstia, eu sempre escrevi bem, eu era sempre aquela aluna nerds de Língua Portuguesa, aquelas que os alunos tinham ódio porque ela entende todos os verbos transitivos, intransitivos, oração coordenada, e eu era meio assim, mas que pra mim parecia muito fácil, porque a leitura me propiciava essa facilidade, esse diálogo. Eu falo muito para os meus alunos hoje em dia: “Não adianta eu passar mil técnicas de redação, mas tem que sacar como funciona, vocês tem que ler cara pra saber como é”. E eu acho que isso me ajudou muito, quando eu entrei na Letras na verdade eu queria fazer alguma coisa relacionada a tradução, voltada pro Inglês e no meio do caminho eu fui abraçando a coisa da Licenciatura mesmo, do dar aula, não que eu não goste, eu gosto do estudo de Linguagem, mas não tinha essa ideia muito tempo, eu vou escrever na Letras, infelizmente não vai rolar, vou virar escritor na Letras, não tem, eu acho quem faz Jornalismo tem mais embasamento, teorias e escritas do que quem faz Letras, porque a gente aprende a analisar o escrito alheio, depois você aprende ler, agora deixar florescer a gente tem até uma certa interpretação, mas eu acho difícil pra poder até aprimorar um pouco mas eu acho um pouco complicado a Letras.

(Também tem essa questão do Cânone?) A questão do Cânone a gente aprende porque tem quê né, e é aquela coisa de reproduzir discurso blá-blá-blá, mas tem que conhecer a história do que foi feito na sua Língua, mas eu sou de uma época que já existia e rolava discussões sobre isso, coisas novas, porque é considerado Cânone e o que não é, eu acho que já tinha isso, mas infelizmente era uma formação que era bem voltada pra isso, eu não tinha muito saco na verdade pra discutir o que era ou não o Cânone e o que está fazendo Contemporaneamente.

(Você agora em sala de aula você trabalha Literatura Periférica com os Alunos?) Hoje em dia na Rede Estadual ainda é muito engessado, eu tento na medida do possível levar alguma coisa sim, mas o currículo é bem engessado. Levar alguma coisa diferente e na Rede Municipal eu faço projeto do Sarau já há algum tempo, eu levo uma galera pra dentro da escola e é bem bacana. Esse ano eu sou professora na minha escola eu Professora Orientadora da Salç de Leitura, é um cargo, eu sou

professora de Português, mas estou nesse cargo e ali é onde eu exerço essa possível liberdade de fazer esse diálogo. Do ano passado pra cá, o Ministério da Educação tem feito esse diálogo por conta da sala de Leitura com a Leitura Periférica Marginal, inclusive na portadora do FSL saiu uma artigo que deve ser trabalhado obras não privilegiadas, LGBT, que também é um adendo a lei 10 639 que já tinha Literatura Afro, então eu sou embasada pela lei, pela questão científica, agora eu sou embasa por lei eu tenho que fazer isso, agora eu posso falar que eu tenho, quando alguém torcer o nariz mais uma vez. Eu já tive alguns problemas, eu já faço há uns 2/3 anos já alguns eventos com Literatura Periférica, Linguagem Rip Hop dentro da escola Municipal e têm pessoas que não gostam. Eu já ouvi de um colega docente “Ah, mas Rap é música de bandido”. Ele não parou pra ouvir um “a” da mensagem. Primeiro que a natureza do Rip Hop não é essa, mas pra criticar, ele teria que ter prestado atenção na Letra do que tinha sido cantado lá e eu sei que o professor estava na sala dos professores. É todo um processo, mas eu fico contente de estar na vanguarda desse processo, bem bacana, meus alunos hoje em dia eu fiz uma doação de alguns livros meus, e eles acham o maior barato “Professora você fez esse livro, professora”. Eu vou ter que fazer uma doação de alguns volumes há mais porque não está dando conta porque todos eles querem ler, e eu achei o máximo, achei super bonitinho, tanto que eu contei pra minha mãe e minha mãe falou: “Sério”. É uma coisa que eu sempre incentivo neles também, acho que a coisa do Sarau que a gente organiza na escola não atraia todo mundo de cara, mas é uma proposta que alguns ficam curiosos, nem todos com certeza participam ou entram de cabeça mas eu sei que os que estão ali participando eles têm a vivência deles modificadas. Isso é fato. Eu tenho um aluno que se formou no ano passado que ele já está fazendo um trabalho com o pessoal do Rip Hop do Grajaú. O interesse dele por poesia, Rap veio a partir do projeto da escola e têm outros alunos que foram publicados também na Antologia organizada pelo Rodrigo Ciríaco que também fazia o projeto comigo, então você vê as coisas acontecendo e muito mais, sem ter que provar eu acho que os processos de Leituras os resultados são bem subjetivos, é difícil você medir, como eu vou medir o que está passando dentro de uma pessoa, é muito dentro, não tem como você mensurar isso. Eu sou muito cobrada na escola por não trazer a materialização do meu projeto. Eu falo: “Cara, abre o cara no meio e vê o que ele levou na vida”. Eu cheguei a falar coisas assim, é complicado porque a escola ainda é muito rígida, é muita engessada, ela espera ver cartazinho, coisinhas pro pai ver, as vezes eu sinto a falta deles me perguntarem: “Cadê as coisas pros pais verem que você fez alguma coisa”. Não falam isso, mas falam isso com outras palavras, de uma forma mais didática e mais pedagógica, nas acaba sendo.

(Eles cobram resultado?) Isso, mas o resultado é a tal da materialização, e a materialização tem que ser uma coisa física, ou uma coisa que se veja ou uma coisa que se toque, não pode ser o imaterial não é valido nesse sentido e não tem. O processo da Leitura, o que ele vai provocar é subjetivo, ele vai modificar o seu olhar pra vida, vai modificar as suas atitudes na vida e isso não tem como mensurar.

(Como os alunos recebem a Literatura Periférica na escola quando você leva os projetos?) Eles recebem muito bem, geralmente sim.

Sim, não existe dedicação maior, pelo menos os meus estou até acostumada. Eu não costumo fazer essa super diferenciação, olha gente hoje a gente vai ver uma periférico, então os periféricos entram na roda como qualquer outro escritor, eu lembro que o ano passado eu trabalhei um texto da Carolina Maria de Jesus e aí no finalzinho da história eles gostaram muito. Mesmo sem saber que ela foi uma escritora Periférica, umas das primeiras. Mesmo sem ter que toda hora está fazendo essa referência. Pra eles sacarem que é tudo escritor e que eles só não aparecem, só não estão na Saraiva, porque eles têm esse marketing extremamente colorido da Saraiva que dá super certo, pros mais jovens. Eles percebem que esses escritores não estão na Saraiva por conta de um mercado editorial. Isso eu gosto de pontuar, quando eu estou trabalhando Periféricos que existe toda uma questão de mercado, que por hora, não privilegia os escritores periféricos.

(Como foi o processo pra você publicar o seu livro, você procurou Editora?) Eu pensei muito em oferecer para algumas pessoas até que eu conhecia, mas eu pensei também que poderia ser uma coisa que eu até publicaria, mas ficaria na mão da outra empresa e eu queria ter essa experimentação independência, porque a coisa do independente acima de tudo ela é experimentação, não tem ninguém te representando, quem vai pros eventos é você, você é seu próprio livro, você vira quase um livro ambulante. Você tem que entrar em contato com as pessoas, você conversa, você conhece as pessoas que vão ler o seu livro. Você conhece outros lugares, estabelece outros diálogos, outras pontes. Meu livro foi lançado em dezembro, a gente está agora no final de abril e eu já vou pro Rio o mês que vem, eu já fui pra bastante lugares, Saraus de São Paulo eu já fui pra muitos. Só que não é eu mandar o livro para o livro estar lá. Eu estou lá. Esse processo

que chega a ser provocativo mesmo, da pessoa chegar e ver o autor e ter esse contato com um possível leitor é uma experiência.

(Você custeou por conta própria?) Foi.

(Quantos exemplares?) Mil exemplares.

(Você está vendo o retorno? O livro está se auto-pagando?) O livro até o presente momento ele já vendeu quase 400 cópias. Para um livro ser independente é uma super vendagem. Tem muito livro sobrando, mas eu pretendo trabalhar com ele até o final do ano. Nessa coisa de estar lançando enfim, depois parar pra lançar um outro livro e também propor pro livro não ficar parado, propor alguma parceria com escola, biblioteca, sala de leitura, mas a ideia é que não sobre nenhum livro no final (risos). Vamos ver como vamos fazer, por enquanto está rolando.

(Você já tinha participado de uma outra Antologia?) Eu já participei da Antologia do Sobrenome, da Antologia do Poeta do Tietê e de algumas revistas Literárias também.....e do pessoal lá do Sul, Gente de Palavra, pessoal do Rio Grande do Sul.....complicado, interiormente.

(Pra produção desse lição você escreveu especialmente pra ele ou você reuniu outras coisas que você já tinha escrito?) Tem produção ali, que é super antiga, mas está reformada por exemplo, que é coisa pré-Sarau que eu tinha ainda, mas o grosso dele está nessa época do Sarau, então eu organizada meus arquivos escritos eu ainda faço isso com o nome das estações e o ano. Eu tive que ficar catando, primeiro eu fiz uma varredura em todos os arquivos que eram passíveis de estarem no livro ou que estaria adormecido ou deixa lá, e nesse processo super doloroso, porque foi uma situação é meio como você ter cronos. Tirando esses poemas, que foi o primeiro filtro, outros vários ainda foram rimados, porque eu queria que o livro ficasse fofinho. Ontem mesmo estava tendo discussão dos meninos, estava tendo reunião do Sobrenomes, essa coisa da concisão dos livros e relacionar isso com a preguiça que as pessoas tem de ler, se é uma maneira de facilitar o acesso das pessoas, mas eu acho que não, com relação a isso eu não tive problema de pensar “Ah, vou fazer um livro curtinho para as pessoas não terem preguiça de ler”. Eu queria que o livro tivesse um conceito, não fosse uma Antologia de mim mesma, tipo que eu escrevi até agora reunido no livro. Eu vejo muito a galera fazendo isso, e isso, e é realmente doloroso deixar seus poemas para trás, têm poemas que eu ainda tô procurando final, e não sai, e ele vai ficar ali gavetinha dormindo até um dia que ele nasça ou não. Deixa ele ter a vidinha própria dele, eu queria que fosse norteado por um conceito e dentro desse conceito que coubesse um número necessário de palavras pra dialogar com aquilo. Mas foi bem trabalhoso essa coisa da escolha, do limar alguns títulos, alguns poemas, foi o processo mais doloroso. Depois como eu não tenho domínio de diagramação, eu contratei um diagramador pra fazer esse trabalho, foi um trabalho bem demorado, até a gente achar a fonte que ficava mais legal. As pessoas as vezes pegam uma coisa pronta e não percebem o trampo que dá pra você escolher a fonte que vai ficar mais legal nas visões de sessão (risos). Coisas tolas aparentemente, mas que dá um “puta” trabalho. Tinha coisas da capa que a gente não chegava num consenso e eu queria que tivesse alguma coisa com o símbolo feminino eu acho que tem muito do feminino no meu trabalho (.....) (risos) e acabou que ele me apresentou trocentas possibilidades e nada ia, e eu acabei fazendo um desenho que é o desenho que tem na capa agora, e ele vistorizou e eu acabei aí. Chegamos num ponto final, e nisso, duraram vários meses. A construção do livro se deu durante todo o ano de 2015 e eu queria muito que ele saísse em 2015 eu tinha esse pra mim “O projeto do ano”, sabe aquela coisa de promessa para o Ano Novo, O primeiro semestre foi mais pra edição e seleção dos textos que iam e escolher um contexto pra nortear e o segundo semestre foi pra fazer a montagem. E o livro chegou há algumas poucas horas do lançamento no Sobrenome da gráfica, eu estava quase morrendo já (risos). Mas deu tudo certo.

(Você já está por exemplo escrevendo pra um outro? Pensando em outro projeto?) Ai é que tá, as pessoas até me perguntam, mas eu não tenho parado de escrever, óbvio. Eu continuo com meu arquivinho lá, October/16. Mania de escrever e ler em Inglês continua. Outono 2016 está lá aberto, fato que eu tenho produzido bem menos, mas não tenho deixado de produzir e eu também produzo prosas e eu não sei, como é muito mais trabalhoso escrever prosa eu tenho algumas coisas mas não é material pra um livro e aí eu acho que a prosa é muito mais ofício da escrita, “sentar a bunda” e trabalhar mesmo. A prosa é lapidar, é mais complicado, mas é um caminho que meio já mostrei alguma coisa, eu tenho contos publicados na revista digital chamada Raimundos. Então já é uma coisa que se ele foi escolhido pra está lá, porque tem algo a dizer, eu tenho muito essa coisa, ai meu Deus será que prosa é boa, você nunca sabe, até você contar pro mundo.

(Eu queria que você comentasse um pouco a questão do cenário da Literatura Periférica, desde quando você entrou em contato e como você acha que está crescendo agora?) Eu entrei em contato via Sobrenome Liberdade que me fez essa ponte. Eu comecei a fazer alguns eventos mesmo antes de ser chamada pra integrar o time do pessoal, eu fui chamada pra fazer alguns eventos com os

meninos e com o pessoal dos Poetas Ambulantes também, fizemos parcerias cheguei também a fazer alguns eventos com eles. Eu costumo falar que eu sou uma ambulante que aparece de vez em quando, mas você é parte do time ali, que não é oficial mas está lá sempre nos eventos que eles faz. Depois comecei a ler mais as obras do pessoal, a conhecer o pessoal que fazia, quem era quem e fuçando outros Saraus também e hoje em dia para falar da cena eu acho que estamos passando sempre que você tem algum movimento artístico que entra na efervescência você tem um pico da coisa acontecendo, eu acho que esse pico já passou na verdade, eu tô sentindo esse pico efervescente .ali podia cantar passou. Eu acho que a gente está entrando num processo de consolidação. Essa coisa do diálogo por exemplo da Rede Municipal de Educação com os autores da periferia já é um passo e eu fico pensando que depois desse processo da consolidação realmente ou fica sem ou fica sem ser patrocinado eu não sei, se eu acompanhar isso, sobre o mesmo crisma de outras manifestações artísticas culturais, mas em relação a isso o fato de ser uma coisa muito difícil, de você levar para a sua vida cotidiana, eu por exemplo trabalho em dois empregos, eu tenho uma vida social no Sarau, porque eu não teria vida social, as vezes o pessoal que sabe do meu ritmo de vida falam: “Você não tem filho, nem marido né?”. Realmente não, mas uma coisa não tem nada ver com a outra, mas se eu tivesse eu não conseguiria dar conta, então fica difícil não é aquela coisa romantizada do cara que fica pirando escrevendo poema. Com relação a mim mesma, não cabe em nada isso, porque eu trabalho pra caramba, as vezes eu chego em casa morrendo de vontade de escrever, mas não consigo porque tenho que tomar um banho e dormi, porque amanhã tenho que acordar cedo pra estar em sala e trabalhar de novo. Às vezes eu penso, eu fui estudar, fui uma questão de tempo, levaram uns anos até eu me formar e tudo pra sair do esquema da mecanização e as vezes eu me vejo de novo na “rodinha de hamster” fazendo assim, é muito louco isso. Eu acho que a cena, hoje em dia, é como eu falei da consolidação, mas hoje em dia a gente talvez esteja precisando voltar o nosso olhar um pouco mais pra fora, fazendo uma análise crítica do nosso fazer, eu acho que chega uma hora que a gente está falando muito pra gente, muito pra nós mesmos e a gente já tem o domínio dos fazeres, já cheio de maneirismo e tal. Então alcançar quem não tem contato com isso, isso ainda é uma coisa que a gente precisa rever, resgatar a coisa mágica do Sarau, a ideia do Sarau ser a partilha, comungar a palavra mesmo, uma pouco na escola eu curto muito isso quando as crianças tem esse primeiro contato, que eles veem como uma coisa mágica Ohhhh, aí é bem bacana, mas eu acho que a gente precisa resgatar isso, atingir quem nunca teve contato com isso, quem ainda pergunta, tem gente que está no Sarau, nas organização e acha que todo mundo sabe o que é o Sarau. Eu por exemplo eu vou falar com alguém, ou dar uma entrevista, tem que falar o que é o Sarau né, verdade. É gente no mundo das pessoas reais, na história desse universinho fechado não é claro, eles vão perguntar o que é o Sarau, então têm muita gente que cresceu, cresceu com uma possibilidade de expressão artística, como forma de juntar artistas mesmos, e de viabilizar produções artísticas principalmente na periferia a gente não têm aparelhamento cultural satisfatório do poder público, então, a gente têm essa coisa de fazer ali por nós mesmos, então eu quero saber da Dona Maria, do molequinho ali que de repente vai parar e vai olhar, vai se encantar e vai curtir também. Não de estar falando só pra nós mesmos, e não estar num processo de concluir só nós mesmos e muito fechado. Eu não sei como vai ser esse processo, é uma crítica que eu faço com relação a nós mesmos de colocar o nosso olhar pra fora.

(Com relação ao trabalho mesmo você acha possível, você almeja isso ou não viver da Literatura?).

Ah, sonho da vida (risos). Claro, obviamente, sem dúvida, eu hoje em dia se eu pudesse ter só um emprego pra depois eu ter um tempo de criação satisfatório, um tempo pra me dedicar mais pra divulgação do meu livro e pra fazer os trabalhos do meu livro, óbvio durante a semana por exemplo eu acho que seria muito bacana, se fosse rentável, mas agora no memento não está rolando.

(Mas você acha que isso é uma dificuldade específica da periferia ou você acha que é do escritor em geral). Eu acho que na periferia é pior, porque a gente têm menos acesso aos meios de produção do grande mercado. Não vou citar nomes, mas tem uma nova poesia contemporânea, que é essa poesia de internet e é sempre aquela velha história, o cara que conhece alguém que trabalha numa editora x rola um tal QI “de quem indica”. Existe bastante, você na periferia ali fazendo por você ou você se encontra nesse meio que é nossa cena dos independentes e periféricos ouPorque pra entrar numa editora mesmo, eu vejo por exemplo, o trabalho do Eduardo Lacerda naque é ele é dos Independentes o mais conhecido, e ele tem livros premiadíssimos, elogiadíssimos no catálogo dele mas grana mesmo ele é tipo um camicase, ele faz tudo sozinho, cara, não sei. Eu penso também naquela coisa “Ah poesia, quem lê poesia, quem leva sério poesia, sendo que pra gente é o que a gente faz, é muito louco isso. Mas como meio de produção eu acredito que a gente mora no Brasil, país que lê muito pouco. Eu não sei o que fazer pra reverter, eu juro eu tento todos os dias, eu sou professora de sala de leitura a tarde, eu tento todos os dias, eu leio com eles, eu tento fazer uma

ambientação que seja mais gostosa pra ler. Aí você tem a coisa das redes sociais está tomando toda concentração, as pessoas têm dificuldade de concentração, não sei se a junção da vida louca que a gente leva que a gente não tem mais o poder de concentração junto com uma falta do hábito do ler, eu mesmo que leio bastante, eu mesma que leio bastante, as vezes eu tenho uma certa dificuldade, se eu tô muito ligada, resolvendo dez mil coisas ao mesmo tempo e paro pra ler eu tenho dificuldade de entrar dentro da história, se for uma narrativa, então, eu imagino quem não tem esse costume de ler que é muito pior, mas eu acredito que em questão de mercado, é como o Brasil encara a Leitura também porque é uma coisa aqui considerada supérfluo o livro.

(Quem são as suas inspirações, quem você gosta de ler e quem te inspira a escrever?) Eita que é muita gente (risos)...é sério mesmo é a gente de mais. Primeiro as pessoas que escrevem comigo, os meus contemporâneos, são as pessoas que quando eu leio os poemas, eu sei que são frutos de uma expressão de uma vivência que estou acompanhando De.....Fontana, Luiz Ribeiro, M..., a Luiza Romão também faz bastante,. São um pessoal que está produzindo agora e aí dos mais antigos, nossas têm tantas referências, tem a Clarice clássica, mas a linguagem dela eu gosto muito, o Luiz Ruffato é um dos autores que eu tenho mais lido ultimamente, eu gosto muito da escrita dele, escreve muito. Dos mais antigos da poesia, eu gosto muito do Manoel de Barros, essa coisa do homem telúrico da ligação do homem com o chão, com as coisas naturais, Carlos Drummond dentro uma perspectiva crítica, numa visão cética de mundo. Eu gosto muito da Adélia Prado, Hilda Hilst também, Cora Coralina, é difícil eleger um, e gosto bastante de Literatura Internacional, gosto de Dostoiévski.

(Essa questão do feminino, como é dentro do movimento do Sarau e como você acha que ganhou força e se isso é uma coisa que é relevante pra você?) Pra mim é extremamente relevante porque a gente que é mulher e está atuando no meio do Sarau é uma coisa de você se posicionar antes de tudo. Eu vejo a mulher dentro do Sarau a coisa da produção, eu via uma coisa que meio me incomoda um tanto que a mulher enquanto público quanto aquela que aplaude o poema do cara é bacana, agora a “mina” que escreve, a “mina” que está no lugar do cara, bom eu já nem sei, “Eu prefiro ela como público”. Eu sei que isso nunca foi dito pra mim, mas eu sentia que existia isso, então é uma coisa muito de quando começaram a surgir os primeiros levantes contra, feminismo e tudo mais, era uma coisa que fosse focar nos homens.” Ah, porque fulano fez isso. Eu não me movia assim, eu não quero, eu quero apenas, eu vou escrever porque eu posso, porque eu sei, eu não vou pedir a sua atenção “bicho”. Eu tenho certeza disso, da gente realmente ter os nossos meios de produção, a gente ter o nosso diálogo, a gente ter fé o nosso discurso, e existe muito ainda por mais que hoje em dia os caras estão se policiando acho que foi uma coisa válida, porque hoje em dia nos Sarau os caras já se policiam pra não falar besteira, já estão assim olhar voltado nas suas próprias ações, eu acho que já é alguma coisa. Mas a própria ação deles têm que mudar, óbvio, não só refletir sobre uma ação errada mas não comete-las mais. Eu vou falar mais uma vez sem citar nome, num Sarau renomado, o MC do Sarau falou pra chamar uma “mina” porque os poemas estavam muito pesado. Eu fiquei assim: “Que pena que Luz Ribeiro não está aqui, porque eu também não tenho essa coisa do poema quebrado, mas cara, o que é isso que ele falou?. Corroborar a coisa de A poeta, menininha, a poeta sensível, que fala de amor, não que de amor a gente não possa falar, a gente pode falar sobre qualquer, mas de colocar o lugar da mulher dentro da escrita poética como aquele lugar da poetisa romântica, blá-blá-blá. Hoje em dia eu não tenho muita paciência, não tenho nenhuma na verdade, porque eu tenho plena consciência. Eu acho até um pouco chato até ter feito Letras, uma vez que você faz Letras, você nunca mais lê um texto ou outro literário, sem estar ali embasado no sendo da crítica, é tipo uma maldição que a Letras te dá na vida. É horrível isso, as vezes eu queria ler com olhar mais “nú” e eu tenho essa dificuldade, eu sei que isso também me embasa para o que eu faço, não que ele me guia, faz que eu prossiga, mas que tem essa consciência, eu sei quanto eu estudei para estar aqui, eu tenho toda consciência de que escrever é uma coisa que eu faço para a vida, quando eu falo geralmente eu costumo ter uma frásinha de efeito, que é “Palavra matéria pra lida e pra vida”, eu não tô mentido, eu trabalho com isso, eu vivo disso, eu vivo com isso, eu me alimento disso. É extremamente presente na minha vida a palavra, não é só matar uma tatuagem que eu quis fazer porque vai ficar bonitinho (risos). Enfim, que as pessoas entendam isso, e que as meninas que estão não estão só pra aparecer, mas pra gente ficar. assim como os cara elas também escrevem, e a gente não aceita ser só mais o público, ter só essa função do aplaudir alguma coisa que o homem fez.

(Isso enquanto o movimento também cresceu né? A presença das mulheres e até também da temática?) Eu acho que não só a presença, mas a coisa da gente se unir que é muito importante, da gente aparecer, porque vai contra aquele discurso de que mulher só sabe falar mal da outra, uma mulher está sempre contra a outra, e quando a gente demonstra que existe entre nós uma amizade que aparentemente pros homens é como se fosse super comum, um homem defende o outro,

quando a gente tem esse lance da a gente parecer que fica muito mais forte e parede que essa coisa unitária da mulher junta ela assusta alguns caras que têm uma intenção não muito bacana. Eu acho até melhor porque tem cara que fala assim: “Ah, não, essa mina aí é mô feminista. Já sabe que aqui você não passa (risos). E é muito legal também uma coisa que eu tenho percebido é como muitas meninas, principalmente as mais novas elas estão sendo modificadas, suas atitudes, estão com a mente muito mais abertas com relação as relações de gênero, e é uma coisa que eu na minha idade não tinha, então nem se discutia por conta desses movimentos feministas, eu acho isso fantástico, porque quando elas vierem a ser mulheres né, a ideia é essa.

SARAU DO MAP – MOVIMENTO ALIANÇA PELA PRAÇA - SÃO MIGUEL PAULISTA

MARIANA FELIX

(Qual é o seu nome completo?) Mariana Felix Santos.

(Quantos anos você têm?) 30 anos.

(Você nasceu em São Paulo?) Sim, eu sou Paulista, nascida e criada.

(Que Bairro você mora?) Eu moro em Ermelino Matarazzo.

(Você sempre morou lá?) Não, eu sou de uma família que já mudou muito, eu morava na Anália Franco, depois eu morei na Vila Prudente, depois em São Miguel e agora moro em Ermelino.

(Quanto tempo você mora em Ermelino?) Uns dois anos mais ou menos.

(Seus pais são de São Paulo também?) Minha mãe é da Paraíba e o meu pai que fá faleceu ele era do interior de Campinas.

(Sua mãe mora aqui faz tempo?) Minha mãe veio para São Paulo quando ela tinha uns 7 anos mais ou menos.

(Seu pai também?) Meu pai também veio pequeno.

(Qual é a escolaridade deles?) Minha mãe é pós-graduada em Psicopedagogia e meu pai quando ele faleceu ele só tinha o Ensino Médio.

(Você tem irmãos?) Tenho dois irmãos por parte de mãe. Quando eu era pequena ela casou com o meu padastro, que também eu o considero meu pai, ele que me criou, e os meus irmãos são filhos desse casamento da minha mãe.

(São mais novos?) Sim, os dois. O irmão do meio que é o Davi e minha irmã mais nova que é a Elizabete.

(Quantos anos eles têm?) O Davi tem 23/24 anos e a Elizabete tem 20 anos.

(Eles estudam? trabalham?) O Davi trabalha, eu não sei com o quê porque ele já casou e a vida dele está muito distante da minha. O Davi trabalha e ele faz Faculdade de Educação Física e a Elizabete só faz Faculdade e não trabalha.

(Ela faz qual curso?) Ela faz Pedagogia.

(Sua mãe é formada em Pedagogia?) Isso e fez Pós em psicopedagogia.

(E você é formada em qual curso?) Eu não me formei, comecei Letras e não terminei.

(Você tem o Ensino Médio?) Tenho.

(Você começou a fazer Letras onde?) Eu fiz na UNICSUL as duas vezes que eu comecei e não terminei eu fiz lá.

(Mas você já escrevia quando você começou a fazer Faculdade?) Já, eu escrevo desde muito nova, eu sempre gostei muito. Eu já sou funcionária pública. Eu fui fazer Faculdade não pelo interesse de me tornar uma Educadora dentro da escola, eu fui fazer mais pra ter mais conhecimento dentro da escrita mesmo, só que eu já escrevia e gostava muito de escrever, então eu já tinha uma base boa. A faculdade pelo menos as particulares elas têm uns alunos que eu não sei porque eles escolhem aqueles cursos, porque eles não manjam daquele curso que eles escolheram então eu tinha muita paciência. Eu acabei largando o curso duas vezes, falta na verdade somente dois semestres para terminar, mas eu não tenho interesse.

(Você não tem vontade de terminar?) Não tenho, nenhuma.

(Você não considerada que para ser escritora ter um diploma é importante?) Não, pra escrever não. Pessoas pra corrigir meus textos sempre vão existir e como eu pretendo seguir escrevendo e as boas ideias vai da vivência e vai de você amar fazer aquilo realmente, corretor pro meu texto sempre vai ter alguém formado em Letras pra corrigir. Isso tem, tem profissionais especializados nessa área (risos) só pra correção.

(Você trabalha concursada? É em Ermelino também?) Minha escola é em São Miguel, eu trabalho na Antônio Carlos, eu trabalho com as crianças de 1º até o 9º ano, crianças e adolescentes.

(É Municipal?) Sim.

(Sua lembrança na escola, como era a Leitura, você estudou em escola pública ou particular? Você tinha acesso à livro?) Eu estudei em escola particular até a 8ª Série e o Ensino Médio eu fiz na ETC na Vila Prudente. A escola particular dá bastante ferramentas pra gente. Hoje que eu trabalho numa escola pública eu percebo como fica defasado o aprendizado das crianças por conta disso. Na escola particular eu tive bastante incentivo, bastante acesso aos livros. Minha matéria favorita tanto aqui na escola particular a gente tem uma matéria só de Redação e sempre foi a minha matéria favorita e na grade curricular da qual eu trabalho hoje não tem essa matéria específica, só Redação, tem Português né, mas não tem Redação e eu tive essa oportunidade, então eu sempre gostei muito de escrever e ali eu descobri que era isso mesmo que eu gostava mesmo de fazer.

(Então você escrevia desde pequena?) Desde muito nova, sempre gostei muito.

(Você escrevia em caderno, você tinha intenção de publicar alguma coisa antes?) Tinha, na verdade antes eu escrevia crônica, que é o tipo de texto que eu mais gosto de ler, no entanto era o que eu mais gostava de escrever e eu escrevia as crônicas e eu tive a brilhante ideia de criar um site, porque eu imaginava que ia conseguir patrocinadores pra vender coisas no site, então ia ter espaço para propaganda e eu pensei: “As pessoas vão me ler, então vai chamar público pra isso acontecer, eu vou viver do meu site”. Mas na época ninguém me lia, então era bem absurda a minha ideia. Tipo mínima família me lia, meus amigos me lia porque os abrigava. Eu cheguei a fazer esse site, era um site de crônica. Chamava Crônicas da Minha Vida, e toda terça eu postava uma crônica, chamava Terça Crônica, esse site. E nos outros dias eu postava textos, também crônicas, mas de outros autores famosos e conhecidos, e na Terça Crônica era o dia que eu postava as minhas crônicas. Foi o começo que eu imaginei publicar alguma coisa.

(Quanto anos você tinha?) Eu não era tão nova, eu já tinha uns 23 anos mais ou menos quando eu tive a ideia do site. Antes disso eu escrevia mas guardava, deixava lá na minha casa. E eu sempre escrevi em qualquer coisa, sulfite, caderno, qualquer coisa que tivesse eu escrevia e guardava, juntava, guardada minhas redações, relia elas.

(E o site como é que você colocou no ar? Você teve que pagar como foi?) Tem uns sites que são gratuitos, você cria o padrão, é muito difícil mexer nas ferramentas de uma site. E pra mim que não manjo mesmo, não é minha praia mesmo, eu criei um bem simples, com as ferramentas mais simples que tinha, ele era gratuito. Só que eu não tinha o domínio. Então não existia o www.cronicasdaminhavida.com.br, você entrava no domínio do site e lá tinha as opções de pessoas que tinham sites dentro daquele e aí clicava lá no Crônicas da Minha Vida, então não precisava pagar porque eu não tinha domínio.

(Como foi a transição para depois pra começar a escrever?) Passei mais de um ano e meio quase escrevendo nesse site e um amigo meu falou: “Mari tem o Sarau Escola”. E eu já tinha tido contato com o Sarau um única vez, só tinha ido em um único Sarau na minha vida, também no dia que eu fui eu não me interessei, não entendi muito bem o que estava acontecendo, então eu não me interessei. Depois disso ele me chamou: “Vamos no Sarau”, e eu fui. Quando eu fui no Sarau o Rafael Carnevalli, o Rafa do MAP perguntou pra mim: “Você escreve?”. Escrevo, mas eu escrevo crônica, e ele falou: “Vem com a sua crônica no Sarau”. Será?. Eu acho que crônica não funciona. Ele falou: “Você nunca escreveu poesia”. E na época eu já tinha escrito duas, duas únicas poesias na vida inteira, porque eu nunca gostei muito de poesia. “Então vem com uma dessas que você escreveu ao invés de vir com a crônica”. Eu levei uma dessas poesias que eu tinha escrito, li no Sarau que ele organizava com o MAP já, que o MAP já existia, e quando eu li a poesia, foi a primeira vez que eu li algo meu para as pessoas, porque no site as pessoas liam sozinhas, o que eu publicava e foi a primeira vez que foi um texto meu e eu li para as pessoas. Nossa, rolou um silêncio, todo mundo bateu palma, e eu pensei: “Nossa que impressionante”. E eu fiquei lá assisti o Sarau inteiro ouvi essas pessoas baterem palmas, prestei atenção nelas, eu pensei: “Nossa que troca diferente”, as pessoas lerem na casa delas e depois desse dia eu fui todos os outros dias até hoje. E comecei a escrever poesia.

(Depois disso veio a ideia de lançar o livro?) Quando eu comecei a escrever poesia só me interessei porque é a Poesia Marginal Periférica, ela não era aquela poesia que eu tinha aprendido na escola, tão distante, com tantas figuras de linguagem, com tanto lirismo, com tantas regras pra ela existir, eu não gostava exatamente por conta disso, a crônica ela é um texto em prosa a leitura é mais simples, e eu gosto muito de Português porque eu gosto muito da pontuação do texto e a poesia ela me proporcionava isso que ela era cheia de outras regras as quais eu não gostava de cumprir. A poesia marginal periférica já era diferente, ela é meio orgânica, você cria as suas próprias regras, talvez a única obrigação que nós tenhamos e a gente ainda siga são as das rimas, mas tirando isso cada um monta o seu próprio corpo físico da poesia. Quando eu comecei a escrever poesia eu não pensei em publicá-las, não pensei num livro, não pensei nada. A ideia do livro mesmo surgiu da metade do ano

passado pra cá, eu pensei, que talvez fosse bom, porque eu rodo muito em São Paulo, eu vou em muito Sarau, em muito Slam, em todo lugar de São Paulo e quando eu ia as pessoas me perguntavam : “Ah, mas você não tem alguma coisa pra eu levar , pra eu ler”. E eu não tinha nada pra entregar para as pessoas e falava: “No facebook, me segue no face”. Eu comecei a sentir essa necessidade de ter alguma coisa pra mostrar que eu fiz e para as pessoa levarem para casa, eu gosto tanto de livros e pensei: “Porque ainda não fiz um”, inclusive, foi aí que surgiu a ideia do livro.

(Não era um sonho?) Não, não era um sonho, até porque eu coloquei crônica no meu livro que eu nunca imaginei que eu ia ter um livro de poesia por exemplo, ela muito recente na minha vida.

(Dentro do movimento não é necessário por exemplo se se afirmar como escritor hoje pelo livro? Existem outras formas, no próprio Sarau?) É que eu não gosto muito de nomes e status, eu acho que eu já era escritora, sempre fui. Só porque eu ainda não tinha um livro não publicado não significava nada, eu escrevia e sempre escrevi muito e existia lugares onde eram publicados não oficialmente no livro, agora está registrado na biblioteca nacional, mas no facebook já é um meio tão democrático de publicação. As pessoas no Sarau me viam falando, eu já existia como escritora. O livro foi um jeito das pessoas me levarem pra casa, mas eu não sou mais escritora agora que eu tenho um livro pra mim, eu não acho que eu seja “mais” agora.

(E com o Sarau, você acha que isso ajudou a você se reconhecer mesmo como escritora, porque antes você sempre escreveu, mas antes era uma coisa mais amadora? Você se considera mais profissional pelo Sarau?) Não sei, porque desde que eu tive o site eu já me considero escritora, eu já pensava: “Nossa, eu super escrevo crônicas”. Eu não sei explicar, porque na minha mente funcional de forma muito diversa, eu acho que eu sou escritora desde a primeira que eu escrevi uma redação valendo nota, e eu me importei com ela, com o resultado da nota, eu acha que ali eu já era escritora. Eu tenho elas guardadas, então ali eu já era uma escritora. As vezes alguém que é uma cabeleireira, ela não necessariamente precisa ter uma salão pra ser uma cabeleireira, as vezes na infância arrumando o cabelo das coleguinhas ela já é. Ela já é “aquilo”. Depois a gente só melhora, desenvolve, aprende e continua fazendo aquilo da melhor forma possível, sempre aprendendo, mas “aquilo” é o que a gente já é.

(Como você vê, você já está frequentando há um tempo o movimento do Sarau, como tem crescido? Como você avalia?) Eu acho o espaço maravilhoso e democrático. Pra mim o Sarau e o Slam são o facebook da vida real, pra gente que escreve. Pra mim o Sarau e o Slam é quase uma religião, é a região a qual pratico, porque nós somos todos DEUSES de nós mesmos. É como se fosse uma Igreja, só que é o momento em que todos nós podemos falar uma verdade que é nossa naquele momento. E existe o respeito do silêncio, existe o respeito da atenção que se presta quando a pessoa está falando o texto dela, e são ideias fortes, ideias sociais, são ideias de mudança de vida. Eu mudei muito quando eu comecei a frequentar o Slam e o Sarau. Escritora eu já era, mas eu não era a pessoa que eu sou hoje e o Sarau e o Slam me proporcionou várias desconstruções e reconstruções. Várias coisas que eu acreditei uma vida inteira eu derrubei tudo e comecei a construir tudo de novo ouvindo experiências de outras pessoas, aprendendo com outras pessoas. O Slam e o Sarau é um espaço que o escritor tem a influência sobre essas pessoas e ele pode ser influenciado, é o momento que todos nós somos “deuses”. É um lugar que eu vou toda semana, eu não consigo ficar sem ouvir poesia. Eu viciiei tanto que eu não consigo passar 2/3 dias sem ouvir poesia, então, estou sempre há cada 2/3 em algum Sarau ou em algum Slam em São Paulo porque, quando você destrói tudo que você acreditou desde pequeno, você cria uma nova “firma” abre uma nova “firma” você precisa de um doutrinamento naquilo também, pois é um elo muito frágil perto daquilo tudo que você aprendeu desde que você nasceu é um elo frágil, então, quanto mais tempo eu passo em espaços assim, mais eu fico convicta de que é aquilo mesmo, então eu fico me doutrinando dentro daquilo.

(Como você trabalha por exemplo pra se apresentar? Como é a sua rotina por exemplo para decorar uma poesia? O processo de compor e depois se apresentar?) Eu escrevo todos os dias, algumas eu sei que podem dar uma coisa boa e outras eu sei que são só pra mim mesma. Quando eu acho que ela é boa, que ela está dentro de um formato Slam por exemplo, poesia de até 3 minutos. Os temas eu preciso os sociais, porque é uma oportunidade de fala que a gente não tem em todos os espaços, então eu procuro uns temas mais votados para isso. Quando eu escrevo a poesia e vejo que ela é boa, pra decorar hoje em dia eu demoro bem pouquinho pra decorar uma poesia, talvez um/dois no máximo eu gravo ela e fico ouvindo várias vezes. Até quando eu estou escrevendo eu já vou decorando ela um pouco, mas é porque eu tenho prática de decorar muito fácil. No começo eu demorava até um mês e agora eu demoro um dia. Eu já fiz teatro uma época da minha vida também, então depois que eu decoro eu penso: “O que eu posso agregar pra essa poesia”. Porque têm pessoas que são auditivas, outras visuais, têm palavras que talvez nem todo mundo entende o que eu tô dizendo mas se você gesticula junto, se você passa uma informação orgânica física pra aquela

peessoa ela vai te acompanhar melhor. Então além da falta, o tom de voz, as entonações em cada pontuação certinho eu tento colocar no corpo alguma coisa que faça ficar mais fácil a pessoa também ser capturada naquele momento.

(Hoje você considerada importante competir no slam, você está bem focada nisso, você acha que pra você tem mais valor nesse momento ou Sarau?) Eu gosto do Sarau, é que o Sarau ele tem muitas poesias sobre o eu, e é bom também poesia sobre o eu, mas eu tenho uma militância muito forte nas coisas que eu acredito, sou muito feminista nas minhas escritas e por exemplo hoje eu uso cabelo enrolado porque eu fui no Sarau e eu vi sobre isso. E quando eu fui pro Slam eu percebi que as “minas” falam essa mesma coisa do Sarau só que numa proporção maior, quando elas falam elas falam muito disso e no Sarau eu alternava com essa informação que as vezes pode ter sido **sorte** com outras várias informações sobre a folha, o vento. Então eu vi que essa era mais forte, teve uma diferenciação muito maior na minha vida, então eu percebi que os Slam é mais divertido por conta disso e a parte da diversão que eu falo é que eu sempre fui uma pessoa muito competitiva, eu sempre gostei de futebol, sou Palmeirense, sempre gostei muito de ir aos jogos torcer e o Slam foi uma substituição de um esporte por outro, como eu sempre gostei da escrita eu pensei: “Nossa existe um lugar que a gente compete escrevendo”. Parece o mundo dos “ners” mas é legal (risos), eu gostei disso, eu jogava futebol, inclusive eu joguei 2 anos, eu pensei: “Agora eu pratico um esporte e mais aproximado ainda do que eu já gostava”. Eu gosto muito do Slam por conta da batalha mesmo. Levo tudo numa boa se ganhar ou perder, mas adoro competir mesmo, acho muito firmeza.

(Nas atividades de futebol, teatro que você comentou, você fazia na adolescência na escola ou era depois de adulto?) Tanto o teatro quanto o futebol eu já fiz na fase adulta, o futebol eu joguei dos 20/22 anos mais ou menos e o teatro eu fiz na adolescência, eu tinha uns 16/17 anos, eu fiz uns 3 anos de teatro.

(Fora isso você já fazia alguma coisa artística?) Não.

(Sobre o processo do livro como foi a produção, você publicou de forma independente, você fez a campanha?) O livro foi difícil (risos), uma novela na minha vida. O livro eu fiz um rateio, do valor total do livro e o rateio eu consegui menos de 1/3 com as pessoas que colaboraram, o restante do dinheiro eu coloquei do meu do bolso, eu paguei parcelado e foi muito difícil tudo. A parte do dinheiro talvez seja a menos difícil, fazer um livro, alguém que nunca fez um livro, você não manja nada, então você manda do tipo de folha, diagramação de livro, estrutura de arte gráfica, você não sabe tamanho, formato. A Carol Peixoto da editora, poeta, ela me questionava muito e eu não sabia do que ela estava falando, então eu tinha zero de experiência, é muito difícil, quando você não tem noção e ter que fazer escolhas, e eu fiz. O livro eu chamei pessoas pra me ajudar, meus amigos que fizeram as ilustrações, eu dependi de outras pessoas que não cumprem um prazo está na sua mente. Teve a capa que não era o que eu queria, e depois se tornou, enfim, foi um processo de um ano, desde o dia que eu decidi fazer o livro e comecei a trabalhar pra ele até ele estar pronto demorou 1 ano. E foi um processo muito cansativo, muito difícil, muito estressante, que esgota, de forma independente, sozinha, te esgota de todas as formas, emocional, psicológica, física, porque ao mesmo tempo que eu vivia o livro eu vivia todo o resto de todas as atividades que fazia já, nossa muito difícil.

(Quantos exemplares foram?) Foram 300 exemplares.

(Você vendendo você está tentando custear este investimento?) Eu preciso primeiro recuperar o dinheiro que eu investi que ainda não recuperei, porque ainda não vendi todos os livros, mas estou tentando recuperar esse valor. Quando eu recuperar esse valor, eu vou conseguir eu tô confiante, uma parte dele que gera devolução vai ser meu e a nova parte eu invisto novamente pra fazer mais e a partir do segundo vai ter um livro verdadeiro, realmente.

(Você tem interesse em buscar editora pra sair justamente dessa questão da dificuldade do independente ou você prefere se manter assim, pra outros livros que você está pensando em publicar?) Não sei, só de pensar em livro me dá até um negócio. Eu tô com duas amigas minhas uma é designer e a outra é economista a gente preencheu um projeto juntas que se chama PROSA POÉTICA pro VAI. E nós conseguimos o VAI, e o prosa é uma ideia minha, um projeto meu que eu tive na cabeça de bastidores de Sarau, Slam e os bastidores do próprio poeta mostrar outros tipos de atividade que o poeta faz. E elas estão bem dedicadas e elas estão me ajudando nas coisas, tanto é que a nova reimpressão do livro são elas que vão assinar, que eu já tinha que eu fiz com um amigo meu de Poços de caldas até eu até continuaria fazendo que ele mas Poços é longe, então elas que vão assinar agora também a reimpressão. Pode ser que eu fique com elas e lance sem selo, porque eu lancei com selo. A editora do Peixoto dos Poetas é independente, uma editora conecta, porém ainda assim eu terceirizo meu que o trabalho, elas não trabalhariam nós três juntas mesmo. É a ideia que eu tenho para o próximo livro. Não sei ainda se vai dar certo, é uma pré-ideia, mas eu não tenho interesse em procurar editora porque a negociação com editora é muito injusta. As editoras que eu

procurei quando eu pensei em fazer um livro sem ser independente a princípio, a editora ela quer 70 % da obra, e 30 % de uma obra que é minha que fui eu que escrevi eu acho injusto. Por isso que eu não quis editora mesmo já conhecida e que facilita o nosso trabalho a princípio, porque eles querem uma parte muito grande.

(Você acha que tem mais dificuldade também por ser do movimento da Literatura Periférica para ter acesso a editora? Como você vê?) Não sei, há não ser que seja uma Editora Abril que convide alguém, talvez eu não tenha nem acesso exatamente por fazer Poesia Marginal Periférica, mas as editoras em geral, as menores mas que são editoras já razoavelmente consideradas grandes, você paga também. O escritor paga independente do tipo de conteúdo que você vai publicar, elas fazem o serviço, mas você paga e perde uma parte da obra então não compensa, se é pra pagar eu mesma faço a minha e fico com 100 % da minha obra.

(E a ideia é continuar vendendo nos próprios Saraus?) O povo da minha escola mesmo fala muito pra mim que eu deveria vender em outros tipos de ambiente e lugares. Na verdade eu não vendo livros, o livro existe e as pessoas me procuram pedindo livro, eu acho porque eu já “trampei” muito também, eu já falei muito em muito lugar, as pessoas já me ouviram muitas vezes. Pra mim o vender o livro não é um trampo, eu não abordo as pessoas e vendo livro, eu não falo com alguém que eu nunca vi “Olha eu escrevi um livro blá-blá-blá”, eu estou com livro e as pessoas que já me ouviram no Sarau e no Slam me procuram e pedem o livro. Eu não tenho pretensão de sair vendendo ele porque eu não quero sei lá, eu já tenho um trabalho, eu faço isso porque eu gosto sabe, eu não quero que em nenhum momento ele se torne uma obrigação, eu não quero ter que pensar: “Eu tenho que vender livro”. Eu quero que seja natural, quero que a pessoa me procure porque ela quer levar um registro daquilo pra casa.

(Você falou da questão do trabalho, você também não visualiza viver de vender livro, viver da Literatura?) Visualizo, mas desse jeito, se for desse jeito. Eu penso muito ultimamente por sinal em exonerar e viver de arte, só que não necessariamente em vender minha arte, porque eu não quero que ela se torne uma obrigação. Por exemplo eu penso em exonerar e trabalhar no meio artístico, dentro do universo Sarau e Slam com produção por exemplo, tanto de organização de Sarau, ou de uma organização de um Slam ou as vezes Feira do Livro, juntar livros de outras pessoas, mas não algo que eu tenha que pensar: “Porra eu tenho que fazer outro livro, porque agora eu tenho que pagar minha conta de água e luz com esse livro”. Eu não quero começar a produzir por obrigação, necessidade, eu vou perder o que é a raiz de eu estar escrevendo aquilo mesmo. Dá pra trabalhar com produção artística e não necessariamente vender a minha arte, talvez ajudando a arte dos outros a crescer, é um meio que existe, dá pra viver de arte dessa forma.

(Você acha possível?) Acho.

(Qual é a sua inspiração? As temáticas mesmo que você usa nas sua Literatura, eu queria que você comentasse um pouco do que você mais gosta de escrever, o que te inspira mais?) Meu livro tem três capítulos, tem o de Crônicas, que eu gosto muito de crônicas, gosto muito de ler textos sobre o cotidiano, a cidade ela me inspira muito e a crônica tem muito dessa característica, alguma coisa muito simples que acontece ninguém observa, eu sempre observo e escrevo sobre aquilo, é uma coisa cotidiana engraçada, a crônica tem muito da ironia. A cidade é uma inspiração muito forte para as minhas crônicas. As poesias do livro a Vida em Verso que é a primeira parte do livro são as poesias de Slam. Lá eu tenho muito um cunho de tema social e um tema de mulher na sociedade, meus textos de poesias são muito em primeira pessoa, muita realidade minha. Como eu me comporto sendo mulher nessa sociedade, como as coisas estão sobre o meu ângulo de visão. Eu sempre fui muito decidida com as minhas coisas, nos meus relacionamentos pessoais eu sempre achei que as pessoas não tinham o direito de me tratar de qualquer forma. As meninas me perguntam: “Nossa Mari como é que você é tão empoderada. Não sei posso chutar talvez que foi uma boa educação que tanto meu pai e minha mãe juntos me deram, pode ter sido isso, pode ter sido sorte, mas sempre fui meio assim da “pá virada”. Sempre decidida, eu nunca aceitei menos do que eu achei que merecesse. Minha inspiração vem desde quando eu era mais nova, e hoje uma mulher adulta, 30 anos, talvez eu consigo me expressar melhor, porque eu tenho vivência, bagagem experiência dos anos de vida mesmo. E o terceiro capítulo é o Mais um de número zero que eu escrevi pra você que são poesias de amor, inclusive eu escrevi pra uma única pessoa, juntei textos que eu escrevi durante um ano, os um de número zero foram são 50 versos sobre a mesma pessoa. Lá eu descrevo nosso relacionamento entre a montanha russa que foi me relacionar. Eu me inspiro muito no amor, sou uma pessoa muito apaixonada, me apaixono muito, há cada esquina, não o que acontece qual é o “meu problema”, e eu gosto de escrever poesia de amor. Quando eu comecei a ir no Sarau meio que os meninos falavam: “Poesia de amor é ruim” e eu não via ninguém fazendo e foi quando eu comecei a escrever os Inúmeros Versos e eu falava, no sarau do MAP eu falava o tempo inteiro do inúmeros

versos. E os meninos mesmo falavam pra mim: “Nossa você escreve de amor de outra forma e eu falava é a mesma forma. A poesia marginal periférica ela já tem também o seu formato, se você pega o amor e escreve com essa linguagem também está afastado daquela poesia romântica dos livros. Não precisa a gente escrever sobre amor daquela forma, então eu conversava muito com ele sobre isso e eu tenho vários homens que acompanham os Inúmeros Versos é “mô” engraçado, legal, eles se tornaram leitores assíduos dos Inúmeros Versos. Minha inspiração vem das minhas próprias vivências, do meu olhar sobre o amor, sobre eu mulher na sociedade, sobre as coisas cotidianas que eu observo dos outros.

(Quais são os autores que você gosta de ler pessoalmente e que também a inspire a escrever?) O Deus da minha vida é o Machado de Assis, eu amo ele, eu faço coleção de Dom Casmurro, só pela arte da capa diferente e o tipo de linguagem também, tem algumas versões que eu tenho adaptadas, eu adoro muito do Machado, eu adoro conto. Adoro a Clarice Lispector também, os dois eram ótimos contistas. Tem vários, eu leio muito, eu gosto muito de ler, eu posso citar muitos. Vou citar os dois pra não se injusta, mas esses dois são os meus favoritos. Tanto o Machado em romance que é o tipo de livro não romance do romantismo, romance tipo de livro em prosa mesmo longo, acho que ele é muito monstruoso nisso O alienista, Memórias Póstumas, Helena é mais ou mesmo, eu não gosto de ler. Eu gosto da Clarice, eu acho a Clarice sensacional tanto nos contos são maravilhosos, eu lia muito a Clarice na faculdade e dessa parte eu gostava. A faculdade ela é um convite à ótimas leituras, algumas leituras obrigatórias eu já tinha lido inclusive, mas eu tive contato com livros essenciais pra vida, tipo Jorge Amado, Capitão de Areia que eu nunca tinha lido antes, e eu acho que é uma necessidade de leitura pra vida. A Clarice e o Machado são os meus favoritos, gosto muito dos dois, leio sempre eles, é uma leitura contínua.

(Você comentou da questão da leitura ser importante na escola, na base. Como você vê assim da leitura periférica começou a entrar nas escolas, não sei você já tem feito de alguma forma na sua escola? Se você desenvolve algum trabalho?) Eu acho importantíssimo, porém acho que eles não têm que ler só a gente. Tem que ter uma leitura centralizada, como eu falo muito pra galera no Slam e no Sarau a gente não pode só se ler, estamos todos nós com livros, é importante a soma, mas a gente tem que ler de tudo. Inclusive na escola eles não podem também só ler aquela poesia que estava tão afastada dele. Tem que ler a gente também. Os professores mais abertos eles levam muitos os livros, eles convidam a gente pra fazer Sarau e Slam nas escolas é muito legal. Eu acho que nós somos uma “maçaneta” de uma porta de entrada. Uma vez que a criança ou adolescente vê alguém com uma linguagem mais aproximada da dele, publicando um livro fazendo poesia é um convite pra depois da gente, um inicial, ler um Machado de Assis, nem um Machado, ele não é tão difícil de ler, ele é simples na verdade, ler um dia, um Saramago. Precisa de um começo não dá pra você tipo só entrar um Saramago pra um adolescente.

RAFAEL CARNEVALLI

(Qual é o seu nome completo?) Me chamo Rafael da Silva Carnevalli.

(Quantos anos você têm?) Tenho 26 anos.

(Há quanto tempo você está na organização do Sarau?) Nós começamos a organizar o movimento Aliança da Praça há 3 anos e 3 meses e antes do Movimento Aliança da Praça nós já organizávamos o movimento Hospício Cultural, realizamos em três oportunidades antes de dar início a atividade na praça.

(O que era o Hospício Cultural?) Na realidade antes de ter o Hospício Cultural era só Hospício, era uma república que a gente montou na “quebrada” pra compartilhar, fazer festa, se divertir mesmo e depois de 2 anos de atividade de festa, a gente estava um pouco cansado de só zoar e pensou em começar a se reunir se envolver artisticamente e se expandir culturalmente, conhecer as culturas que nos rondam e que a gente vivencia e se perceber um pouco neste ambiente.

(Onde acontecia a República, era em Ermelino?) Em São Miguel Paulista mesmo onde a gente reside, na realidade é na minha rua, na minha viela onde eu moro lá na “quebrada” e a gente reunia e começou a ficar famosa. Fizemos uma página com umas 10 mil curtidas, vinha gente de todos os lugares de São Paulo para as festas, ficaram bem famosas as festas, mas a gente sentiu essa carência de trabalhar um pouco a arte e a cultura e desenvolver um pouco a mente que as festas não faz isso, geralmente.

(Você mora em São Miguel?) Moro.

(Então o Sarau surgiu depois? Você já frequentava outros Saraus?) Eu tomei conhecimento da possibilidade de realizar um Sarau por conta de um amigo que me levou em um Sarau no Centro. Muito das coisas acontecem dessa forma, porque na periferia a gente fica sabendo por último da

coisas, então primeiro surge lá no Centro as movimentações e depois de bastante tempo vai chegando as novidades na periferia e com o Sarau foi assim. Já existiam Saraus, não vou cometer essa falha de falar que não tinha mas, a gente não conhecia. Eu vim conhecer lá no Centro, no Anhangabaroos que o meu amigo me levou e depois que eu conheci aquilo tudo e participei eu falei: “Meu tem que aqui onde a gente mora também”, aí eu passei a ideia pra galera e já tinha um amigo meu que já estava dentro do meio cultural que eu e muitos de nós nem fazíamos ideia de como começar. Meu amigo me passou umas dicas e firmou força na luta com a gente e a gente lançamos e deu tudo certo.

(Quantas pessoas hoje organizam o Sarau do MAP?) O Sarau do MAP ele tem uma organização meio orgânica que todo mundo que a gente marca horário nesses três anos já tem gente lá pra ajudar levantar as coisas, pra montar o som mas, a organização em si mesmo são seis pessoas que estão ali na linha de frente. Raramente incita isso, mais quando é questionado mesmo, porque todo mundo faz parte, se não fosse o público, as pessoas que “colam” não existiria o Sarau mesmo.

(Vocês já tiveram um incentivo, algum apoio ou edital?) A gente expandiu bastante nessas atividades, temos o Movimento Aliança da Praça e dentro do Movimento Aliança da Praça diversas atividades, trabalhamos com batalha de poesias também, que são os Slams, organizamos o Slam do Corre que é uma batalha de poesia de 10 segundos e o Slam função que é uma batalha de poesia de 3 minutos, O Slam função na praça do Vila Mara e o Slam do Corre onde eu moro lá na rua e Sarau da Praça na Praça do Forró. Tem mais uma atividade que a gente realizada também são quatro mensais fixas, fora as ocupações em escolas e outros locais subutilizados, que é a Banca da Poesia, que a gente readaptou uma banca de jornal pra disseminar também e distribuir arte cultura pros moradores da região. Nós conseguimos com a Banca da Poesia agora o VAI, mas havia três anos que a gente enviava e não conseguia subsídio nenhum. A maior parte do tempo que a gente desenvolve foi tudo por a gente mesmo, muitas vezes tirando dinheiro do próprio bolso pra comprar alguns petiscos e água para os eventos, pra galera, a gente acha justo. A gente fala de poesia então a gente tem que imprimir as poesias e é uma coisa que a gente se dispôs a fazer e enquanto a gente tiver dinheiro e não tiver subsídio a gente vai continuar realizando.

(Você tem algum outro trabalho, você faz outra função?) Não tenho nenhum outro trabalho fixo, o trabalho que eu tenho é um autônomo que é saindo por aí vendendo meu livro, vendo no trem, vendo nos Saraus, nos eventos onde eu sou convidado, onde eu não sou convidado também eu saio vendendo. Graças a Deus todo esforço nosso, da luta da “quebrada” eu tenho conseguido me manter com essas atividades e faço uns bicos por aí também no sentido de algumas oficinas em Ong, Sorte Educador, além de escritor e eu estou me formando em Letras agora, quem sabe dar aula e tal pra complementara renda.

(Antes de você começar essas atividades você trabalha em algum outro local?) Antes de me jogar de cabeça na Cena Cultural, eu trabalhava numa empresa, eu era consultor técnico de veículos, tipo nunca gostei nem de carro e trabalha com isso e depois de um tempo eu me cansei, me enchi sabe. Eu consultei muitas pessoas que hoje em dia são formadas em faculdade e não ganham o que eu ganhava na época, só que eu não era nada feliz, e quem já passou por essa situação sabe que não importa o dinheiro que você ganhe, se você não é feliz não tem como você viver bem.

(Você acha que é possível viver da arte e das atividades que vocês estão desenvolvendo?) Eu acho que é mais possível ainda, nós acho que é possível como acho que é mais possível quando nós mesmo acreditamos no que a gente está fazendo, porque as pessoas sentem, a gente lidar muito com energias, e com todas essas emanções astrais e universais também, do nosso ser, somos criados de “pó” estrelar. A gente compartilha muito dessas energias, se você está levando uma arte sincera, uma coisa que vem de coração e com luta vai vingar. Quando eu falo assim não é ser rico, talvez seja de outras pessoas, mas nem é meu objetivo, mas pode viver bem, não só sobreviver, tipo não passar vontade de viajar, curtir um pouco com seus amigos, não passar necessidade com as contas e poder ajudar a família também. No momento com 26 anos é isso que eu penso mas, pra frente talvez eu queira ter um lar, uma casa, uma família ou não (risos). A gente vai correndo atrás. O momento que eu acho mais difícil é o primeiro passo, a gente se permitir, vivenciar algo que está fora do padrão da sociedade que é crescer, estudar, trabalhar, ter uma família, um bebe, cachorro, gato, acho que todos os pensamento que vão contra essa coisa que já está enraizada na nossa sociedade é mais difícil das pessoas se sentirem confiantes e a vontade pra se jogar mas, se é do “ser”, se ele nasceu pra seguir um caminho diferente, uma hora ele vai quebrar essa corrente.

(Em qual Faculdade você está fazendo Letras?) Eu estudo numa faculdade particular Unicsul, em São Miguel mesmo, até pela distância, de não ser muito longe, pra mim é muito bom, porque eu tô num período que a gente está com muita atividades e com muita responsabilidade do que a gente

está fazendo, fora os contratempos e facilita pra mim estudar aqui perto e eu vou me formar esse ano, então eu vou ter mais tempo pra me dedicar.

(Você estuda em qual período?) Pela manhã. Eu cheguei a estudar a noite mas eu não dou muito bem pra noite, prefiro acordar cedo mesmo no frio e estudar do que chegar cansado e estudar à noite, eu acaba dormindo na aula.

(O curso é de 3 anos?) É licenciatura, 3 anos.

(Você já está fazendo estágio?) Encerei o primeiro estágio que é do Fundamental e no semestre que vem que é o último semestre eu faço estágio no Ensino Médio, projeto de Intervenção na Escola, mas está sendo uma experiência muito rica pra mim. Eu que entrei no curso sem intuito de dar aula, hoje em dia eu tenho muita vontade de dar aula. Faço estágio e a professora que eu faço estágio eu já a conhecia, porque já tinha feito alguns eventos na escola, já conhecia direção e a coordenação, então eles dão uma autonomia bem legal pra eu trabalhar na escola. Faço Sarau e vou começar uma oficina pelo Mais Educação. A professora por várias vezes não podia ir na aula e falou: “Vai lá, dá aula lá”. Eu já tive essa experiência de regência, de estar sozinho com os alunos e não achar que eles vão me devorar. Acho que estou me saindo bem.

(Você leva para escola algumas dessas atividades do Sarau, da poesia mesmo de vocês para os seis alunos?) Um dos nossos objetivos que a gente firmou do nosso propósito desse ano é continuar, dar continuidade nesse trabalho de levar o Sarau nas escolas e conscientizar que eles podem dar continuidade ao trabalho mesmo que a gente não esteja mais presente depois, os alunos e a coordenação, que cada escola possa ter as suas atividades culturais. A gente fala isso, porque muitas não tem, e é uma realidade. Muitas escolas não tem nada voltado para parte cultural, e algumas escolas tem até vontade, os alunos e alguns professores, mas a direção já não dá essa abertura. Tem locais que a direção quer fazer, dá abertura mas não tem quem chegue na “resposta”. A gente vive muitos problemas aqui, que eu acho que os próprios movimentos culturais da “quebrada” em contato com as instituições e com outros locais podem ajudar muito.

(Na sua época na escola você tinha atividade desse tipo?) Uma das maiores vontades que eu tenho de fazer acontecer agora junto com a galera são essas ações. Comparando com a época da minha escola que eu não tinha nada, nunca tive nada. Tinha uma vez ou outra uma peça de teatro por exemplo encenando Romeu e Julieta, umas paradas que não dialogam muito com a realidade atual, as vezes você pega um moleque de “quebrada”, ele não quer saber mano de William Shakespeare se na casa dele não tem as vezes o que comer. Talvez uma peça trabalha nessa temática mais próxima dele, talvez cative ele pra que ele um dia ele possa curtir William Shakespeare.

(Você estudou aqui na região?) Sim sempre estudei na região, na Escola Estadual Dom Pedro e estudei alguns anos do 1º grau na escola particular. Minha mãe sempre teve banca de jornal com meu pai, e na época era muito sucesso banca jornal, ninguém sai de casa sem comprar o pão e o jornal e hoje em dia não, as coisas são muito mais tecnológicas, e tudo mais, então minha mãe não toca bem mais o negócio da banda e na época mesmo do 1º grau ela acabou não podendo mais pagar escola pra mim, aí eu conheci a realidade do Ensino Estadual, mas a maior parte da minha vida eu estudei no Dom Pedro e um ano só que foi o que eu terminei também Escola Estadual Barão de Ramalho na Penha, mas tudo na mesma realidade de ensino que a gente tem hoje infelizmente.

(Seu pai e sua mãe trabalham juntos na banca?) Era tão rentável naquela época que os dois poderiam se dar ao luxo de trabalharem juntos. Só que foi uma queda brusca. A mesma coisa da banda de jornal foi com as locadoras, tipo não sei mais onde tem locadora aqui perto, a maioria faliu, muita gente ficou desesperada porque só sabia trabalhar com aquilo. O mundo vai sempre mudando, girando e é bom gente estar sempre preparado.

(Essa banca que é agora é a Banca da Poesia?) Isso, que a gente readaptou.

(Você tinha então o hábito de leitura em casa por causa da banca?) Sim, eu devo muito aos meus pais esse gosto que eu tenho por criação, a fantasia mesmo, a leitura. Eu cresci lendo muito gibi da Mônica, outras revista infantis. Eu não gostava muito de ler livros mesmo. Tinha prova do livro na escola eu ficava chorando pra minha mãe ler pra mim... “Lê pra mim”. Eu gostava de ouvir a história mas não gostava de ler. Um dia eu fiquei de castigo na escola, eu aprontava demais. Uma das coisas bem legais é que eu tinha muita energia e não sabia como utilizar ela e acabava utilizando de maneira meio desagradáveis na escola. Mexia com os outros, infernizava a vida dos outros, terminava lição e não deixava ninguém mais fazer a lição e por uma dessas a diretora se irritou e me deixou uma semana sem ir pro intervalo e falou você vai ler esse livro e você vai responder uma provinha depois. Eu acabei lendo e gostando do livro e depois comecei a ler várias coisas. Como eu falei, o primeiro passo, quando a gente se permite dar o primeiro passo pro que quer seja na vida a gente sabe se gosta ou não. Muitas vezes a gente opina sem nem saber. Eu costumo perguntar pros

alunos na escola se eles gostam de poesia antes de começar a trabalhar com a poesia. A maioria diz que não e termina a maioria dizendo que gosta, é bem interessante isso (risos).

(Seus pais são daqui de São Paulo?) Meu pai ele nasceu na Itália, mas ele veio muito novo refugiado pra São Paulo, ele é falecido hoje e minha mãe é de origem Nordestina, mas sempre viveram aqui em São Paulo.

(Sempre na Zona leste?) Sempre na Zona Leste.

(Você tem irmãos?) Tenho uma irmã por parte de mãe e alguns irmãos por parte de pai. Mas contato mesmo com a minha irmã mesmo que é a pessoa que cresceu comigo, hoje em dia ela é casada, se mudou, mas a gente continua tendo contato.

(Você mora com a sua mãe?) Isso.

(Sua mãe, seu pai e sua irmã estudaram?) Minha mãe não tem o 1º grau completo e creio que o meu pai também não completou, sempre eles foram autônomos mesmo (comerciante). Minha irmã é formada em Advocacia, foi a maior luta, minha irmã mulher negra e periférica sempre lutou contra as estatísticas. Ela trancou duas vezes a faculdade, até entrou em depressão porque ela queria muito terminar e acontecia mesmo das pessoas olharem pra ela e falar: “De onde você veio, você não vai se formar” em direito. Na época de prova da OAB ela entrou em depressão, ela se trancou no quarto. Ela não respondia a minha, a gente não sabia se ela estava bem ou não, mas ela estava estudando. Ela trabalha nessa época em escritório mesmo sem ser formada e a feche dela ia prestar OAB também e humilhava ela muito. E as duas prestaram OAB e minha irmã passou e ela não (risos).

(Ela mora aqui na região também?) Agora ela mudou, ela morava com a gente, depois ela mudou pra Itaquera, agora como ela trabalha em Moema, o patrão dela ajuda ela a pagar uma casa lá pra ela e o marido ficar mais próximo ao trabalho, porque ela acabou se tornando uma referência muito grande do escritório. A família do patrão dela não gosta muito dele, tipo abandonou ele. Ele passou o Natal com a gente, o cara “podre” de rico eu estava na mesa com cara que tem muito dinheiro, outra realidade, ele falando que ele gosta de ir no cassino e gastar 20.000,00 num dia “pobrinho” (risos) e eu tipo juntando as moedas pra pagar a faculdade (risos).

(Você tem bolsa na Faculdade?) Eu tenho um desconto bom do Mais Estudo, só que ainda pago uma merreca.

(Como você começou a escrever, se você já escrevia antes ou se foi pelo Sarau?) Desde que eu aprendi a escrever e ler eu já comecei a fazer algumas coisas, criar algumas histórias, escrever, mas escrever mesmo com consciência e de fazer poesia, quero fazer meu livro, depois de conhecer o Sarau mesmo. O Sarau é um equipamento muito importante não só pra quem quer ser escritor ou lançar livro, mas prum ser que guarda muito dentro de si, ele deixa ciente da possibilidade de expressão por meio da arte e dentro do Sarau você não está lidando só com quem escreve, você está lidando com quem dança, com quem interpreta e produz artesanatos, com quem canta, com quem toca. O Sarau ele dá bastante margem, abre uma janela gigantesca pra gente pode ver. A pessoa pode ser arquiteto, ser advogado mas pode gostar de ler poesia, gostar de dançar, eu acho que todo mundo é artista mas nem todo mundo acredita.

(Você já escrevia alguma coisa assim ou não?) Sempre gostei, não sei te dizer ao certo quando eu falei: “Ah, eu tô escrevendo poesia”, mas talvez nessas andanças assim de ciência mesmo de conhecer o Sarau, que até então eu não sabia nem da possibilidade de você poder falar o que você pensa pra alguém. Imagine, você não conhece o Sarau, você conhece nada, aí você chega aqui na roda do nada e manda um poema, é uma coisa atípica. Se eu não conhecesse o Sarau eu ia ver isso como uma loucura, tipo, que doido, chegou aqui e falou um poema do nada, hoje em dia pra mim é a coisa mais normal do mundo.

(Antes do Sarau você já fazia outras coisas frequentava ou você sempre se interessou?) Na realidade o Hospício era só zoeira e o Hospício Cultural depois que a gente parou pra trazer isso foi quando eu conheci o Sarau no centro, então aí que eu comecei a me ligar, gostei daquele movimento, gostei de ter me expressado, gostei de ter ouvido as pessoas e imaginei que as pessoas aqui da “quebrada” também gostariam e foi o que aconteceu. Porque somos ligados não tem jeito, somos ligados por necessidades em comum, carência, querer ser notado, por mais que a pessoa seja discreta ela quer ser notada como discreta talvez, todo mundo quer sentir um afago, um carinho.

(Você frequentava outras atividades por exemplo aqui no Bairro?) Eu não conhecia nada aqui e tinha e eu não conhecia.

(Pra você escrever, o que você gosta de falar, qual é a temática da sua poesia?) Eu diversifico bastante, tem os Slams que são as batalhas. Quando eu “colo” numa batalha eu “colo” pra brincar e pra colaborar que aconteça. As vezes a pessoa entra numa batalha de poesia, todo mundo que entra no jogo seria legal ganhar, é natural. Não entrar só com esse pensamento, ou entrar como esse pensamento sendo o primeiro, mas pensar se você está participando você está contribuindo pra que

aquilo acontece, pra que todo mundo tenha oportunidade de ouvir um ao outro. A gente corre tanto na cidade, tanta coisa que mal a gente para pra se olhar nos olhos e pra se ouvir e esses momentos são muito sagrados pra mim, muito importantes. A gente que sacraliza as ações e os momentos, nada nasce sagrado a gente que dá importância, o valor. A gente tem que pensar que a gente tem que está um pra que aconteça, as vezes você acha que a sua presença não é importante num lugar, mas já pensou se não tiver público um Sarau, quem vai ouvir?. E se tiver uma batalha de poesia, e não tiver gente pra participar?. Gente que tem texto mas que não participa, pensando: “Ah mano meu texto não é bom”. A gente luta pra desconstruir isso também. Não existe texto ruim ou bom, se saiu de você, se tem sentimento, ele já é lindo de ter nascido, é como se fosse um filho, fazendo uma analogia, nasceu ali, algo legal. A gente não fala que um bebe é feio (risos).

(Como foi o processo pra publicar o seu livro? É seu primeiro livro?) Foi um processo de dois anos de consciência mesmo, de parar pra escrever e mudar a ideia e falar está pronto e daqui há pouco eu falo: “Não mano, nada haver e troca”. Depois que eu ajetei tudo certinho veio a parte mais difícil. Parecia que não tinha parte mais difícil que organizar as ideias, mas é a parte mais difícil, que é a parte que todos os autores e produtores independentes passam que é você ter que correr por você mesmo, procurar alguém que diagrama o seu livro, procurar alguém que faça as ilustrações, alguém que faça orelha, e pá, e procurar alguma gráfica ou editora independente que vá publicá-lo. E nisso de achar editora é muito difícil, muitas vezes você ouve as pessoas falar: “Tamô junto, nós produz”. Mas sempre é selecionado, há sempre panelinhas. Eu fui batendo nas portas, ligando numas editoras e gráficas e arrumei uma gráfica que fez um preço melhorzinho. Eu fiz um rateio coletivo na internet quem pudesse me ajudar a depositar um valor, muitas pessoas me ajudaram, foi graças a elas que o livro pôde vir a vida. Eu me joguei de cabeça, fiz vários exemplares e falei: “Vou vender todos porque é de coração e as pessoas vão se interessar”. As pessoas se identificaram e gostaram da forma da escrita que ela é bem suave, tanto um jovem, um pré-adolescente, adolescente, adulto ou idoso podem ler o livro que ele é direcionado a todas as idades.

(Quantos exemplares você fez?) 1 000 exemplares. E faltam uns 200 pra eu vender.

(Bastante já né) É da hora, e nem completou um ano.

(O processo então foi sem editora?) A editora é O Movimento Aliança da Praça Productions, nós por nós.

(Além de você outros do grupo já lançaram livros?) Lançaram recentemente, antes era só eu que tinha livro do O Movimento Aliança da Praça, agora lançou a Mariana Felix e o Edilson Borges, o Lobinho, lançaram os livros deles também, ótimos livros, autores muito importantes para a nossa “quebrada” todo mundo deveria ler.

(Você falou que durou 2 anos o processo, você escreveu especificamente pro livro ou você reuniu coisas que você já tinha escrito antes?) Era pra ter vindo antes o livro porque eu já tinha uma ideia falando sobre a cidade, a solidão do ser na cidade, sobre todas as problemáticas que eu conseguia pensar no momento dentro da cidade, aí eu pensei: “Pô eu vou lançar esse livro falando da cidade e depois eu vou lançar um falando sobre mim?”, então é melhor lançar primeiro um falando sobre mim, aí eu falei: “Espera um pouco aqui você e vem você”. E comecei a trabalhar no segundo livro que foi o primeiro e agora já tem um praticamente pronto, mas é uma surpresa, vou soltando logo mais as novidades. Não tem prazo, porque antes eu vou lançar um CD de poesia, até junho ele já está nas ruas e depois do CD de poesia eu volto a trabalhar no primeiro livro que vai ser o segundo agora.

(Esse CD como é que foi o processo?) O CD eu ainda não comecei a gravar nenhuma faixa mas ele veio com uma temática bem íntima, o nome do CD é Perdão Licença pra Construir, nesse período meu de desconstrução, de várias coisas e construção também, um período de esvaziar a xícara e encher de novo, meio que são ensinamentos. Eu não gosto de falar ensinamentos porque quem sou eu talvez pra ter essa propriedade de falar de ensinar, mas talvez umas visões, umas dificuldades, algumas coisas que eu passei, que possam se agregar na vida das pessoas, esse é o intuito que eu quero que o CD trabalhe.

(Por que você acha que é importante ter além do livro ter um CD de poesia, qual é a diferença pra você enquanto artista?) Na verdade foi uma experiência, eu falei assim: “Meu eu vou gravar um CD porque eu nunca gravei um CD”. Porque a gente fala em CD e a gente já pensa em música, em cantar e eu não sei cantar, e eu vou recitar a poesia no CD, vou fazer um CD recitado, foi mais por uma experiência nova, vamos ver se chega bem aos ouvidos das pessoas.

(Você vai gravar em estúdio mesmo?) Vou fazer uma gravação num estúdio caseiro de um amigo meu mesmo. Eu recebi até recentemente convites de alguns estúdios profissionais, só que eu já tinha fechado com um parceiro meu, que ele tem um estúdio na casa dele mesmo, e é isso, eu nunca vou esquecer as minhas raízes. A gente sempre gostou de criar pra a gente mesmo. É lógico que, por

exemplo, eu posso gravar esse CD lá e gravar um outro em outro lugar, mas nunca vou torcer o nariz para as minhas raízes.

(O livro, CD também no caso são importantes pra além do Sarau quando você só recita e as vezes se perde, você quer como um registro ou mesmo como um trabalho?) Eu acho muito importante para as pessoas que sentem e vivem e acreditam na Literatura e na Poesia que elas registrem os seus pensamentos, seus poemas e seus textos, as suas ideologias porque outras pessoas vão ler e talvez se identificar e talvez levar a diante. É um trabalho de formiguinha que a gente faz, de pouco em pouco a gente vai conscientizando e mudando os ambientes e isso é engraçado, porque podem achar que não é possível mas o nosso ambiente de vivencia na “quebrada” mudou muito. Hoje em dia você vê as pessoas mais politizadas, críticas, com pensamentos filosófico, criativo, isso têm muito haver como o movimento cultural.

(Mesmo tendo livro e CD você acha que é importante continuar o Sarau?) Com certeza até pra apresentar essas obras, como eu disse a maioria de nós não tem editora e nem nada, então ou seja, nenhum lugar que vai vender o nosso produto, então a gente vai ter que ter o Sarau, os locais pra gente apresentar nossa arte e trabalho e sair por ai até que a gente seja melhor notado, porque a gente não depende pra existir de nenhum subsídio, mas a gente não é besta, se tiver verba destinada pra gente, a gente quer também com certeza.

(Você tem interesse em um dia publicar um livro com uma editora grande?) Se rolar vai ser legal, mas eu tenho braços, pernas, faculdades mentais em dia, enquanto eu tiver assim eu não vou precisar de editora não (risos).

(Mas você acha que não é um problema?) A gente fez não ser, um problema sempre vai ser, a gente ser esquecido, deixado de lado, não ser visto ou ser lido como uma sublitteratura, isso acontece muito, mas a gente sabe a importância que a gente tem pra gente, é só nós, nós de nós mesmos, não esquecer disso, enquanto a gente de reconhecer, se inspirar e admirarmos entre nós a gente não vai precisar disso não.

(Você leva por exemplo a discussão da Literatura Periférica para a Faculdade, pro curso de Letras?) Lá na Faculdade como é uma faculdade particular, ela é mais programada, “fechadona”, mas direto eu dou umas cutucadas na galera. Outras pessoas têm esse pensamento mais crítico e a gente não fica aceitando tudo de cabeça baixa. É da própria faculdade, as vezes são umas coisas absurdas que as pessoas acham que têm que aceitar, e a gente leva o pensamento crítico pra onde a gente puder levar, pra periferia, pra “quebrada”, as vezes você vê muita coisa feia acontecendo, que todos sabem que não é legal e a gente chega pra trocar ideia, eu acho que o ativista é isso, ele tem que se arriscar um pouco também.

(Você acha que tem preconceito ainda com a Literatura Periférica?) Tem, mais não como antes, porque é uma batalha diária, cotidiana, mas ainda tem, acho que é a palavra preconceito já diz muito, sendo ele com a Literatura ou qualquer outro conceito, ele existe, sempre vai existir.

(Você como escritor você já passou por alguma situação de preconceito por ser um escritor da Periferia?) Já fui recitar poesia numa Faculdade de playboy por conta de uma professor, ele me chamou pra ir lá, aí eu falei: “Ah eu vou encostar, o cara é firmeza”. De fato, o cara era mô firmeza, mas só que os alunos eram tudo uns playboy. A nossa mensagem tem uma carga crítica do sistema e tudo mais, e quando eles viram que não eram coisas do interesse deles eles não respeitaram o momento que a gente estava ali passando uma mensagem. A gente não ficou chateado nem nada, a gente sabia que isso poderia acontecer e sabe que acontece também por ai. Mas eu acho que faz parte também porque se eles não quiseram dar atenção por opção então incomodou. E se a nossa poesia está incomodando então ela está fazendo o papel dela (risos).

(Quais autores seja de Literatura Periférica ou outra Literatura que você lê, que você se inspira?) Eu gosto muito de ler os nossos, a Mari, o Lobinho eles lançaram os livros agora, mas eu sempre acompanhei as poesias deles. Eu gosto de ler Victor Rodrigues, Mano Ril, Emerson Alcadei, Débora Garcia, esses dos Independentes, dos Periféricos, Sacolinha, dos mais conhecidos Fernando Pessoa, unânime, gosto de ler Lima Barreto, gosto de alguns romances da nossa Literatura Brasileira, Aluísio de Azevedo, de poesia eu gosto de Mário de Sá Carneiro, eu me identifico muito com a sensibilidade dele.

(Quais são as suas perspectivas daqui pra frente, você disse que está planejando outro livro, outras atividades, o que você está pensando em realizar?) Tô pensando em focar bastante na faculdade que não tem muito haver com as atividades culturais, mas pra mim terminar o curso logo e poder me dedicar mais as atividades, mas com o MAP a gente está pensando em consolidar esse trabalho nas escolas, poder levar oficinas nas escolas e tudo mais e atravessar a ponte, que a gente faz o Sarau na Praça do Forró e é uma realidade totalmente diferente, tem a praça, a estação e o Jardim La

Penna Pantanal, e a realidade da Praça pro lado do La Penna é totalmente diferente e a gente está pensando também em levar o movimento pra outra “quebrada” pro outro lado.

(*Como você tem visto o desenvolvimento da Literatura Periférica no geral, não só do Sarau do MAP mas todos os Saraus integrados, como você avalia como está a situação agora?*) Está uma coisa crescente, estão sendo lançados Saraus em todos os cantos, principalmente os Islans, que são as batalhas, é uma coisa que as pessoas estão tomando ciência da possibilidade delas mesmo produzirem, tipo assim, a gente está aqui e se começarmos recitar poesia vira uma roda de Sarau e as pessoas estão fazendo isso, muito lindo os alunos ocupando as escolas, e eles mesmo fazendo, exigindo as vezes: “Cadê o Sarau na escola, porque não tem Sarau na escola, porque não tem teatro na escola”. Onde eu estagio mesmo os alunos cobram muito e é muito legal. Eles também tem que cobrar e tem que ter em todo canto e é um momento muito importante pra gente valorizar isso e dá força.

Anexo 1 – Mapa da cidade de São Paulo por subprefeituras

Fonte: Portal da Prefeitura de São Paulo.

Anexo 2 – Variáveis utilizadas no gráfico de representação do espaço social de São Paulo

VARIÁVEIS ATIVAS	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO	MÍNIMO	MÁXIMO
Bibliotecas públicas	3,2	1,8	0,0	6,9
Distorção série-idade Ensino Fundamental II	6,6	1,2	4,1	9,3
Domicílios sem esgoto	9,1	11,4	0,1	65,4
Ensino Fundamental I incompleto	37,5	10,5	13,5	54,7
Ensino Médio Completo	26,5	2,7	18,9	31,7
Ensino Superior completo	16,3	14,1	3,0	54,5
Homicídios	6,9	3,4	1,3	15,2
Leitos públicos	46,8	35,4	0,0	100,0
Matrícula Ensino Fundamental I Público	79,7	16,7	36,2	99,9
Matrícula Ensino Médio Público	82,9	15,8	44,4	100,0
População com mais de 60 anos	11,8	4,0	6,0	19,7
População entre 15 e 24 anos	16,2	2,0	11,5	19,0
Renda de até ½ Salário Mínimo (SM)	6,3	1,3	4,3	10,3
Renda entre 1-2 SM	16,9	6,9	3,2	27,6
Renda entre 2-5 SM	34,2	8,3	11,9	43,0
Renda entre 5-10 SM	19,5	4,7	9,9	27,4
Renda superior a 20 SM	5,9	8,1	0,0	30,6
Taxa de Fecundidade	1,9	0,2	1,2	2,4

Variáveis para Análise Geométrica de Dados (AGD) e da Análise de Componentes Principais (ACP) das subprefeituras de São Paulo

Anexo 3 – Característica das produções literárias dos autores entrevistados no Estudo de Campo

- **Binho (Robson Padial)**

Em geral, o poeta Binho escreve e declama poesias que refletem sobre a sociedade, os comportamentos humanos, a natureza, a passagem do tempo, suas memórias pessoais, tudo de forma lírica e descritiva, explorando imagens e narrativas.

Campo Limpo Taboão

*Quando nasci, tinha seis anos/ No lugar em que nasci/ Sonhava que era tudo nosso/ Tinha os campinhos e os terrenos baldios/ Era meu território./ Já foi interior,/ Hoje periferia com as casas cruas./As vacas com tetas gruas/ Não existem mais./ A cerca virou muro. Óbvio./ A cidade cresce,/O muro cresce/ Vieram os prédios, as delegacias, os puteiros/ E as Casas Bahia./ também cresci,/ Fiquei grande./Já não caibo dentro de mim/ E de tão solitário/ Sou meu próprio vizinho (do livro *Donde Miras* - 2007).*

- **Tula Pilar Ferreira**

A poeta Tula Pilar tem uma produção voltada, principalmente, para as questões femininas e relacionadas à raça. Suas poesias resgatam suas próprias memórias, as tradições africanas, as ancestralidades, fazem denúncias de racismo e exploração da população negra, mas ela também possui obras voltadas para os sentimentos e o erotismo.

Carolina ...

*Sou uma Carolina/ Trabalhei desde menina/ Na infância lavei, passei, engraxe.../ Filhos de outros embalei/ Sou a negra escritora que virou notícia nos jornais/ Foi do Quarto de Despejo aos programas de TV/ Sou uma Carolina/ Escrevo desde menina/ Meus textos foram rasgados, amassados, pisoteados/ Foram tantos beliscões/ Pelas bandas de lá de Minas/ Eu sou de Minas Gerais/ Fugi da casa da patroa/ Vassoura não quero mais/ A caneta é meu troféu/ Bordar as palavras no papel/ É tudo o que quero dizer/ Sou uma Carolina/ Feminino e poesia/ A negra escritora que foi do Quarto de Despejo/ aos programas de TV/ Uso salto alto/ Vestido decotado, meio curto e com babados/ Estou na sala de estar/ No meu sofá aveludado/ Porque.../ Sou uma Carolina/ Feminino e poesia/ Pobreza não quero mais/ A caneta é meu troféu/ Bordar as palavras no papel/ É tudo o que quero dizer.../ Carolina...(do livro *Palavras Inacadêmicas* – 2011).*

- **Michel Yakini**

Michel Yakini produz crônicas e poemas e também está desenvolvendo um livro em prosa. Sua obra traz memórias pessoais, sua relação com o futebol na infância e se destaca pela temática negra. O autor também produz conteúdos voltados à metalinguagem e análise do fazer literário.

Reversos

*esse verso de outrora/ quer ser mastigado/ em toques de soslaio/ emana dizeres,/ mas há quem o diga/ calado/ almeja o asfalto/ tragando serenos/ caleja nas solas/ cochila no trem/ borbulha nos copos/ escala sobrados/ esse verso de outrora/ em doses de ódio/ quer ser paquerado/ e sem pretensões/ goteja em si / pra estar saciado.(do livro *A cor de um verso* - 2012).*

- **Raquel Almeida**

Raquel produz poesias sobre o universo feminino, relações pessoais e íntimas, elementos da natureza e também sobre a temática negra, a ancestralidade e tradição africana.

Da terra em que renasço

Solo que me fez/ Como a mãe preta que amacia a argila/ Revista meu coração com paredes de aço/ Pra que nenhum abraço me cegue/ Que sejam nas águas sagradas/ Me banha, me rega,/ Terra firme

que me regenera/ Transforma minha fúria em fuligem/ Enterra por aí minhas sentenças/ Não me isola na mais árdua trilha/ E blinda, blinda todinha a minha vida. (do livro Sagrado Sopro - do solo que renasço - 2015).

- **Mano Ril**

O escritor produz textos em prosa e poesia sobre o cotidiano, comportamentos humanos, críticas à sociedade, além de expressar sentimentos e valores.

Desejo

Que a casa seja grande o suficiente / Para você brincar de esconde-esconde / Com os filhos./ Que sempre tenha forças nos braços,/ Pra carregá-los/ No colo./ Que possa estar por perto/ Toda vez que sentirem medo/ Do Lobo Mau. (do livro Escritório de Pensamentos – 2015).

- **Michele Santos**

A poeta Michele Santos possui uma poesia complexa, que trata de sentimentos e comportamentos humanos, e que também apresenta uma preocupação com a forma, a disposição do texto e com o próprio fazer literário.

Se eu fizesse poesia/ escreveria pássaros/ Poemas são todos/ tentativas de voo (do livro Toda Via – 2015).

- **Rafael Carnevali**

Rafael produz poesias, em sua maioria, poemas curtos, que falam sobre a condição humana, seus sentimentos e sobre relações amorosas.

não há maior pecado/ que um ser descrente/ não precisa vidente/ para nos condenar / o inferno é evidente / só se eu fosse tolo/ arriscaria não arriscar.(do livro Amador – 2015).

- **Mariana Felix**

A poeta escreve textos que falam sobre a condição da mulher, feminismo, denúncias sociais, racismo, e sobre sentimentos e relações amorosas, além de reflexões sobre o fazer literário.

Literal a altura

Gregório de Mattos/ Barroco/ Com a igreja, barra limpa/ Entre o céu e o inferno/ Estou eu hoje/ insistindo em ser poetisa/ Arcade/ Arca com o mais caro/ Materialismo sim, eu encontro/ No fim do mês/ arcando com a falta do meu salário/ E se meu romantismo está em baixa/ Juro então amores a você/ Leva o corpo/ Possui a alma/ Faz até José de Alencar pagar pra vê/ Nosso indianismo/ Ilhado/ Ritual/ Presopopéia de corpos gritados/ Não sou Machado/ Não me compare,/ não fui eu que podeei seus galhos/ Realismo é ver nossos corpos suados/ Me chama/ Pra morar/ Aluísio/ Vou invadir seu cortiço/ Naturalismo é eu entregar/ Meu vício/ De escrever/Elipse/papel,/caneta,/noite,/idéia,/vodka./O simbolismo que me perdoe mas não gosto de suas classudas formas/ Monteiro Lobato Modernismo simulado/ Na mesma idéia velha/ Em que preto é empregado/ Queria eu ser Pagu/ E prenda-me pelo crime/ Coloque-me atrás das grades/ Por pertencer ao Oswald e também a qualquer Mário de Andrade/ Somos Macunaíma/ Nação de heróis como a gente/ Não ocupamos ainda, as cadeiras da Academia Brasileira de Letras/ Somos jovens Portanto há quem fique descrente/ Mas em cada periferia dessa cidade/ Encontra-se vários corações/ Gritando a palavras/ Escrita por autores vivos/ De coletivos/ Com a língua: lealdade/ Vivida!/ Em cada esquina/ De uma literatura de verdade (do livro Maria – 2015).